

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUCAS ARANTES ZANETTI

**ESFERA PÚBLICA MEDIATIZADA, ATIVISMO IMIGRANTE E ANTI-IMIGRAÇÃO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISPUTAS IDENTITÁRIAS EM PORTUGAL**

BAURU, SP
2024

LUCAS ARANTES ZANETTI

**ESFERA PÚBLICA MEDIATEZADA, ATIVISMO IMIGRANTE E ANTI-IMIGRAÇÃO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISPUTAS IDENTITÁRIAS EM PORTUGAL**

Tese de apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), para obtenção do título de Doutor em Comunicação sob a orientação da Profa. Dra. Caroline Kraus Luvizotto.

BAURU, SP
2024

Z
28
e

Zanetti, Lucas Arantes

Esfera pública midiaticizada, ativismo migrante e
anti-imigração : representações sociais e disputas identitárias em
Portugal / Lucas Arantes Zanetti. -- Bauru, 2024
303 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Caroline Kraus Luvizotto

1. Midiatização. 2. Ativismo migrante e anti-imigração. 3.
Migrações internacionais. 4. Esfera pública. 5. Etnografia. I.
Título.

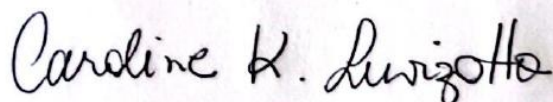
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade
de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE LUCAS ARANTES ZANETTI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 15 dias do mês de março do ano de 2024, às 08:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de LUCAS ARANTES ZANETTI, intitulada **Esfera pública midiaticizada, ativismo migrante e anti-imigração: representações sociais e disputas identitárias em Portugal**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Doutora CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, Professora Titular DENISE MARIA COGO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo / Escola Superior de Propaganda e Marketing, Profa. Dra. FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia e Educação / Universidade de São Paulo, Professora Doutora THAIS FRANCA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Centro de Investigação e Estudos em Sociologia / Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Professora Doutora LILIANE DE LUCENA ITO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design Bauru . Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Doutora CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO



Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processos 2021/00378-0 e 2022/10108-2).

Autorizo a reprodução total ou parcial da tese *Esfera pública midiaticizada, ativismo migrante e anti-imigrações: representações sociais e disputas identitárias em Portugal* para fins de estudo e pesquisa, desde que seja sempre citada a fonte.

IMPACTO DA TESE ESPERADO NA SOCIEDADE

A presente tese, ao abordar as dinâmicas migratórias dos brasileiros em Portugal e destacar as disputas identitárias, conflitos e o aumento da violência contra imigrantes no país, contribui diretamente para algumas metas estabelecidas na Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em particular, a tese está alinhada com a Meta 10.2, que visa empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente de sua origem ou condição. Ao analisar os desafios enfrentados pelos imigrantes brasileiros em Portugal, a pesquisa busca fornecer insumos para promover políticas e iniciativas que garantam a igualdade de direitos e oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de sua nacionalidade ou status migratório.

Além disso, a tese também contribui para a Meta 10.7, que visa facilitar a migração e a mobilidade ordenada, segura, regular e responsável das pessoas. Ao examinar as questões relacionadas à migração, incluindo os desafios enfrentados pelos imigrantes no acesso a direitos básicos e na integração na sociedade de acolhimento, a pesquisa busca promover uma abordagem mais equitativa e inclusiva para a gestão da migração e humanização dos sujeitos migrantes.

Em relação à Meta 16.10, que visa assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, a tese destaca a importância do acesso à informação precisa e imparcial sobre questões relacionadas à migração e à diversidade cultural contra a desinformação propaganda por grupos anti-imigração. Ao analisar as narrativas midiáticas e os discursos ativistas sobre imigração, a pesquisa busca promover uma maior transparência e compreensão das complexidades envolvidas na questão migratória.

Por fim, a tese também está alinhada com a Meta 16.b, que promove a promoção e o cumprimento de leis e políticas não discriminatórias para o desenvolvimento sustentável. Ao destacar as formas de discriminação e violência enfrentadas pelos imigrantes em Portugal, a pesquisa busca promover a adoção de políticas e práticas que garantam a igualdade de tratamento e oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de sua origem ou status migratório.

EXPECTED IMPACT OF THE THESIS ON SOCIETY

The present thesis, by addressing the migratory dynamics of Brazilians in Portugal and highlighting identity disputes, conflicts, and the increase in violence against immigrants in the country, directly contributes to some of the goals established in the United Nations 2030 Agenda for Sustainable Development. In particular, the thesis aligns with Goal 10.2, which aims to empower and promote social, economic, and political inclusion of all, regardless of their origin or condition. By analyzing the challenges faced by Brazilian immigrants in Portugal, the research seeks to provide inputs to promote policies and initiatives that ensure equal rights and opportunities for all individuals, regardless of their nationality or migratory status.

Additionally, the thesis also contributes to Goal 10.7, which aims to facilitate orderly, safe, regular, and responsible migration and mobility of people. By examining migration-related issues, including the challenges faced by immigrants in accessing basic rights and integrating into the host society, the research aims to promote a more equitable and inclusive approach to migration management and the humanization of migrant subjects.

Regarding Goal 16.10, which aims to ensure public access to information and protect fundamental freedoms, the thesis emphasizes the importance of accurate and impartial access to information on migration issues and cultural diversity against misinformation spread by anti-immigration groups. By analyzing mediatized narratives and activist discourses on immigration, the research seeks to promote greater transparency and understanding of the complexities involved in the migration issue.

Finally, the thesis also aligns with Goal 16.b, which promotes the promotion and enforcement of non-discriminatory laws and policies for sustainable development. By highlighting the forms of discrimination and violence faced by immigrants in Portugal, the research aims to promote the adoption of policies and practices that guarantee equal treatment and opportunities for all individuals, regardless of their origin or migratory status.

À todos aqueles que, por qualquer motivo, se deslocaram de suas casas, lares, países, carregando na mala um universo de esperança.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho científico é resultado de um coletivo, de uma comunidade. Uma tese é fruto de muitas interações, relações, trocas, afetos e caminhos que se cruzam e se encontram nas encruzilhadas do saber. Esta tese representa o término de um percurso de muitas mãos, muitas mentes, muitas histórias, experiências e sentimentos. A todos que cruzaram as linhas aqui escritas, agradeço afetosamente e com amor.

Esta jornada começa, em primeiro lugar, com meus ancestrais, espíritos de luz que me dão força, abrem caminho e me protegem e acompanham. Agradeço a Pai Oxaguiã e Mãe Iansã pela presença em minha vida e no axé que inunda meu corpo e meu Ori.

Que sorte ter um caminho que se encontra com minha avó Mariza e meu avô Musa. Obrigado pelo amor incondicional, apoio e motivação ao longo dos anos. Agradeço à minha mãe Márcia e ao meu pai Mauro por me incentivarem a realizar meus sonhos, independentemente de quais fossem. Agradeço a toda minha família, meus irmãos, tios, tias, primos, sobrinhas e sobrinho pela jornada compartilhada e por todo o incentivo.

Aos meus amigos, sempre presentes, solícitos, interessados e que me aguentaram nos momentos de crise, reclamações e insegurança. Ao meu irmão de vida, Werlon, por não deixar a peteca cair quando eu queria jogá-la longe.

À minha orientadora, Prof. Dra. Caroline Luvizotto, pelos mais de 10 anos de parceria, amizade, trabalho duro e dedicação à ciência. Carol, você foi um presente em minha trajetória e determinante para o enfrentamento dos desafios da vida acadêmica. Às minhas amigas do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais (ComMov) pela ajuda mútua, parceria e trocas. Aos meus colegas da Pós, estudantes, professores, ao Sílvia e todos aqueles que, de alguma forma, cruzaram meu caminho nesses 11 anos de Unesp.

Agradeço à Prof. Thais França pela prestatividade, orientações e conselhos que foram determinantes para a tese. Também agradeço à Prof. Denise Cogo e ao grupo de pesquisa Deslocar da ESPM por me mostrarem um caminho, por ampliarem as possibilidades e pelos debates preciosos que tivemos nas reuniões. Também agradeço à Prof. Francirossy Barbosa por me ensinar o que é etnografia e pelos debates importantes e caros que tivemos em 2023.

Por fim, agradeço imensamente às organizações imigrantes de Portugal, especialmente à Casa do Brasil de Lisboa e a todos os seus colaboradores, por me receberem tão calorosamente, com afeto e com disposição em ajudar. Vida longa à CBL e às associações de imigrantes.

ninguém deixa sua casa até que casa seja uma voz suada no seu ouvido
dizendo –
saia
fuja de mim agora
eu não sei o que eu me tornei
mas eu sei que qualquer lugar
é mais seguro que aqui.

– Warsan Shire

ZANETTI, Lucas Arantes. **Esfera pública midiaticizada, ativismo migrante e anti-imigração: representações sociais e disputas identitárias em Portugal**. Tese (Doutorado em Comunicação): Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2024.

RESUMO

Nos últimos anos, o considerável aumento do fluxo de imigrantes tem sido um catalisador de transformações profundas na sociedade portuguesa. Essas mudanças evidenciam tensionamentos étnicos, culturais e políticos que ocorrem em ambientes midiáticos. Em sociedades midiaticizadas, a esfera pública é moldada por interações e debates mediados pelas plataformas digitais, as quais influenciam a construção de representações e imaginários sobre fenômenos complexos, como a imigração. Diante desse contexto, esta tese concentra-se nas dinâmicas do ativismo migrante e anti-imigração em Portugal, com foco na presença de brasileiros no país. Esse ativismo engloba organizações compostas por migrantes, bem como sujeitos e ativistas anti-imigração, gerando tensões e disputas identitárias na esfera pública. O objetivo principal da tese é compreender os contextos, dinâmicas, processos e repertórios de ação que permeiam as disputas identitárias relacionadas à questão migratória na esfera pública portuguesa. A metodologia adotada é a etnografia multissituada, envolvendo tanto a interação presencial quanto virtual, além da realização de entrevistas em profundidade com grupos de ativistas migrantes, como a Casa do Brasil de Lisboa, Diáspora Sem Fronteiras, Coletivo Andorinha e Brasileiras Não se Calam, e também com grupos de ativistas anti-imigração, como a Juventude do partido Chega e ativistas independentes. A análise dos resultados foi conduzida à luz da teoria das representações sociais, mobilizando os dados coletados durante o percurso etnográfico. Os resultados indicam uma transformação na esfera pública portuguesa em relação à imigração nos últimos anos, caracterizada pelo aumento do discurso anti-imigração, da polarização e da radicalização do repertório de ação dos ativistas contrários à presença do imigrante. Apesar disso, não foram identificados grupos organizados de movimentos sociais anti-imigração no país. Além disso, há um contraste entre os ativismos: enquanto o ativismo migrante tem forte atuação presencial e impacto social na sociedade portuguesa devido à sua tradição e trabalho histórico, o ativismo anti-imigração encontra sua principal força nas plataformas digitais, ganhando maior visibilidade e aproveitando-se da lógica de engajamento dessas plataformas. A partir do estudo realizado, propõe-se a tese de que a esfera pública midiaticizada em Portugal está permeada por dinâmicas midiáticas de disputas identitárias, fundamentadas em representações sociais polarizadas sobre o imigrante, a imigração, os nacionais e a nação portuguesa, que estruturam e alimentam os ativismos migrantes e anti-imigração nas plataformas digitais. A questão da imigração já ocupa um papel de destaque no debate político português, especialmente catalisado pelo sucesso de partidos de extrema-direita como o Chega, que incluem o discurso anti-imigração como um de seus componentes discursivos.

Palavras-chave: imigração, esfera pública, midiaticização, ativismo, Portugal

ZANETTI, Lucas Arantes. **Mediatized public sphere, migrant activism and anti-immigration: social representations and identity disputes in Portugal.** 2024. Thesis (Ph.D. in Communication) - Faculty of Architecture, Arts and Communication (FAAC), São Paulo State University (Unesp).

ABSTRACT

In recent years, the considerable increase in the flow of immigrants has been a catalyst for profound transformations in Portuguese society. These changes highlight ethnic, cultural, and political tensions that occur in mediated environments. In mediatized societies, the public sphere is shaped by interactions and debates mediated by digital platforms, which influence the construction of representations and imaginaries about complex phenomena, such as immigration. In this context, this thesis focuses on the dynamics of migrant activism and anti-immigrant activism in Portugal, with a focus on the presence of Brazilians in the country. This activism encompasses organizations composed of migrants, as well as individuals and anti-immigrant activists, generating tensions and identity disputes in the public sphere. The main objective of the thesis is to understand the contexts, dynamics, processes, and repertoires of action that permeate identity disputes related to the migration issue in the Portuguese public sphere. The adopted methodology is multi-sited ethnography, involving both face-to-face and virtual interaction, as well as in-depth interviews with groups of migrant activists, such as the Casa do Brasil de Lisboa, Diáspora Sem Fronteiras, Coletivo Andorinha, and Brasileiras Não se Calam, and also with anti-immigrant activist groups, such as the Youth of the Chega party and independent activists. The analysis of the results was conducted in light of social representations theory, mobilizing the data collected during the ethnographic journey. The results indicate a transformation in the Portuguese public sphere regarding immigration in recent years, characterized by an increase in anti-immigrant discourse, polarization, and radicalization of the repertoire of action of activists opposed to the presence of immigrants. However, no organized groups of anti-immigrant social movements were identified in the country. Additionally, there is a contrast between the activisms: while migrant activism has a strong presence and social impact in Portuguese society due to its tradition and historical work, anti-immigrant activism finds its main strength in digital platforms, gaining greater visibility and taking advantage of the engagement logic of these platforms. Based on the study conducted, the thesis proposes that the mediatized public sphere in Portugal is permeated by mediatic dynamics of identity disputes, grounded in polarized social representations of the immigrant, immigration, nationals, and the Portuguese nation, which structure and fuel migrant and anti-immigrant activism on digital platforms. The issue of immigration already occupies a prominent role in the Portuguese political debate, especially catalyzed by the success of far-right parties like Chega, which include anti-immigrant discourse as one of their discursive components.

Keywords: immigration, public sphere, mediatization, activism, Portugal

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ARVoRe: Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração

BE: Bloco de Esquerda

BEPE: Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior

BDTB: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CBL: Casa do Brasil de Lisboa

CDS: Centro Democrático Social

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FIBRA: Frente Internacional Brasileira Contra o Golpe pela Democracia

IBICT: Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ISCTE: Instituto Universitário de Lisboa

MIRN: Movimento Independente para a Reconstrução Nacional

PAN: Pessoas Animais Natureza

PDC: Partido da Democracia Cristã

PCP: Partido Comunista Português

PNR: Partido Nacional Renovador

PS: Partido Socialista

PSD: Partido Social Democrata

PRIO: Peace Research Institute Oslo

PALOP: Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SEF: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UE: União Europeia

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Correntes teóricas da midiatização segundo França.....	44
Quadro 2 — Elementos possíveis de um processo de midiatização segundo Martino	47
Quadro 3 — Autores das teorias da midiatização e suas correntes.....	47
Quadro 4 — A presença dos conceitos e autores de midiatização nas teses e dissertações	52
Quadro 5 — Movimentos ativistas imigrantes submetidos à pesquisa etnográfica	121
Quadro 6 — Movimentos ativistas anti-imigração submetidos à pesquisa etnográfica.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Levantamento de teses e dissertações por termo de busca.....	48
Tabela 2 — Levantamento de teses e dissertações por ano de publicação.....	49
Tabela 3 — Levantamento das teses e dissertações por Região e UF.....	50
Tabela 4 — Levantamento das teses e dissertações por IES.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Reportagem do jornal Expresso.....	142
Figura 2 — Cartaz do Chega espalhado pelas ruas de Lisboa.....	151
Figura 3 — Fotografias da Casa do Brasil de Lisboa.....	180
Figura 4 — Instagram e Facebook da Casa do Brasil de Lisboa.....	198
Figura 5 — Site e canal no YouTube da Casa do Brasil de Lisboa.....	200
Figura 6 — Exemplo de influenciadora no YouTube.....	201
Figura 7 — Instagram da Diáspora Sem Fronteiras.....	209
Figura 8 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras.....	210
Figura 9 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras.....	211
Figura 10 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras.....	212
Figura 11 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha.....	217
Figura 12 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha.....	218
Figura 13 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha.....	218
Figura 14 — Instagram de “Brasileiras Não se Calam”.....	221
Figura 15 — Exemplo de uso do relato pessoal como estratégia ativista.....	222
Figura 16 — Exemplo de uso do relato pessoal como estratégia ativista.....	223
Figura 17 — Chamada para relatos da página “Brasileiras Não se Calam”.....	224
Figura 18 — Publicação no Instagram da deputada Rita Maria Matias.....	238
Figura 19 — Postagem no Twitter de FA.....	246
Figura 20 — Postagem no Twitter de FA.....	246
Figura 21 — Postagem no Twitter de FA.....	247
Figura 22 — Caixa de comentários do YouTube.....	249
Figura 23 — Atuação de AG no Twitter.....	252
Figura 24 — Atuação de AG no Twitter.....	253
Figura 25 — Atuação de AG no Twitter.....	253
Figura 26 — Atuação de AG no Twitter.....	254
Figura 27 — Atuação de AG no Twitter.....	254
Figura 28 — Atuação de AG no Twitter.....	255
Figura 29 — Publicação do OC no Twitter.....	260
Figura 30 — Publicação do OC no Twitter.....	260
Figura 31 — Publicação do OC no Twitter.....	261
Figura 32 — Publicação de OC no Twitter.....	264
Figura 33 — Publicação do OC no Twitter.....	265
Figura 34 — Publicação do OC no Twitter.....	265
Figura 35 — Publicação do IP no Twitter.....	267
Figura 36 — Publicação do IP no Twitter.....	267
Figura 37 — Publicação do IP no Twitter.....	268
Figura 38 — Publicação do RCP no Twitter.....	271
Figura 39 — Publicação do RCP no Twitter.....	272
Figura 40 — Publicação do RCP no Twitter.....	272
Figura 41 — Publicação do RCP no Twitter.....	273

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES.....	14
LISTA DE QUADROS.....	15
LISTA DE TABELAS.....	16
LISTA DE FIGURAS.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
1 O CONCEITO DE MEDIATEZACÃO NOS ESTUDOS EM MIGRAÇÕES: FUNDAMENTAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES PERTINENTES.....	39
1.1 Mediatezacaõ das migrações ou mídia e migrações? Questões comunicacionais.....	41
1.2 Estudo exploratório: o estado da arte.....	45
2 TÔNICAS DE UMA ESFERA PÚBLICA MEDIATEZADA.....	60
2.1 Esfera pública em xeque.....	66
2.2 Racionalidades e subjetividades na circulação de sentidos sobre o migrante.....	80
3 AS MIGRAÇÕES COMO QUESTÃO COMUNICACIONAL: TERRITÓRIOS MEDIATEZADOS E ATIVISMOS.....	89
3.1 Ativismo imigrante e anti-imigração na sociedade mediatezada.....	101
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	108
4.1 Etnografia, etnografia digital e o reconhecimento do campo.....	115
4.1.1 Identificação do campo no Twitter e Instagram: características dos activismos migrante e anti-imigração.....	119
4.2 As entrevistas em profundidade como ferramenta etnográfica.....	127
4.3 Considerações sobre questões éticas na pesquisa.....	131
5 ETNOGRAFIA, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM PORTUGAL.....	133
5.1 Portugal de imigrantes, um país de migrações.....	134
5.2 Lisboa ontem e hoje.....	146
6 ATIVISMO MIGRANTE: RESISTÊNCIAS, REINVENÇÕES E AÇÕES.....	177
6.1 Casa do Brasil de Lisboa.....	177
6.1.1 A comunicação da Casa do Brasil de Lisboa.....	194
6.2 Ativismo imigrante: demais organizações ativistas.....	204
6.2.1 Diáspora Sem Fronteiras.....	204
6.2.2 Coletivo Andorinha.....	214
6.2.3 Brasileiras Não se Calam.....	220
7 ATIVISMO ANTI-IMIGRAÇÃO: MOTIVAÇÕES, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES.....	226
7.1 O Congresso do partido Chega.....	226
7.2 O Chega é Ventura, Ventura é o Chega.....	231
7.3 A juventude do Chega.....	237
7.3.1 O contato com a juventude do Chega.....	240
7.4 Ativismo anti-imigração independente.....	258
7.4.1: Racismo e supremacismo em OC.....	259
7.4.2: Discurso objetivo e simulação de notícias: o ativismo do IP.....	266
7.4.3: A colonialidade em RCP.....	269
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	287
APÊNDICE A - Termo de Consentimento e Participação.....	301

INTRODUÇÃO

Qual povo tem direito sobre determinada terra? Quem tem legitimidade sobre um território? Qual autoridade tem poder para definir a circulação de seres humanos no espaço finito do planeta? Quem pode conviver com quem e em qual lugar do mundo? Como estabelecer critérios normativos sobre a circulação de seres humanos de forma justa, em um mundo cuja história remete à brutalidade colonial, que perpetuou a desigualdade a nível global, criando conflitos, guerras, sofrimentos, diásporas, misturas étnicas, culturais e que produziu epistemologias violentas, como a noção de raça e a hierarquização de seres humanos por suas características físicas e origens?

Apesar das migrações serem um fenômeno intrínseco à humanidade, garantindo a sobrevivência em ambientes hostis, sendo um aspecto evolutivo da nossa espécie, a dimensão contemporânea dos deslocamentos adquire características históricas e políticas com alto grau de complexidade. A cidadania foi criada como forma de garantir direitos humanos para os habitantes de um território ou de um Estado-nação dividido em nacionalidades. Segundo Habermas (2001), a cidadania é caracterizada por uma identidade coletiva partilhada a partir de elementos, como idioma, etnia, linguagem, religião, memória, filiação política e direitos políticos, direitos e garantias sociais. No entanto, conforme questiona Simões (2020): é possível ter filiação política sem compartilhar a identidade da maioria? A identidade coletiva comum deve ser requisito para o acesso a direitos e garantias sociais? Conclui o filósofo que “o direito a possuir direitos não pode depender mais do status de cidadania” (Simões, 2020, p. 6). Possuir direitos deve depender da condição humana, do ser humano. A insistência da polarização entre nacionais e migrantes e, de forma mais ampla, entre “Nós” e “Outros”, cristalizada pelo colonialismo e pela racionalidade ocidental, tem produzido as mais bárbaras violências contra a humanidade ao longo da história.

A filósofa Donatella Di Cesare (2017) apresenta uma crítica à cidadania baseada no jus sanguinis (direito de sangue) e no jus soli (direito de solo), introduzindo que o jus migrandi é um ato político legítimo que representa um desafio do século XXI. Trata-se de humanizar o migrante e colocá-lo como sujeito-protagonista no ato do deslocamento, baseado no direito universal de partilhar o espaço em que coabita. É nesta premissa que esta tese está

fundamentada: não se trata apenas da cidadania por sangue ou território, mas sim do legítimo direito de migrar. Um direito que não só é inato de cada ser que habita o planeta, mas também um direito político em um mundo que ainda está longe de superar as consequências de séculos de colonialismo, ainda vigentes em maior ou menor grau, em diversas regiões do planeta.

Nesse sentido, antes de demarcar teorias e epistemologias, apresento a dimensão política deste texto: o posicionamento ao lado dos sujeitos migrantes e contra a colonialidade epistêmica. Com isso, o leitor deve considerar o meu lugar enquanto indivíduo nesta pesquisa: o de homem branco, de classe média baixa, gay, de família imigrante e que, para realização do campo deste trabalho, também estava na condição de imigrante e com formação acadêmica a partir de autores majoritariamente brancos e ocidentais. O sujeito pesquisador vem antes de qualquer teoria, metodologia e epistemologia. Por isso, ao assumir a postura etnográfica em grande parte da tese, busco deixar explícito o local de onde estou falando, que não representa uma verdade absoluta e nem pretende. A minha trajetória acadêmica na pós-graduação me levou a romper com pressupostos positivistas e que universalizam a experiência dos sujeitos, cometendo violências. Esta pesquisa, portanto, é realizada com um recorte. Ela é a perspectiva de um imigrante não residente, que fala a partir do Brasil sobre uma experiência de campo com brasileiros e portugueses ativistas em Portugal em diferentes posições do espectro político.

Dito isso, também é importante frisar que, ainda que trate do complexo tema das migrações, do fenômeno dos imigrantes brasileiros em Portugal, do ativismo desses sujeitos e da crescente reação anti-imigração naquele país, esta tese se encontra no campo de conhecimento da Comunicação. Evidentemente, isso tem implicações em como analisamos os dados e quais respostas pretendemos com as perguntas: não se tratam de pressupostos e elementos que pesquisas em Antropologia, Sociologia, Relações Internacionais, estudos de Demografia ou Geografia buscam responder. Minha preocupação inicial, que corresponde à espinha dorsal da investigação, está centrada nos processos de midiaticização da esfera pública, do ativismo e de fenômenos sociais que têm sua lógica substituída pelas lógicas midiáticas (Stromback, 2008), especialmente na influência das plataformas digitais nas territorialidades, representações sociais, no debate público e na ação política e social de sujeitos e ativistas sobre o recorte proposto.

Portugal é um país que, apesar de ser conhecido como pacífico e seguro para minorias sociais, vê os discursos intolerantes crescerem exponencialmente nos últimos anos, à medida que também cresce a quantidade de imigrantes no país. Recentemente, como demonstramos na tese, também foram registrados casos de violência física e perseguição contra imigrantes. O partido Chega, de extrema-direita, já é a terceira força política no país, de forma a modificar o então ambiente politicamente favorável às políticas de imigração. Ao dar força aos discursos anti-imigração na esfera pública midiaticizada, a ascensão da extrema-direita portuguesa produz novos desafios para grupos ativistas imigrantes. Nesse sentido, a atuação ativista no universo das plataformas digitais, bem como os usos e apropriações dos sentidos sobre os processos migratórios por imigrantes e grupos anti-imigração torna-se extremamente importante, cuja Comunicação pode oferecer contribuições singulares.

Dessa forma, alguns questionamentos motivaram a construção do problema de pesquisa da tese: Como a esfera pública midiaticizada em Portugal se estrutura com relação à questão migratória, considerando as interações, usos midiáticos e apropriações de sentidos pelos ativistas? Como se caracteriza o repertório de ação e a produção midiática dos ativistas imigrantes e anti-imigração em Portugal? Como podemos compreender as representações sociais constituídas em torno da questão migratória, sobretudo nas disputas identitárias disseminadas em plataformas digitais em Portugal?

Trabalhamos com a hipótese de que há uma dinâmica de polarização e de disputas identitárias em torno da questão migratória na esfera pública midiaticizada em Portugal, com grupos ativistas compostos por imigrantes brasileiros e portugueses anti-imigração utilizando repertórios de ação distintos para mobilizar apoio e disseminar suas mensagens nas redes sociais. As representações sociais acionadas por esses grupos são construídas e disseminadas a partir de interações comunicativas e apropriações de sentidos específicos, gerando uma tensão entre diferentes posicionamentos em relação à questão migratória. A caracterização da esfera pública midiaticizada em Portugal, com ênfase na temática migratória, permitirá uma compreensão mais aprofundada do repertório de ação e de mobilização de grupos ativistas e da constituição e disseminação das representações sociais presentes no debate público em torno da imigração.

Para atender essas questões, o objetivo da tese é investigar as dinâmicas das disputas identitárias na esfera pública midiaticizada de Portugal no que concerne à migração, examinando as atuações e repertórios de ação de grupos ativistas formados por imigrantes brasileiros e por portugueses anti-imigração em ambientes presenciais e nas plataformas digitais. Sob a perspectiva dos estudos de midiaticização, esfera pública e representações sociais, almejamos: caracterizar a esfera pública midiaticizada portuguesa em relação à questão migratória; identificar as principais características dos grupos ativistas envolvidos; investigar seus repertórios de ação e mobilização midiática e analisar como as representações sociais sobre a migração são construídas e disseminadas por meio das interações estabelecidas nas redes sociais digitais, criando um panorama migratório em Portugal.

Desde a etapa da elaboração do projeto de pesquisa, notei que, para tratar do ativismo migrante e anti-imigração na sociedade midiaticizada como uma questão comunicacional própria, seria preciso considerar uma grande pluralidade de saberes, que vai desde o fenômeno das migrações até o crescimento da extrema direita no mundo, a economia política das plataformas digitais, os algoritmos e sua relação com a subjetividade, bem como compreender como o campo da Comunicação tem se relacionado na intersecção entre midiaticização e migrações. Este desafio é tão complexo que apresenta-se como desafio e inovação desta tese e implica no desenho de macrocontextos, marcos teóricos e epistemológicos que busco explorar, respeitando as limitações técnicas e instrumentais deste espaço e das metodologias escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa. Para isso, recorro a algumas reflexões iniciais que serão aprofundadas e retomadas no decorrer dos capítulos.

Em primeiro lugar, destaco o desafio de compreender a midiaticização enquanto teoria e enquanto fenômeno social. Em *Antropológica do Espelho*, Muniz Sodré (2002) caracteriza a estruturação da sociedade a partir de uma ambiência midiaticizada contextualizada pela globalização neoliberal. Essa ambiência representa não apenas um novo instrumento comunicativo, mas um rearranjo do mundo da vida, das identidades e das relações de poder, redefinindo o modo de presença do indivíduo e do coletivo no mundo em uma lógica artificial. O "bios midiático" é um novo âmbito existencial que opera enquanto "qualificação virtualizante da vida", transformando consciências, valores, a moral e o sistema de pensamento vigente. Trata-se de um processo balizado pelas forças do mercado e da financeirização do mundo, comandado pelo centro do capitalismo e que tem na informação a sua

matéria-prima. Essa nova condição antropológica determina uma série de mediações e percepções afetivas e mentais sobre a realidade, as referências e a relação com a verdade. Esse "bios midiático", marcado pela virtualidade, tem um forte impacto sensorial e emocional, promovendo uma estetização generalizada da vida social. Comportamentos, juízos de valores e a própria ética passam pelo crivo do estético.

Por essa ótica, as experiências, as práticas e a relação da sociedade com o mundo, as interações culturais e a dimensão simbólica são campos sociais que possuem relação íntima com a comunicação midiática em suas diferentes formas, veículos, canais e linguagens. Não se trata apenas de reconhecer a centralidade da mídia nos processos que constituem a sociedade, mas, sim, de compreender que a "constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a 'cultura da mídia'" (Fausto Neto, 2008, p. 92). Exponente das teorias de midiatização latino-americanas, Verón (1997) destaca a estruturação midiatizada na configuração de aspectos significativos do funcionamento social, por meio de interações complexas entre as mídias, instituições e indivíduos, o que leva a processos de afetação não lineares, originados por práticas discursivas.

Ferrara (2020) salienta que a midiatização está mais ligada a uma capacidade de reinvenção do mundo a partir dos dispositivos tecnológicos do que ao advento da tecnologia em si. Ou seja, há o deslocamento da midiatização para as novas práticas sociais e culturais que surgem em decorrência desses dispositivos, de forma que a midiatização está ligada ao "território organizado ambientalmente pela troca e evolução da mente e dos valores humanos" (Ferrara, 2020, p. 282). Nesse sentido, apesar da homogeneização da técnica e do dispositivo, os usos e práticas sociais se desenvolvem de formas heterogêneas, criando culturas distintas. Por se tratar de um fenômeno sociocultural inserido em um contexto econômico global, mas sujeito às particularidades culturais e sociais de cada território, a midiatização não é um fenômeno homogêneo, mas, sim, fragmentado e submetido às diferenças transculturais e transnacionais (Gomes, 2016). A midiatização, enquanto "novo modo de ser no mundo" (Gomes, 2017, p. 127), é plural, diversificada e ocorre de formas distintas e sempre complexas.

Uma outra questão, que de certa forma engloba a midiatização, é a globalização. Segundo Milton Santos (2001), trata-se do ápice da internacionalização do mundo pelo capitalismo e da indissociabilidade de técnica e política. A globalização em voga é a globalização neoliberal que, segundo o autor, tem produzido desigualdades, concentração de renda e a intensificação da dominação da técnica pela elite do capital. Os meios de comunicação e as plataformas digitais que viabilizam os fluxos de comunicação e informação estão inseridos na técnica política da globalização neoliberal, servindo como elemento estruturante e unificador. Essa globalização é perversa para o autor, porque, ao mesmo tempo em que nunca produziu-se tanto, de forma unificada e convergente, as fronteiras da desigualdade também não conhecem limites. A tirania do dinheiro e da informação, para Santos (2001), cria um novo ethos pautado na competitividade, na violência estrutural e na conformidade com esse sistema ideológico. Esse sistema ideológico, por sua vez, é pautado pela visão única de mundo, que opera como um totalitarismo do mercado que produz a violência estrutural e a perversidade sistêmica, que corrói a solidariedade humana e a empatia. Esse mesmo sentimento, esse espírito unificador da globalização neoliberal é o que produz e aciona representações sociais que desumanizam o Outro, além de produzir também a intolerância e os extremismos.

Autoras como Isabel Ferin Cunha (2019) apontam o colapso da globalização enquanto sustentadora da economia global após sucessivas crises, o que tem como resultado a corrosão das democracias. Trata-se de um cenário de desglobalização em que as diferenças culturais estão cada vez mais acentuadas, produzindo mais polarizações, intolerância e choque cultural, particularmente no ambiente das redes. Esses diferentes modos de ser no mundo se aglutinam nas chamadas "bolhas" das redes sociais, em um processo de autodoutrinação com as ideias preestabelecidas, que Byung Chul-Han (2018) chama de "expulsão do outro", sendo essa a base do choque entre os "mundos midiatizados" (Hepp, 2014). No mundo da competitividade extrema, da perversidade e da morte da política não há espaço para o "Outro", para o contraditório, para o diálogo. Há apenas espaço para aquilo que reforça o que somos, nossos preconceitos, inseguranças e medos. Na sociedade midiatizada, as plataformas digitais são os meios técnicos de vazão subjetiva da episteme neoliberal que tem construído a lógica material e a subjetividade do mundo nas últimas décadas.

Inseridas nesse cenário, as migrações fazem parte de um leque de fenômenos inerentes à humanidade, que ganham características próprias no contexto da midiatização do mundo, inclusive migrações, deslocamentos forçados e refúgios em decorrência dos processos coloniais e imperialistas ainda em voga nas dinâmicas da globalização. Desde as primeiras diásporas originadas no continente africano até o estabelecimento de diferentes povos, culturas, civilizações e etnias, a “marcha da humanidade tem sido, literalmente, uma incessante marcha migratória” (Elhajji, 2023, p. 14). São diferentes motivos que levam alguém à decisão de migrar, geralmente associados a necessidades fisiológicas, materiais e/ou simbólicas e representativas. Assim como outros processos humanos, as migrações ganham novas matrizes configuradoras no contexto midiatizado. Essa nova ambiência reconfigura a noção de território e os processos de desterritorialização, territorialização e reterritorialização que caracterizam os fenômenos migratórios.

As representações que existem sobre um território, ou seja, como cada território é percebido e simbolicamente significado, já são discutidas há tempos na Geografia. Na perspectiva de Raffestin (1993), território é, antes de um espaço físico, um espaço simbólico representado por onde incidem relações de poder. Nesse sentido, assim como a midiatização da sociedade, as migrações não podem mais serem entendidas como separadas de outras dinâmicas que condicionam o mundo contemporâneo. A comunicação intercultural é, portanto, a base contemporânea que sustenta todas as etapas do processo de migração, definindo desde a noção do território atual, do território de destino, até as motivações e as subjetividades e racionalidades envolvidas no percurso migratório.

Do (inter) subjetivo ao (inter) cultural, passando pelo social, econômico ou político, não há ação humana ou modalidade de ser-no-mundo que possa tomar forma e sentido fora das estruturas comunicativas. Trocas, negociações ou interações; colaboração, cooperação ou competição; disputas, alianças ou todo tipo de transação social e humana – que seja de ordem simbólica, material ou afetiva – não passam, na verdade, de expressões, manifestações, atualizações ou contextualizações dessa equação original que rege o mundo do Humano e lhe confere os termos de sua historicidade (Elhajji, 2023, p. 82).

Ao admitirmos a ambiência midiatizada como processo de territorialização das migrações contemporâneas, é preciso levar em conta a pluralidade das experiências migratórias, observando suas motivações objetivas, materialidades, conjunturas,

contextos e relações de poder e desigualdade que caracterizam essas diferenças (Cogo; Theodoro, 2019). Cada uma dessas experiências representa um recorte específico da experiência migratória, mesmo com a aparente homogeneidade vendida pelas redes. Por este motivo, o recorte da "imigração brasileira em Portugal", que em um primeiro momento me pareceu adequado, mostrou-se, em um segundo momento, muito generalista. Afinal, a imigração brasileira em Portugal, ou para qualquer outro país, é tão plural quanto o próprio Brasil, tendo uma ampla variedade de realidades e recortes socioculturais. A especificidade da experiência em Portugal também é condicionada por aspectos de classe, gênero e raça que jamais poderiam ser desconsiderados. Por este motivo, a escolha de compreender o ativismo imigrante e anti-imigração demonstrou-se uma forma exequível de compreender aspectos particulares do fenômeno, respeitando uma coerência epistemológica que relaciona a midiatização e sua heterogeneidade, a esfera pública e as representações sociais com os fenômenos migratórios em Portugal.

O momento histórico da imigração brasileira em Portugal, que atingiu picos inéditos da presença de brasileiros residentes (regulares ou irregulares) e do crescimento da extrema direita com discurso anti-imigração, é singular e merece atenção científica. Conforme pretendemos demonstrar na tese, uma série de tensionamentos, conflitos identitários e disputas culturais que caracterizam a esfera pública midiatizada encontra-se em plena efervescência em meio ao processo de "desdemocratização" da Europa (Cunha, 2015; 2019). A imigração do sul para o norte global tem estado no centro do discurso da extrema-direita europeia, impactando diretamente as organizações ativistas compostas por imigrantes, mesmo em países tradicionalmente mais pacíficos, como é o caso de Portugal. Ainda é cedo para dizer se esse processo está em curva ascendente ou descendente, ou seja, se alcançou o seu ápice. O que observamos com a tese é que desde a criação do Chega, em 2019, e da chamada terceira onda migratória, em 2018, o discurso extremista e anti-imigração tem crescido no país, especialmente entre a juventude portuguesa.

Durante o campo em Portugal, pude perceber que a cobertura midiática pela mídia de massa, pela imprensa profissional e pelos veículos comerciais é responsável por apenas parte das representações sociais negativas que circulam sobre o imigrante brasileiro na esfera pública portuguesa. As plataformas digitais, por sua vez, nomeadamente Instagram, Twitter, Facebook, WhatsApp, Telegram e

YouTube são responsáveis por outras circulações, muito mais diferidas e difusas e de difícil apreensão, por se conectarem a redes e bolhas complexas, sendo necessário realizar análises mais específicas, que compreendam pequenos fragmentos desses mundos mediatizados (Hepp, 2014). Essas representações sociais se inserem em um contexto de esfera pública mediatizada que opera por lógicas de Guerras Híbridas (Leiner, 2020; Korybko, 2018), que promovem a polarização social, a divisão identitária e a intolerância, colocando em xeque uma esfera pública deliberativa tal como proposta no modelo de Habermas, conforme defendemos no capítulo 2.

Essa esfera pública hegemônica contribuiu para produzir debates públicos desumanizantes do imigrante, que, não raro, como nos contextos de intolerância e xenofobia, o colocou como inimigo dos “nacionais”, dos “nativos”, na oposição simplista e dualista do “nós” contra “eles”, que dá sustentação à intolerância e à base simbólica para o ódio, a xenofobia e as formas de violência (Braga, 2020) que são frequentemente acionadas nos contextos de crise econômica. A pretensa racionalidade midiática, na conjuntura da opinião pública, não raro aponta para o reforço da discriminação, para a alimentação de discursos “objetivos” que invisibilizam a perspectiva do imigrante e o reduz a um problema em construções de desumanização. Nesse sentido, acreditamos que é preciso considerar “aspectos subjetivos e identitários das migrações, na perspectiva de compreender a profusão de vínculos, as relações e os embates socioeconômicos, políticos e culturais implicados nas vivências de cada migrante” (Theodoro, Cogo, 2019).

Diante da situação de crise econômica, os partidos de extrema direita ganham importância em toda Europa, ameaçando as democracias liberais e os estados de bem-estar social (Cunha, 2019). Em Portugal, o partido Chega já é a terceira força política, atrás apenas do Partido Socialista (PS) e do Partido Social Democrata (PSD). O Chega conquistou 7,1% dos votos, rendendo um total de 12 deputados nas eleições legislativas de 2022. A sondagem encomendada pela TVI/CNN Portugal, publicada em 25 de janeiro de 2023, coloca o Chega com cerca de 14,2% das intenções de voto, o que significa um crescimento de 5% em relação à última pesquisa. Com o lema “Por Portugal, pelos portugueses”, o partido surfa na onda crescente da extrema direita populista e dos nacionalismos europeus. O sentimento nacionalista acompanha o debate sobre a questão da migração das minorias étnicas no país, considerando os imigrantes não europeus como uma

ameaça cultural e econômica, especialmente entre aqueles com religiões não cristãs. Conforme aponta o relatório “State of Hate: Far-right extremism in Europe” (Mulhall; Khan-Ruf, 2021), no contexto do crescimento do discurso de ódio, os imigrantes acabam se tornando bodes expiatórios por parte da extrema direita, culpabilizados por problemas sociais, culturais e econômicos.

No caso do Chega, apesar de não haver, no programa do partido, um discurso abertamente contra os imigrantes, existe um discurso de “limitação ao acolhimento de imigrantes” e contra a “imigração ilegal” e a “política de portas abertas”. Ao abordar a questão em Portugal, o relatório demonstra preocupação com o crescimento do Chega e do discurso anti-imigração adotado pelo partido. Segundo o documento, o discurso de ódio contra minorias tem sido normalizado, criando um ambiente propício para a violência em níveis sem precedentes, destacando uma série de ataques e violências físicas contra minorias étnicas no país.

Por outro lado, o crescimento da imigração em Portugal nas últimas décadas, especialmente nos grandes centros urbanos, como Lisboa e Porto, produziram redes e organizações ativistas compostas por imigrantes, que oferecem apoio, auxílio em diversas frentes, desde a chegada no país até a regularização burocrática, suporte político, psicológico, social e de acolhimento contra casos de racismo e xenofobia. Um exemplo desse tipo de organização é a Casa do Brasil de Lisboa que, apesar de não ser partidária, tem uma atuação importante na sociedade civil e nas políticas públicas. Durante a pesquisa de campo, tivemos contato com diversas outras associações ativistas, como a Diáspora sem Fronteiras e o Coletivo Andorinha, que possuem forte atuação política e midiática em defesa do imigrante.

Em Portugal, embora não haja um grupo homogêneo que possa ser considerado um movimento social anti-imigração, a intolerância e a xenofobia são comuns no cotidiano dos imigrantes. A experiência em campo indica que é raro encontrar brasileiros que não tenham sofrido algum tipo de discriminação ou preconceito. As pessoas sempre têm comentários sobre situações de xenofobia, racismo ou machismo que ocorrem em espaços públicos. Essa percepção etnográfica é confirmada pelo relatório “Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal” (Costa, Paula, 2020), elaborado pelo projeto MigraMyths, da Casa do Brasil de Lisboa. De acordo com o relatório, 85,6% dos entrevistados afirmam já ter sofrido algum tipo de discriminação por serem imigrantes no país, sendo que as

mulheres e pessoas não brancas são os alvos preferenciais. Os principais discursos apontados pelo relatório como "Mitos, Estereótipos e Fake News" são:

- Mulheres brasileiras relacionadas à prostituição (23,9%);
- Aumento da criminalidade em razão da imigração (21,6%);
- Perda de postos de trabalho de cidadãos portugueses em decorrência da imigração (14,9%);
- Brasileiras "roubam" homens portugueses de mulheres portuguesas (14,2%);
- Brasileiros são uma "raça" ignorante (8,2%);
- Imigrantes são preguiçosos (8,2%);
- Brasileiros vão em busca de nacionalidade e casamento (6,7%).

O relatório também aponta a internet como o principal canal de discriminação (31,7%), seguida pelas instituições privadas (19,3%) e públicas (18,7%), escolas e universidades (13,3%) e, por último, os meios de comunicação (12,3%). Os resultados do relatório apontam para uma esfera pública portuguesa em que o sentido que circula sobre o imigrante promove a divisão do “nós” contra “eles”, em relações nas quais a alteridade tem pouco espaço para se desenvolver. O relatório “Discurso de ódio e imigração em Portugal”, lançado em 2021 (Costa, 2021), aponta a desinformação nas redes sociais como um dos elementos de perpetuação de estereótipos e representações negativas sobre o imigrante. O documento mostra que “as redes sociais têm sido palco de diversos tipos de discurso, inclusive discursos anti-imigração, de ódio e xenofobia” (Costa, 2021, p. 6). Também aponta os “clickbaits”, caracterizados pelas chamadas sensacionalistas, polêmicas e distorcidas para gerar engajamento e que reforçam estereótipos, como sendo alvos que devem ser combatidos na lógica dos fluxos de comunicação nas redes. O discurso de ódio é apontado como consequência de estratégias de captação da atenção pelo viés da “negatividade”, “medo” e “violência”, de forma a atribuir um valor maior aos elementos negativos de um acontecimento.

O relatório indica, ainda, que a representação negativa do "outro" e a representação positiva do "nós" são usadas como base para os discursos de ódio contra minorias, incluindo imigrantes, que são frequentemente vistos como um fardo para o Estado e uma ameaça à identidade nacional. Além disso, o crescimento da

direita radical populista na Europa, incluindo Portugal, também tem sido um fator importante na disseminação de discursos de ódio contra minorias raciais e étnicas. O partido Chega é colocado como exemplo de um partido político que promove o discurso de ódio e a expulsão de grupos considerados estrangeiros (Costa, 2021). Os eleitores dos partidos radicais populistas tendem a relacionar a presença do imigrante com os problemas sociais, de forma que o ataque a essas minorias promove uma mobilização do eleitorado. É nesse cenário de macrocontexto neoliberal, de crise econômica global, de aumento dos fluxos migratórios em decorrência das limitações econômicas do sistema capitalista, em um contexto histórico atravessado por relações coloniais e por uma conjuntura social de crescimento da intolerância contra o imigrante e minorias étnicas no geral que a extrema direita populista ganha espaço na sociedade portuguesa. É a partir dessas relações que apresento a parte empírica da pesquisa.

Minha trajetória acadêmica, desde a iniciação científica na graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, foi trilhada a partir dos estudos entre mídia, esfera pública e deliberação. A relação entre mídia e deliberação, bem como o papel do jornalismo em ambientes deliberativos, foram objetos de estudo no mestrado, quando o debate público sobre a corrupção política no Brasil e em Portugal foi investigada a partir da metodologia dos grupos focais deliberativos face a face e, posteriormente, os resultados entre os países foram comparados. Naquele momento, interessava saber como os sujeitos se apropriam de informações, enquadramentos racionais e emotivos da cobertura jornalística sobre a corrupção na formulação de suas próprias opiniões e visões de mundo. No início do doutorado, o interesse era compreender as dinâmicas das emoções no processo deliberativo sobre questões sensíveis em contextos profundamente divididos, a exemplo de Steiner et al. (2017) e Trujillo-Orrego (2018), a partir do caso da imigração brasileira em Portugal. Por não ser um país tradicionalmente violento contra imigrantes e minorias, mas com um notável aumento da divisão social, da polarização e da intolerância contra os imigrantes e minorias étnicas, tinha a hipótese de ser um ambiente ideal para um estudo empírico com essa abordagem. No entanto, já nas eleições presidenciais de 2021, André Ventura obteve 11% dos votos válidos pelo Chega, se tornando a terceira força política do país. Nas eleições legislativas de 2022, o Chega manteve a terceira posição e conquistou 12 cadeiras no parlamento.

Nesse período, a agenda anti-imigração, que no início não compunha o discurso principal do partido, passou a ser cada vez mais frequente, especialmente entre a base ativista simpática ao Chega e à juventude. A situação se agravou com o contexto da alta dos preços dos aluguéis em Lisboa e o processo de gentrificação que se intensificava desde os anos anteriores. Quando cheguei ao campo na vigência da Bepe já com o intuito de realizar uma pesquisa etnográfica para complementar os dados da tese, a hipótese se mostrou errada e avaliei a impossibilidade de realização da metodologia da deliberação em contextos profundamente divididos. A divisão e a polarização social, bem como os casos de violência verbal, simbólica e física contra imigrantes, revelavam um contexto social que impossibilitava qualquer processo deliberativo e qualquer tipo de troca e diálogo responsivo, respeitoso e produtivo. Conforme afirma Braga (2020), a polarização é uma das estruturas da intolerância na medida em que as semelhanças entre os sujeitos são ignoradas e as diferenças são exacerbadas, impedindo o processo comunicativo. O objetivo passa a ser anular, silenciar ou destruir o outro, sem qualquer esforço de razoabilidade. Segundo o autor, as frustrações de uma realidade social marcada pelas desigualdades, pelo empobrecimento coletivo e pelas crises acabam transformando-se socialmente em intolerância contra o diferente.

Com a opção pela etnografia, encontrei em campo grupos e conteúdos com pinceladas de supremacismo branco e neonazismo, que descrevo no capítulo 7. As postagens observadas na etnografia digital apontam para uma xenofobia cristalizada, que impossibilita formas seguras de diálogo deliberativo. Por este motivo, para preservar princípios éticos e não submeter nenhum participante a qualquer tipo de violência, tomei a difícil decisão de mudança metodológica, que implicou em uma reestruturação completa da tese, inclusive substituindo capítulos teóricos já desenvolvidos. A revisão metodológica foi realizada no momento da pesquisa de campo, durante a vigência da Bepe, seguindo as orientações da supervisora em Portugal e da orientadora no Brasil. Entendemos que essa relação de ida e volta, os processos circulares, fazem parte do processo científico e enriqueceram a qualidade da tese.

Para realizar essa reestruturação, estava bem amparado. Busquei repensar a trajetória metodológica a partir de critérios éticos e mantendo o rigor científico, sem perder o caráter inovador da pesquisa. Para isso, utilizei tanto do contato com o

projeto "Mapping Out - Portugal on the European anti-immigrant movements map", fruto da parceria do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) com o Peace Research Institute Oslo (PRIO), liderado pela Profa. Dra. Thais França e pelo Prof. Dr. Kristian Berg Harpviken, na vigência da Bepe, quanto com o Grupo de Pesquisa Deslocar, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), liderado pela Profa. Dra. Denise Cogo. Outro destaque importante é o papel fundamental da Casa do Brasil de Lisboa, que abriu as portas para a pesquisa, com uma equipe acolhedora e altamente especializada, que, mais do que interlocutores de pesquisa, foram uma grande escola sobre Direitos Humanos e Direitos do Imigrante. Também busquei aprofundamento teórico e prático em etnografia, motivo pelo qual cursei a disciplina de Etnografia no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), junto à Prof. Dra. Francirosy Campos Barbosa. Nesse sentido, apesar do impacto e do medo ao constatar a necessidade de mudança de projeto, esse percurso aconteceu de forma natural, fruto da vivência de pesquisa, da maturidade acadêmica, e ressalta a importância do financiamento e do intercâmbio para a realização de pesquisas de qualidade.

A partir dessa trajetória, o problema de pesquisa se consolidou como a investigação do ativismo migrante e anti-imigração na esfera pública midiaticizada, levando em conta as representações sociais e as disputas identitárias em Portugal. Assim, a compreensão da definição de “esfera pública midiaticizada” é um dos esforços teóricos que articulo para leitura crítica dos fenômenos migratórios. A esfera pública aqui é entendida a partir das (re)formulações de Habermas (2003), que a define como arena mediadora entre a sociedade e o Estado, onde ocorrem a troca discursiva racional entre sujeitos, o debate público e a formação da opinião pública sobre assuntos de interesse público. Nesse sentido, uma esfera pública “se forma através da atividade comunicacional, quando diferentes públicos se organizam em redes comunicativas articuladas para discutirem temas ou causas de interesse comum, para assumirem posições e expressarem opiniões” (Marques, 2008, p. 26). Apesar do conceito de esfera pública ter uma íntima relação com os meios de comunicação desde sua gênese, compreender o que seria uma esfera pública midiaticizada implica em certas mudanças de paradigmas. A mídia não é mais entendida como uma interface entre a sociedade e o centro do poder político, tampouco como “sistema” responsável por “processar” demandas e transformá-las em fluxos de mensagens e discursos que “alimentam” o debate público. Habermas

(2006) defendia um sistema midiático capaz de estruturar a esfera pública, conferindo visibilidade, pluralidade e um conjunto de sentidos disponíveis para o exercício da racionalidade comunicativa.

Uma das questões que evidenciam essa diferença é a própria noção do autor sobre os processos de legitimação do poder e da "verdade". Habermas (2003), em sua análise sobre direito e justiça, faz uma distinção entre a facticidade e a validade como mecanismos legitimadores do exercício do poder. No primeiro caso, ocorre a coerção da lei (facticidade) e, no segundo, ocorre a justificação moral e racional (validade). A racionalidade comunicativa e a linguagem atuam como agentes mediadores da tensão entre facticidade e legitimidade, sendo a esfera pública o espaço onde ocorrem as trocas comunicativas que legitimam o poder.

O autor desenvolve o conceito de "mundo da vida", composto pelas interações e trocas cotidianas de um lado e pelos sistemas sociais, como a política e a economia, do outro. São sistemas complexos e multifacetados, nos quais operam lógicas distintas, variadas e uma série de instituições, normas, valores e sistemas. Os meios de comunicação deveriam, segundo Habermas (2003), atuar de forma plural e independente dos poderes político e social, legitimando o exercício do poder democrático por meio de uma crítica vigilante. Para o autor, o sistema midiático deve ser "autorregulador", resguardando a independência dos sistemas que o cercam e atuando como sistema de peritos, promovendo debates racionais. No contexto midiaticizado, as estruturas que operam no tensionamento entre facticidade e validade também têm sido alteradas, uma vez que a própria percepção e a apreensão da realidade e do mundo são transformadas, bem como a economia política dos meios de comunicação.

Ciro Marcondes Filho (2022), em um de seus últimos textos publicados, fala sobre a construção midiática da realidade, defendendo que as transformações comunicativas modificam as sensibilidades e percepções que existem sobre a realidade, criando o espírito do tempo, ou *zeitgeist*. Braga (2022) fala em *Homo Sapiens Midiaticizado* para referir-se à condição existencial da midiaticização e suas condições de aprendizagem e experimentação do mundo. Apesar dos novos rearranjos, insistimos na noção de esfera pública como um foco heurístico normativo importante para a sistematização dos processos comunicativos que permeiam a sociedade nos tempos atuais. No entanto, trata-se de uma esfera pública

mediatizada, que opera segundo a lógica das redes, da autocomunicação de massa (Castells, 2013) e suas implicações.

O pilar da validade que sustenta o sistema de peritos sofre um forte golpe no contexto mediatizado. Diversos autores apontam a crise do sistema de peritos e a realocação das noções de verdade na representação e validação no contexto mediatizado (Cesarino, 2020; Miskolci, 2021; Miguel, 2022; Sodré, 2020). A esfera pública se organiza por lógicas de disputa de sentidos, de identidade e de ideologias polarizadas, alimentadas pela lógica algorítmica das empresas de redes sociais. O jornalismo passa a ceder cada vez mais ao sensacionalismo, ao clickbait e à distorção em busca dos cliques e da atenção. Dada a suposta horizontalidade da rede, o jornalismo de qualidade tem o mesmo espaço do jornalismo caça-clique. A pulverização e a fragmentação dos sentidos, além do excesso de informação, produzem uma sobrecarga cognitiva que altera a percepção sobre a realidade e a relação com o mundo, corroendo a esfera pública (Han, 2018).

Outra característica da esfera pública mediatizada é a estetização do mundo (Sodré, 2002), em que o argumento perde espaço para a forma e a visibilidade. Segundo Han (2018), a rapidez e a facilidade com que a informação é acessada e compartilhada podem provocar a fragmentação da opinião pública e minar a confiança nas instituições democráticas. Além disso, as mídias sociais amplificam essa comunicação desacompanhada de uma esfera pública política, formada por líderes de opinião e seus seguidores. Essencialmente, a tese do autor sobre a infocracia trata da consequência da digitalização, do excesso de informações e da crise de uma esfera pública política na era digital neoliberal. O individualismo, a superficialidade e a despolitização são amplificados por uma lógica que reforça as crenças existentes e impede o diálogo entre diferentes grupos e alteridades, produzindo polarizações e extremismos.

Conforme demonstro, a ideia de uma esfera pública mediatizada afasta-se da concepção tradicional de Habermas, sendo necessário contemplar uma definição mais profunda sobre a redefinição existencial e de formação de consciências e lógicas que caracterizam as sociedades mediatizadas em sua fase algorítmica e neoliberal. Nesse sentido, a discussão sobre a migração e o processo de territorialização, tanto de imigrantes quanto de nacionais, e sua percepção sobre espaço e nação operam segundo essa lógica que favorece um ecossistema digital de radicalizações e intolerâncias. O ativismo político também precisa adaptar-se a

esse novo ambiente midiaticizado, atuando em um contexto de guerra cultural e conflitos identitários, redefinindo repertórios de ação e comunicação no processo de disputa pela atenção e captação de novos ativistas.

As representações sociais surgem como conceito e matriz heurística para a compreensão das motivações psicológicas e sociais que mobilizam razões e afetos nos processos midiaticizados da esfera pública. Segundo Moscovici (2003, p. 49), as representações sociais são "fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar - um modo que cria tanto realidade quanto senso comum". A mídia é entendida como um componente cultural que produz, altera e se mistura às novas representações. Novamente, trata-se da produção comunicativa da realidade, que coloca os sentidos que circulam no espaço público submetidos à lógica neoliberal que rege os processos midiaticizados no ocidente (Morigi, 2004). A hiperfragmentação imposta no contexto atual promove a exacerbação e coexistência de representações sociais antagônicas em formato de polarização. O espaço público, enquanto ação comunicativa, deliberação e trocas argumentativas, é submetido a representações sociais produzidas, cujo efeito de realidade, de facticidade e validade está sujeito à lógica da mídia. É importante ressaltar que esse não é um processo homogêneo e tem características distintas e particulares de acordo com cada território ou cultura, daí a noção de "mundos midiaticizados" como chave para compreensão de fenômenos específicos da midiaticização (Hepp, 2014). As representações sociais contribuem no sentido de estabelecer elos, nexos, caminhos cognitivos, justificativas e motivações para a atuação comunicativa dos sujeitos nos contextos sociais, e sua formação também é submetida ao processo midiaticizado que sustenta a comunicação dos dias atuais.

Esta tese encontra-se nas imbricações dessas reflexões, que pretendemos explorar nos capítulos teóricos e utilizar para a etnografia da etapa empírica no cenário da imigração brasileira em Portugal. Após a introdução, o primeiro capítulo, intitulado "O conceito de midiaticização nos estudos em migração: fundamentações e diferenciações pertinentes", apresenta reflexões teóricas e epistemológicas ancoradas em pesquisa bibliográfica realizada em teses de doutorado e dissertações de mestrado brasileiras, encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2001 e 2021. Buscou-se situar o objeto de estudo das migrações pensado a partir das teorias da midiaticização, explorando fundamentos e possibilidades. O capítulo também realiza um

mapeamento das pesquisas no espaço (distribuição geográfica e programas de pós-graduação das defesas) e no tempo (anos de publicação), e a abordagem teórico-epistemológica utilizada no campo da Comunicação, assim como os autores citados que trabalham com o conceito de midiatização na América Latina e na Europa.

O segundo capítulo, intitulado “Tônicas de uma esfera pública midiatizada”, desdobra-se na compreensão das características da esfera pública em sua fase midiatizada, levando em conta a lógica comercial da internet, dos algoritmos e das redes sociais na formação da opinião pública, do debate público e das percepções sobre a realidade. Nele articulo uma aproximação teórica e epistemológica entre os conceitos de esfera pública, midiatização e representações sociais, utilizando noções de autores que dedicam-se a compreender essas questões na contemporaneidade. Nesse momento, trabalho com conceitos-chave para a proposta da tese, bem como com o macrocontexto comunicacional em que situa-se o objeto de pesquisa. Reflito sobre a lógica das bolhas, dos “mundos midiatizados” e do formato polarizador a partir do fenômeno das “guerras híbridas” (Leiner, 2020) e das “batalhas morais” (Miskilci, 2021). Trata-se de um importante componente para a compreensão e análise empírica dos dados de pesquisa que caracterizam o aspecto inovador da tese.

Fechando os marcos teóricos, terceiro capítulo, intitulado “A imigração como questão comunicacional: ativismos, polarização e o discurso anti-imigração”, busca compreender a questão migratória contemporânea sob a perspectiva dos estudos em comunicação. Nesse capítulo também reflito sobre o ativismo migrante e anti-imigração na sociedade midiatizada, conceituando elementos importantes à tese e compreendendo como ocorre o ativismo nas plataformas digitais, e as particularidades dos repertórios de ação que envolvem os migrantes.

O quarto capítulo apresenta a proposta metodológica da pesquisa, explicando toda a sua trajetória, desde a opção pela etnografia até os procedimentos éticos adotados. Inicia-se com a discussão sobre a etnografia multissituada e digital, mostrando como essa abordagem metodológica pode ser adequada para a investigação do fenômeno migratório contemporâneo, que ocorre em espaços físicos e virtuais. Em seguida, são apresentados os detalhes sobre o processo de elaboração das entrevistas, incluindo a seleção dos entrevistados, a identificação dos grupos de ativistas imigrantes e anti-imigração, além das ponderações éticas

envolvidas nesse processo. O capítulo também aborda as questões relativas à coleta e análise dos dados, propondo possibilidades para a realização dessas etapas da pesquisa. É discutida a importância da triangulação dos dados, que inclui a análise das entrevistas, a observação participante, a análise de documentos e materiais produzidos pelos grupos de ativistas, entre outras possibilidades. Ademais, são apresentados os procedimentos éticos adotados, como o consentimento informado dos entrevistados, a preservação da identidade dos sujeitos e o cuidado com a divulgação dos resultados da pesquisa.

O quinto capítulo, intitulado “Revisitar, reencontrar, recircular: etnografia, vivências e experiências”, apresenta as reflexões etnográficas da inserção no campo em Lisboa, bem como a contextualização dos fluxos migratórios em Portugal, os impactos da imigração para o país e a percepção dos entrevistados sobre as transformações políticas e sociais que envolvem os imigrantes brasileiros. Trata-se de um capítulo empírico, escrito em primeira pessoa, que apresenta de forma sensível a trajetória em campo e a afetação etnográfica. Trato especificamente de Portugal como um país de destino, explorando a imigração brasileira em meio à intensificação do sentimento anti-imigração e à ascensão de partidos de extrema direita, como o Chega.

O sexto capítulo, “Ativismo migrante: resistências, reinvenções e ações”, é destinado à compreensão do ativismo migrante composto por brasileiros em Portugal. Trata-se da etnografia multissituada, realizada com a Casa do Brasil de Lisboa, o Coletivo Andorinha, a Diáspora sem Fronteiras e Brasileiras não se calam, retratando tanto aspectos da organização, comunicação, repertórios de ação e comunicação, atuação nas plataformas digitais, como também elementos da entrevista em profundidade. O sétimo capítulo, chamado “Ativismo anti-imigração: motivações, narrativas e representações”, também é resultado da etnografia com grupos e ativistas anti-imigração, especialmente com a juventude do Chega e a experiência de campo.

Os resultados apontam uma transformação na esfera pública portuguesa em relação à imigração nos últimos anos, evidenciando um aumento importante do discurso anti-imigração, o que tem contribuído para uma crescente polarização e radicalização no repertório de ação dos ativistas contrários à presença de imigrantes. Essa mudança é notável, apesar da ausência de grupos organizados de movimentos sociais anti-imigração no país. É importante destacar o contraste entre

os ativismos: enquanto o ativismo migrante demonstra uma forte presença e impacto social na sociedade portuguesa, fundamentado em sua tradição e histórico de trabalho, o ativismo anti-imigração encontra sua principal plataforma de expressão e influência nas plataformas digitais. Nestes espaços, ele ganha maior visibilidade e se aproveita da lógica de engajamento dessas plataformas para disseminar suas mensagens.

A partir desta análise, proponho a tese de que a esfera pública midiaticizada em Portugal está saturada de dinâmicas midiáticas de disputas identitárias, as quais se baseiam em representações sociais polarizadas sobre o imigrante, a imigração, os cidadãos nacionais e a própria nação portuguesa. Estas representações, por sua vez, alimentam e estruturam os ativismos migrantes e anti-imigração, especialmente nas plataformas digitais. A questão da imigração já se estabeleceu como um tema proeminente no debate político português, um fenômeno amplificado pelo surgimento e sucesso de partidos de extrema-direita, como o Chega, que incluem o discurso anti-imigração como um dos pilares centrais de sua retórica. Nos capítulos que se sucedem, construo a base argumentativa a partir dos marcos teóricos, metodológicos e a partir da pesquisa de campo.

1 O CONCEITO DE MIDIATIZAÇÃO NOS ESTUDOS EM MIGRAÇÕES: FUNDAMENTAÇÕES E DIFERENCIAÇÕES PERTINENTES

A relação entre as teorias da midiatização e os estudos em migrações é uma das questões de muita pertinência para o desenvolvimento desta tese. Compreender as migrações, os deslocamentos humanos, os refúgios e as formas de migração e imigração, seus impactos sociais, culturais e a relação com a estrutura midiatizada da sociedade para além dos dados estatísticos e com solidez teórica foi uma preocupação central desde a concepção do projeto de pesquisa. Sabíamos que esse seria um dos desafios: a questão das migrações agregaria um “universo” completamente novo à minha formação. Portanto, foi realizado um esforço, por meio de levantamento de dados e pesquisa bibliográfica, em compreender as relações teóricas e epistemológicas possíveis entre as correntes da midiatização em relação aos estudos em migração. Este levantamento permitiu a abertura de horizontes, possibilitou a escolha de um percurso para a tese que fosse adequado do ponto de vista teórico, com a densidade que julgamos pertinente. O capítulo que se apresenta traz o resultado desse esforço e é significativo porque foi transformado no primeiro artigo solo publicado pelo autor em uma revista científica.

Assim, o presente capítulo investiga a produção científica brasileira sobre a relação entre mídia e migrações nas duas últimas décadas (2011 a 2021). Trata-se de levantamento e revisão bibliográfica de teses e dissertações publicadas no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Tal fonte foi escolhida por se tratar de indexador amplo, abrangente e de alcance nacional, cuja ferramenta de pesquisa é sofisticada, permitindo recortes e classificações necessárias ao estudo. Com esse levantamento, pretendemos mapear a pesquisa sobre mídia e migrações a partir da observação dos seus enfoques teóricos, autores referenciados, anos de publicações, instituições vinculadas às pesquisas e distribuição geográfica no país.

A partir dos dados obtidos, levantamos a discussão teórica e epistemológica que enquadra a diferenciação entre a compreensão do fenômeno dos fluxos migratórios enquanto “midiatização” — a partir das perspectivas teóricas distintas relacionadas a este termo, que abrangem a ideia de “articulação” —, e “mídia e migrações” — levando em conta a diversidade desta relação, que vai desde um entendimento da mídia como “ferramenta”, até o “papel” dos meios de comunicação

na representação de migrantes e imigrantes, os estudos culturais e de recepção, a cobertura jornalística e as demais abordagens possíveis que possuem ideia de “proximidade” (Martino, 2021).

Nesta discussão, propomos a inserção das questões relacionadas ao especificamente comunicacional (Signates, 2019) no fenômeno das migrações, à luz da reflexão proposta por Martino (2021) sobre as metodologias da midiatização, quando o autor realiza um estudo exploratório sobre “mídia e religião” e identifica aspectos importantes para o estado da arte daquele campo, bem como as noções epistemológicas da comunicação e dos estudos em midiatização aplicadas à pesquisa em religião. Como se pretende demonstrar, há uma carência de estudos exploratórios que delimitam o estado da arte da pesquisa entre mídia e migrações, especialmente no que refere-se ao conceito de midiatização sob perspectiva brasileira (Sodré, 2002, 2006; Braga, 2012, 2015; Gomes, 2016, 2017; Martino, 2021, 2019; Fausto Neto, 2008, 2010), latina (Verón, 1997, 2014) e europeia (Stromback, 2008; Hjarvard, 2014; Krotz, 2014; Hepp, 2013, 2014; Bolin, 2016), assim como seus possíveis diálogos, aproximações e interlocuções.

A discussão é mais relevante quando compreendemos as migrações internacionais enquanto uma das “principais forças de transformação social em todo o mundo” (Góis, Marques, 2018, p. 126). A perspectiva das migrações em rede com os discursos e sentidos que circulam na construção de imaginários e representações, tanto dos imigrantes pelos nacionais quanto dos países de destino pelos imigrantes (Cogo, 2018), revelam a fertilidade e pertinência da compreensão dos fenômenos dos fluxos migratórios a partir da perspectiva das interações sociais características de uma esfera pública midiatizada. Este processo pode ser observado em uma série de situações empíricas que possuem as tecnologias de informação e comunicação e as redes sociais como elementos reconfiguradores, e enquanto arena de ativistas transnacionais (Cogo, 2019), além de mais recentemente, o fortalecimento dos grupos anti-imigração em todo o mundo.

É certo que há pluralidade de conceitos e metodologias possíveis para o estudo de mídia e migrações, justificando a necessidade do esforço em situar tais contribuições e compreendê-las a partir de qual linha teórica respondem. Evidentemente não pretendemos findar a discussão ou propor um esquema fechado e que rotule as pesquisas do campo. Assim, o objetivo deste capítulo é a investigação bibliográfica e a revisão das publicações sobre mídia e migrações, de

forma situada à discussão epistemológica sobre a midiatização enquanto conceito no campo da Comunicação. A partir do debate das problemáticas próprias da Comunicação enquanto ciência, pretendemos levantar insumos para um desenho sobre o estado da arte nesse campo e propor um olhar próprio da midiatização para os fenômenos dos fluxos migratórios.

1.1 Midiatização das migrações ou mídia e migrações? Questões comunicacionais

Ainda é comum no campo da Comunicação o entendimento da mídia enquanto “ferramenta”, “instrumento” ou “espaço” para uma ação, com os veículos tendo um “papel” frente ao objeto analisado. A perspectiva midiocêntrica, que considera a mídia como centro e protagonista de todas as demais esferas do mundo, é um legado da corrente funcionalista, em que a comunicação é vista como “um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e de manutenção do sistema” (Araújo, 2001, p. 123). Na perspectiva funcionalista, que bebe da psicologia das massas, a mensagem possui efeitos diretos sobre o indivíduo, que responde apenas aos estímulos externos das mensagens midiáticas. Aqui, nota-se a exclusão das interações, organizações sociais e processos coletivos sócio-históricos, com privilégio do indivíduo isolado e uma grande ênfase na mídia enquanto instrumento ou ferramenta de difusão de uma cultura hegemônica e das mensagens orquestradas pelos financiadores dos meios de comunicação, pelas empresas de mídia e pelo Estado.

No Brasil, apesar do “desuso” do funcionalismo enquanto modelo teórico nos estudos de mídia, o midiacentrismo e as análises de causa-efeito ainda se fazem presentes nas escolhas metodológicas dos trabalhos e pesquisas, como se o estudo da mensagem fosse suficiente para compreender processos comunicativos e determinada cobertura midiática fosse capaz de, sozinha, definir ou direcionar desdobramentos sociais, políticos, econômicos e culturais relativos aos objetos sociais que estão sendo investigados. Metodologia aqui é entendida como todo o processo da pesquisa, decisões, abordagens e “ações concretas e refletidas durante todo o desenvolvimento da pesquisa desde as primeiras hipóteses até os resultados finais” (Braga, 2011a, p. 7).

Uma metodologia midiacêntrica é entendida, portanto, como aquela que se concentra apenas na análise da mensagem midiática de um veículo ou meio, como se o discurso midiático tivesse efeitos diretos sobre fenômenos sociais, comportamentos humanos, opiniões políticas e modos de vida, a exemplo do que defendem as correntes funcionalistas. Esta diferenciação é essencial para a fundamentação teórica e metodológica da tese, uma vez que partimos da noção de interação, processos sociais e esfera pública midiaticizada com implicações na composição metodológica da investigação.

Os objetos de pesquisa, por sua vez, constituem uma outra discussão constante e que permeia a Comunicação enquanto construção científica, dada a “extensão e diversidade da dimensão empírica que a comunicação recobre” (França, 2003, p. 47) e a dificuldade de manter um campo consolidado a partir de tecnologias comunicativas que se transformam, técnicas e linguagens que surgem e morrem a todo momento e a rapidez intransigente em que recai a mudança de paradigma sobre os objetos comunicativos, quando observados apenas como “ferramentas”, “instrumentos” e “meios de influência”. França (2003) observa que essa transformação faz com que a área esteja dominada por modismos: seja por temáticas do momento, quadros conceituais simplificados ou vertentes explicativas que substituem-se com impressionante velocidade. Estes fragmentos impedem a construção de um saber comunicativo consolidado, que observe os fenômenos especificamente comunicacionais (Signates, 2019) em relação ao mundo moderno e seus desafios.

Frente a dificuldade do campo da Comunicação em resolver-se, assim como seus objetos e metodologias, a noção de midiatização desenvolvida por pesquisadores brasileiros com base nas teorias e estudos latinos parece ter a força teórica necessária para explicar uma série de fenômenos contemporâneos que possuem profunda relação com os processos midiáticos. Assim, “midiatização” pode ser entendida como “um termo que nomeia o fenômeno, mas também é um conceito” (França, 2020, p. 24). Os esforços científicos dos pesquisadores que hoje desaguaram em um conceito mais ou menos denso sobre midiatização têm, segundo França (2020), sua gênese com a distinção que Sodré (2006) faz de mediação, enquanto “fazer ponte ou comunicarem-se duas partes”, e midiatização enquanto

uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar tecnomediações – caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium (Sodré, 2006, p. 20).

Ou seja, a partir dessa diferenciação de um canal ou meio técnico, Sodré abre portas para a compreensão de um processo (e um conceito) de transformação das esferas do mundo da vida. Para Sodré (2006), a midiatização qualifica a própria vida humana e sua relação com a realidade, propondo a existência de um novo bios, como uma outra esfera existencial, assumindo caráter profundo que corresponde à virtualização dos objetos do mundo, o que implica na sua redefinição ontológica. Em uma outra abordagem de midiatização, Braga (2006) traz a perspectiva da midiatização da sociedade, com a premissa fundamental da interação dos indivíduos e da sociedade com ela mesma, a partir de lógicas midiatizadas que se misturam em processos diferidos e difusos de circulação de sentidos. Em conjunto com outros autores da Unisinos (Fausto Neto, 2010; Gomes, 2016), deslocam o objeto dos meios e poéticas para as interações, circulação dos sentidos e fluxos comunicativos, a exemplo de Martín-Barbero (1997), quando desloca o objeto da Comunicação dos meios às mediações culturais.

Evidentemente a abrangência do conceito de midiatização, considerado um marco epistemológico na comunicação (Gomes, 2020), extrapola as reflexões propostas neste capítulo. No entanto, o que cabe reflexão neste espaço é a articulação das pesquisas que se propõem a investigar fenômenos migratórios e suas interlocuções com processos comunicativos e os conceitos que utilizam nesse percurso. “Mídia e migrações” e suas derivações possuem sentido de proximidade, e ao nos referirmos à “midiatização das migrações”, estamos tratando do processo de articulação e entrelaçamento (Martino, 2021), abordado a partir de uma perspectiva específica referida acima.

Conforme aponta Martino (2019), entre as pesquisas na área, a utilização dos termos “midiatizado” ou “midiatização” não corresponde, necessariamente, a construções conceituais entre os diversos sentidos e correntes que possuem o termo no Brasil, América Latina e nos países Anglo-Saxões. O autor identifica que há um problema em parte dos trabalhos empíricos que utilizam esse conceito: “A leitura dessas pesquisas indica que a disseminação do conceito e, mais

ainda, da expressão, parece acontecer sem igual preocupação em definir do que se está, de fato, falando” (Martino, 2019, p. 18).

É preciso fazer a distinção do uso do termo “mídiação” enquanto conceito e enquanto presença, cobertura ou veiculação (fenômeno) de temas correlatos à migração na mídia. Seguindo as indicações de Martino (2019) para delimitação do conceito, de forma a caracterizá-lo, mas sem pretensão de fechamento da discussão, tomamos a noção de articulação entre os sentidos midiáticos e o ambiente social como referência para análise das pesquisas que, de fato, utilizam a mídiação como conceito para reflexão sobre as migrações contemporâneas.

França (2020) propõe uma sistematização do conceito de mídiação e realiza a classificação dos autores e conceitos brasileiros e europeus com base em suas aproximações conceituais. Em comum, as teorias possuem a observação de um fenômeno inegável que se acentuou e se tornou evidente a partir do meio digital, que “revolucionou completamente a vida social, as formas de sociabilidade, o protagonismo individual, as práticas políticas, as intervenções corporativas” (França, 2020, p. 24) e também possuem a busca pela reflexão desse fenômeno, compreendê-lo em sua totalidade e o esforço epistêmico de compreensão do mundo. Nesse sentido, esta reflexão se dá de formas variadas, já que a própria diferença das realidades, culturas, economias e histórias sociais dos países levam à construção de saberes particulares, com pontos de vista diversos sobre fenômenos distintos.

Utilizamos, portanto, a sistematização de França para nossa análise bibliográfica. A autora assume o risco da “simplificação” da tentativa de agrupamento dos conceitos, no entanto, a proposta de França nos parece bastante adequada para compreensão do cenário atual das pesquisas em mídiação. Dessa forma, França (2020, p. 31-33) divide os autores entre as seguintes correntes:

Quadro 1 — Correntes teóricas da mídiação segundo França

Correntes europeias	Eixo teórico
Institucionalista	Estudo da lógica das mídias, sua institucionalização e sua influência em outras lógicas do mundo e suas instituições. As análises privilegiam a forma sobre o conteúdo.
Socioconstrutivista	Voltada às práticas de interação cotidianas, enraizada no interacionismo simbólico. Entende a mídiação como um metaprocessos de mudança cultural e da sociedade.

Tecnológica	Enraizada na semiótica e antropologia estrutural. Trata do domínio da cultura pelas tecnologias comunicativas e seus códigos.
Correntes brasileiras	Eixo teórico
Macroconceito descritivo	Midiatização enquanto descrição do fenômeno para identificar e descrever características do mundo contemporâneo.
Crítico-determinista	Macroconceito com implicações bem delimitadas. Mídia enquanto formatadora de pensamentos, sensibilidades e configuradora de um novo modo de vida.
Abordagem analítica-processual	Afirma mudanças intensas na vida social, em decorrência de alterações nos processos interacionais e incorporação das tecnologias comunicacionais.

Fonte: Elaboração própria a partir de França (2020).

1.2 Estudo exploratório: o estado da arte

Para o levantamento do estado da arte, a metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica (Stumpf, 2010, p.51), que se trata do "conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação dos documentos", com o objetivo de situar a pesquisa sobre os fenômenos comunicativos e midiáticos em relação aos fluxos migratórios. Dessa forma, a base de dados escolhida para a pesquisa foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A opção se baseou pela abrangência da biblioteca, que possui alcance nacional, e pelos recursos sofisticados de buscas e ferramentas de pesquisa. Ao todo, a BDTD concentra 489.130 mil dissertações e 175.881 teses, de 127 instituições de pesquisa brasileiras.

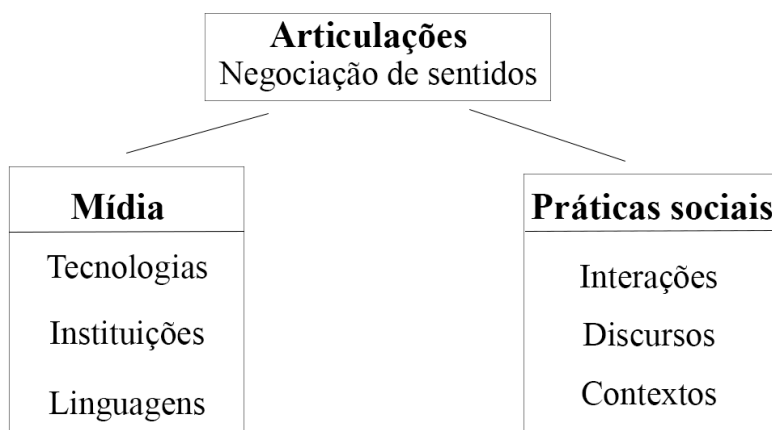
O primeiro procedimento adotado foi a busca por termos e palavras-chave. Em um momento inicial, houve a pesquisa apenas por títulos (fonte primária) com tais termos, e em seguida a busca foi feita por assunto (fonte secundária), ou seja, presente em resumos e por correlação terminológica, de acordo com orientação de Macedo (1994). Só foram selecionadas teses e dissertações brasileiras defendidas em programas de pós-graduação em Comunicação, de 2001 a 2021, considerando suas variações de nomenclaturas. Ao todo, foram encontradas sete teses de doutorado e 19 dissertações de mestrado, pesquisadas a partir dos seguintes

termos: “Comunicação e migrações”; “Comunicação e migração”; “Comunicação e imigração”; “Comunicação e imigrações”; “Comunicação e imigrante”; “Mídia e migrações”; “Mídia e migração”; “Mídia e imigração”; “Mídia e imigrações”; “Mídia e imigrante”; “Midiatização das migrações”; “Midiatização da migração”; “Midiatização das imigrações”; “Midiatização da imigração”; e “Midiatização do imigrante”.

Os termos que não tiveram resultado por título ou por assunto foram desconsiderados e excluídos das tabelas. A palavra “refúgio” e seus sinônimos que indicam “deslocamentos forçados” por motivos de guerras e demais conflitos não foram considerados, uma vez que se tratam de fenômeno específico que foge dos objetivos desta tese. Em seguida, foi feita a tabulação de todas as teses e dissertações, com a obtenção de dados por ano, região geográfica e programa de pós-graduação da defesa do trabalho. Estes dados quantitativos foram importantes para o mapeamento das investigações no Brasil e para situar a pesquisa brasileira no espaço e no tempo.

A quantidade de teses e dissertações encontradas permitiu análise qualitativa do material. Esta análise foi feita a partir dos resumos, capítulos teóricos e referências bibliográficas das pesquisas, tendo em vista encontrar diálogos, menções, interlocuções e aproximações teóricas ou metodológicas com as noções de midiatização apresentadas em suas diferentes correntes (Martino, 2021, p. 246). Além disso, buscamos classificar a corrente teórica predominante e a abordagem sobre a mídia presentes nos trabalhos, levando em conta a definição dos próprios autores nos resumos e nos capítulos teóricos. Aos artigos que utilizaram o termo “midiatização” e suas variantes, buscamos identificar a noção apresentada de acordo com o autor citado e relações criadas nas pesquisas a partir do esquema abaixo:

Quadro 2 — Elementos possíveis de um processo de midiatização segundo Martino



Fonte: Martino (2021).

Um outro procedimento metodológico adotado, a exemplo de Simões et. al. (2020), foi a busca, nas referências bibliográficas dos artigos citados, de autores brasileiros e europeus relacionados ao conceito de midiatização e suas distintas correntes teóricas. Para essa sistematização e classificação dos autores, optamos por utilizar como base o artigo de França (2020), com o objetivo de aferir se as teses e dissertações levantadas se aproximam de alguma forma com a chave hermenêutica dos autores fundadores e precursores das correntes existentes na atualidade. O quadro abaixo ilustra como a sistematização foi realizada:

Quadro 3 — Autores das teorias da midiatização e suas correntes

Correntes teóricas	Autores representantes
Europa do Norte: 1) Corrente institucionalista (lógica das mídias e interações com outras esferas) 2) Corrente Socioconstrutivista (práticas de interações cotidianas) 3) Tradição Tecnológica (afetações da cultura e sociedade pelas tecnologias e códigos comunicativos)	Andreas Hepp, Stig Hjarvard, Friedrich Krotz, Winfried Schulz e Jesper Stromback
Brasil/latinos: 1) Corrente Macroconceito Descritivo (nomeação e descrição do fenômeno; premissa) 2) Corrente Crítico-determinista (estruturante de um novo modo de vida) 3) Corrente Analítica-processual (mudanças intensas na vida social)	Muniz Sodré, José Luiz Braga, Pedro Gomes, Fausto Neto e Eliseo Verón

Fonte: Elaboração própria a partir de França (2020).

A primeira etapa consistiu no levantamento de teses e dissertações na plataforma da BDTD, com a busca dos termos apontados na metodologia entre os anos de 2001 e 2021. Em levantamento quantitativo, obtivemos 26 trabalhos, sendo que oito possuíam as palavras-chave nos títulos e 18 apareciam apenas quando pesquisados por assunto. Os termos que mais renderam resultados de busca foram “Comunicação e migrações” e “Mídia e migração”. A combinação de “mídia e migrações” rendeu apenas um resultado, ainda que a articulação com essa teoria seja visível em mais trabalhos analisados. Curiosamente, o trabalho que possui “mídia e migração” no título é um dos mais antigos e data o ano de 2006. Inicialmente, pensamos que a utilização do termo na dissertação seria de forma externa à teoria, utilizando-o com outros sentidos, como “cobertura midiática” ou a presença de alguma mensagem na mídia (uso comum do termo em outros trabalhos). No entanto, o trabalho efetivamente articula conceitos de mídia e migração, que à época ainda eram incipientes, citando autores e buscando descrever a mídia e migração enquanto fenômeno e enquanto conceito.

Tabela 1 — Levantamento de teses e dissertações por termo de busca

Termos de busca	Quantidade (busca por título)	Quantidade (busca por assunto)	Total
Comunicação e migrações	1	6	7
Comunicação e imigração	0	2	2
Comunicação e imigrantes	1	2	3
Mídia e migrações	2	0	2
Mídia e migração	2	3	5
Mídia e imigração	0	2	2
Mídia e imigrações	0	1	1
Mídia e imigrante	1	1	2
Mídia e migrações	1	0	1
Mídia e imigração	0	1	1
Total			26

Fonte: elaboração própria.

Com relação ao ano de publicação, notamos certa distribuição, sem grandes concentrações em determinadas épocas ou períodos específicos. Não há um crescimento de interesse na temática nos últimos anos, mantendo-se as pesquisas estáveis. Também notamos que, com exceções pontuais, os trabalhos são ligados a linhas de pesquisa específicas, com destaque à Prof. Dra. Denise Cogo, que aparece frequentemente como orientadora ou banca avaliadora nas pesquisas da área, sendo a principal referência brasileira nas pesquisas entre mídia e migrações. Mesmo nos casos em que não aparece como orientadora, é utilizada frequentemente como referencial teórico. O estudo também mostra a sólida trajetória da professora, que marca presença em três universidades distintas e com importantes trabalhos para o campo, em diferentes épocas e com variados objetos de pesquisa.

Tabela 2 — Levantamento de teses e dissertações por ano de publicação

Ano de publicação	Quantidade
2021	1
2020	3
2019	1
2018	2
2017	3
2016	3
2014	1
2012	3
2010	3
2009	1
2007	2
2006	1
2005	1

Fonte: elaboração própria.

A concentração das pesquisas no eixo centro-sul do Brasil, notadamente nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, revela que há um campo fértil e pouco explorado no país. As recentes questões migratórias enfrentadas pelo Brasil, que viu seus fluxos migratórios se intensificarem nos últimos anos, especialmente de imigrantes haitianos (Cogo, 2018) e venezuelanos (Cogo et. al., 2021), mostram que o tema está longe de ser esgotado. Especialmente na região norte, na fronteira com a Venezuela, que é porta de entrada de parte dos imigrantes, é importante que as questões especificamente comunicacionais (Signates, 2019) desses processos sejam investigadas a partir de perspectivas regionais.

Apesar de revelar dois grandes polos de investigação, os dados mostram uma concentração de produções científicas que vai de encontro com a necessidade de diversidade de abordagens, perspectivas, recortes e intersecções necessárias à análise dos objetos em Ciências Humanas e Sociais. Neste sentido, apontamos para a necessidade de descentralização dos estudos em mídia e migração, de forma a enriquecer esse campo, cada vez mais imprescindível para a compreensão do mundo contemporâneo.

Tabela 3 — Levantamento das teses e dissertações por Região e UF

Região	UF	Quantidade
Norte	PA	1
Sudeste	MG	1
Sudeste	RJ	1
Sudeste	SP	11
Sul	PR	3
Sul	RS	9

A questão também se mostra ao observarmos a concentração de trabalhos por Instituição de Ensino Superior (IES). Aqui observa-se uma predominância das instituições privadas, responsáveis por mais da metade das produções. A instituição com maior número de trabalhos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), é também a instituição de uma forte linha de pesquisa em midiatização, liderada pelos professores José Luiz Braga, Pedro Gomes e Fausto Neto. É dessa instituição

que as principais articulações, ainda que tímidas, entre os conceitos da midiatização são feitas com os fenômenos migratórios.

Tabela 4 — Levantamento das teses e dissertações por IES

IES	Quantidade
Unisinos	6
ESPM	4
PUC/RS	1
UFPR	2
UEPG	1
USP	1
Universidade Metodista de São Paulo	2
UFABC	1
PUC/SP	3
UERJ	1
UFJF	1
UFSM	2
UFPA	1

Fonte: elaboração própria.

A análise dos resultados referentes à presença dos conceitos e autores da midiatização nas teses e dissertações mostram que, em quase nenhum caso, essas teorias são usadas como chave conceitual e epistemológica de interpretação dos fenômenos migratórios. Nossa pesquisa aponta para o uso da midiatização muito mais como fenômeno contemporâneo do que como chave conceitual ou epistemológica das teorias da comunicação. Mesmo enquanto fenômeno, há pouca articulação entre os autores em busca de densidade conceitual, já que a midiatização fica ofuscada por outras teorias e epistemologias. Com exceção de poucos trabalhos, há uma predominância dos estudos culturais e dos estudos de representação midiática e, quando observados pela ótica latina, as mediações culturais de Martin-Barbero possuem a preferência. Os estudos de recepção e do uso das redes sociais por grupos imigrantes também apareceram, ainda que com frequência menor.

Ainda assim, os autores relacionados à teoria da midiatização por França (2020) aparecem frequentemente, já que são referências brasileiras no campo da Comunicação, com destaque à obra “Antropológica do Espelho”, de Muniz Sodré (2002). No entanto, não há a articulação desses autores e há pouca ou nenhuma articulação epistemológica nos trabalhos, relacionando teorias, escolas e correntes das Teorias da Comunicação. Dentre todos os trabalhos, apenas um autor europeu foi citado, Stig Hjarvard, que se preocupou com a articulação dos conceitos de midiatização em perspectiva europeia e latina. Nos demais, há a completa ausência desses autores europeus na explicação dos fenômenos midiáticos. Nesse sentido, consideramos tímida a articulação entre a midiatização e as migrações nos trabalhos analisados.

Portanto, como resultado dessa investigação, nota-se a carência das articulações conceituais das Teorias da Midiatização nos estudos sobre migração. Essa carência não implica, no entanto, na ausência total desse conceito nas pesquisas, mas sim, em um debate ainda muito incipiente e com terreno fértil para seu desenvolvimento. A exemplo de Martino (2019), os resultados obtidos apontam o uso do termo “midiatização” e suas variantes, sem a preocupação de conceituar ou discutir sobre aquilo que está sendo falado.

Quadro 4 — A presença dos conceitos e autores de midiatização nas teses e dissertações

Título	Visão de mídia utilizada na pesquisa	Referências bibliográficas (dos autores relacionados às Teorias da Midiatização)	Uso do termo “midiatização” no trabalho
Mídia e diáspora venezuelana: recepção dos leitores sobre a migração no G1 Roraima	Estudo de recepção/mediações culturais/estudos culturais	Muniz Sodré (2002) - Antropológica do espelho; José Luiz Braga (2015) - O grau zero da comunicação; Fausto Neto (2002) - Sujeito, o lado oculto do receptor; Eliseo Verón (1997) - Esquema para el análisis de la mediatización	Ligado à tecnologia, conectividade e às práticas sociais e culturais cotidianas; uma aparição

Representações sociais, mídia e violência: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio dos websites da Folha de Boa Vista e Folha de S. Paulo	Representações sociais	Eliseo Verón (2004) - Fragmentos de um tecido	Articula timidamente o conceito de midiatização, e sem recorrer aos autores formuladores do conceito. O termo "midiatização" aparece uma vez, ligada à reformulação das vivências e da experiência. "Midiatizada" aparece quatro vezes, articulando sobre a "cultura midiatizada"
Identidades em trânsito na narrativa jornalística: percepções dos deslocamentos contemporâneos de turistas e migrantes	Representação midiática/estudos culturais	Muniz Sodré (2002) - Antropológica do Espelho	Contextualiza o termo "midiatização" por Muniz Sodré enquanto "virtualização das realidades humanas"; quatro aparições
Comunicação e cidade: migrações cearenses no Rio de Janeiro	Representação midiática/estudos culturais/processo cultural	Nenhuma referência	Não há menção ao termo
Retratos da migração transnacional na cidade de São Paulo: um estudo sobre o consumo imagético da exposição fotográfica "Somos Todos Imigrantes"	Produção e recepção midiática/visibilidade	Nenhuma referência	Não há menção ao termo
Comunicação, representações e migração feminina: um estudo de caso do grupo de rappers bolivianas Santa Mala	Representações sociais/estudos culturais	Nenhuma referência	Menciona o termo "sociedade midiatizada" para se referir ao indivíduo que é "interpelado pelo mundo mediado" e "produtor de informação", e também afirma que "somos constituídos pelo consumo da mídia"; não há menção ao termo “midiatização”

Comunicação e narrativas de uma imigrante nordestina em São Paulo no contexto do coletivo teatral Estopô Balaio	Estudos culturais/recepção	Nenhuma referência	Usa o termo circulação "mediatizada" em referência à cobertura midiática de uma mensagem; não há menção ao termo "mediatização"
Dinâmicas comunicacionais de (in) visibilidade na experiência de refugiadas/os e imigrantes LGBTQ+ nas cidades de São Paulo e Barcelona	Visibilidade midiática/estudos culturais	Braga (2011b) - Constituição do Campo da Comunicação	Utiliza o termo "conjuntura mediatizada" em associação à presença das tecnologias de informação e comunicação. Utiliza o termo "mediatização" para se referir à presença da televisão na história brasileira; há uma menção ao termo "mediatização"
Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul	Estudos culturais/semiótica	Sodré (1986) - Técnicas de reportagem	Não há menção ao termo
Em casa fora de casa: estratégias comunicacionais na construção do sentido de pertença	Estudos culturais/convergência	Nenhuma referência	Usa o termo "signos mediatizados" para se referir aos processos de significação que constroem identidades
Paisagens e imagens em trânsito: os bolivianos no Exílio paulistano	Estudos culturais/antropologia da imagem	Muniz Sodré (2003) - O globalismo como Barbárie; (2018) - A sabedoria frente a economia;	Não há menção ao termo
Imigrantes no discurso jornalístico: quem são eles?	Representações sociais/linguística	Nenhuma referência	Não há menção ao termo

Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada	Representações/estudos culturais	Eliseo Verón (2004) - Fragmentos de um tecido	Não há menção ao termo
MÍDIA ÉTNICA: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS PARA MIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS	Representações/informação/estudos do jornalismo	Nenhuma referência	Não há menção ao termo
A identidade cultural como fator de integração. Comunicação, história, cultura e memória na hibridação dos itálicos no Brasil	Estudos culturais	Nenhuma referência	Não há menção ao termo
Mídia imigrante e memória: estudo das representações sobre a morte a partir dos obituários do jornal ucraniano Prácia	Representações sociais	Nenhuma referência	Não há menção ao termo
O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território	Estudos culturais/midiatização	Stig Hjarvard (2015) - Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias; Muniz Sodré (2005) - Por um conceito de minorias; Braga (2006) - A sociedade enfrenta sua mídia; (2009) - Midiatização: a complexidade de um novo processo social;	O termo "midiatização" é mencionado 86 vezes, "midiatizada", 32 vezes e "midiatizado", 16 vezes. Faz uma longa discussão acerca do conceito, especialmente sobre a obra de José Luiz Braga. A articulação com os europeus existe, mas é tímida

		(2011a) - A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões; (2011b) Constituição do campo da Comunicação (2012) - Circuitos versus campos sociais	
Identidade polono-brasileira em São Mateus do Sul - PR: processos comunicativos de expressão étnica tecidos em família	Mediações culturais/identidades	Nenhuma referência	Termo "sociedade midiaticizada" é mencionado uma vez, com relação à memória coletiva na construção da identidade, destacando o papel da mídia na formação da identidade étnica
Mídia virtual e a diáspora brasileira: a identidade nacional retratada em sites para expatriados	Identidades culturais	Sodré (2010) - Sobre a identidade brasileira	Não há menção ao termo
Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais online	Estudos culturais	Sodré (1999) - Claros e escuros	Termo "midiaticizadas" aparece uma vez como sinônimo de "questões midiáticas"
Mídias e migrações: a representação de si e a representação midiática da identidade senegalesa em diáspora	Mídia enquanto "espaço"/representação midiática	Muniz Sodré (1992) - O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia; (1999) - Claros e Escuros; (2003) - Globalismo como neobarbárie	Não há menção ao termo

Mediatização das migrações contemporâneas: a cobertura noticiosa do Jornal Nacional e sua recepção por imigrantes residentes em Porto Alegre	Estudos culturais/mediações	Muniz Sodré (2001) - Bios midiático: um novo sistema conceitual no campo da comunicação; (2002) - Antropológica do Espelho; Pedro Gomes (2001) - Televisão, escola e juventude; Fausto Neto (1999) - Cartografia dos estudos culturais; Fausto Neto (1995) - A deflagração do sentido: estratégia de produção e da captura da recepção; Eliseo Verón (1997) - Esquema para el análisis de la mediatización	O termo "mediatização" é mencionado 88 vezes. O termo "mediatizada" é encontrado 11 vezes. Apesar da defesa da dissertação em 2006, há intensa articulação com o conceito de "mediatização", que à época ainda estava incipiente. O autor de fato busca compreender o fenômeno das migrações à luz dos processos de mediatização sob ótica latina
Fotografias que revelam imagem da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias	Representações sociais/semiótica	Muniz Sodré (2002) - Antropológica do Espelho; Braga (2000) - Interatividade e recepção; Braga (2004) - Os estudos de interface como construção do campo da comunicação; Pedro Gomes (2004) - Tópicos de teoria da comunicação	Utiliza o termo "mediatização" uma vez para defender que o processo comunicativo não se resume à relação entre emissor e receptor. Usa o termo "mediatizada" para se referir à presença de representações na mídia
Brasileiros na Espanha: internet, migrações transnacionais e redes sociais	Redes sociais/uso das redes	Pedro Gomes (2004) - Tópicos de teoria da comunicação	Cita o termo "mediatização" uma vez para se referir a uma nova estruturação das práticas sociais a partir da mídia
Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana	Redes sociais/uso das redes	Muniz Sodré (2002) - Antropológica do espelho; Pedro Gomes (1998) - O adolescente e a televisão; Braga (2000) - Interação e recepção; Eliseo Verón (1997) - Esquema para el análisis de la mediatización	Termo "mediatização" aparece duas vezes para se referir à centralidade da mídia nos processos sociais contemporâneos. Dialoga com o conceito e articula autores da mediatização

Recepção midiática e migrações contemporâneas: usos de mídias e sentidos sobre o trabalho entre migrantes na região sul do Brasil	Estudos de recepção/uso da mídia	Eliseo Verón (1992) - Interfaces sobre la democracia audiovisual evolucionada	Utiliza o termo midiatização uma vez como citação de outro autor, sem conceituar ou desenvolver
Usos da internet na atuação de movimentos sociais em rede: um estudo sobre o fórum social mundial das migrações	Estudos de recepção/uso da mídia	Nenhuma referência	Não há menção ao termo

Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito às articulações entre midiatização e migrações, sabe-se que as “estratégias de midiatização dos processos migratórios contemporâneos e das falas imigrantes no contexto brasileiro” foi objeto de linha de pesquisa liderada pela Prof. Dra. Denise Cogo, em 2004. Ou seja, apesar das poucas articulações observadas entre esses conceitos nos levantamentos propostos pelas pesquisas, elas não são inexistentes. No entanto, a temática da midiatização viu, nos últimos anos, a consolidação inegável enquanto conceito integrante das Teorias da Comunicação, possuindo escolas e correntes distintas no Brasil, América Latina e Europa, sendo uma importante chave de compreensão dos fenômenos migratórios contemporâneos, que também se intensificam no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, a compreensão dos componentes especificamente comunicacionais (Signates, 2019) nos processos contemporâneos da atualidade, sob as diversas correntes das teorias da midiatização, nos diversos estados federativos brasileiros, contextos e realidades migratórias, se mostra terreno fértil para a pesquisa científica, tanto para a compreensão do fenômeno da midiatização em si quanto para a compreensão dos fenômenos migratórios frente a uma realidade complexa, em que os processos sociais se configuram a partir de lógicas midiáticas de interação em uma esfera pública midiatizada.

Há uma profunda (e pouco explorada) diferença em compreender o especificamente midiático no fenômeno dos fluxos migratórios enquanto “ferramenta” ou designando à mídia um “papel” de “representação” dos migrantes e processos migratórios, ou ainda enquanto inseridos na lógica das sociedades midiáticas e suas diversas chaves de leitura da realidade. Não raro, a primeira leva a uma perspectiva midiacêntrica (Martino, 2021), conferindo à mídia relações de causa e efeito em acontecimentos da realidade. Não advogamos, com isso, contra a importância da variedade teórica, conceitual e metodológica necessária aos estudos da Comunicação e análise dos fenômenos migratórios. As próprias Teorias da Midiatização são plurais, descentralizadas e com correntes distintas, preocupadas com elementos diversos.

Portanto, este capítulo foi essencial para definir a “espinha dorsal” de como a questão migratória poderia ser abordada em conjunto com as teorias da midiatização, os estudos em representações sociais e esfera pública, bem como para a parte empírica que se sucedeu.

2 TÔNICAS DE UMA ESFERA PÚBLICA MIDIATIZADA

Este capítulo busca refletir sobre a midiatização em seu processo interacional, privilegiando as teorias brasileiras no esforço de articulá-las com as noções de esfera pública, levando em conta características e particularidades dos fenômenos sociais e políticos contemporâneos. Defendemos que são conceitos complementares, uma vez que a esfera pública habermasiana tem como estrutura conceitual a Teoria da Ação Comunicativa, com destaque às interações sociais, negociações de sentido e troca pública de argumentos que sustentam a formação da opinião e legitimam o exercício do poder (Habermas, 2006; Marques, 2008; Maia, 2008), ao passo que os estudos em midiatização no Brasil se dedicam a compreender o especificamente comunicativo (Signates, 2019) nos processos interativos das práticas sociais contemporâneas.

A esfera pública é o espaço em que os assuntos de interesse coletivo são discutidos racionalmente entre os sujeitos de uma sociedade. Desde o princípio da teoria habermasiana (que passa por reformulações ao longo do tempo), os meios de comunicação ocupam papel privilegiado. A mudança nos meios de comunicação para Habermas em “Mudança Estrutural da Esfera Pública” é o cerne da mudança da estrutura da esfera pública (Habermas, 2014), sendo que a tensão entre o sistema midiático e a conversação cotidiana permeia constantemente o fenômeno descrito pelo autor (Marques Martino, 2022). Inicialmente, um incipiente jornalismo abastecia a esfera pública burguesa na Europa dos séculos XVII e XVIII, onde sujeitos racionais discutiam livremente sobre as questões públicas. A opinião pública era formada pelo exercício discursivo e argumentativo responsável por legitimar o poder político. A massificação dos meios de comunicação devido ao desenvolvimento tecnológico, nomeadamente com o surgimento do rádio e da TV, seriam responsáveis pela decadência da esfera pública, pois fabricariam um consenso submetido aos interesses do mercado via persuasão (Gomes, 2008). Segundo Marques (2008, p. 24):

[Habermas] destaca que, no início da revolução burguesa, a imprensa tinha o papel de mediar e estimular o uso que as “pessoas privadas”, reunidas em um público, faziam de sua razão. Posteriormente, os meios de comunicação passaram a condicionar essa troca e a “fabricar” uma opinião “não-pública” cuja origem não é o processo de troca pública de razões, mas o resultado da imposição de vontades particulares .

Este processo, para Habermas, significaria a decadência da esfera pública, cujo responsável seria o sistema midiático mercadológico. No entanto, conforme já adiantamos, a obra de Habermas passa pelas reformulações expressas no prefácio de “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, de 1990. Em primeiro lugar, a partir da tradução para o inglês, a noção de “esfera pública” ganha um novo sentido, incluindo a noção de ação comunicativa e a percepção de que a mudança no sistema midiático não significa o fim da esfera pública. É nesse momento que “esfera pública” ganha a dimensão contemporânea. Segundo Gomes (2008, p. 55): “a esfera pública, entretanto, antes que o domínio a que é pertinente tudo aquilo que é público, acaba sendo entendida como arena pública, o locus onde se processa a conversa aberta sobre os temas de interesse comum, o espaço público”. Na reformulação, Habermas se afasta da Teoria Crítica e se aproxima das Teorias Linguísticas e da Democracia contemporânea no esforço de compreender os processos de trocas simbólicas entre o centro e as periferias do poder (Mattelart; Mattelart, 2011). Habermas abandona a noção de um “receptor” passivo, vítima de persuasão de um sistema midiático comercial. Há o reconhecimento de que a esfera pública é constituída de dois processos distintos e complementares: os fluxos comunicativos trocados entre os cidadãos para o entendimento político e a força exercida pela mídia para “produção da lealdade e influenciar as preferências de consumo” (Avritzer; Costa, 2004, p. 709). A consequência é a noção das trocas discursivas e argumentativas, que são norteadas por princípios deliberativos necessários à caracterização de um espaço de discussão enquanto esfera pública.

Quando os fluxos comunicativos gerados nos ‘microdomínios da prática cotidiana’ extrapolam as fronteiras das esferas públicas autônomas, eles podem ter acesso às instâncias deliberativas previstas na ordem democrática e, finalmente, influir nas decisões aí tomadas (Costa, 1995, p. 56).

O sistema midiático, em um primeiro momento visto como responsável pelo declínio da esfera pública, é entendido como necessário à visibilidade e publicização de questões de interesse público e do compartilhamento comum de uma base de razões argumentativas disponível a todos. Para isso, seria preciso assegurar a diversidade de meios de comunicação de massa independentes, “assim como um amplo acesso de audiências massivas inclusivas à esfera pública” (Habermas, 2006, p. 10). Se estamos atravessando uma nova realidade midiática, cuja midiatização da

sociedade faz parte da própria vida cotidiana como uma extensão do próprio indivíduo, a reflexão sobre essa configuração contemporânea de esfera pública se faz imperativa. O sistema de mídia de massa caracteriza-se por uma forte hegemonia cultural que hoje é substituída por várias “bolhas” polarizadas que coexistem e se chocam no espaço público. Bolhas que sempre existiram, mas que agora são reforçadas pela lógica das redes sociais e pela dissolução de parâmetros comuns públicos, igualmente disponíveis a todos e que funcionam como “paradigmas universais” comuns.

Segundo Braga (2006, p. 27): “os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura”. Assim, a compreensão teórica das características de uma “esfera pública midiaticizada” é o eixo central da reflexão proposta. Trata-se, portanto, da mobilização de conceitos e fenômenos para caracterizar a esfera pública midiaticizada, com atenção especial ao papel das redes sociais e dos algoritmos, da formação da polarização e crise democrática e levando em conta a questão das representações sociais, das emoções e das narrativas sobre o migrante na contemporaneidade. Segundo Ferreira (2020):

O algoritmo é, antes de tudo, um signo – que articula regras e operações inferenciais agenciadoras de conteúdo, programações, interações e indexações (Ferreira, 2020). Os algoritmos, no contemporâneo, passam a constituir os meios dos meios – agenciando os meios de conteúdo, programação, indexação e interação (Ferreira, 2019). As dimensões técnicas (linguagens especificamente computacionais, por exemplo) e tecnológicas são subordinadas a essas regras e operações inferenciais – que são apropriações dos algoritmos da cultura e da natureza (Ferreira, 2020, p. 278).

Se admitirmos que estamos nos referindo ao mesmo processo de interação mediado, seja pela perspectiva da esfera pública com a ação comunicativa ou pela chave da midiaticização com os fluxos interacionais de circulação de sentidos (Braga, 2012), é necessário reconhecer a existência de uma “esfera pública midiaticizada”, pensada a partir da contribuição das duas linhas e seus autores. É precisamente este esforço teórico que buscamos desenvolver neste capítulo.

O grande elo que aproxima tais correntes é a questão da interação social e a dinâmica da circulação, que ganha moldes particulares na contemporaneidade. A arquitetura comunicativa das sociedades midiaticizadas pressupõe que os sentidos produzidos cheguem por meio dos dispositivos tecno-midiáticos em moldes de

circulação, com a criação, significação e ressignificação de sentidos complexos (Fausto Neto, 2020). Essa dinâmica diz respeito aos modos contemporâneos com que as trocas argumentativas e a negociação de sentidos, que caracterizam a formação da opinião e o processo deliberativo, acontecem na esfera pública contemporânea. Ou seja, a discussão que pretendemos levantar diz respeito à configuração do espaço público enquanto virtualidade, e às matrizes comunicativas e midiáticas destes fenômenos situados no contexto político e econômico do neoliberalismo e suas consequências. Em sua noção de “circuitos midiáticos”, Braga (2012) explica como se dá o processo de circulação.

[...] os ritmos da circulação se encontram modulados por articulações diversas possíveis entre as táticas da instantaneidade que procuram abreviar o tempo de acesso e de circulação; e as táticas de acervo, voltadas para a permanência e para a recuperação. O fato de que os circuitos em desenvolvimento tenham a tendência assinalada, de “atravessar” os campos sociais estabelecidos – mesmo quando o ponto de origem de um circuito é um desses campos, como, por exemplo, o educacional –, leva a uma espécie de “recontextualização”. As referências habituais se encontram deslocadas ou complementadas por referências menos habituais – fazendo com que os próprios circuitos em desenvolvimento elaborem e explicitem os contextos requeridos para atribuição de sentidos aos produtos e falas que circulam (Braga, 2012, p. 49).

O processo de circulação segundo Braga ocorre por meio de “dispositivos” de interação, que são espécies de pontapés de partida para que haja o processo de negociação de sentidos. A ação comunicativa que ocorre, para Habermas (2003), no mundo da vida. Trata-se do esforço comunicativo entre sujeitos em busca da significação do mundo em um processo intersubjetivo de apreensão e interpretação da realidade. No entanto, o próprio autor assume que tais práticas estão subordinadas ao contexto em que ocorrem, uma vez que a interpretação está sujeita às condições e referências anteriores ao ato comunicativo. O mundo da vida, entendido por Habermas como o espaço social e tempo histórico composto pela sociedade, cultura e indivíduo (Habermas, 2003), hoje, é o mundo da sociedade em mediatização e, dessa forma, é preciso pensar como se estabelece a ação comunicativa frente às novas arenas e dispositivos interacionais.

Como uma esfera pública em rede, a internet surge com fortes expectativas enquanto espaço democrático, com possibilidade de quebra da hegemonia da mídia de massa e comunicação direta entre os atores sociais. Utilizando manifestações populares organizadas em rede como cenário empírico de suas pesquisas, autores

como Castells (2013) descreveram a internet como um espaço de transformação social, locus de catalisadores de mudanças e fortalecimentos democráticos. Apesar da análise profunda sobre os fenômenos, o autor perdeu de vista que muitos desses movimentos não eram espontâneos e que em muitos momentos serviam como forma de ataque à própria democracia, às instituições e às liberdades. Levy (2003), considerado otimista, é responsável por conceituar o “ciberespaço” e traz noções como a de “inteligência coletiva” para descrever um processo colaborativo incessante de produção de conhecimento e os aspectos positivos de uma nova modalidade de comunicação em rede na virtualidade. A inteligência coletiva “(...) caracteriza-se, de saída, pela diversidade qualitativa entre seus componentes e pela expansão contínua por conta da articulação e troca constantes que o transformam e adaptam a novos contextos” (Martino, 2014, p. 31).

A inteligência coletiva característica do ciberespaço em Levy poderia ser entendida como uma versão virtual de esfera pública, na qual sujeitos conectados compartilham e produzem conhecimento sobre todos os aspectos da vida humana. As possibilidades desaguaram em uma “ciberdemocracia”, de forma a promover uma mudança significativa na cidadania mundial, ao permitir e promover experiências de organização política descentralizadas e flexíveis. A rede seria um “(...) cérebro gigante no qual, por toda parte, vão se iluminando diferentes conjuntos de neurônios, decidindo-se por voto eletrônico qualquer questão relativa ao direito” (Lévy, 2004, p. 10). O caráter emancipador das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e das redes sociais foi supervalorizado na obra de Castells e Levy e trouxe problemas mais complexos do que o que se poderia prever, mesmo pelos autores considerados pessimistas, especialmente nos processos de interação mediados pelos algoritmos e no que se refere a como os conteúdos circulam nas redes sociais.

Os processos interacionais da esfera pública midiaticizada consistem exatamente na relação entre o Eu e o Outro, o indivíduo e a sociedade, o meio e a mensagem. A algoritmização do mundo da vida, em que as interações são determinadas pela lógica das Big Techs e seus interesses comerciais e de exercício do poder, significam também a algoritmização dos processos sociais e do que está culturalmente disponível a ser negociado em termos comunicativos. Este fenômeno é regido sob a égide neoliberal, que dissolve a fronteira das esferas, produzindo o que se chama de “colapso de contextos” (Cesarino, 2021). Esse momento de “crise

de paradigma” (Kuhn, 2017) afeta as estruturas da modernidade, desestabilizando tudo aquilo que é ancorado no projeto moderno, como é o caso das democracias, do liberalismo, da racionalidade e dos veículos de mídia, especialmente o jornalismo comercial.

Neste cenário, a questão do que é aceito como “verdade” e como conhecimento é uma discussão densa e especialmente afetada pela chamada “crise de contextos”, desencadeando fenômenos como a explosão de Fake News, desinformação, infodemia e demais processos que estão sendo estudados com afinco desde a eleição de Donald Trump, Jair Bolsonaro e outros líderes da extrema-direita e com grande profundidade desde a pandemia e os negacionismos subsequentes. A guerra identitária e os processos complexos de divisão, polarização e conflitos sociais tem na noção de “Guerra Híbrida” uma das chaves de compreensão, que buscaremos desenvolver mais a frente. Tais características da sociedade midiaticizada são relativamente novas, estão se evidenciando com maior nitidez nos últimos anos e sendo pouco a pouco exploradas pelas pesquisas acadêmicas.

Dessa forma, a esfera pública midiaticizada está, ao nosso ver, relacionada à construção simbólica dos sujeitos a partir das representações e sentidos produzidos e que operam segundo lógicas midiáticas. Trata-se do compartilhamento cultural a partir das trocas simbólicas provenientes das interações que caracterizam a ação comunicativa. Nesse sentido, as construções da representação social sobre a realidade, segundo Barros (2012), dão sustentação à consciência e à construção de identidades de modo a serem “atravessadas por interações midiaticizadas que integram a estrutura social” (Barros, 2012, p. 85). Sodré (2002) propôs a midiaticização “pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial”. A midiaticização também pode ser pensada do ponto de vista das instituições, que passam a atuar a partir de lógicas midiáticas que diminuem a importância da realidade objetiva (Stromback, 2008). Este processo, no entanto, raramente é orgânico e é mediado pela lógica algorítmica das redes, atendendo aos interesses econômicos das Big Techs. A seguir, buscamos compreender as diversas tônicas que atravessam a noção de esfera pública midiaticizada, tanto do ponto de vista conceitual, quanto dos fenômenos contemporâneos que se articulam em processos midiaticizados complexos.

2.1 Esfera pública em xeque

Nossa articulação de esfera pública midiaticizada passa pela noção de “Guerra Híbrida” em Leiner (2020) e Korybko (2018), na tentativa de compreender os processos de polarização e divisão social que acometem grande parte das sociedades contemporâneas, fragilizando as democracias, estimulando o ódio, a intolerância e os conflitos sociais. São formas sofisticadas de manipulação, guerras de sentido e operações psicológicas que só podem existir no contexto da globalização neoliberal e do domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação por grupos privados com interesses políticos e econômicos.

O conceito de Guerra Híbrida tem origem militar e foi apresentado pela primeira vez por Hoffman (2007, p. 08), que se baseou na experiência do 11 de Setembro para defini-la como “ameaças que incorporam uma gama de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas incluindo violência e coerção indiscriminadas e desordem criminal”. As guerras híbridas podem ser entendidas como formas de guerra indireta, sem enfrentamento aberto, caracterizadas pela “diluição entre guerra e política” (Leiner, 2020, p. 17) em um processo também de guerra informacional, em conjunto com outros fatores, nomeadamente ataques econômicos, lawfare e indução a divisões sociais. Estes processos são caracterizados pela fluidez, descentralização e assimetria, com enfoque em operações psicológicas e processos de fabricação da opinião pública de forma implícita e gradativa, em que uma teia de significados e sentidos são produzidos e difundidos de forma a criar desestabilização política, trocas de lideranças e manutenção de interesses de seus agentes. A esfera pública midiaticizada é, atualmente, uma esfera pública em guerra híbrida.

Korybko (2018) afirma que “a teoria do caos” é norteadora do processo de guerra da informação. Segundo esta lógica, é possível prever padrões em dinâmicas sociais não lineares e em ambientes em constante transformação de acordo com certas variáveis. O ponto aqui é mudar “a energia do conflito dos atores sociais”, de forma a embutir valores e crenças como “vírus de sentido” que contaminam aquele grupo com ideias e ideologias para direcioná-los de acordo com seus próprios interesses. Esse “vírus de sentido”, segundo o autor, é então espalhado para outras pessoas, criando um “enxame” e posterior convulsão social. Um grande exemplo dessa estratégia é a “virada ideológica” das manifestações de junho de 2013,

iniciados como protesto contra o transporte em São Paulo, mas cooptados por grupos de outras ideologias e interesses e transformados em espaços de disputa que promoveram o esvaziamento da causa original e tornaram-se massa de manobra para interesses que nada tinham a ver com as primeiras reivindicações (Machado; Miskolci, 2019) e que contribuíram para a desestabilização do governo de Dilma Rousseff nos anos posteriores.

Assim, a partir de estratégias comunicativas, a Guerra Híbrida promove a desestabilização institucional criando confusão social, produzindo instabilidade política a partir do medo e da mobilização dos afetos (Castro, 2020). Para que este objetivo seja atingido, é preciso disputar a hegemonia no campo da mídia. Um conceito que evidencia o caráter midiaticizado da Guerra Híbrida é o de “guerras sociais em rede”. Korybko (2018) cita a obra “The Advent of Netwar”, publicada por John Arquilla e David Ronfeldt (2001) para explicar o fenômeno como um “novo tipo de conflito social no horizonte, no qual redes ‘sem líderes’ compostas principalmente por atores desvinculados do Estado se aproveitariam da revolução da informação (isto é, da Internet) para travar uma luta amorfa de baixa intensidade contra o Establishment” (Korybko, 2018, p. 53).

Arquilla e Ronfeldt (1993, p. 144) destacam que a distinção desta modalidade de guerra reside justamente no direcionamento e domínio das informações e comunicações, de modo a “perturbar, deteriorar ou modificar o que uma população-alvo sabe ou pensa que sabe sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor”. Trata-se da guerra de informação em rede, descentralizada, sem liderança, que acontece de maneira dispersa em “operações de informação” e “administração das percepções”. Nesse tipo de operação, os atores não precisam de hierarquias e comandantes, porque já sabem o que precisa ser feito: confundir crenças, criar percepções, manipular informações, direcionar a cultura de forma a criar climas conspiratórios, teorias inverídicas e construir inimigos.

Quanto menos evidentes forem os serviços de inteligência que atuam na Guerra Híbrida, no ambiente virtual e nas ruas, mais eficaz será o sucesso dos seus promotores. De modo automatizado, observamos a presença massiva e dissimulada de propagandas e narrativas que pretendem manipular a dinâmica e o discurso político. Redes sociais e aplicativos diversos são utilizados para desinformar, propagar notícias falsas, realizar ataques negacionistas e influenciar a esfera pública. Essas ferramentas constantemente “são capitalizadas para explorar as

contradições e divisões na sociedade e, eventualmente, tornar ganhos políticos” (Yan, 2020, p. 13).

A tônica da Guerra Híbrida é complexa e extrapola o âmbito dos estudos em Comunicação. Interessa a nós caracterizar o especificamente comunicacional neste processo, com ênfase em mecanismos não orgânicos que promovem a dissolução da esfera pública enquanto espaço de democracia. Nesse sentido, compreender o processo de formação das bolhas ideológicas, de contrapúblicos e a desarticulação da esfera pública enquanto espaço democrático é de suma importância. Identificamos nesta noção um ponto muito importante da dinâmica das “sociedades profundamente divididas” e do ambiente que encontramos no cenário empírico desta tese, nomeadamente a questão migratória em Portugal e o crescimento da intolerância e do discurso anti-imigração. Ao nosso ver, esta dinâmica da esfera pública desarticulada enquanto Guerra Híbrida é um fenômeno comum que define a tônica midiaticizada da crise democrática atravessada pelo Ocidente.

As divisões e polarizações políticas são uma das camadas mais visíveis da dissolução da esfera pública em tempos algorítmicos. “Bolha” é um termo utilizado para se referir à fragmentação da esfera pública em subespaços periféricos, nos quais sujeitos interagem apenas entre si em uma ecologia midiática que reforça suas próprias predisposições, de forma a criar barreiras comunicativas em subespaços divergentes (Stark *et al.*, 2020). Nossa experiência em realizações de pesquisas empíricas no ambiente face a face e online indicam um processo complexo de construções de consenso a partir de lógicas de desinformação que envolvem processos cognitivos afetivos, identitários e de divisão social estruturada pela polarização. No contexto eleitoral, uma das estratégias de desarticulação da esfera pública pelos agentes da Guerra Híbrida é o cerceamento de outras fontes de informação, a partir de estratégias discursivas de deslegitimação e desacreditação das instituições, como o jornalismo profissional e os institutos de pesquisa. Tal *modus operandi* foi detalhado em diversas pesquisas empíricas (Cesarino, 2020; Gerbaudo, 2018; Maly, 2018).

Conforme afirma Castro (2020, p. 5), “a guerra híbrida é um fenômeno midiático por excelência”. A questão algorítmica permite uma nova configuração na matriz de disputa de sentido, muito menos dependente da mídia tradicional e muito mais fácil de ser manipulada, como é o caso dos perfis falsos e “robôs”, que sequestram o debate nas redes sociais e inundam a esfera pública midiaticizada de

sentidos e ideologias previamente estabelecidas pelos seus operadores. Este novo ecossistema midiático produzido pelas redes sociais e norteado pela lógica algorítmica representa a degradação da esfera pública habermasiana, pautada no debate racional, na troca pública de argumentos e no esforço pela racionalidade e consenso deliberativo.

Segundo Han (2022), a esfera pública habermasiana foi concebida a partir da cultura livresca do século XIX, pautada pela racionalidade e pela passividade do espectador. O predomínio das mídias digitais na sociedade da informação transforma a política em “encenações midiáticas de massa” (Han, 2022, p. 21), em que a performance tem mais importância do que o argumento racional. Tal afirmação se aproxima da concepção de midiatização por Stromback (2008, p. 239-240), que afirma que a quarta fase da midiatização ocorre quando “actors not only adapt to the media logic and the predominant news values, but also internalize these and, more or less consciously, allow the media logic and the standards of newsworthiness to become a built-in part of the governing processes”. Por esta perspectiva, a esfera pública midiatizada é a internalização da estrutura midiática no centro do debate público, no processo de formação de opinião, de consciências e perspectivas de mundo. O afastamento da realidade por uma “teatrocracia” (Han, 2022, p. 21) que caracteriza a midiatização explica como desinformações, negacionismos, “pós-verdades” e mobilização ideológica de afetos (como o pânico moral cristão), encontram um terreno fértil para preencher o imaginário de uma consciência determinada pelos processos midiatizados.

Em vista disso, assim como afirmam as teorias da midiatização, na máquina da Guerra Híbrida a mídia possui papel central, direcionando a esfera pública e a disputa por sentido e representações sociais com estratégia de guerra e de forma dissimulada, diferida e difusa. Para Sodré, na lógica algorítmica das redes sociais, a esfera pública passa a operar enquanto bolhas ideológicas, dividida, sem espaços para conversações e trocas argumentativas que favoreçam a deliberação. Os sentidos reforçam os próprios códigos ideológicos e o valor de verdade deixa de existir enquanto fato passa a existir enquanto crença, e o sentido que circula fora dessa crença passa a ser desacreditado (Sodré, 2020). Na obra “A Sociedade Incivil”, Sodré (2021) lembra que inicialmente a invenção da internet e das formas de comunicação direta, em rede, sem mediações, a livre troca de informações, a transparência, a facilidade, produziu um otimismo com relação à democratização e o

aperfeiçoamento do mundo. No entanto, para o autor, o que se desenha na terceira década do século XXI é uma “reconfiguração antropológica da vida humana, logo, do sujeito real” (Sodré, 2021, p. 9), com implicações estéticas e, portanto, de como a realidade é apreendida. Essa lógica, operada pelas Big Techs que controlam as redes sociais e a virtualidade em si via sistemas complexos, algoritmos e inteligência artificial, trata de um “verdadeiro oligopólio, ao mesmo tempo econômico e cultural, mas predominantemente maquinal, das variáveis que compõem a existência do sujeito em sua cotidianidade”. No plano virtual, continua o autor, a força da convicção supera a força de verdade, na medida em que há uma interferência algorítmica no tipo de sentido em que o usuário é exposto, no tipo de mensagem que quebra a autonomia da fala e reduz o pensamento ponderado, visto que as convicções são sempre reforçadas e se é condenado por aquilo que se “aprova” ou “engaja”, e que esses conteúdos vão se repetir em uma cadeia de repetição que reforça a noção de convicção.

Tal perspectiva não parte, no entanto, de uma lógica midiocêntrica na análise dos processos sociais que caracterizam a Guerra Híbrida. A complexidade da questão reside nas práticas sociais que caracterizam uma esfera pública midiaticizada e suas implicações no que tange à percepção da sociedade sobre ela mesma, às instituições e sobre o contexto do mundo ao qual estão inseridas. A teoria da midiaticização busca compreender os mecanismos de interação, sociabilidade e as transformações do cotidiano, práticas políticas e a relação da cidadania e do consumo entre sujeitos e instituições (França, 2020). O bios midiático conceituado por Sodré (2002) compõe uma chave hermenêutica para a compreensão da esfera pública contemporânea, uma vez que as construções simbólicas da sociedade sobre ela mesma são representadas a partir de matrizes midiáticas (Gomes, 2017). A característica inerente deste processo é uma esfera pública norteadas pela lógica do consumo, onde a sociabilidade não é mais definida pela capacidade política, mas sim pela capacidade de construção identitária com base nas possibilidades deste consumo, de forma que a “consciência individualista se sobrepõe, no espaço público, às injunções políticas de responsabilidade social” (Sodré, 2020, p. 52).

O princípio da “não regulação” que orienta a internet atualmente permitiu o estabelecimento dos conglomerados internacionais e de uma “sociedade de segredos” (Pasquale, 2017) em que a informação é sempre distorcida, de forma que “para cada promessa da internet festejada no início dos anos 2000, há um lado

sombrio” (Pasquale, 2017, p. 17). Para o autor, se, por um lado, o anonimato das redes empodera vozes silenciadas, por outro, protege trolls, extremistas e pessoas mal-intencionadas. Permitiu também o anonimato financeiro, que abriu um extenso canal para influências de agentes econômicos e políticos no debate público de forma direta e com roupagem “espontânea”. A troca dos mediadores tradicionais, como por exemplo o jornalista e suas fontes, por influenciadores nas diversas áreas se reflete na crise da lógica da credibilidade da informação e do sistema de peritos (Cesarino, 2021). O valor de verdade é agregado pelo valor de exposição (potencial viral), promovendo fértil terreno para fake news, pós-verdades, negacionismos, Guerras Híbridas. Tudo protegido pelo anonimato do financiamento de quem está por trás de certos discursos com aparência espontânea –, inclusive o discurso da xenofobia. O sistema de peritos possui uma função estratégica na esfera pública no sentido de validar e legitimar discursos considerados verdadeiros ou falsos dentro de um contexto democrático. O jornalismo, a comunicação pública, a transparência, os canais de participação e deliberação são exemplos de como a Ação Comunicativa é importante para o bom funcionamento da esfera pública democrática. A crise no sistema de peritos advinda com a modificação na lógica comunicativa pelas Big Techs é um ataque ao pilar da credibilidade, do esforço racional e argumentativo que caracteriza a esfera pública. Em sua reflexão sobre a esfera pública automatizada, Pasquale afirma:

A política e a cultura, fortemente influenciadas pelos meios de comunicação de massa durante a segunda metade do século XX, permaneceram praticamente estáveis até meados da década de 1990. A partir deste período, a esfera pública sofreu mais uma transformação estrutural, em razão da automatização das decisões comunicacionais capitaneadas por megaempresas digitais como Facebook e Google. Por exemplo, decisões de pautas, anteriormente realizadas por funcionários caso a caso, tornaram-se questões algorítmicas e automáticas, impactando a agenda pública, bem como a democracia. Assistências algorítmicas são muitas vezes úteis para filtrar conteúdos em meio a crescente proliferação de tópicos e pautas disponíveis. Estas mesmas tecnologias, no entanto, estão desestabilizando as mídias tradicionais e os caminhos do conhecimento (Pasquale,, 2017, p. 19).

O sistema de peritos está sendo aos poucos substituído pelos “intermediários digitais”, influencers (sempre individualizados) com potencial viral e selo de verificação, criando novas forças políticas. Esses intermediários digitais são, para Pasquale (2017), raramente responsabilizados pelos seus discursos. Isso porque a crise do sistema de peritos corresponde ao aumento do poder das Big Techs e seus

professores de conteúdos virais (influenciadores), que garantem a receita e viabilizam um modelo de negócio altamente lucrativo. Um modelo de negócio cuja política algorítmica não é clara ao público. A falta de regulação social das mídias digitais tem sua origem na absoluta opacidade com relação às políticas algorítmicas, pela não responsabilização das empresas e pela desregulação nos moldes neoliberais. O autor alerta fortemente para os perigos de uma automatização da esfera pública como linha de montagem, excluindo o fator humano e crítico.

No contexto digital, em que as ferramentas de comunicação e informação são apropriadas por indivíduos, instituições, grupos políticos, partidos, movimentos sociais e demais atores sociais na produção de seus conteúdos e estratégias comunicativas, é possível compreender com clareza o âmbito da mediação da esfera pública, muito mais diferida, difusa e de difícil categorização (Seridório; Luvizotto, 2017). A mediação da esfera pública está submetida à lógica algorítmica-empresarial das redes sociais e seus interesses políticos econômicos, sendo não raro alvo de controvérsias jurídicas relacionadas à privacidade, dados, legislações locais e discursos de ódio, desinformação e operações planejadas no contexto da Guerra Híbrida. Trata-se de uma teia complexa de relações no campo digital, impulsionada pelo aspecto cultural e pelo choque de valores e discursos, a partir de uma chave individualista, que transforma o espaço público em um campo de guerra sem valor deliberativo.

Em sua análise sobre o que chama de “batalhas morais” nas redes sociais em torno das disputas identitárias e o uso da questão de gênero e sexualidade por conservadores e progressistas no Brasil, Miskolci (2021) defende a noção de uma “nova esfera pública”, com estratégias distintas de mobilização de suas bases em cadeias complexas de disputa de sentidos. Essa nova esfera pública seria caracterizada como meio primordialmente emocional e sujeita à ação de grupos de interesse que catalisam a indignação popular em torno de suas próprias demandas, utilizando ferramentas como o pânico moral, as fake news, a desinformação, o negacionismo e outras formas de atentar contra a instituição e o Establishment. O autor observa que diversas estratégias discursivas são adotadas para as mais diversas finalidades, como as paródias, os memes, as reduções e simplificações da realidade, e o convite ao sofismo, de forma a alterar a opinião pública. Segundo o autor:

Qualquer que seja a estratégia — a propagação de notícias fraudulentas, o uso de memes, ou direcionamento de informação por meios psicométricos —, o que se deve reconhecer é que a esfera pública técnico-midiatizada ampliou o espaço para a já antiga manipulação e/ou polarização política que existia na comunicação de massa. Assim, a automatização da esfera pública é inseparável da emergência de noções como a de pós-verdade, e de fatos alternativos, ambas utilizadas para justificar expedientes de desinformação e os estender às mídias tradicionais para influenciar a opinião pública (Miskolci, 2021, p. 36).

A esfera pública técnico-midiatizada teria, segundo o autor, uma característica de protagonismo da moralidade, da superioridade moral a partir de conteúdos simplificados, mais próximos do entretenimento e do sensacionalismo do que da reflexão pública, servindo para a radicalização e polarização que se manifesta no ambiente offline a partir de um debate público empobrecido. Conforme as teorias da midiatização (Miskolci, 2021), a imersão no ambiente virtual via dispositivos móveis e serviços das Big Techs produz uma nova sociabilidade, diretamente relacionada à chamada “economia da atenção”, caracterizada pela disputa por seguidores e reações. A cultura, o cotidiano, as interações e o “continuum” online-offline já naturalizado mesmo pelas gerações não nativas digitalmente, produzem uma esfera pública cuja base tem formação estruturalmente distinta do que se pode refletir a partir da teoria habermasiana.

Para Miskolci, a esfera pública tecno-midiatizada é caracterizada pela priorização de respostas rápidas, simples e diretas, colocando em xeque as instituições e profissionais “cuja função e trabalho especializado segue normas que envolvem a checagem de fatos e evidências, o que exige mais tempo para ser concluído e apresentar resultados mais complexos” (Miskolci, 2021, p. 40). Nessa perspectiva, o autor defende que esfera pública midiatizada se produz num ataque aos mediadores promovido pelas próprias Big Techs, para assegurar o seu modelo de negócios. As expectativas de democratização do mundo com o advento da internet estariam frustradas não pela sua impossibilidade prática ou por erros teóricos, já que o potencial de fato existe, mas sim porque o desenvolvimento aconteceu no campo privado e sem regulação social. Na era da informação, em que os dados assumem o protagonismo do valor e da produção de capital, o usuário cede suas informações em troca de um “serviço”. As redes sociais, que ocultam suas pretensões políticas e econômicas, se colocam como espaço livre, mas as problemáticas que as envolvem não raro são alvos de disputas judiciais, como foi o escândalo da Cambridge Analítica em 2018 (Miskolci, 2021).

A hegemonia da lógica algorítmica das redes, que produz valor a partir da exposição e da disputa pela atenção de forma a criar padrões de consumo, gera um tipo de comunicação com imenso fluxo de informações e sem nenhum tipo de aprofundamento e complexificação da realidade. Han (2022), em sua formulação sobre a “Infocracia”, explica que o fluxo viral de informação, estruturado em formato “rizomático” em um processo que afasta o indivíduo dos temas socialmente relevantes, provoca despolitização e fatalismo. O “estímulo de surpresa” e a instabilidade temporal da informação perpetuam um imperativo da atualidade, sem tempo para experiências de compreensão. Ora, a interpretação e reformulação no processo cognitivo é elemento indispensável ao ato comunicativo, sem o qual não há comunicação senão transmissão de informação. Reflexões “racionais”, afirma Han (2022, p. 25), requerem tempo e tempo é o que não existe nas sociedades midiaticizadas. Dessa maneira, a midiaticização também é o triunfo dos sentidos afetivos e estéticos em detrimento do argumento racional. Esse aspecto é um grande golpe na noção de esfera pública habermasiana, porém já contestado há muito tempo por diversas autoras (Mouffe, 1996; Mansbridge, 1999). A comunicação afetiva opera pela lógica do estímulo emocional, ofuscando os argumentos e a razão, e essa é uma das principais características da esfera pública midiaticizada. No entanto, compreendemos que a questão das emoções e dos afetos na esfera pública não configura, por si só, elementos negativos ao debate público, sendo, muitas vezes, desejável ao processo deliberativo, como apontam Ferreira (2022) e Maia (2012).

A competitividade está na gênese das redes sociais. A disputa pela popularidade, pela atenção, pela última palavra, por apresentar uma história viral, para participar da próxima “trend”, por fazer a análise mais “sensata”, em resumo, a competitividade por ser visto e lembrado é uma tônica herdada da cultura estadunidense de celebridades e fama. É evidente que esse é um processo desigual e injusto, que produz efeitos sociais e psicológicos, como a baixa autoestima e a sensação de solidão (Fonsêca *et. al.*, 2018). O individualismo, a luta por protagonismo e a competitividade são reflexos da lógica neoliberal embutida nas formas de ativismo, movimentos sociais e organizações políticas que descaracterizam e desarticulam a força coletiva dessas organizações. Morozov (2018), outro crítico do controle da internet pelas Big Techs, defende que a promessa de “Aldeia Global” jamais se concretizou e, pelo contrário, o que existe é

um domínio feudal da rede, partilhado entre as empresas de tecnologias. Ele é outro que atribui a questão ao fato de que as Tecnologias de Informação e Comunicação são estadunidenses e carregam a ideologia do Vale do Silício, repleta de individualismo e consumismo desde seu cerne. Para o autor, essa ideologia se aproveita da dissolução da solidariedade e se tornou a narrativa preponderante do capitalismo moderno: rapidez, agilidade e privatização. Trata-se de uma subjetividade neoliberal, capaz de aliciar a agenciar toda e qualquer ideia ou identidade de forma a alimentar a si mesma e manter os mesmos dominadores no poder. Longe de ser tecnofóbico, o autor defende que para retomar um controle cidadão sobre a tecnologia é preciso, antes, reconquistar a soberania sobre a política e a economia.

O “solucionismo tecnológico”, para Morozov, se manifesta na criação de aplicativos e sensores para tudo que envolve a existência humana, desde eletrodomésticos, carros, colchões, relógios, óculos “inteligentes”, que via conexão se tornam mediadores da vida (e produzem dados para as empresas e em muitos casos para governos), de tal modo que “a regulação algorítmica, independentemente de seus benefícios imediatos, nos dará um regime político no qual todas as decisões serão tomadas pelas empresas de tecnologia e pelos burocratas estatais” (Morozov, 2018, p. 105). A migração da vida para o sistema de internet regulado pelas Big Techs representaria o “fim da política” (e, portanto, da democracia) para um mundo ultraliberal definido pelas empresas de tecnologia. É nessa arena de individualismo, exacerbação da moralidade, das bolhas identitárias e da luta por protagonismo e disputa por atenção que as Guerras Híbridas encontram tudo o que precisam para se desenvolver: se sustentam (não somente) a partir de disputas de narrativas intensas, psicológicas, irracionais e são norteadas pela subjetividade neoliberal.

Antes das reformulações de Habermas (1984) quanto à noção de esfera pública, a massificação dos meios de comunicação era vista com extremo pessimismo pelo filósofo e colocada como responsável pelo declínio do espaço público. Havia um problema econômico: a lógica de mercado e a propaganda eram inimigas do debate público letrado e racional. Os jornais, em sua origem, eram baseados na “luta em torno do espaço da opinião pública e na promoção da publicidade como princípio” (1984, p. 216). O argumento e a visibilidade da esfera pública burguesa mediarão o uso da razão pública por pessoas privadas. Na fase comercial, os meios de comunicação fabricavam opiniões que não seriam públicas,

fruto da imposição de interesses privados. Influenciado pela escola de Frankfurt, Habermas defendia que a mídia comercial era responsável pela queda da capacidade crítica e reflexiva do público.

Em seguida, o posicionamento é revisto e o autor passa a defender que o sistema midiático corresponde a um “espaço limítrofe e poroso entre os diferentes contextos que compõem o centro (reduto da elite política) e a periferia (movimentos sociais, associações cívicas, cidadãos comuns etc.) do sistema político” (Marques, 2008, p. 24). Para agir como mediadores, os meios de comunicação precisam agir com certa independência do poder econômico e político e de mecanismos de “feedback” entre atores sociais e políticos nas arenas comunicativas. A realidade das redes sociais e da esfera pública tecno-midiatizada corrompe essa lógica. Em primeiro lugar, pela desarticulação da racionalidade e da objetividade na produção de conhecimento, revelada pelo fértil terreno que encontrou o negacionismo, as fake news, o sensacionalismo em um processo não orgânico, ou seja, estimulado pelas Big Techs, que incita os usuários contra a mediação e promovem a comunicação direta, abrindo espaço para “influencers” que ganham mais autoridade e credibilidade do que profissionais capacitados. O jornalismo e a ciência, que trabalham com dados e evidências, perdem espaço para pseudojornalismos (sensacionalista, clickbait) e pseudociências (e toda a problemática negacionista de desinformação que teve seu ápice durante a pandemia) (Miskolci, 2021). A invalidação dos fatos, da verdade, expressa na recusa dos mediadores, será explorada mais adiante. A desarticulação do sistema jornalístico, liderada pela comunicação direta regida pela lógica algorítmica neoliberal, significa a desarticulação da esfera pública enquanto mediadora da periferia com o centro do sistema político. Isso porque Habermas produz um desenho institucional da democracia em um modelo de circulação do poder político, conferindo papéis distintos aos atores envolvidos nesse esquema, sendo os meios de comunicação os intermediários entre os atores envolvidos no processo. O novo canal intermediário da esfera pública não é mais o espaço da mídia de massa, mas sim o das redes sociais, com uma lógica comunicativa completamente diferente, de forma a colocar em xeque ou fazer questionar o que é a esfera pública na sociedade em rede. Isso tem implicações teóricas à noção de esfera pública (Habermas, 1997).

Nesse sentido, mesmo com a noção habermasiana “em xeque”, defendemos que ainda é possível falar na existência de esferas públicas. De primeiro, porque o

próprio Habermas (2003) assume ser mais correto falar em “esferas públicas”, no plural, respeitando a diversidade e heterogeneidade dos públicos e suas realidades e identidades partilhadas, levando em conta outras dinâmicas comunicativas. Em segundo lugar, pois a noção habermasiana passa a ser muito mais ligada aos processos de comunicação cotidianos, à troca argumentativa e discursiva em torno de problemáticas e questões públicas que formam a opinião e legitimam o exercício do poder político pelo centro da vida pública (política). A opinião pública seria, então, “formada comunicativamente como forma de captar novos problemas, conduzir discursos expressivos de auto-entendimento e articular, de modo mais livre, identidades coletivas e interpretações de necessidades” (Habermas, 2003, p. 33). Cabe então compreender quais são as condições comunicativas em que esses fluxos ocorrem na sociedade midiaticizada.

As arenas discursivas, antes ocupadas pelos meios de comunicação, são agora supervalorizadas pela lógica midiaticizada das redes. Para Stromback (2008), representante da corrente institucional da midiaticização, há uma dependência dos cidadãos e dos governos com relação à mídia e aos meios de comunicação. Essa dependência, produzida ao longo das décadas, tem como consequência um impacto na construção da realidade, como a política e os atores são comunicados. Não se trata, para Stromback, de determinar o meio que essa comunicação ocorre ou quais são os valores por trás dessa representação (se são valores pautados na objetividade jornalística, no entretenimento): o que importa é que o sistema midiático é a arena mais importante para a mediação entre cidadãos e atores políticos. Essa mediação tem implicações na própria política, no discurso, na estética, nas ações (e como a representação midiática dela chega ao público), com valorização do marketing político e eleitoral e em estratégias complexas que alteram todo o processo político. O autor define quatro fases para o fenômeno da midiaticização: em primeiro lugar, trata-se de um longo processo de aumento de importância e influência do sistema midiático em todas as instâncias e instituições da sociedade (Esser; Stromback, 2014), mas onde os meios possuem controle político.

A segunda fase da midiaticização ocorre quando a mídia ganha independência do poder político e ganha a sua própria lógica autônoma, porém aqui passa a ser regida pela lógica do mercado. A terceira fase ocorre quando a relevância da mídia sobre a política atinge patamares elevados de forma que as demais lógicas passam a operar sob a lógica midiática, mesmo que a mídia ainda seja entendida como

“agente externo” ao processo político. A realidade em si e a realidade midiaticizada se misturam, com o discurso e a estética assumindo o protagonismo da lógica política. A quarta fase representa a superação da realidade midiaticizada com relação à realidade objetiva. As regras do jogo são completamente ditadas a partir da lógica das mídias, cuja internalização se dá também nos processos políticos. Governar passa a significar produzir conteúdo midiaticizado, alimentar o público com discursos a cada situação, de acordo com os objetivos do governo. Para o autor, essa fase significa que as relações: “are permeated with the media to such an extent that the media and their communicative output is almost impossible to avoid” (Stromback, 2008, p. 240).

Esse processo deve ser pensado a partir do que se tornaram as arenas comunicativas na contemporaneidade. Não se trata mais (apenas) das tradicionais empresas de mídia como o Grupo Globo, Folha de S. Paulo ou qualquer outra empresa nacional. Evidente que elas ainda exercem influência. No entanto, toda a lógica comunicativa é regida pelas Big Techs internacionais, nomeadamente Google, Meta, Amazon, Apple, Twitter e seus algoritmos. Essa é, ao nosso ver, a tônica da esfera pública midiaticizada que coexiste muito bem com lógicas antidemocráticas, com as bolhas e onde ocorrem as Guerras Híbridas que caracterizam a esfera pública e que criam um terreno fértil para o populismo digital (Cesarino, 2021) e demais elementos discursivos e midiáticos que corroem as democracias. Como a lógica das redes sociais se posiciona no campo dos afetos, a partir de sentidos que circulam de forma não espontânea (há de se considerar o mercado digital e tudo o que envolve a produção de conteúdo atualmente nas redes), a estratégia de mobilização de afetos é uma barreira à flexibilidade racional tão preciosa na teoria habermasiana. O debate público nas redes é irrelevante, porque não há comunicação de fato no sentido de partilha. Conforme Cesarino (2021), o sentido semiótico se cria a partir de inimigos, de repulsa, repugnância, em simplificações que muitas vezes sequer são acompanhadas de texto. Na estratégia populista analisada pela autora, a bolha ideológica passa a ser entendida como a verdade enquanto “a esfera pública e o sistema de peritos entendidos como o locus da mentira, da hipocrisia e da manipulação” (Cesarino, 2021, p. 8).

A autora propõe uma importante reflexão entre a emergência dos populismos digitais e a relação entre neoliberalismo, pós-verdade e o *modus operandi* da

comunicação nas mídias sociais. A questão da verdade neoliberal ganha uma dimensão especial:

A episteme neoliberal tal qual descrita por Mirowski (Mirowski; Plehwe, 2009; Mirowski, 2019) permite uma articulação nodal com os outros ângulos da constelação em tela. Ao longo dos últimos anos, este autor tem avançado o argumento de que o “coletivo de pensamento neoliberal”, inaugurado pela Sociedade Mont Pèlerin nos anos quarenta, criou e refinou mais que uma agenda econômica: uma doutrina epistêmica, em larga medida para se opor ao ímpeto planejador e intervencionista do socialismo e da social-democracia. Mirowski chamou atenção para o pioneirismo de Von Hayek em ver o mercado não apenas como um mecanismo eficaz de alocação de recursos, mas como um mecanismo cognitivo. De acordo com essa proposta epistemológica, a verdade só pode emergir como um a posteriori, resultado da livre interação dos agentes individuais no mercado. Esse pressuposto fundamental depende de outro: nenhum indivíduo ou agência planejadora seria capaz de ter acesso privilegiado à verdade – nem o Estado, nem as estatísticas, nem mesmo a ciência. Nesse sentido epistêmico, o neoliberalismo seria não uma extensão ou aprofundamento da modernidade, mas encamparia um projeto essencialmente anti-moderno e anti-iluminista (Cesarino, 2021, p. 11).

Ora, a concentração de dados, de informações, a invasão da “internet” (ou das Big Techs) em cada âmbito da vida cotidiana, com a chamada “internet das coisas”, cidades inteligentes e demais “solucionismos” produz uma quantidade enorme de dados, a matéria-prima da produção de valor na sociedade da informação. A subjetividade neoliberal, por sua vez, é bem descrita por Mirowski (2019) em sua noção de epistemologia neoliberal. O neoliberalismo é, segundo o autor, epistemicamente anti-iluminista por não acreditar que a população seja capaz de chegar a decisões racionais. O poder deve ser exercido pelo mercado, pelo empresariado, que são os regentes da informação, da comunicação, das mediações sobre o mundo. A cultura e a educação são afastadas do seu sentido político, reduzidas ao entretenimento e à técnica. A liberdade passa a estar sujeita às arbitrariedades “procrusteanas” do mercado e a verdade se torna desvinculada da argumentação racional. Novamente, as mídias sociais são colocadas como os elementos centrais desta tônica neoliberal, que formam consciências de mundo e promovemos fake news, pós-verdades, negacionismos, Guerras Híbridas e demais fenômenos observados, inclusive a intolerância e a polarização. A cama de Procrustes é sempre intolerante. Trata-se de anos de desenvolvimento de distorções e ideologização que negam a racionalidade, a verdade e a argumentação. A boa convivência das redes sociais com tais fenômenos e com processos ainda mais obscuros, como a interferência política em períodos eleitorais, espionagem e venda de dados são efeitos do triunfo da configuração neoliberal que colonizou a internet.

Com fortes expectativas de contribuições transformadoras e incrementais às democracias no mundo, o desenvolvimento do ciberespaço, da comunicação em rede, foi, desde o princípio, encarado como a grande potencialidade pró-democracia. Por outro lado, também foram comuns, desde o início, posicionamentos contrários que enxergam no desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação um crescimento e fortalecimento de valores alinhados à ordem neoliberal, na qual princípios democráticos perdem espaço ou são desprezados em favor do capital, potencializando cenários de Guerras Híbridas.

A complexificação do atual estágio da mediação algorítmica, as novas modalidades de guerra informacional em rede, levam a relação entre mídia e esfera pública a patamares inéditos na história da humanidade, sendo necessário o reposicionamento teórico da noção de esfera pública, especialmente em um cenário de transformações estruturais nas sociedades contemporâneas que colocam suas bases epistemológicas em xeque. Neste capítulo, buscamos articular conceitos e noções para o aprofundamento dos fenômenos aqui mobilizados. Se antes, como identificou Milton Santos (2001), a esfera pública era ocupada pelo esvaziamento do contraditório e pelo discurso único para atender os interesses da globalização, hoje não é exagero afirmar que a esfera pública é ocupada pelos agentes da Guerra Híbrida, empenhados na divisão do país e na assimilação de táticas militares de guerra indireta como forma de desarticulação democrática decorrente dos agravantes sociais advindos pelo aumento da pobreza em escala mundial. Nesse processo, é importante destacar que se mudam os métodos, mas os interesses seguem os mesmos: o favorecimento dos mais ricos e bilionários a nível global.

2.2 Racionalidades e subjetividades na circulação de sentidos sobre o migrante

Este subitem da tese mostra o percurso teórico que contribuiu para justificar a escolha metodológica em trabalhar com conteúdos midiáticos de diferentes gêneros e formatos, não somente com a comunicação jornalística. Apesar do percurso do pesquisador na pesquisa sobre jornalismo, deliberação e esfera pública, consideramos adequado levar em conta outras produções midiáticas em que as estratégias sensíveis tivessem um papel importante no processo deliberativo e na dinâmica da esfera pública. A circulação de objetividades expressa pela informação,

pelo argumento racional, pelo princípio da racionalidade discursiva, que tradicionalmente é associada à esfera pública, concorre com a circulação de subjetividades — que nos parece, em muitos momentos, prevalecer no ato deliberativo e nos processos de formação da opinião, justificando novos e ousados experimentos empíricos que tensionam saberes, teorias e construções epistemológicas.

As elaborações de Habermas sobre a esfera pública exercem grande influência sobre as teorias da democracia deliberativa, formação da opinião pública e novas formulações que se estendem em diversas áreas do conhecimento. Ao longo da obra habermasiana, o conceito de esfera pública sofre transformações significativas, e a partir das contribuições de outros autores (Dryzek, 2002; Mansbridge, 2007) ganha forma a ideia de debate público racional, troca de argumentos, justificação recíproca como agentes legitimadores dos processos políticos e democráticos. A democracia deliberativa se projeta como uma forma normativa de organização democrática, baseada nos princípios da participação, informação e transparência voltados à decisão coletiva (Avritzer, 2000).

Neste projeto democrático, a mídia e, em específico, o jornalismo tornam-se centrais enquanto espaço público, arena de debate e condutor informativo e interpretativo dos fenômenos sociais e das problemáticas que devem ocupar o epicentro das conversações. O jornalismo passa a ser entendido como agente responsável por fornecer informações, opiniões e instrumentos que são apropriados pelos sujeitos para a constituição do debate público ocorrido nesses ambientes por meio de trocas argumentativas (Maia, 2008).

O fator racional é protagonista em grande parte dos projetos de sociedade que possuem a deliberação como centro democrático de legitimação política. Muitos criticam o apelo da mídia, inclusive do jornalismo, à dimensão das emoções e do sensível. Apontam o protagonismo do entretenimento, da esfera privada, do drama pessoal como antagônicos ao valor do interesse público. No entanto, conforme aponta Maia (2012, p. 17), a crítica generalista deixa de reconhecer “certos elementos sofisticados das emoções e de outros modos de comunicação, além da argumentação racional, que podem sustentar a discussão e estimular a discussão crítica na esfera pública”.

A esfera pública midiaticizada pressupõe a comunicação midiática como elemento central da cultura pensada a nível global, como agente estruturante das

identidades do indivíduo e dos coletivos sociais. Trata-se da vida cotidiana, das interações, da circulação de sentidos midiaticamente produzidos que se manifestam em cadeias diferidas e difusas de novas produções a partir das interações sociais (Braga, 2006). Nesse ponto de vista, a esfera pública tem sido abastecida a partir de produções de sentidos midiáticos que corroboram com a visão de mundo colonizadora, ocidental, branca e masculina. Este processo também tem a ver com a sub-representação de pesquisadores que fogem da lógica colonizada do conhecimento científico (Chakravartty *et. al.*, 2018). Faz-se, portanto, necessário construções de saberes que rompam com a lógica colonizadora e sejam capazes de se opor ao epistemicídio (Santos, 2010) produzido através de séculos de colonialismo e dominação europeia enquanto visão de mundo. Em sua análise sobre o processo de globalização neoliberal, Milton Santos (2001) apontou a necessidade das classes dominantes em construir uma narrativa forte, chamada por ele de fábula, que constitui em uma esfera pública tomada por uma visão única de mundo, esvaziada de contraditório e com um recorte restrito da realidade. Essa visão é apresentada de forma fragmentada, desconexa e desvinculada do cotidiano do cidadão comum.

A lógica algorítmica das redes sociais também ocupa um papel importante no processo de subjetivação. O combate às Fake News, por exemplo, que sempre existiram mas se proliferaram muito bem no modelo de negócio das Big Techs, deram ainda mais poder às gigantes da tecnologia na possibilidade de definirem o que é “verdadeiro” ou “falso”. Segundo Morozov (2018, p. 175): “o falso verniz de objetividade sempre associado a toda notícia processada pelo Facebook pode, no longo prazo, causar mais danos à esfera pública do que a abordagem atual, em grande parte caótica”. O autor argumenta que o grande esforço dos “algoritmos” para identificar e eliminar as notícias falsas mostra explícita limitação dos algoritmos “sozinhos”, sem uma clara política por trás regulada socialmente.

Esta esfera pública hegemônica contribuiu para produzir debates públicos desumanizantes do imigrante. Não raro, como nos contextos de intolerância e xenofobia, os colocou como inimigos dos “nacionais”, dos “nativos”, na oposição simplista e dualista do “nós” contra “eles” que dá sustentação à intolerância e a base simbólica para o ódio, a xenofobia e as formas de violência. A pretensa racionalidade, no contexto da opinião pública, com alguma frequência aponta para o reforço da discriminação, para a alimentação de discursos “racionais”, porém com

base ideológica calcada na colonização epistemicida. Dessa forma, ressaltamos que é preciso considerar “aspectos subjetivos e identitários das migrações, na perspectiva de compreender a profusão de vínculos, as relações e os embates socioeconômicos, políticos e culturais implicados nas vivências de cada migrante” (Theodoro; Cogo, 2019). Isso porque na realidade material dos processos migratórios, o migrante obrigado a deixar seu país de origem se vê em situações precárias em relação a direitos básicos, a limitação de sua cidadania e os desafios culturais do novo território. Não se trata de homogeneizar a experiência, ou desconsiderar as variações interseccionais dos processos migratórios, além dos países de origem/destino e outras variáveis. No entanto, como aponta Sayad (1998), o migrante pode ser tido como ameaça ou como demarcação de distinção cultural.

Nessa ótica, temos que levar em conta a dimensão sensível do debate público em oposição à dimensão objetiva, racional e simbiótica com a epistemologia dominante. É um esforço pela rejeição de um “sujeito universal” e o “questionamento da produção de conhecimento entendida como processo racional e objetivo para se atingir a verdade pura e universal e a busca por novos parâmetros de conhecimento” (Rago, 1998, pp. 10-11), e pela assimilação dos valores relativos aos sentimentos, emoções que nos fazem humanos e que podem ser mobilizadas em torno de construções de saberes humanizados, inclusivos e calcados em valores genuinamente democráticos. Há quase duas décadas, Mouffe (2003) já apontava as limitações da racionalidade discursiva em responder a fenômenos sociais complexos quando envolvem questões identitárias profundas como o nacionalismo, o fundamentalismo, o populismo e o negacionismo.

Para Sodré, o uso da razão iluminista e a pragmática da linguagem na teoria habermasiana o afasta da comunicação que ocorre na dimensão do sensível. O autor defende que a “própria razão emerge do afeto” (2006, p.41) e, por isso, a eficácia dos processos comunicativos tem na dimensão estética e sensível um componente-chave. A razão seria induzida a partir da dimensão afetiva dos sujeitos, visto que as paixões levariam a juízos anteriores   própria reflexão. Dessa forma, a dimensão do real s     possível de ser alcançada a partir das emoções, pois é por meio delas que se atinge o “sentido da consciência” (Sodré, 2006, p. 53). Segundo Santos (2018 p. 54), a racionalidade enquanto configuração objetiva “fundamentada no rigor matemático, quantifica e, ao quantificar, desqualifica; ao objetivar os

fenômenos, os objetualiza e os degrada e, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza”.

As diversas críticas levaram a uma nova fase no modelo de democracia deliberativa, que inclui formas diversas de comunicação e abrange outras noções de esfera pública. No entanto, por se tratar de uma epistemologia cristalizada enquanto prática e largamente reproduzida nas universidades e escolas de jornalismo, a quebra das noções de objetividade na profissão encontra barreiras ainda mais profundas do que as reflexões acadêmicas. A questão, como aponta Mouffe (2003), trata-se da mobilização dessas emoções em torno dos valores democráticos.

Nesse contexto, o sistema midiático pode ser agente não só enquanto fornecedor de informação, argumentos, razões e sentidos estruturados de cunho racional, mas também capaz de fazer circular sentidos sensíveis, com potencial para o engajamento e para a promoção de um raciocínio sobre o outro que evidencie problemáticas migratórias a partir da empatia e emoções altruístas, de forma a assumirem “idealmente o lugar do outro”. Aqui, a finalidade é a tomada de ações moralmente justas e humanas do ponto de vista dos direitos básicos universais (Maia, 2012). Tratamos de uma emoção situada em um ambiente histórico materialmente construído por opressões e dominações derivadas de violências físicas e simbólicas contra grupos socialmente minoritários que fujam da lógica racional pautada no sujeito universal. Trata-se de repensar o posicionamento do Outro nos eixos de discussão característicos da esfera pública em sua configuração midiaticizada e do posicionamento de um jornalismo aberto à produção de conhecimento humanizador sobre grupos historicamente objetificados, coisificados e excluídos da narração jornalística, epistemologicamente e tecnicamente norteadas pela narrativa do sujeito universal.

Pensar os processos migratórios, os deslocamentos forçados e refúgios a partir da ótica da esfera pública midiaticizada e de forma a desenvolver uma comunicação humanizada, apta a produzir sentidos necessários ao respeito ao Outro, pressupõe uma virada epistemológica capaz de superar os recursos da racionalidade argumentativa e das noções clássicas de objetividade jornalística. As investigações entre mídia e migrações têm produzido contribuições significativas sobre a formação da opinião acerca de fluxos migratórios, sobre os programas políticos dos Estados em relação à imigração, e a construção das identidades em diferentes níveis, tanto individual quanto nacional (Araújo; Cogo Pinto, 2015). Os

processos de mediação que caracterizam a esfera pública fornecem uma série de sentidos informativos, interpretativos e representativos que contribuem por criar e modificar destinos e fluxos migratórios, bem como a recepção do migrante, levando em conta sua origem nacional, etnia, idade, gênero e outros fatores de intersecção determinante ao tratamento do Outro no país destinatário.

A questão do relato pessoal e sua articulação com o conceito de esfera pública foi objeto de estudo de Maia (2012). Ela aponta os elementos emocionais existentes na esfera pública e que foram por muito tempo negligenciados pelas teorias deliberativas. Ao adotarem os modelos da racionalidade discursiva de Habermas, acabavam por tratar elementos como a retórica, a emoção e as histórias pessoais como “indesejáveis” ao processo deliberativo. Segundo a autora, “a apreciação do papel que a emoção e formas alternativas de comunicação exercem na deliberação, além do discurso racional, são essenciais para que se compreenda o funcionamento da esfera pública na sociedade contemporânea” (Maia, 2012, p. 17). Considerar o relato pessoal passa a ser, portanto, indispensável ao tratar as conversações cotidianas nas redes sociais, ambiente onde razão e emoção se misturam em cadeias de sentido difusas e complexas. Tais articulações contribuem para o escopo da discussão sobre a esfera pública mediada ao identificar dispositivos emocionais que ampliam os recursos cognitivos de entendimento mútuo no ato deliberativo. Young (2002) defende que é a partir das histórias pessoais que é possível dar vazão a sentimentos de indignação frente às injustiças da exploração, opressão e desigualdade, e que, portanto, são uma forma de contribuição para a noção de equidade necessária à reparação histórica das desigualdades que incidem na subjetividade.

Warren (2006) explicita a importância do “quem” em relação ao “o que” está sendo dito nos casos de deliberação sobre assuntos sensíveis, como é o caso da questão migratória de mulheres brasileiras em Portugal, uma vez que toca em elementos profundos da própria identidade das mulheres vítimas de discriminação. Para Warren, a questão se torna sensível quando passa diretamente pela identidade do indivíduo, em que as relações de opressão e desigualdade são reproduzidas no processo deliberativo.

Young (2004) é um dos grandes nomes responsáveis por incluir a questão das histórias e narrativas pessoais enquanto elementos discursivos desejáveis à deliberação. Ao citar a questão da inclusão das minorias no processo deliberativo,

ela destaca o importante papel da identidade e das histórias de vida na qualidade do debate e na formulação de proposições. Para a autora, a articulação de elementos como a narrativa pessoal contribuem para articular o sentimento de injustiça e desigualdade e em relação a formas de opressão e violência que acontecem no cotidiano. A história pessoal contribui para alteridade, na medida em que estimula a empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro (Maia, 2012). Por fim, a politização das situações cotidianas são de extrema importância, uma vez que ilustram questões estruturais de desigualdade e injustiça social. Young defende que as narrativas pessoais são essenciais para compreensão de situações particulares que o dado objetivo não é capaz, por si só, de ilustrar.

Outro aspecto importante diz respeito aos processos de mediação e algoritmização, que representam uma reconfiguração das representações sociais que caracterizam a relação entre o Eu e o Outro nas interações sociais que estruturam a esfera pública. Sandra Jovchelovitch (2000) utiliza a Psicologia Social para compreender a relação entre esfera pública e representações sociais, analisando como acontecem as construções simbólicas dos espaços públicos. Apesar do enfoque no caso brasileiro, a obra traz importantes insumos para compreender os elementos emocionais na esfera pública. A premissa defendida pela autora é que representação social da realidade é o elemento que baliza o processo de interação a partir de cadeias de significação. O centro da noção de esfera pública passa a ser questões da intersubjetividade e a expressão do Eu em relação ao Outro, em processos públicos e comunicativos que pressupõem elementos intersubjetivos nas trocas que caracterizam as interações e construções simbólicas. É a partir dessas trocas que a comunidade “pode desenvolver e sustentar o conhecimento sobre si mesma” (Jovchelovitch, 2000, p. 64). Nessa perspectiva, é importante o reconhecimento das esferas públicas privadas enquanto distintas, mas que se conectam e se retroalimentam — característica das redes sociais no neoliberalismo segundo Chun (2016), formando identidades individuais e coletivas a partir da relação entre Eu e o Outro. Segundo Jovchelovitch (2000), as representações sociais têm origem nas atividades simbólicas do ser humano que caracterizam as interações sociais ligadas ao desenvolvimento do Eu que compartilha uma realidade simbólica com o Outro, uma vez que “são as mediações sociais em todas as suas formas públicas que geram as representações sociais” (Jovchelovitch, 2000, p. 81).

A tese da autora é corroborada a partir da noção de que os problemas estruturais da sociedade brasileira estão diretamente ligados à fragilidade dos componentes necessários à sustentação de uma esfera pública nos moldes da democracia deliberativa. São dilemas que reconhece serem antigos, mas que ainda constituíam impasses no ano 2000 e seguem constituindo, ao nosso ver, em 2024. A ideia defendida pela autora é a relação direta entre a “qualidade” da esfera pública e dos sentidos que circulam nesses espaços e a situação socioeconômica e histórica da sociedade em questão. Usando o exemplo brasileiro, lembra que no Brasil dos anos 2000 (e também agora em 2024) o cenário social estava marcado pela questão da fome, do descontrole da inflação, do aumento da pobreza e concentração de renda em decorrência das políticas neoliberais que minimizam a ação de políticas públicas e bloqueiam as estratégias de mitigação dos problemas sociais decorrentes da desigualdade. Jovchelovitch (2000, p. 25) cita a crise de confiança nas instituições e frustração com a democracia que decorrem da não solução de problemas econômicos e sociais e conduzem a um “desencanto com a esfera pública”. Esse desencanto, por sua vez, leva ao fatalismo social, em que os sujeitos são incapazes de imaginar um futuro social positivo, sem reconhecer o tempo histórico e fadado a um ciclo de empobrecimento das possibilidades da vida. Trata-se da descrença com a política que produz a despolitização e o individualismo exacerbado. De forma diferente, com contextos próprios, Portugal e a Europa em modo geral, sofre hoje com as consequências do neoliberalismo mundial e de questões relativas às contradições da globalização, muito bem explicadas por Cunha (2015), quando analisa as razões do que chama de “Desdemocratização da Europa”.

A questão se faz importante para fundamentar a dimensão "psicossocial" existente na construção da realidade social que “envolve os saberes simbólicos que se produzem na vida cotidiana, quando agentes sociais se engajam nas práticas comunicativas da esfera pública” (Jovchelovitch, 2000, p. 39). Isso porque, como afirma Moscovici (2003), as representações sociais são sentidos negociados a partir de interações públicas nos encontros cotidianos e nos meios de comunicação. São nesses encontros, no espaço da vida, nas conversações informais que acontecem as trocas discursivas simbólicas que constituem as representações sobre os mais diversos temas e dão estrutura à esfera pública (Luvizotto; Zanetti, 2019).

A contribuição da psicologia social coloca no centro da noção de esfera pública as questões da intersubjetividade e a expressão do Eu em relação ao Outro, em processos públicos e comunicativos que pressupõem elementos subjetivos nas trocas que caracterizam as interações e construções simbólicas. É a partir dessas trocas que a comunidade “pode desenvolver e sustentar o conhecimento sobre si mesma” (Jovchelovitch, 2000, p. 64). Sob esse prisma, é importante o reconhecimento das esferas públicas e privadas enquanto distintas, mas que se conectam e se retroalimentam formando identidades individuais e coletivas a partir da relação entre o Eu e o Outro. As representações sociais têm, segundo a autora, origem nas atividades simbólicas do ser humano que caracterizam as interações sociais ligadas ao desenvolvimento do Eu que compartilha uma realidade simbólica com o Outro, uma vez que “são as mediações sociais em todas as suas formas públicas que geram as representações sociais” (Jovchelovitch, 2000, p. 81).

Este capítulo buscou compreender elementos e tônicas da esfera pública midiaticizada a partir de uma perspectiva comunicacional, sociológica, econômica e psicológica. Estes componentes moldam os processos de interação midiaticizados que compõem a realidade contemporânea, sendo indispensáveis para a reflexão proposta pela tese. As arenas sociais dos processos deliberativos têm na midiaticização o elemento estruturante que produz consciência sobre a realidade. No capítulo seguinte, será explorada a questão da imigração lusófona em Portugal e suas tensões e polarizações na questão do ativismo midiaticizado.

3 AS MIGRAÇÕES COMO QUESTÃO COMUNICACIONAL: TERRITÓRIOS MEDIATEZADOS E ATIVISMOS

As dinâmicas sociais que envolvem o processo de migração, desde a tomada de decisão até a reterritorialização no país de destino, estão atravessadas pela lógica midiática (Cunha, 2004). Os mundos mediatizados são ambientes centrais que estimulam e definem os arranjos das migrações em todo o mundo. No país de origem, um ambiente midiático pode definir fluxos migratórios, criar redes de informações (ou de desinformações), determinar processos de tomada de decisão, de construção de sonhos e imaginários sobre outros países e culturas, de insatisfação com o local de origem, e até produzir a necessidade de deslocamento a partir de trocas comunicativas. No país de destino, o ambiente midiático pode determinar a experiência do migrante, sua relação com a regulamentação dos vistos, a adaptação à nova cultura, o encontro com a comunidade estrangeira e processos de ativismo e afirmação identitária. Além disso, processos midiáticos também ajudam a construir a percepção que os nativos possuem de outras etnias e culturas presentes em seu país e a significação da presença do "Outro" migrante, constituindo alteridades e subjetividades. Nesse sentido, "o ciclo da tolerância, do bom acolhimento e da integração passa obrigatoriamente pelos media e pelo que refletem sobre a imigração" (Cunha, 2004, p. 5).

Se a mediação pode ser entendida enquanto "novo modo de ser no mundo" (Gomes, 2017, p. 127), o questionamento sobre como esse novo modo de ser incide nos processos migratórios é fundamental. Consideramos que a noção de território tem um aspecto importante para respondê-lo, especialmente com relação aos processos discursivos que caracterizam os conflitos migratórios. Portanto, sendo a mediação um fenômeno que constitui a forma de ser e experienciar o mundo (Braga, 2006), ela passa a ser a referência para as práticas e processos sociais contemporâneos, alterando a lógica de como as esferas do mundo operam (Stromback, 2008).

Território, conforme aponta Raffestin (1993), não é entendido apenas como sinônimo de espaço, já que o espaço é anterior ao território. Mas sim, é entendido enquanto a apropriação humana de um determinado espaço, ou seja, torna-se território a partir da transformação do espaço pelos processos humanos, sendo eles políticos e históricos. A territorialidade é entendida como o sistema relacional

tridimensional composto por sociedade-espço-tempo. Haesbaert (2004) define território sob três perspectivas principais: Jurídico-política, entendida como espaço delimitado e controlado, onde é exercido o poder político de um Estado; Cultural(lista), entendida como a dimensão simbólica e cultural, ligada às subjetividades e à valorização simbólica das identidades; e Econômica, entendida como a dimensão espacial das relações econômicas, de produção e trabalho.

Para Raffestin (1993), no contexto migratório, o território é formado a partir das redes de relações constituídas comunicativamente e que produzem as tramas de reterritorialização, de forma que a disponibilidade da informação coloca-se como elemento central desse processo. A relação do homem com o território, com a produção e o consumo, que estabelecem a territorialidade, envolve necessariamente a relação com o outro e o exercício do poder. A territorialidade pode ser definida por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interação humana no espaço. Segundo o autor:

Percebe-se que a identidade, se não pode ser posta em causa, não apresenta coerência fora da concepção "imaginária" de um grupo constituído por meio de uma amostragem de indivíduos. A exclusividade completa a identidade e, quanto à interação, esta surge de um outro nível, em comparação aos dois primeiros, e é talvez a mais significativa em termos relacionais (Raffestin, 1993, p. 162).

O autor coloca a circulação e a comunicação como elementos centrais dos processos de mobilidade, ainda que não distinga "comunicar" de "informar". A circulação aqui é entendida como a materialidade, e a comunicação, como o significado atribuído a essa materialidade. Ele acredita que ambas caminharam juntas até a separação a partir da "tecnologia moderna". A comunicação instantânea supera a capacidade da circulação, gerando descompassos e problemas característicos do nosso tempo, como as implicações sobre o poder: a comunicação ocupa o centro do espaço abstrato enquanto a circulação é periferia. Para Raffestin (1993, p. 203), isso significa "que o movimento da informação comanda a mobilidade dos seres e das coisas", de forma que "o território concreto se torna abstrato e representado, isto é, deixa-se ver todos os fenômenos particulares e confusos e esconde-se o essencial que se torna organizado" (1993, p. 203).

Assim, a mobilidade espacial acontece em processos em rede, mediados pela comunicação (inclusive midiática), composta por migrantes e não migrantes de forma fluida e orgânica no território. Essas redes são as materialidades (circulação) e imaterialidades (comunicação) que se estruturam no cotidiano (Saquet; Mondardo,

2008). É importante notar que, ainda que de forma incipiente, há um destaque do autor ao papel dos meios de comunicação nos processos de territorialização e mobilidade. Isso porque a rede, para acontecer, prescinde do território como lugar de acontecimento e movimento (Santos, 2021).

Logo, nessa perspectiva, a compreensão das redes sociais possibilita trazer à luz e apreender o conteúdo cotidiano das práticas espaciais/sociais dos migrantes, atores que produzem significados e, por isso, ressignificam suas relações sociais (e, por extensão, suas bases material e simbólica) por meio das experiências imediatas (individuais e coletivas) que efetivam no território de destino (Saquet; Mondardo, 2008). Nesse sentido, é importante observar duas questões sobre o território:

- 1) A noção de território para os ativistas imigrantes e anti-imigração e o direito à cidadania, sob o ponto de vista geográfico de Estado-Nação, a soberania dos estados, a jurisprudência, etc. (quem é cidadão de direitos para ocupar aquele território);
- 2) A noção de território a partir da noção de espaço público e esfera pública, em que os sentidos circulam entre os diversos atores da sociedade civil, promovendo transformações políticas, sociais e econômicas.

No primeiro caso, estamos falando da disputa, no campo político, de quem tem direito a ocupar determinado território, nomeadamente o conflito que reside sobre nacionais e imigrantes, sobre políticas de migração, fluxos e ondas migratórias e suas consequências econômicas, culturais, sociais e políticas. Para os fins da pesquisa de campo, considerou-se as territorialidades como constitutivas de valor subjetivo (toda a simbologia sobre a Nação, sobre o povo e a identidade nacional) e valor histórico (no caso, com a relação colonial entre Portugal e Brasil), a partir de processos mediados de reterritorialização em comunidades de imigrantes em rede. Desse modo, o ponto-chave deste capítulo é que relação entre espaço, tempo e território perpassa por significações simbólicas e representações sociais que se configuram a partir de mediações comunicativas em contextos mediados.

Nesse sentido, segundo Saquet e Mondardo (2008), as migrações são constituídas a partir de múltiplas relações em rede que se estendem do local ao

global. Entre a partida do território de origem ao território de destino, há uma dinâmica que conecta diferentes sujeitos do processo migratório e que permite a integração e reterritorialização do migrante no local de destino. Segundo Raffestin (1993), a migração corresponde ao processo que chama de T-D-R (territorialização-desterritorialização-reterritorialização). Os processos migratórios produzem novos territórios dentro de um espaço. São novas apropriações, novas formas de significação que envolvem questões identitárias e culturais. É no choque entre os territórios que residem os conflitos migratórios e manifestam-se os ativismos migrante e anti-imigração na esfera pública. As relações de poder exercidas sobre um território resultam nos conflitos e contradições observados no presente.

Aqui, as duas questões a serem observadas encontram-se: é na esfera pública que acontecem o choque de sentidos e as disputas políticas que caracterizam as tensões e conflitos migratórios nos dias atuais. A construção dos espaços públicos enquanto territórios em disputa tem na mediação um elemento estruturante. No caso que aqui interessa, trata-se, de um lado, de uma forma de ativismo que vê a imigração como um problema social, cultural e econômico e que, portanto, deve ser freada. Do outro, existem as organizações migrantes ativistas que buscam espaço, acolhimento e garantia de direitos. Essas tensões ocorrem em disputas (mediatizadas) pela consciência dos cidadãos menos sensíveis à questão e pelo centro do poder político. Trata-se da fusão de universos em fluxos discursivos que mesclam-se e produzem novas cadeias de significação, reinventando e ressignificando a presença do “Outro” migrante no que diz respeito ao nacional em relações complexas de “familiaridade e estranhamento, emoção/afetividade e indiferença, engajamento e liberdade, suspeição e perigo” (Tedesco, 2016, p. 290). É no espaço público, abstrato, que as diferentes identidades coexistem e produzem alteridades distintas e complexas.

Ainda em Raffestin (1993), a mediação pela comunicação das redes que constituem as territorialidades implica em relações de poder, de forma que as representações comunicativas sobre o território definem a construção de sentidos que se tem sobre ele. O autor faz então uma provocação ao campo da Comunicação ao afirmar que a importância onipresente da Comunicação nos arranjos territoriais contrasta com uma abordagem então considerada “demasiadamente funcionalista” pelos autores do campo. Segundo o autor, “todo indivíduo está preso a uma rede de comunicação, da mesma forma que todo grupo e toda sociedade” (Raffestin, 1993,

p. 218). A estrutura comunicativa seria, portanto, uma estrutura de poder. Apesar de não desenvolver a questão de forma profunda e por ela ter sido feita em um ano em que as Ciências da Comunicação ainda buscavam afirmação enquanto campo de conhecimento e o afastamento das demandas do mercado, as formulações de Raffestin revelam a íntima relação entre as redes que sustentam os processos migratórios e a questão midiática, sendo uma porta de entrada para compreender o fenômeno das migrações nas sociedades midiaticizadas.

Jansson (2007) é outro autor que busca relacionar a questão do território com a comunicação, utilizando a representação como gancho, de forma a compreender “como a comunicação produz espaço e como o espaço produz comunicação” (Janson, 2007 p. 186). Como resposta à questão, o autor propõe uma Geografia da Comunicação, capaz de pensar de que forma ambas relacionam-se e produzem territórios. O autor também utiliza o termo “hiperespaço” para definir a extensão midiaticizada do espaço a partir de modificações no espaço físico (como faz a publicidade) e também todas as influências que os dispositivos de mídia possuem na relação com esse espaço, como a movimentação do corpo ao ouvir música, estar no metrô consumindo algo no celular e os ambientes cada vez mais “instagramáveis”. O espaço midiaticizado na era da convergência rearticula a relação entre os sujeitos e o espaço que ocupam, de forma que é difícil, segundo o autor, separar o espaço físico do mundo virtual, que está embutido na experiência do território. O autor chama atenção para o fato de que não há uma desterritorialização em curso por conta da virtualidade: ainda existem fronteiras, territórios, identidades e representações sobre o espaço.

Em artigo mais recente, Jansson (2013) busca compreender o espaço a partir da ótica da midiaticização. A mobilidade midiaticizada corresponderia à opacidade da distinção entre textos e contextos, entre o espaço simbólico e material e a uma fluidez com relação à produção e consumo midiáticos no espaço. Nesse sentido, a midiaticização é, para o autor, um conceito que promove a discussão sobre a relação interativa entre mídia, sujeito e ambiente, sem cair em um “determinismo tecnológico” (Janson, 2013, p. 280). Ou seja, isolar um processo midiático e um suposto efeito no espaço seria uma tarefa pobre em termos de compreensão da realidade midiaticizada (Hepp, 2014). Portanto, para o autor, o entendimento do espaço midiaticizado passa pela percepção das transformações e manutenções dos arranjos socioespaciais que envolvem várias camadas e também pelo que ele

chama de “texturas”. A própria midiatização é um conceito socioespacial, na medida em que produz dependências (tecnológicas e midiáticas) e normalizações (das práticas sociais) no espaço social, direcionando e definindo a vida cotidiana. Essa nova condição de experienciar e perceber os territórios diz respeito à característica central da midiatização como elemento estruturante e também tem impactos na relação do imigrante com o processo de reterritorialização.

Se as migrações e as representações sobre o território possuem uma matriz comunicacional, é preciso compreender o que de especificamente comunicacional (Signates, 2019) pode ser observado nos processos migratórios contemporâneos. Os territórios virtuais das redes sociais, caracterizados pela interação direta e participativa entre sujeitos (nacionais e migrantes) em circulação de sentidos em cadeias complexas de significação e que criam uma esfera pública midiatizada, com suas bolhas e discursos (tanto de imigrantes para imigrantes quanto os sentidos anti-imigração), integram um espaço midiatizado que por vezes se materializa no espaço físico, seja em processos de violência (xenofobia, racismo, dificuldade para a obtenção de documentos, exploração laboral, golpes), de ilusão (por exemplo, nos casos dos canais e páginas que representam Portugal como um paraíso de imigração, omitindo os problemas sociais), como também de acolhimento e orientação responsável (como o trabalho da Casa do Brasil).

Na tradição institucionalista da midiatização, a lógica da mídia se refere ao “*modus operandi* institucional e tecnológico da mídia, incluindo as formas pelas quais ela distribui recursos e material simbólicos e opera com o auxílio de regras informais” (Hjarvard, 2008, p. 113). A tradição socioconstrutivista está fundamentada no “interacionismo simbólico e na sociologia do conhecimento, mas também integra algumas considerações fundamentais da teoria da mídia” (Hepp, 2014, p. 48). Uma pesquisa centrada na midiatização deve compreender as mudanças dos processos sociais e culturais a partir de novas construções da realidade comunicativa nas práticas cotidianas. Como forma de compreender processos específicos de midiatização sem deixar de compreender ambas tradições de pesquisa, Hepp (2014, p. 53) propõe o conceito de “mundos midiatizados”, que seriam pequenos mundos sociais “que em sua forma presente dependem constitucionalmente de uma articulação pela comunicação midiática”. O autor destaca que um mundo midiatizado tem redes de comunicação além das territoriais, de forma que elas constituem territórios próprios e atravessam vários outros. Nesse sentido, em nossa

pesquisa empírica estamos lidando com diversos mundos mediatizados que têm na migração um ponto em comum com sentidos antagônicos, são bolhas na esfera pública que por vezes se chocam ou se complementam. É, por exemplo, o caso da chamada “Primeira Guerra Memeal” (Córdova; Polivanov, 2015) que, em uma disputa de memes carregada de significados e sentidos históricos, como a questão da Língua Portuguesa melhor falada ou o colonialismo no Brasil, internautas de ambos países passaram da piada à ofensa em cadeia nas redes sociais, de forma viral. Trata-se de um mundo mediatizado que só é possibilitado a partir da realidade mediatizada dos dois países. O conceito de mundo mediatizado permite compreender um fenômeno em diferentes escalas, respeitando as particularidades e elementos não relacionados à mídia (Hepp, 2014), como é o caso de um tipo específico de imigração.

Os conceitos de “webdiáspora” e “webdiásporas específicas” (Elhajji; Escudeiro, 2016) retratam o mundo mediatizado da imigração e ajudam a compreender o processo de mediação das migrações na contemporaneidade, bem como a apropriação das mídias por comunidades de imigrantes durante os movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Trata-se de um processo diferido, difuso e diverso, de forma que, para a execução da análise empírica, é necessário realizar recortes e especificações. Os reordenamentos comunicativos desprovidos de uma dimensão material de território produzem novos arranjos das “experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas” (Elhajji; Escudeiro, 2016, p. 338). Nesse sentido, segundo os autores, o espaço migratório não é apenas uma dimensão geográfica, física e político-administrativa, mas sim, a multiplicidade de modos de produção social e simbólico. Assim, o território social, conforme aponta Barel (1986), é também imaginário e representado a partir de identidades coletivas imateriais, produzindo ressignificações do espaço e seus componentes materiais.

Inversamente, os deslocamentos físicos, sociais, culturais e subjetivos do imigrante o impelem a aderir mental e corporalmente a uma multiplicidade de lugares e territórios, mergulhar sensível e inteligivelmente em suas realidades, traduzi-las e se deixar por elas envolver e traduzir. Entre trajetos e trajetórias, na diversidade e na adversidade, o sujeito migrante é levado a ressignificar as referências materiais e simbólicas que o interpelam para poder projetar narrativamente as espacialidades que o contêm e costurar mnemonicamente as territorialidades que o atravessam (Elhajji; Escudeiro, 2016, p. 348).

Portanto, conforme aponta Haesbaert (2004), não se trata do fim dos territórios, mas sim de um processo multiterritorial, em que cruzam-se os mundos midiáticos (Hepp, 2014) relativos a todo o processo migratório em suas diferentes etapas e texturas, levando em conta que a noção de território possui significados físico e simbólico, carregada de subjetividades e representações sobre aquele espaço. Dessa forma, Segundo Sayad (2011) ao imigrar, traz-se consigo não apenas o movimento físico, mas também toda a bagagem cultural, histórica e social que moldou a identidade do indivíduo. A imigração se torna parte intrínseca da própria história do migrante, incorporando suas tradições, formas de vida, valores, crenças religiosas, bem como todas as outras estruturas que compõem sua sociedade de origem. Em suma, o ato de imigrar implica na transferência não só do corpo, mas também da cultura e das experiências que moldam a essência do indivíduo que irão se fundir com a cultura disponível no território de destino.

Nesse contexto, Cogo (2012, p. 47) entende a diáspora como um conjunto de identidades coletivas resultante da dispersão da população, de forma a comportar multiplicidades de identidades, vínculos e culturas que não se resumem à “polarização entre identidades nacionais homogêneas dos países de origem e de migração”. A webdiáspora, portanto, corresponde a um novo fluxo de comunicação e informação, mediado pelas TICs e virtualizado nos blogs, fóruns, páginas e grupos de Facebook, Instagram, Twitter, TikTok, YouTube, de forma não homogênea em processos de troca e interações. Segundo Scopsi (2009), são consideradas webdiásporas:

Sites produzidos pelas comunidades transnacionais a partir de um dos lugares de dispersão, organizados em torno de um ou mais elementos culturais compartilhados (língua, religião, etnia), destinado explicitamente a membros da comunidade espalhados pelo mundo pela migração e, eventualmente, à população que se manteve na terra natal, contribuindo para a consciência de uma ligação identitária, sua afirmação pública e sua implementação por ações de reivindicação, representação e desenvolvimento econômico e cultural em benefício de seus membros (Scopsi, 2009, p. 92).

Esta webdiáspora, por sua vez, é constituída em um espaço público midiático, formado por “diversas representações sociais que buscam atrelar sentido à vivência humana” (Posch; Cabecinhas, 2020, p. 471). Tais representações sociais são constituídas por discursos, imagens, sentidos e estruturas simbólicas que são linguisticamente mediados em processos de interação, trocas argumentativas, negociações de sentidos a partir de matrizes complexas de significação (Jovchelovitch, 2000). Posch e Cabecinhas (2020, p. 472)

definem as representações sociais como “cognições coletivas e os sistemas de pensamento vigentes que dão sentido à vida cotidiana”. As representações sociais que circulam sobre o país de origem, sobre o ato de imigração e o país de destino no processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, por sua vez, ocorrem no contexto de um “mundo mediatizado” (Hepp, 2014). A mediação de todo o movimento migratório, desde a tomada de decisão até a ambientação no novo território e a relação com os nativos (de onde derivam os conflitos, a necessidade de ativismos e o reconhecimento da condição migrante como a de minoria étnica) é construída mediaticamente em processos de representação social. Da mesma forma, as manifestações das relações de identidade e alteridade entre imigrantes e nativos, que caracterizam o contato com o outro, têm produzido situações de discriminação social, racismo e xenofobia.

Para realizar essa discussão, precisamos compreender macrocontextos importantes, alguns deles já abordados em outros capítulos, como a questão da mediação da esfera pública, dos algoritmos e da lógica neoliberal na formulação de consciências e visões de mundo. Em entrevista com Kristian Berg Harpviken, pesquisador do Peace Research Institute Oslo (PRIO) e líder do projeto “Reaching Out to Close the Border: The Transnationalization of Anti-Immigration Movements in Europe (MAM)” como uma das atividades da BEPE em Portugal, ficou claro que o discurso anti-imigração, por exemplo, trata-se de um “bode expiatório” para culpabilizar o imigrante por problemas estruturantes na sociedade europeia que nada têm a ver com a imigração em si.

Portanto, para compreender os conflitos migratórios que hoje acometem a maioria dos países europeus, algumas outras formulações são necessárias. Todas as questões que envolvem o nosso objeto, especialmente as migrações, estão inseridas no contexto de um mundo globalizado e isso implica em uma série de consequências políticas, sociais, econômicas e culturais. Trata-se de uma globalização neoliberal, consolidada em um mercado global. Um conjunto de relações que tem produzido a exclusão e a desigualdade em todo o mundo (Han, 2022a). Milton Santos (2001) já alertava sobre a globalização como perversidade e como fábula, destacando a exclusão de todos aqueles que não se enquadram no sistema. A extrema direita populista, citando especificamente o Chega, angaria eleitores especialmente entre os que sentem-se excluídos por esse mesmo sistema.

Em última análise, o retorno dos discursos nacionalistas e populistas são subprodutos da própria globalização neoliberal, conforme pontua Han:

Mesmo no interior de zonas de bem-estar ocidentais, o neoliberalismo acentua a desigualdade social. Ele elimina, em última instância, a economia social de mercado. Já o inventor do conceito “neoliberalismo”, Alexander Rüstow, constata que a sociedade, entregue inteiramente à lei de mercado neoliberal, torna-se mais desumana e produz carências [Verwerfungen] sociais. Por isso, ele indica que o neoliberalismo tem de ser complementado por uma “política vital” que estimule a solidariedade e o sentido [para o] comum. Sem essa correção vital-política do neoliberalismo, surge uma massa insegura e conduzida pelo medo, que se deixa facilmente ser cooptada por forças nacionalistas e populistas. O medo do próprio futuro se inverte, aqui, em uma hostilidade a estrangeiros. O medo se manifesta não apenas como ódio a estrangeiros, mas também como ódio a si. Sociedade do medo e sociedade do ódio se condicionam reciprocamente (Han, 2022, p. 19).

As migrações, os refúgios e deslocamentos forçados do século XXI não podem ser abordados sem levar em conta a questão neoliberal que é o que define, em última instância, as condições comunicativas e midiáticas em que ocorrem as relações sociais durante todo o processo migratório. As assimetrias e desigualdades produzidas pela globalização neoliberal produzem impactos diretos na experiência migratória (Sassen, 2016). A autora defende a existência de uma conjuntura global de complexidades sociais que produzem expulsões e brutalidades com relação ao diferente. Em perspectiva semelhante, Han (2022) aborda a questão da “Expulsão do outro”, em um mundo que cada vez mais valoriza a positividade do igual e a higienização das relações sociais promovidas pela globalização. O autor recorre a Kant ao formular que a “paz perpétua”, promovida pela razão, demanda uma “hospitalidade incondicionada”, implicando que “todo estrangeiro teria um direito de estadia em outro país” (Han, 2022b, p. 23), de forma que, segundo Kant, “ninguém teria mais direito de estar em um lugar da Terra do que outra pessoa” (Han, 2022b, p. 23). A hospitalidade seria, portanto, um fundamento de humanidade ligado à razão, de forma a promover “reconciliação”.

Historicamente, como aponta Vendramini (2018, p. 246), “o deslocamento de trabalhadores está relacionado com os deslocamentos espaciais do capital dentro de um padrão de contínua recriação de contradições entre trabalho e capital”. Esta perspectiva histórica das relações de produção e de trabalho é muito importante ao analisar os fenômenos migratórios, para que não se caia em um pragmatismo que observa somente as aparências. Existem questões universais relacionadas aos

processos migratórios que precisam ser respeitadas na análise dos fenômenos particulares.

Com relação ao sujeito migrante, antes de tudo ele é um sujeito da classe trabalhadora que busca reproduzir-se enquanto tal, em formas cada vez mais precárias, inseguras e vulneráveis. Vive em zonas periféricas, muitas vezes em guetos, sujeito ao preconceito e discriminação, bem como à violência. É um sujeito com família, sexo, raça, etnia, idade e escolaridade. Enfim, constitui uma massa de trabalhadores completamente disponível para a exploração, tendo que se mover entre diferentes ocupações e regiões. Toda essa situação afeta, sem dúvida nenhuma, a subjetividade do migrante, constituindo, como indica Kuenzer (2016), uma subjetividade flexível do ponto de vista cognitivo, comportamental e ético (Vendramini, 2018, p. 247).

A globalização enquanto “violência estrutural e perversidade sistêmica” (Santos, 2001, p. 19) tem se colocado para a maior parte da humanidade como uma fábrica de violências, perversidades que vão desde o aumento da pobreza, do desemprego e da degradação do trabalho até a também degradação das formas de vida. De um lado, observamos uma massa empobrecida que, paradoxalmente, é a responsável pela produção de riqueza. Essa riqueza, no entanto, não se reflete diretamente em seu meio, pois ela é absorvida por complexos fluxos econômicos virtualizados, caracterizados pelos princípios da livre circulação e da desterritorialização, representativos do capital financeiro. Apesar de gerada por essa população desfavorecida, a riqueza acaba concentrada nas mãos das elites, perpetuando assim as desigualdades sociais. Por outro lado, as implicações desse processo de exploração são profundas e severas para os próprios indivíduos que a alimentam. Essa massa populacional não apenas é explorada economicamente, mas também sujeitada à violência e à restrição em suas ações. Encontra-se enredada em um ciclo de exploração que não apenas prejudica sua condição econômica, mas também atinge sua dignidade e liberdade, alimentando assim um sistema opressivo e excludente. Essa perversidade, projetada na realidade dos imigrantes, revela a violência a qual estão submetidos. Mas não todo migrante, apenas alguns tipos de migrantes, nomeadamente negros, mulheres e pertencentes a culturas não europeias. É por isso que as abordagens sobre a migração precisam ir além das abordagens qualitativas e demográficas.

O macrocenário dos conflitos aqui retratados, que justifica a necessidade de organização de grupos ativistas pró-imigrantes e que também suscita os discursos anti-imigração na Europa, deve ser pensado através de uma perspectiva humanizadora, a partir da diversidade da experiência de mobilidade, além de

também serem pensadas formas de desarticulação dos discursos discriminadores e de ódio, através de recursos comunicativos. Os discursos pautados na divisão do “nós” e dos “outros”, que abordam a expulsão desse outro e o veem como uma ameaça ou um problema, ainda são hegemônicos nos imaginários sociais e nas representações que circulam na esfera pública midiaticizada. Cunha (2015) já alertava, há quase uma década, sobre o processo de “desdemocratização da Europa” em função de um cenário de globalização financeira neoliberal. A autora defende a tese de que desde a crise de 2008 houve uma ruptura com o paradigma de bem-estar social então vigente a partir da Segunda Guerra Mundial. Isso porque, desde esse período, há uma profunda modificação das circunstâncias e condições materiais que permitiram e viabilizaram os Estados de Bem-Estar Social até então (Cunha, 2015). Ainda segundo a autora, as privatizações e a redução do setor público promoveram a ampliação das desigualdades e marcaram o processo de desdemocratização do capitalismo na Europa.

Trata-se do fim de uma utopia de governança social que pretendia exportar um modelo de justiça e equidade para outras sociedades, independentemente dos atropelos e das imperfeições que este modelo evidenciou ao longo da História. O que está em fase de consolidação é um modelo bem menos solidário, mais egoísta, individualista e competitivo (Cunha, 2015, p. 60).

Neste contexto de crise do capitalismo e intensificação das medidas de austeridade, privatizações e avanço do neoliberalismo, não há espaço para o “outro”. E é assim que, no sistema de representações sociais, os sujeitos, ao notarem a precarização das suas condições de vida (como é o caso dos preços dos aluguéis em Lisboa), buscam atribuir sentidos aos problemas que enfrentam. Durante essa busca, ocorre a simplificação das situações, de forma a atribuir ao que lhes é visível. É nesse paradigma que os imigrantes são colocados como culpados pelos problemas sociais que nem sempre têm a ver com a imigração.

A imigração é visível e de fácil atribuição cognitiva, produzindo uma série de discursos e representações. Conforme aponta Sayad (1998, p. 56), “não existe outro discurso sobre o imigrante e a imigração que não seja um discurso imposto”. E os sistemas midiáticos são responsáveis diretos por essas construções impostas ao atribuírem ao imigrante estereótipos e colocarem-no como problema a ser resolvido e não como seres humanos. São construções sociais que circulam na esfera pública e no sistema de representações e sentidos disponíveis que são acionados em momentos de crise, austeridade ou ameaça a um modo de vida.

Trata-se do que Machado (2003, p. 181) chamou de “encarceramento simbólico” dos imigrantes. Tais discursos, quando não trabalhados criticamente, acabam por se “solidificar socialmente” (Posch; Cabecinhas, 2020, p. 474), tornando-se entraves para a legitimação das identidades culturais.

Assim, a reflexão sobre o especificamente comunicacional (Signates, 2019) na construção das representações sociais sobre o imigrante na esfera pública midiaticizada, levando em conta os ativismos imigrantes e anti-imigração, bem como mecanismos de diálogo, deliberação e reconciliação em contextos polarizados, é o grande desafio que mobiliza esta tese de doutorado. No próximo item, faremos uma reflexão sobre o ativismo imigrante e anti-imigração, levando em conta os conflitos e contradições no contexto midiaticizado aqui apresentado.

3.1 Ativismo imigrante e anti-imigração na sociedade midiaticizada

As narrativas, representações sociais e sentidos que circulam na esfera pública sobre a questão da imigração encontram-se em disputa, politizados por um conjunto de ideologias que agregam-se e que têm no ativismo uma produção intensa de repertório de ação e comunicação, que buscam aumento de poder para atingir objetivos, demandas e pautas, tanto na relação com a sociedade quanto com o Estado. O ativismo contempla desde ações coletivas, como a organização em movimentos sociais, com ações e estratégias organizadas, até o ativismo individual, digital e descentralizado.

Não é objetivo deste item realizar um debate teórico sobre os conceitos de ativismo e movimentos sociais, mas sim, compreender elementos específicos do ativismo imigrante e anti-imigração na sociedade midiaticizada, de forma a trazer luz ao trabalho de campo exposto na tese. Especificamente, compreender como o novo ecossistema comunicacional, nomeadamente das plataformas digitais, produz novas formas de ativismo, novos repertórios de ação e também uma nova lógica de atuação. O ativismo é exercido com base em um repertório de ação que designa “o conjunto limitado de formas que os atores sociais dispõem e compartilham em determinado momento histórico para externar suas demandas” (Alcântara, 2016, p. 318). Esse repertório, segundo Tarrow (2009), está inscrito culturalmente, na linguagem, nas tradições, na realidade social, e opera como mobilizador racional e subjetivo. Ele também está disponível comunicativamente e afeta as pessoas,

convence e mobiliza de acordo com fatores do “Eu”, do “Outro”, da realidade social e das condições materiais e simbólicas.

É a partir desses repertórios que são criadas ações, sentidos, legitimidades e é como um movimento, uma causa ou uma pauta que pode sobreviver, se ampliar e causar impactos e transformações, que é o objetivo final (Bringel, 2012). O ativista atua para sensibilizar a opinião pública por meio dessas ações estratégicas. É, portanto, um agente na esfera pública bem posicionado, com interesses e objetivos claros e politizados. A atuação dos ativistas, incluindo os movimentos sociais, é essencialmente comunicativa (Alcântara, 2016). Esses repertórios estão em contínua reelaboração, de acordo com o enredo político, social, com a realidade que cerca determinado grupo, causa ou política, e podem ganhar ou perder força de acordo com contextos e acontecimentos específicos que se transformam na dinâmica social. Mais do que um objetivo político, o ativismo possui um papel importante na formação de identidades, de criação de laços com o grupo, de mobilização de afetos e relação entre o “Eu” e o “Outro”.

O ativismo, ao reivindicar, expor e produzir representações, sentidos e informações em prol de causas e pautas, cria tensionamentos, frequentemente operando em oposição a determinados elementos e, assim, gerando polos e núcleos de identificação. Nesse sentido, é fundamental compreender que o ativismo não apenas reivindica mudanças, mas também molda identidades. A interação, leituras e bases vão desenvolvendo lógicas internas e externas, formas de atuação, implicações estéticas e éticas, *modus operandi*, e contribuem para a construção de uma imagem social sobre o ativismo, o ativista, a causa e o movimento social.

Quando nos referimos ao ativismo migrante ou anti-imigração, estamos abordando um conjunto de repertórios de ação heterogêneos e fragmentados, que operam a partir de lógicas distintas e são influenciados por variáveis, como o contexto histórico do território de atuação, o cenário político, os instrumentos culturais e os dispositivos técnicos. Mesmo que grupos ou indivíduos ativistas defendam causas semelhantes, é crucial reconhecer que possuem estruturas e repertórios de ação distintos, exigindo análises aprofundadas para compreender a complexidade de cada atuação. Esses repertórios são dinâmicos e passíveis de transformação, o que implica que um mesmo grupo ou movimento pode ser interpretado de diversas formas no espaço e no tempo, justificando recortes para análises mais precisas.

Dessa forma, o termo "ativismo migrante" é genérico e abrange todas as formas de mobilização, atuação, reivindicação pública, ações sociais e organizações relacionadas à condição de migrante, refugiado ou deslocado. Contudo, é crucial considerar que esse ativismo não é homogêneo e deve ser compreendido a partir de recortes contextuais específicos, levando em conta a atuação no espaço-tempo. Alguns pontos centrais desse ativismo incluem a resposta às complexidades, desigualdades e desafios enfrentados pela população migrante em todo o mundo, como discriminação, falta de proteção legal, condições precárias de vida, conflitos, perseguições políticas, criminalização e demais violações de direitos dos seres humanos na condição de estrangeiros (Nicholls et al., 2021).

No caso do ativismo migrante, a identidade compartilhada é a condição de imigrante, de estrangeiro, outsider. No entanto, uma série de categorias fragmenta esses status, produzindo grupos e ativistas com diferentes perspectivas e estratégias. Por exemplo, as reivindicações de um imigrante com cidadania ou título de residência não são as mesmas de um imigrante em situação irregular que, por sua vez, também difere de um refugiado político ou exilado. Nesse sentido, vários autores dedicam-se em compreender as diversas identidades migrantes e a formação de grupos e movimentos sociais na formulação e reivindicação, com base em protestos e ações ativistas individuais e coletivas (Bloch & Chimienti, 2011; Monforte & Dufor, 2013; Nicholls, 2013; Però & Solomos, 2010). Por outro lado, é interessante notar que, ao ser ativista, o grupo dos imigrantes indocumentados transgride a noção jurídica de cidadania, já que, ao exercer direitos políticos, está também exercendo o direito à cidadania (Rygiel, 2016). O ativismo imigrante também tem a função de produzir espaços autônomos de convivência e integração e construir redes de solidariedade e resistência.

No contexto do ativismo anti-imigração, é crucial destacar que não são equivalentes, pois o migrante luta pela própria existência, sobrevivência e dignidade, enquanto o ativismo anti-imigração parte de valores e representações contra o "Outro", atribuindo às minorias problemas sociais complexos. Esse tipo de ativismo faz uso de discursos de ódio e retórica discriminatória, frequentemente associados a elementos racistas, misóginos, xenofóbicos e, no caso europeu, islamofóbicos. Na Europa, onde é desenvolvida esta pesquisa, a intensidade do sentimento anti-imigração e a parcela da população que é oposta profundamente à presença do imigrante têm aumentado, tornando a situação mais crítica (Heath et al., 2020), o

que intensifica a polarização e fortalece o ativismo anti-imigração em todo o continente.

A principal característica do ativismo anti-imigração, segundo Kristian Harpvinken (Zanetti; França, 2023), é a atribuição ao imigrante, ao "Outro", de problemas sociais de ordem econômica, social, cultural e política que, muitas vezes, pouco têm a ver com a imigração em si. Esse fenômeno pode ser observado em países onde partidos abertamente anti-imigração ocupam o governo, como é o caso da Suécia e da Polônia. O fenômeno do ativismo anti-imigração na Europa deve, portanto, ser observado tanto a partir de uma ótica transnacional, com movimentos de extrema direita articulados e com discurso unificado no continente, quanto de cada país, compreendendo as realidades regionais. O principal motor do ativismo anti-imigração é um sentimento de ameaça, uma espécie de pânico moral sobre o modo de vida e as consequências da presença do "Outro", com cunho neonacionalista. Esse "neonacionalismo" é caracterizado pela fusão entre populismo e nacionalismo, abarcando as ideologias da extrema direita (Halikiopoulou; Vlandas, 2019). Para Halikiopoulou e Vlandas (2019), a base do fenômeno é uma divisão entre "nós" e "eles". O "nós" tem conotação de pureza: trata-se de pureza no sentido de honestidade, de ser "do bem" à moralidade, frequentemente também com conotação racial. O "eles" é associado à impureza, indignidade, violência, corrupção. A criação de um inimigo abstrato, sejam as elites, sejam os imigrantes, ou uma ideologia específica, são as formas de acionar representações de defesa, de iminência de ataque, o que pode ser observado na retórica dos atores políticos e ativistas, como se todos devessem estar desesperados, em pânico e com medo. Segundo Han:

O nacionalismo que hoje cresce novamente, a nova direita ou os movimentos identitários são, igualmente, reflexos da dominação do global. Por isso, não é por acaso que os defensores da nova direita não são apenas hostis a estrangeiros, mas também críticos do capitalismo (Han, 2022b, p. 18).

Por definição, o nacionalismo, ao alcançar a homogeneidade, a preservação de uma identidade nacional, o apego a símbolos históricos nacionais, a ideários e representações sobre si mesmo e a autonomia é, ontologicamente, excludente daqueles que não se enquadram na unidade do grupo (Breuilly, 2005). É por isso que, no contexto de crescimento da extrema direita, o nacionalismo ganha força e, por consequência, o discurso anti-imigração também. Nesse sentido, a principal

questão do ativismo anti-imigração é a tese do “ressentimento cultural” (Golder, 2016), que indica que o crescimento do apoio à extrema direita populista tem a ver com uma espécie de “contra-ataque cultural”, uma reação às rápidas mudanças e transformações sociais por parte de quem teme os valores universalistas, cosmopolitas e de integração. As incertezas econômicas alimentam a atribuição dos problemas sociais ao “Outro”, ao migrante, e às transformações culturais ligadas à tolerância. Isso é impulsionado por um sentimento antielitista: ao ganharem o mainstream, as pautas identitárias, feministas, antirracistas e progressistas passaram a ser associadas ao desmerecimento do cidadão tradicional (Halikiopoulou; Vlandas, 2019).

No contexto da midiatização e das plataformas digitais, o ativismo ganha novas possibilidades comunicativas e novos repertórios. Além das possibilidades técnicas, a intensificação do fluxo de informação e circulação de sentidos também exerce impacto sobre os arranjos e configurações ativistas. Diversos autores trataram sobre a organização dos movimentos sociais em rede (Scherer-Warren, 2006; Castells, 2012; Toret, 2012), cuja principal característica é a apropriação da comunicação digital em rede como constitutivo de mobilizações e ações em torno de pautas, causas e demandas políticas e sociais. O conceito de autocomunicação de massa de Castells (2017, p. 101) é definido como “uma nova forma de comunicação interativa, caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou no tempo escolhido”. No entanto, é importante destacar que, apesar dessa possibilidade aberta pela comunicação digital, a configuração da comunicação dominada pela economia política das plataformas digitais não é tão democrática quanto parece. O modelo comunicativo abriu espaço para figuras como influenciadores digitais, para a criação de bolhas, para formas e modelos de comunicação que mais se assemelham à autodoutrinação (Han, 2018) do que a uma comunicação dialógica e efetiva. A lógica de exposição (Sodré, 2020) que comanda a midiatização algorítmica determinará a eficácia da comunicação, o seu valor de verdade, a sua credibilidade e capacidade de engajamento. Nesse sentido, apesar da capacidade de comunicação de muitos para muitos, a comunicação digital criou suas próprias formas de comunicação de massa, de segregação e de concentração da comunicação de acordo com critérios socioeconômicos.

A noção de “mundos midiatizados” de Hepp (2014) ilustra bem essas configurações. O espaço digital cria territórios próprios, com configurações de

campos sociais específicos, de acordo com a ideologia do grupo, os objetivos, as táticas e estratégias de ações. Por isso, o repertório de ação de um grupo migrante jamais poderá ter similaridade com o repertório de ação de um grupo anti-imigração, por mais que as ferramentas disponíveis no campo digital sejam as mesmas. O pressuposto básico das teorias da midiatização é que a influência da lógica midiática vai além de si mesma enquanto ambiente comunicativo, alterando a lógica para outras esferas sociais, como a política, a economia, os movimentos sociais e a religião (Hjavard, 2014).

Portanto, uma definição de “ativismo midiatizado” é a influência das plataformas midiáticas nos repertórios de ação e comunicação dos ativistas, de forma a alterar sua lógica, estrutura, organização e até mesmo a adequação de valores e ideologias em discursos mais convenientes e comunicativamente eficazes. A circulação desses sentidos passa a compor uma complexa relação entre sociedade, mídia e cultura, de forma que os sentidos com maior valor de exposição e efeitos de viralização adquirem maior autoridade sobre a percepção de realidade e de verdade. Exemplos de novas ações exclusivamente digitais são as petições on-line, o hacktivismo, a coordenação sigilosa e desterritorializada de ações, ocupações virtuais de sites e páginas de políticos, celebridades, etc.

O termo “ciberativismo” também é largamente utilizado como referência a formas específicas de ativismo nos ambientes digitais, especialmente a partir de 2010. Segundo Silveira (2010), a própria concepção dos espaços da cibercultura é originada de concepções da contracultura, a partir dos princípios de distribuição do poder e emancipação das pessoas pelo acesso à informação. Assim, o hacker é uma espécie de representação desse movimento, que é antissistema e antiestablishment desde seu princípio. É por esse motivo que, segundo o autor, ideologias extremistas são facilmente propagadas nas esferas públicas digitais. A noção de liberdade de circulação e de informação tem sido sumariamente apropriada pelas Big Techs que representam as plataformas digitais e transformam esse processo em algo favorável aos seus objetivos de monetização. Dessa forma, o ciberativismo passou a ser desenhado tal como apresenta-se hoje: pautado pelo individualismo colaborativo e dentro do espaço vantajoso para as Big Techs. E nesse sentido, ele não é apenas consequência da apropriação da internet por ativistas, mas sim, é elemento constitutivo do ciberespaço, das plataformas digitais e, em última instância, da esfera pública midiatizada.

No próximo capítulo, daremos início à exposição do percurso metodológico adotado nesta tese, o qual é fundamental para compreendermos o contexto e a abordagem utilizada na investigação. Destacaremos a prática etnográfica como uma ferramenta para imersão empírica no campo, permitindo-nos observar e compreender os fenômenos migratórios em sua complexidade e dinamicidade. Além disso, abordaremos as entrevistas em profundidade realizadas, ressaltando a importância desses encontros para captar as vozes e experiências dos sujeitos envolvidos, proporcionando elementos valiosos para a análise. No que diz respeito à relação com as representações sociais, exploraremos como essas construções simbólicas constroem as percepções dos indivíduos sobre a questão migratória, contribuindo para dimensionar os repertórios de ação dos ativistas.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, as inquietações desta pesquisa estavam voltadas para compreender como a mediação da esfera pública e sua lógica algorítmica se relacionam com fenômenos sociais, políticos e culturais, seguindo a minha trajetória acadêmica construída até então com base nos estudos em mídia e deliberação. Ao delinear o projeto de pesquisa, percebi, a partir de levantamento bibliográfico, uma lacuna nos estudos que relacionam os conceitos de mediação, esfera pública e deliberação com os estudos migratórios. A partir disso, a soma desses horizontes levou a caminhos inesperados e, a meu ver, inovadores. As análises dos objetos por uma perspectiva própria da mediação, especialmente sobre as abordagens teórico-epistemológicas desse conceito, ainda eram escassas e tinham campo fértil, especialmente nos estudos em esfera pública. Ao se somarem com os fenômenos migratórios, busquei abordagens nos estudos em migração que permitissem a articulação desses conceitos, de forma a preencher lacunas que observamos em nossa revisão bibliográfica. O percurso natural da pesquisa, a partir do contato com o campo, fez todo o eixo deliberativo ser descontinuado devido à intensidade da polarização e do discurso anti-imigração em Portugal. Tal realidade levou à inviabilidade da realização da metodologia de grupos focais prevista inicialmente e consolidou a etnografia multisituada como metodologia principal da tese.

Também foi necessário considerar que a pesquisa em comunicação, realizada sob a perspectiva da mediação, apresenta um notável desafio metodológico. A compreensão dos fenômenos sociais por meio de uma abordagem complexa, que rompe com a lógica tradicional de "emissor-receptor" e com as relações de causa-efeito (Braga, 2006), centrando-se nas interações sociais e nas construções simbólicas comunicativamente construídas, exige uma criatividade metodológica sem, no entanto, perder o rigor científico. Defendo que o caráter inovador da tese reside precisamente no desafio teórico-metodológico de articular questões relacionadas à esfera pública mediada e seu contexto algorítmico, as representações sociais, o ativismo migrante e anti-imigração a partir de uma abordagem não midiocêntrica de cunho etnográfico. Isso se torna ainda mais relevante ao considerar um cenário empírico marcado por polarização, aumento da intolerância e disputas identitárias que ocorrem nas plataformas digitais, fenômenos cada vez mais evidentes com o decorrer da pesquisa.

Os processos migratórios, tampouco são menos desafiadores. Quando imergi no universo dos estudos migratórios me deparei com uma instigante diversidade e complexidade de teorias e abordagens. Para compreender aspectos desses fenômenos e sua multiplicidade de questões, é necessário compreender, segundo Elhajji (2023, p. 58) “diversos aspectos da vida do sujeito migrante, sua comunidade e seu entorno social, político, econômico, cultural e tecnológico”. Este desafio torna o fenômeno migratório um problema interdisciplinar, compreendido por diversas óticas e recortes de análise. Apesar da abordagem dos Estudos Culturais ser frequentemente utilizada no campo da Comunicação para compreender as dinâmicas das migrações, o contexto global de aumento da intolerância, da polarização e da violência, causado pelas crises do capitalismo, também nos força a evocar outros aspectos teóricos e metodológicos importantes nas análises empíricas.

Assim, o percurso que culminou nesta investigação é tão significativo quanto os resultados apresentados. A combinação de elementos teóricos e metodológicos que relacionam a midiatização, as migrações internacionais e a etnografia, incorporando também teorias auxiliares como a noção de esfera pública, ativismo e representações sociais, revelou-se uma abordagem inovadora para explorar a temática de pesquisa. Além disso, o cenário singular da questão migratória em Portugal, juntamente com as movimentações políticas intensas dos últimos anos, proporcionou igualmente um cenário empírico relevante para a compreensão de objetos e sujeitos de pesquisa com tais elementos teóricos e metodológicos.

Esta trajetória conduziu a presente investigação a ser ancorada nas seguintes indagações: *como a esfera pública midiatizada em Portugal se estrutura com relação à questão migratória, considerando as interações, usos midiáticos e apropriações de sentidos por ativistas? Como se caracteriza o repertório de ação e a produção midiática dos ativistas imigrantes e anti-imigração em Portugal? Como podemos compreender as representações sociais constituídas em torno da questão migratória, sobretudo nas disputas identitárias disseminadas em ambientes informacionais digitais em Portugal?*

A hipótese inicial foi de que há uma dinâmica de polarização e disputas identitárias em torno da questão migratória na esfera pública midiatizada em Portugal, com grupos ativistas compostos por imigrantes brasileiros e portugueses anti-imigração que contam com repertórios de ação distintos para mobilizar apoio e

disseminar suas mensagens nas redes sociais. As representações sociais acionadas por esses grupos são construídas e disseminadas a partir de interações comunicativas e apropriações de sentidos específicos, gerando uma tensão entre diferentes posicionamentos no que tange à temática migratória. Com ênfase nessa questão, a caracterização da esfera pública midiaticizada em Portugal permitirá uma compreensão aprofundada do repertório de ação e de mobilização de grupos ativistas e da constituição e disseminação das representações sociais presentes no debate público em torno da imigração.

Com o fim de compreender os elementos e testar a hipótese, buscamos: a) Caracterizar a esfera pública midiaticizada em Portugal a partir da questão migratória, observando interações, usos midiáticos, apropriações de sentidos e levando em conta a atuação ativista de sujeitos, grupos e organizações; b) Identificar as principais características dos grupos ativistas compostos por imigrantes brasileiros e nacionais portugueses anti-imigração em Portugal; c) Investigar os repertórios de ação, mobilização e produção midiática de ativistas imigrantes brasileiros e portugueses anti-imigração em Portugal; d) Analisar como as representações sociais em torno da temática migratória são constituídas e disseminadas a partir das interações estabelecidas em redes sociais digitais de ativistas imigrantes e anti-imigração no contexto português.

Para isso, foi preciso levar em conta uma série de fenômenos contextuais, alguns deles que implicaram também em revisão metodológica do projeto original e o abandono de alguns aportes, como descrito anteriormente. Era necessário considerar, por exemplo, o atual estágio do capitalismo global, especialmente após a crise de 2008, tendo em vista que a partir dele uma série de processos econômicos, sociais, políticos e culturais na Europa sofreram transformações relevantes (Cunha, 2015). O processo de globalização, que historicamente favoreceu países do norte e do ocidente (Santos, 2001), está, atualmente, sofrendo um processo de desglobalização e desocidentalização (Cunha, 2019). Isso tem gerado um clima de competitividade e maior divisão entre o “eu” e o “outro”, especialmente pela radicalização da ideologia neoliberal e individualista na esfera pública. Na Europa, essa consequência social se manifesta em fenômenos como a culpabilização de minorias étnicas não-europeias e racializadas, que migraram para fugir de conflitos em seus países de origem (muitas vezes situações ainda não resolvidas resultantes de processos de colonialismo e imperialismo produzidos pelo norte global), pela

situação econômica e pela precarização da vida cotidiana. Compreender como esses macrocontextos se manifestam na experiência do imigrante, dos nacionais e seus ativismos e, principalmente, nos processos comunicativos que estruturam esses fenômenos, é essencial para contextualização do ambiente em que ela se insere.

Os estudos migratórios acabam, não raro, ficando submetidos a esses contextos macroeconômicos e políticos, visto que eles determinam fluxos, motivações, reações e processos sociais complexos. Em consequência, como explica Elhajji (2023, p. 61) não há um “corpo epistemológico homogêneo ou coeso” nos estudos em migrações, de forma que as possibilidades de montagens conceituais são amplas e variadas. Apesar de uma tradição excessivamente economicista e quantitativista nos estudos e migrações, o autor admite que a questão simbólica e subjetiva tem ganhado espaço considerável nos últimos anos. Principalmente a partir da noção de “redes de migração”, aspectos simbólicos, subjetivos e de identidade têm sido cada vez mais abordados nas análises acadêmicas sobre a migração. Isso é especialmente importante em um mundo midiático, onde o bios midiático (Sodré, 2002) configura comunicativamente a esfera pública, produzindo novos territórios, espaços e interações, e, por consequência, novas subjetividades.

O deslocamento de uma dimensão física e espacial para uma dimensão imagética e simbólica, movidas pelo desejo de realização pessoal, demonstra que a migração começa, antes de tudo, numa dimensão psicológica (Elhajji, 2023), em uma representação social do país, da cultura, dos espaços, das possibilidades de uma nova vida e de uma nova existência. É nesse ponto, da simbolização da materialidade e da materialização do simbólico que a perspectiva em mediação, enquanto “um novo modo de ser no mundo” (Gomes, 2017) encontra a transição entre a esfera social e psicológica. Nesse sentido, encontrei nas representações sociais, enquanto mediadoras da relação sociedade/indivíduo, uma abordagem que pudesse servir como elo para compreensão contemporânea da questão migratória na esfera pública mediada.

Esse percurso, desde a macroestrutura econômica até o nível subjetivo e psicológico, traz implicações epistemológicas. Embora seja extremamente difícil combinar diferentes abordagens teóricas e metodológicas, optamos por fazê-lo, pois acreditamos que elas podem ser articuladas para compreender aspectos

comunicacionais específicos desses processos. Além disso, esse caminho é importante porque há várias lacunas metodológicas nos estudos de mediação, que podem ser preenchidas através da articulação com outras abordagens. Por esse motivo, por exemplo, iniciamos nossa tese com um estudo empírico sobre a conexão entre o conceito de mediação e os estudos migratórios, que foi encontrado durante nossa revisão de literatura. Todo caminho teórico-epistemológico e metodológico esteve sempre preocupado com a coerência e com a vigilância epistemológica (Gomez; Reyes, 2012). Por este motivo, as metodologias qualitativas pareceram a melhores abordagens para lidar com a complexa realidade migratória em tempos de crescimento da discriminação, xenofobia e intolerância. O momento exige a sensibilidade que, ao nosso ver, somente a imersão etnográfica nos “mundos mediados” (Hepp, 2014) poderia proporcionar.

Conforme será possível perceber, de fato essa imersão mudou completamente os rumos que pretendia tomar inicialmente. E exatamente por serem qualitativas, foi sempre uma preocupação (e uma angústia) o compromisso com o rigor científico. Busquei seguir essa coerência em cada etapa e fase do estudo. Reforço que, assim como apontam Gomez e Reyes (2012), a investigação não ocorreu de maneira linear, mas sim de forma cíclica, em processos de “ida e volta”.

Por exemplo, na elaboração da primeira versão do projeto, o partido “Chega” tinha apenas um ano de vida, pouca expressão social e nenhuma representação parlamentar. Não havia, naquele momento, um discurso diretamente anti-imigração forte no partido, sendo o foco observado o discurso contra a etnia cigana. No momento da pesquisa de campo, esse cenário se transformou radicalmente, com a ascensão de discursos anti-imigração principalmente na base do partido. Isso ficou claro no V Congresso do “Chega”, realizado em Santarém em janeiro de 2023, que acompanhamos como etapa etnográfica em modalidade virtual. Isso também foi percebido a partir de casos de violência física contra imigrantes, conforme descrevo no capítulo etnográfico. Repensar as abordagens e a realidade social observada com vigilância epistemológica foi, sem dúvida, a parte mais desafiadora da execução do projeto.

Em determinado momento, esbarrei na necessidade de compreender as dinâmicas polarizadas sobre migração no contexto da esfera pública mediada em Portugal, a partir da noção das disputas identitárias e dos ativismos que

caracterizam a esfera pública segundo Miskolci (2021)¹. Essa necessidade veio, principalmente, após a observação de grupos e páginas ativistas abertamente anti-imigração, com discursos racistas, xenofóbicos e que promovem a superioridade racial e moral “europeia”. Igualmente observei, tanto no ambiente virtual quanto nas entrevistas, muitos discursos e narrativas contendo violência xenofóbica, misógina, homofóbica e islamofóbica.

A realidade social que encontrei estava mais polarizada e violenta do que a que esperei no início, o que também teve implicações nas escolhas metodológicas. Por esse motivo, outro aspecto inovador da pesquisa é o foco no tensionamento entre os imigrantes e os nacionais anti-imigração nos espaços mediatizados e virtuais da internet sem, no entanto, partir de uma análise comparativa.

Assim, considerei a necessidade de promover uma imersão nesses processos de disputas identitárias, tendo em vista compreender dinâmicas sociais, interações e repertórios de ação e comunicação em estruturas mediatizadas. A questão migratória em Portugal atravessa assuntos comunicativos, sociais, políticos, econômicos que formam identidades e consciências de mundo a partir de complexidades coloniais que ainda se fazem presentes no imaginário social e que demandam uma compreensão de aspectos subjetivos e multifatoriais complexos.

Assim, a abordagem metodológica buscou combinar técnicas e métodos distintos, desde a etnografia (Geertz, 1973; Marcus, 1999; Peirano, 2008) com aplicação de entrevistas em profundidade (Duarte, 2010) junto a ativistas imigrantes e anti-imigração, etnografia digital (Hine, 2016; Recuero, 2016) nos grupos ativistas nas redes sociais, orientada pela teoria das representações sociais (Bertoni; Galinkin, 2017). A dimensão comunicativa foi pensada metodologicamente a partir da noção de “mundos mediatizados” em Hepp (2014). Busquei, dentro das limitações de uma tese, investigar o objeto proposto a partir de uma trajetória de pesquisa que relaciona uma multiplicidade de repertórios de ação e comunicação, relacionando uma constelação de atores, sentidos, meios, territórios e eventos. Minha tentativa foi compreender os elementos comunicativos relativos ao mundo mediatizado, o qual envolve uma esfera pública incendiada pela questão migratória e permeada por disputas identitárias que aprofundam o sentimento de polarização e divisão social

¹ Essa relação está descrita no capítulo três, sobre a esfera pública mediatizada.

em Portugal neste momento, com foco na imigração brasileira, que constitui a maior comunidade estrangeira em solo português².

Dessa forma, não poderia, por exemplo, optar por um procedimento metodológico preocupado somente com a poiesis, com a produção de sentido por veículos e canais midiáticos. Da mesma maneira, não poderia desconsiderar que a midiatização pressupõe processos diferidos e difusos de representações sociais que circulam, se ressignificam em cadeias complexas, não lineares, muitas vezes anônimas, deixando de levar em conta a realidade digital e algorítmica da esfera pública midiatizada amplamente descrita no capítulo três. Como afirma Ferreira (2020, p. 274), “nem sempre a experiência mental pode ser objetivada”. Existe todo um universo de sentidos e significações que sequer podem ser acessados, já que não se manifestam materialmente. Assim, o recorte metodológico da midiatização deve ser “somente aquilo que está ou irrompe no espaço público, por ações de indivíduos ou atores localizados no espaço privado ou no espaço dos campos de especialistas” (Ferreira, 2020, p. 274).

A pesquisa em midiatização, a etnografia e a teoria das representações sociais possuem a vantagem metodológica da flexibilidade para compreender os fenômenos analisados. Isso é especialmente útil para objetos complexos, dinâmicos e fluidos, como é o caso do ativismo imigrante e anti-imigração em Portugal. Jodelet (2003) é pioneira em compreender as representações a partir da perspectiva da cultura, utilizando o método etnográfico. A autora afirma que as representações sociais devem compreender elementos afetivos, materiais e sociais, atentando à linguagem e à comunicação nas representações sobre a realidade.

Essa perspectiva se soma ao que vem sendo discutido no campo de estudo que relaciona mídia e migrações sob perspectiva transnacional. Cogo e Brignol (2014) destacam a complexidade que a questão migratória tem adquirido desde o final do século XX, com a ampliação dos fluxos, das redes, da internet e da diversidade étnica, de gênero e de motivações para a migração. As experiências multiterritoriais possibilitadas pelos movimentos de webdiáspora (Elhajji; Escudeiro, 2016) trouxeram uma nova configuração comunicativa para os processos migratórios, conforme abordamos no capítulo quatro. Essa realidade implica, segundo Cogo e Brignol (2014), no afastamento do que chamam de “nacionalismo

² No processo de entrevistas junto à Casa do Brasil, fica claro que existem muitas subcomunidades de brasileiros em Portugal, sendo um movimento extremamente heterogêneo.

metodológico”, com análises excessivamente centradas no país de origem ou de destino, que impedem a compreensão de “conflitos, ambivalências, e ironias da sociedade contemporânea” (Cogo; Brignol, 2014, p. 7). As autoras argumentam que existem novos espaços sociais ocupados pelos migrantes, em redes e interações que extrapolam o Estado-nação. Esta movimentação resulta em movimentos ativistas que defendem a “Cidadania Global” e o mundo sem fronteiras, como é o caso da organização Diáspora sem Fronteiras, analisada na pesquisa.

Isso também ocorre no discurso anti-imigração quando constatei, por exemplo, que este ativismo está ancorado em redes transnacionais e em toda Europa, conforme investiga o projeto Mobilization Against Immigration (MAM) do Peace Research Institute Oslo (PRIO)³, e ao qual pude me aproximar durante a pesquisa de campo. Ou seja, do mesmo modo que as migrações possuem caráter transnacional, a reação à migração (especialmente no norte global) se articula em redes para além dos territórios. É dessa constatação de reivindicação por direitos e cidadania, do reconhecimento da presença do colonialismo epistêmico e das desigualdades globais que surgem os ativismos migrantes. Em oposição, o ativismo anti-imigração emerge como reação hostil à presença do Outro, do diferente.

4.1 Etnografia, etnografia digital e o reconhecimento do campo

Em determinado momento da pesquisa, ficou nítida a necessidade de compreender a questão migratória de brasileiros em Portugal pelas lentes de uma perspectiva imersiva, que levasse em consideração um leque de dinâmicas migratórias atravessadas por relações identitárias, alteritárias, econômicas, de classe, gênero e coloniais que demandam uma compreensão de aspectos sociais, subjetivos, multifatoriais e complexos, especialmente com relação às disputas identitárias e conflitos em decorrência dos processos migratórios. Somente a seleção e classificação da produção não seria suficiente para contemplar as sutilezas e particularidades desses mundos midiáticos. Nesse sentido, a etnografia pareceu uma forma de me aprofundar nos processos de subjetividade e suas dinâmicas identitárias, fornecendo um rico contexto de pesquisa de modo a produzir uma descrição densa que, ao ser combinada com as outras metodologias, resultaria em uma produtiva análise para a pesquisa.

³ Disponível em: <https://www.prio.org/projects/1857>

A proposta de análise dos grupos ativistas e dos conflitos migratórios desde uma perspectiva da midiatização pressupõe o deslocamento epistemológico da noção de “proximidade” para um sentido de “entrelaçamento” ou “articulação” (Martino, 2021). Pensamos em uma proposta metodológica que levasse em conta que este deslocamento epistemológico deve ir além do estudo da mensagem, discurso ou recepção para compreender a articulação dessas práticas com o objeto de pesquisa (ativismo no contexto dos conflitos migratórios em Portugal). Entendemos, portanto, que os materiais e métodos utilizados levaram em consideração o protagonismo do ambiente midiatizado e não da mídia e seus discursos “em si”.

Mergulhei, então, no método com base em Geertz (1973), na busca de compreender caminhos, trajetórias do discurso à ação, capturando, na dimensão pública, a materialização cultural via linguagem e comunicação, e a simbolização do mundo da vida, a partir de descrições densas e interpretativas. Tendo em vista o caráter diferido, difuso, complexo e circular dos sentidos midiatizados (Braga, 2006), o método etnográfico mostrou-se adequado para o levantamento de dados para a pesquisa, ponderando aspectos comunicativos intersubjetivos. A etnografia aqui foi feita de forma presencial e virtual⁴, em perspectiva multisituada (Marcus, 1995). A “etnografia da exposição” é apontada por Verón e Levasseur (1989) como relação entre as formas de exposição, caracterizada pelo acesso público e pela apropriação e negociação de sentidos a partir desse conjunto de referências cognitivas que entendo por representações sociais. Nesse sentido, o uso social das mídias e suas materializações são o objeto de estudo da midiatização, podendo ser compreendida desde a prática etnográfica.

A etnografia presencial teve como campo a Casa do Brasil de Lisboa e a juventude do partido Chega, como atividade prevista na vigência da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) entre janeiro e abril de 2023. Durante esse período, frequentei presencialmente a Casa do Brasil, observando suas rotinas, eventos e atividades, contando com entrevistas de membros dessa organização e de outros grupos ativistas composto por imigrantes, como o Coletivo Andorinha e a Diáspora Sem Fronteiras. As atividades presenciais com a juventude do Chega foram mais restritas devido à postura pouco receptiva de seus membros. Também acompanhei ativistas anti-imigração não ligados a uma organização ou grupo social

identificável. Ainda assim, participei de atividades panfletárias do partido em dois momentos, com observação em ambientes digitais e do V Congresso do Partido, em janeiro de 2023, além da realização de entrevistas com alguns de seus membros e simpatizantes⁵.

Entendo o processo etnográfico como “a teoria vivida”, mas que se tratam de momentos síncronos, ou seja, apenas podem versar sobre a ocasião e contexto em que estão inseridas, sem que isso signifique perda científica ou a produção de “fatos sociais” capazes de serem generalizados, conforme propõe Peirano (2008). A apreensão empírica forma o “contexto da situação”, de maneira que o pesquisador deve “interpretar, traduzir, elaborar o diálogo que esteve presente na pesquisa de campo” (Peirano, 2008, p. 31). É nesse emaranhado de dados que se encontra o diálogo entre teoria e realidade, entre epistemologia, linguagem e ação. A etnografia é multisituada porque, conforme aponta Marcus (1995), é entendida de forma a não ficar confinada em um espaço territorial físico. Assim é bastante útil tanto para o estudo das migrações, tendo em mente os processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, quanto para a perspectiva comunicacional, uma vez que reconhece espaços não físicos como territórios de ação, comunicação e trocas simbólicas. Sob essa ótica, a etnografia foi realizada em atividades tanto da Casa do Brasil como do Chega, envolvendo observação e entrevistas em profundidade.

Houve, também, a realização de etnografia virtual com os demais movimentos descritos nos quadros abaixo. Ela permite o trânsito por territórios virtuais, “mundos mediatizados” e se faz especialmente essencial nos estudos em migração, onde os processos de territorialidade ocorrem em espaços e territórios que nem sempre são físicos (Olwig, 2003). Essa perspectiva está alinhada à noção mediatizada de “redes de comunicação para além dos territórios” (Hepp, 2014, p. 54), de forma que o processo de reterritorialização é iniciado antes mesmo da decisão migratória e também com a perspectiva da etnografia multisituada de Marcus (1995).

Nesse sentido, a etnografia virtual tem a vantagem de permitir o foco subjetivo e elástico, com alvo no percurso de pesquisa (Recuero, 2016). O conceito de mundos mediatizados torna-se, portanto, central na abordagem metodológica proposta enquanto eixo teórico-metodológico para a leitura da esfera pública mediatizada. Hepp (2014) utiliza a noção de “configurações comunicativas” como

⁵ Os resultados estão detalhados no capítulo seguinte, com os resultados da etnografia presencial.

ferramenta conceitual de operacionalização da pesquisa em midiatização. Trata-se de “redes de indivíduos que constituem uma entidade social maior através da interação recíproca – através da participação” (p. 55). Essas configurações se caracterizam por uma constelação de atores que dá base à estrutura em torno de um tópico ou temática (no caso, o ativismo migrante e anti-imigração), que se manifesta em práticas comunicativas concretas em diferentes ambientes midiáticos e nas quais um conjunto de mídias pode ser identificado e analisado. Essa abordagem se afasta do midiacentrismo que centraliza a análise somente nos meios e permite o olhar para a reciprocidade de influência entre mídia, sociedade e cultura, de maneira complexa.

Os mundos midiatizados se constituem na internet a partir de territórios virtuais em que uma série de repertórios de ação são utilizados para mobilizar uma base e ampliar os apoiadores de um discurso. Nesse sentido, conforme apontam Fragoso, Recuero e Amaral (2011), a internet é um ambiente fértil para compreender as representações de práticas sociais e como um grupo representa a realidade em que se insere. A etnografia digital passa a ser, portanto, um instrumento poderoso para compreensão dessas dinâmicas inerentes às práticas sociais virtualizadas. Hine (2004) já diferenciava o trabalho etnográfico no ambiente físico e nas redes, considerando o segundo como um “campo de relações”, no qual o que importa é o uso que se faz dela. Mais tarde, Hine (2015) colocará a internet como “integrada” e “incorporada” à vida, componente do cotidiano que define e direciona a cultura. Por outro lado, a autora destaca o uso “individualizado” que se tornou comum no ambiente comercial da internet. Por esse motivo, ela defende que a noção de etnografia multisituada de Marcus (1995) pode ajudar a compreender dinâmicas próprias da internet.

Também buscamos em Pink *et al.* (2016) alguns elementos norteadores da etnografia virtual. Na obra das autoras, alguns princípios são indicados como procedimentos importantes para etnografia digital. O primeiro deles é justamente o fato do método ser multisituado, de forma a ocorrer em muitos ambientes e contextos online e offline. É preciso que o pesquisador seja consciente de como esses mundos dialogam entre si. Em seguida, as autoras lembram que a coleta e análise de dados nos ambientes virtuais são contínuas e muitas vezes ocorrem de forma diacrônica, ou seja, nem sempre no momento em que são publicadas. Outro ponto é a importância da criação de conexões e relacionamentos com as

comunidades as quais se investiga. As autoras também pontuam que os pesquisadores precisam ser reflexivos sobre sua própria posição e preconceitos ao conduzir a etnografia digital. Isso significa estar ciente de como seus próprios antecedentes sociais, culturais e tecnológicos influenciam a pesquisa. Para as autoras, a etnografia digital envolve a análise de várias formas de dados, incluindo texto, imagens, áudio e vídeo. Os pesquisadores precisam ser habilidosos na análise desses diferentes formatos de dados. Por fim, ressaltam a dimensão ética da etnografia, afirmando que os pesquisadores precisam estar cientes de questões como privacidade, confidencialidade e consentimento informado. Eles também precisam ter ciência das dinâmicas de poder envolvidas nas comunidades online e tomar medidas para mitigar esses desequilíbrios de poder. Sobre esse último ponto, tratamos dos procedimentos éticos da tese mais à frente.

4.1.1 Identificação do campo no Twitter e Instagram: características dos ativismos migrante e anti-imigração

Em nossa proposta etnográfica, essas noções de Hine (2016) e Pink *et al.* (2016) foram de extrema importância no sentido de permitir a observação em ambientes distintos, com lógicas diversas e coleta de dados com fontes variadas. Esse método nos pareceu extremamente adequado para análise de objetos em mediatização com base nas representações sociais. A observação presencial foi focada em dois movimentos: a Casa do Brasil de Lisboa e a Juventude do Chega, ainda que no segundo caso, devido a restrições impostas pelas lideranças e a não receptividade à pesquisa tenham limitado o trabalho etnográfico. De qualquer forma, essas restrições, por si só, já dizem muito sobre a postura desse grupo. A etnografia digital foi feita nos demais casos e grupos. O conteúdo das postagens nas redes sociais também será objeto de análise.

Antes da viagem para o campo em Lisboa, iniciamos uma observação preliminar com o intuito de identificar ativistas e movimentos sociais imigrantes e anti-imigração. Há um leque infinito de possibilidades, com páginas, grupos, canais em diversas redes sociais. No processo de reconhecimento, Twitter e Instagram nos pareceram terrenos férteis devido à quantidade de interações e páginas encontradas. Pela maior familiaridade do pesquisador com essas ferramentas e espaços e por pesquisas anteriores realizadas nestes ambientes, escolhi as duas

redes como recorte de amostra. O Instagram é a segunda rede social mais utilizada em Portugal, com 5,3 milhões de usuários ativos⁶, sendo também predominante entre a população mais jovem. O Twitter possui cerca de 1,9 milhões de usuários ativos, com crescimento vertiginoso nos últimos anos. Um dado interessante da observação preliminar é que a maior parte das organizações coletivas e institucionais, como a Casa do Brasil e a Juventude do Chega, tem maior uso do Instagram, ao passo que os ativistas mais radicalizados e individuais têm no Twitter um espaço mais fértil. Consideramos que as duas modalidades de ativismos, cada qual com suas características, seriam suficientes para dimensionar as disputas identitárias e as dinâmicas midiáticas da esfera pública sobre a imigração.

O Instagram é uma plataforma social visualmente rica que permite aos usuários compartilhar imagens e vídeos sobre suas experiências, interesses e perspectivas. Por isso, foi um campo de pesquisa interessante para a etnografia digital sobre o ativismo imigrante e anti-imigração em Portugal. O Instagram permite aos pesquisadores explorar as representações visuais e narrativas de imigrantes e grupos anti-imigração em Portugal. Os usuários podem compartilhar fotos e vídeos de suas experiências e opiniões, bem como se engajar em discussões com outros usuários. Os hashtags relacionados à imigração e ao ativismo podem ser usados para rastrear e coletar dados relevantes para a pesquisa, fornecendo um rico material de análise. As principais organizações e grupos ativistas encontrados possuem boas interações nas redes sociais.

O Twitter também é uma rede bastante fértil devido à sua natureza de rede social pública e dinâmica. A plataforma oferece um grande volume de dados em tempo real, com acesso a uma ampla variedade de perspectivas e opiniões dos usuários. Além disso, o Twitter é conhecido por ser um local de discussão de temas controversos e políticos, o que torna possível analisar as tendências e comportamentos relacionados ao ativismo imigrante e anti-imigração em Portugal. Foi nesse espaço que encontramos um ambiente especialmente fértil para o ativismo anti-imigração.

Utilizando a etnografia digital, iniciamos um processo de identificação orgânica dos movimentos compostos por ativistas imigrantes e anti-imigração, como sugerido por Hine (2016). Para isso, utilizamos ferramentas digitais com o fim de mapear os principais atores, sujeitos, organizações e páginas no Instagram e no

⁶ Dados da pesquisa Digital 2023: Portugal, realizada pela Data Report.

Twitter, com a intenção de entender o campo e selecionar quais seriam mais produtivos para serem incluídos na coleta de dados. Esse mapeamento foi iniciado em janeiro de 2022 e finalizado em junho de 2022, tendo sido posteriormente atualizado durante o campo.

Quadro 5 — Movimentos ativistas imigrantes submetidos à pesquisa etnográfica

Movimento	Descrição	Método de coleta de dados	Atividades, eventos e ações de observação e entrevista
Casa do Brasil de Lisboa.	Associação de migrantes sem fins lucrativos.	Observação participante; entrevista em profundidade, etnografia digital (Instagram).	Instagram (online); Atendimentos/ dia a dia (presencial); Grupo Acolhida (online); Eventos informativos; Entrevistas com membros.
Diáspora Sem Fronteiras	Associação de migrantes sem fins lucrativos.	Entrevista em profundidade, etnografia digital (Instagram).	Instagram (online); Entrevista em profundidade.
Coletivo Andorinha	Coletivo de imigrantes brasileiros em Lisboa em defesa da democracia no Brasil.	Entrevista em profundidade, etnografia digital (Instagram).	Instagram (online); Entrevista em profundidade.
Brasileiras Não se Calam	Página mantida pela psicóloga Mariana Braz com relatos sobre violência misógina e xenofóbica sofrida por brasileiras em Portugal.	Etnografia digital (Instagram).	Instagram (online).

Fonte: elaboração própria.

Quadro 6 — Movimentos ativistas anti-imigração submetidos à pesquisa etnográfica

Movimento	Descrição	Método de coleta de dados	Atividades, eventos e ações de observação e entrevista
Juventude do Chega (AG, FA)	Juventude de partido político.	Observação participante, entrevista em profundidade, etnografia digital (Instagram e Twitter de membros)	Instagram (online); Twitter (online); V Congresso do Chega; Panfletagens da Juventude; Entrevistas com membros.

OC	Página de ativista anti-imigração.	Entrevista em profundidade, etnografia digital (Twitter)	Twitter (online); Entrevista em Profundidade.
IP ⁷	Página de ativista anti-imigração especializada em circulação de notícias.	Etnografia digital (Twitter)	Twitter (online); (Entrevista recusada).
RCP	Página anti-imigração desnida à denúncia de “racismo” de negros e imigrantes contra portugueses.	Etnografia digital (Twitter)	Twitter (online); (Entrevista recusada).

Fonte: elaboração própria.

Com base nessa identificação, entramos em contato com os entrevistados para a pesquisa. No entanto, vale ressaltar que a realização deste trabalho com os ativistas migrantes ocorreu de forma mais natural e orgânica em comparação aos grupos anti-imigração. Isso se deve a diversos fatores, incluindo a identidade migrante do investigador, a motivação progressista e pró-ciência dos ativistas migrantes, muitos deles com vivências acadêmicas. No caso dos grupos anti-imigração, o contexto foi muito mais difícil e conflituoso, como será descrito nos resultados. Nesse sentido, é importante ressaltar que a etnografia digital exige um olhar atento e crítico em relação às dinâmicas e poderes presentes nas comunidades online, bem como a reflexão constante sobre a posição e envolvimento do pesquisador no campo. Além disso, a ética na coleta de dados é essencial, especialmente em relação à privacidade, confidencialidade e consentimento dos participantes da pesquisa.

4.1.1.1 Grupos, movimentos e ativistas migrantes

Casa do Brasil de Lisboa⁸: a Casa do Brasil de Lisboa é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1992 por brasileiros que migraram para Portugal na primeira onda migratória. Desde então, a CBL tem desempenhado papel fundamental na promoção dos direitos e na defesa dos interesses da comunidade brasileira em Portugal. Com atuação em diversas frentes, a organização oferece serviços de

⁷ Sigla do grupo. Optamos por não divulgar nenhum nome, seja de grupo ou de ativista, para não amplificar as vozes extremistas.

⁸ Informações retiradas do site da CBL. Disponível em: <<https://casadobrasilidelisboa.pt/>>

orientação e assistência aos imigrantes em questões relacionadas à regularização de documentos, ingresso no mercado de trabalho e apoio psicológico e cultural.

Além disso, a Casa do Brasil de Lisboa é reconhecida como instituição referência em Portugal quando se trata de questões relacionadas à imigração. Isso se deve, em grande parte, ao seu papel de representante da maior comunidade estrangeira no país. A organização realiza pesquisas científicas e produz relatórios que contribuem para o conhecimento sobre a imigração e seus impactos na sociedade portuguesa. Com uma atuação abrangente que inclui desde o ativismo de rua até a prestação de serviços de suporte aos imigrantes, a Casa do Brasil de Lisboa é uma organização comprometida com a defesa dos direitos humanos e com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Seu trabalho é fundamental para a integração e o bem-estar da comunidade brasileira em Portugal e para o fortalecimento da diversidade cultural e da convivência harmoniosa entre diferentes grupos étnicos e culturais.

Atualmente, a CBL conta com apoios financeiros de órgãos nacionais e internacionais para diversos projetos, com objetivo de efetivação de políticas públicas e de integração. O projeto “Migrante Participa em Sintra” tem o objetivo de fomentar a participação cidadã, com enfoque nas questões de gênero. Trata-se de uma construção coletiva de indicações e caminhos de combate à pobreza e à desigualdade, possuindo financiamento do Fundo Social Europeu. O Gabinete de Orientação e Encaminhamento faz parte do Centro Local de Apoio de Integração de Migrantes (CLAIM), oferecendo apoio informativo sobre o processo de regularização dos imigrantes, inclusive a documentação necessária e acesso aos direitos básicos como saúde, educação, justiça e segurança social. O Gabinete é financiado pelo Fundo para o Asilo, Migração e Integração (FAMI), gerido pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Há também o Gabinete de Apoio ao Emprego, que contribui desde a elaboração do currículo até a indicação de vagas, bem como formação para o empreendedorismo.

Diáspora Sem Fronteiras⁹: a Diáspora Sem Fronteiras é uma associação composta por migrantes que se dedica a prestar atendimento e orientação em situações relacionadas à migração, por meio de um trabalho coletivo e multidisciplinar

⁹ Informações retiradas do site da DSF. Disponível em:
<<https://sites.google.com/view/associaodisporasemfronteiras/sobre-a-di%C3%A1spora>>

realizado por voluntários. Seu principal objetivo é a realização de um “sonho compartilhado de um mundo sem fronteiras, onde todas as pessoas possam desfrutar de uma cidadania plena, independentemente de onde estiverem”.

Entre as metas da Diáspora Sem Fronteiras, destaca-se a promoção dos direitos dos povos, a defesa dos direitos das pessoas migrantes e refugiadas, sua integração e o direito à “cidadania universal, sem qualquer tipo de discriminação baseada em etnia, raça, gênero ou religião”. Para cumprir essas metas, a associação realiza encontros presenciais e virtuais, visando orientar os migrantes para a satisfação de suas necessidades jurídicas, sociais e culturais.

Além disso, a organização trabalha na construção de políticas públicas que possam contribuir para a superação de desigualdades e assimetrias entre povos, gêneros e pessoas em geral, buscando criar condições para que todos possam viver bem em qualquer lugar. A atuação da associação é particularmente relevante no contexto atual de aumento significativo do número de pessoas migrantes e refugiadas em busca de segurança e melhores condições de vida. Dentre seus projetos, o “Espaço Migrante” atua no atendimento e orientação à população imigrante sobre documentação, burocracias a migrantes, refugiados, asilados ou apátridas, fora o apoio jurídico em questões relacionadas a direitos trabalhistas, violência contra a mulher, renda e moradia. Outro projeto é o “Territórios de Juventude: construindo alternativas de não violência”, que oferece oficinas voltadas para formas de comunicação baseada no respeito e na estratégia de escuta, de mediação de conflitos e construções comunicativas.

Coletivo Andorinha: o coletivo é composto por brasileiros estudantes, professores, pesquisadores e trabalhadores, além de portugueses simpatizantes à formação de uma “frente democrática em Lisboa”, criada no contexto do impeachment de Dilma Rousseff, em denúncia ao golpe de estado ocorrido no Brasil em 2016. O objetivo principal desse coletivo é compreender a situação política atual do Brasil e discutir contra-narrativas que não são veiculadas pela mídia tradicional. Com a intenção de criar um espaço de diálogo e reflexão, o Coletivo Andorinha busca promover debates e eventos que contribuam para o entendimento mais aprofundado das questões políticas, sociais e culturais do Brasil, além de estimular ações concretas em defesa dos direitos humanos e da democracia.

Ademais de denunciar o golpe de estado que ocorreu no Brasil em 2016, o Coletivo Andorinha em Portugal tem se posicionado contra diversas medidas do governo Bolsonaro, como a reforma da previdência, o desmonte das políticas ambientais e o aumento da violência policial. O coletivo também tem buscado estabelecer parcerias com outras organizações e movimentos sociais em Portugal e no Brasil, a fim de fortalecer as lutas em defesa dos direitos humanos e da democracia. Com sua atuação crítica e propositiva, o Coletivo Andorinha se tornou uma importante referência para a comunidade brasileira em Portugal e um exemplo de resistência e mobilização política. O coletivo atua por meio de diversos eventos culturais, artísticos, políticos e sociais, além de organizar manifestações políticas e sociais. Exemplos são os atos do “ele não”, em 2018, e da defesa da democracia no contexto eleitoral brasileiro de 2022. Apesar do foco na política brasileira, o Andorinha naturalmente também se preocupa com a questão dos imigrantes brasileiros em Portugal e o crescimento da extrema-direita anti-imigração no país.

Brasileiras Não se Calam: o projeto "Brasileiras Não se Calam", liderado pela psicóloga e pesquisadora Mariana Braz, é uma iniciativa criada em 2020 com a finalidade de denunciar casos de xenofobia e machismo na Europa, em especial em Portugal. O surgimento do projeto se deu após uma fala no programa Big Brother Portugal que relacionava a mulher brasileira à prostituição, reforçando uma representação social discriminatória que ainda persiste no país.

Com mais de 58,1 mil seguidores e ultrapassando a marca de 1562 postagens, a página é composta principalmente por relatos enviados por mulheres à equipe do projeto. Esses relatos são publicados em português e inglês para o público, contribuindo para a visibilidade das experiências de discriminação vivenciadas pelas mulheres imigrantes. Essa visibilidade ajuda a estabelecer representações sociais mais justas e inclusivas com o recorte da condição de mulher imigrante.

Além disso, o projeto "Brasileiras não se calam" oferece um grupo de apoio psicológico à mulher imigrante, somado a atendimentos e consultas especializadas. Esses serviços são importantes para auxiliar as mulheres imigrantes a lidar com as dificuldades que enfrentam em sua adaptação e integração na sociedade portuguesa. Dessa forma, o projeto representa uma iniciativa importante para a

promoção dos direitos das mulheres imigrantes e para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

4.1.1.2 Grupos, movimentos e ativistas anti-imigração

Juventude do Partido Chega: o partido Chega foi fundado em 2019, em Portugal, pelo ex-deputado do Partido Social Democrata (PSD) e empresário André Ventura. Sua fundação se deu após Ventura ter sido expulso do PSD por divergências ideológicas e políticas, nomeadamente o ataque aos ciganos. É um partido político de extrema-direita, que se apresenta como nacionalista, conservador e defensor dos “valores tradicionais”. O partido tem um discurso de combate à corrupção, à insegurança e ao que chama de imigração “ilegal”, além de defender medidas mais duras contra o “crime” e o “terrorismo”. Nas eleições legislativas de 2022 passou a ser o terceiro maior partido político de Portugal, com doze cadeiras na Assembleia da República e 7,18% dos votos.

O partido ganhou visibilidade em Portugal nas eleições legislativas de 2019, quando obteve 1,3% dos votos, elegendo apenas André Ventura. No entanto, nas eleições presidenciais de 2021, André Ventura conseguiu obter quase 12% dos votos, ficando em terceiro lugar no pleito. O partido tem sido alvo de críticas por seus discursos e posicionamentos considerados xenófobos, racistas e homofóbicos, além de sua defesa de ideias autoritárias e antidemocráticas. No entanto, apesar das críticas, o partido tem conseguido crescer em popularidade e se tornar uma força política relevante no cenário nacional. Portugal é tradicionalmente um país com menos espaço para as ideologias extremas. Entretanto, o cenário político parece indicar mudanças nos próximos anos, à exemplo de toda crise na Europa. A Juventude do Chega (JCH) é uma organização descentralizada com representantes distritais em diversas regiões do país, promovendo mobilizações a partir de instrumentos diversos de ação e atuação. A comunicação do Chega é multifacetada, sendo nossa análise centrada no instagram da Juventude.

OC: OC é uma página ativista encontrada no Twitter e que tem na defesa do ocidente e na superioridade europeia o seu eixo ideológico. A página é agressiva na diminuição de etnias e culturas não europeias e se coloca como combatente a grupos racializados e ideias progressistas, como o feminismo, o movimento

LGBTQIA + e religiões não cristãs. A página, assim como outras ligadas ao discurso anti-imigração, acusam os imigrantes pelo aumento da criminalidade (muitas vezes com postagens deterministas sobre a propensão racial para o crime), de forma a reproduzir o próprio Slogan do Chega, “Portugal aos Portugueses”. A página atribuiu aos problemas da sociedade portuguesa a culpa pelo multiculturalismo e a política de imigração.

IP: a IP é uma página no Twitter que apresenta um grupo aberto no Telegram. O objetivo do grupo é divulgar informações relacionadas à questão migratória em Portugal, com uma clara orientação anti-imigração. A página adota uma abordagem de "denúncia" e procura constantemente estabelecer uma associação entre questões de criminalidade e a raça, etnia e nacionalidade dos envolvidos. Produz conteúdo a partir de notícias negativas, buscando sempre relações negativas e discriminatórias contra a presença dos imigrantes. A IP é responsável por distorcer informações, propagar notícias falsas e manipular conteúdos com o intuito de promover o pânico moral e fomentar um sentimento anti-imigração.

RCP: a RCP é igualmente uma página destinada à “denúncia” do racismo cometido por imigrantes contra portugueses em Portugal. Também busca amplificar vozes a partir de relatos, notícias e conteúdos publicados na página do Twitter e em grupo do Telegram, de forma sempre a ressaltar os conflitos e os aspectos negativos das migrações. A página parte do pressuposto que há em curso a tentativa de “substituição populacional” por parte da população portuguesa, de maneira que o povo português está sendo vítima de discriminação e violência racial.

É importante destacar que a Casa do Brasil de Lisboa e a Juventude do partido Chega são interlocutores a partir dos quais coletei um número maior de material devido à Bepe em Portugal, o contato etnográfico presencial e também um maior número de entrevistas. Por esses motivos, tais organizações possuem uma análise mais robusta do que as demais, com subitem próprio.

4.2 As entrevistas em profundidade como ferramenta etnográfica

Além da observação, descrição e trabalho de campo, utilizei a entrevista em profundidade semiestruturada de caráter qualitativo (Duarte, 2010) para levantar dados sobre as motivações dos ativistas, estratégias e práticas midiáticas. Segundo Duarte (2010), a entrevista em profundidade é um método qualitativo, previsto enquanto ferramenta em que o pesquisador busca informações subjetivas de uma fonte selecionada, interpretando e reconstruindo os dados em diálogo crítico com a realidade. As perguntas permitem explorar, descrever, compreender, analisar, discutir, identificar problemas e padrões, obter interpretações e caracterizar um tema. Com esse método, é possível obter "elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema" (Duarte, 2010, p. 1).

Com essa técnica, buscamos compreender as estratégias sensíveis mobilizadoras, marcas do discurso, percepções sobre a imigração e suas consequências. Este material serve de subsídio analítico em conjunto com os demais dados coletados para contextualizar a questão dos ativismos imigrante e anti-imigração em Portugal. De acordo com Hine (2016), a entrevista é uma das formas mais comuns de coletar dados qualitativos em etnografia digital. Ela permite que o pesquisador obtenha informações detalhadas e contextualizadas sobre a experiência dos participantes em relação ao tema estudado. Além disso, a entrevista pode ser realizada em modalidade online, permitindo que o pesquisador se conecte com pessoas de diferentes lugares e culturas.

Pink *et al.* (2016), por sua vez, destaca que a entrevista em profundidade semiestruturada é um instrumento essencial da etnografia digital, pois permite que o pesquisador explore diferentes perspectivas e construa uma compreensão mais completa do tema estudado. Ela também enfatiza a necessidade de adaptar a entrevista ao contexto digital, levando em consideração as particularidades das interações online, como a presença de múltiplos canais de comunicação. A entrevista em profundidade semiestruturada é, portanto, um método valioso para a etnografia digital, sendo, no entanto, fundamental adaptá-lo às particularidades do contexto digital e garantir a ética na coleta de dados. Isso inclui, por exemplo, obter o consentimento informado dos participantes, garantir sua privacidade e confidencialidade e refletir criticamente sobre a posição do pesquisador no campo.

Duarte (2010) explica que o uso da técnica de entrevista em profundidade permite ao pesquisador analisá-las de modo crítico e de acordo com o referencial da pesquisa, sendo um excelente método para as pesquisas de campo e para a

compreensão de elementos subjetivos do tema investigado. Esse método, para o autor, permite ao pesquisador agir de modo crítico, imaginativo, testando hipóteses e complementando o objeto sem perder o rigor científico. Por esse motivo, nessa etapa exploramos questões subjetivas e íntimas dos ativistas, buscando o foco em suas trajetórias. Assim, as entrevistas foram abordadas como conversas cotidianas, com uma proximidade informal à maneira como buscamos fazer, por exemplo, no jornalismo. Foi uma cautela minha não permitir que uma preocupação com um suposto rigor científico tornasse a conversação algo mecânico e pouco espontâneo.

No contexto do ativismo imigrante e anti-imigração, cada peça ativista demandou um tipo de abordagem e perguntas distintas, motivo pelo qual não apresentamos aqui um modelo universal do roteiro. Entretanto, nos anexos da tese, as entrevistas estão disponibilizadas na íntegra, de maneira que as perguntas feitas a cada entrevistado podem ser consultadas. Isso não significa que não houve a elaboração prévia de um roteiro, mas que esse script foi pensado caso a caso. Além disso, desenvolvemos uma série de procedimentos que foram adotados para a condução de todas as entrevistas, respeitando princípios éticos e metodológicos:

- 1) Identificação e comunicação dos objetivos da pesquisa: antes do início da gravação, expliquei ao entrevistado quem era o pesquisador, qual era a pesquisa e o objetivo da entrevista. Perguntei se ele concordava com a gravação do material e a utilização dos dados para fins acadêmicos;
- 2) Abordagem: busquei criar o clima mais descontraído, igualitário e informal possível. Com a maior parte dos entrevistados, especialmente os ativistas imigrantes, o contato se estendeu por dias e não só ao momento da entrevista;
- 3) Princípios: o intuito principal de cada entrevista era compreender a relação entre a trajetória de vida e a história pessoal com o ativismo político e a relação com a pauta das migrações. Procurei compreender como as opiniões se relacionam com as representações sociais e como os sentidos se descolam da esfera individual à social no discurso intersubjetivo;
- 4) Repertórios de ação e comunicação: também busquei compreender como o discurso se materializa em ação ativista e como o repertório é construído comunicativamente.

Duarte (2010) enfatiza a importância de escolher informantes apropriados para a pesquisa, conduzir as entrevistas de modo que contribua para a obtenção de respostas confiáveis e evitar distorções, e fornecer uma descrição que permita relacionar as informações com o quadro teórico construído. Poupart (2012) destaca igualmente o impacto da conduta do entrevistador na qualidade dos dados obtidos, enfatizando a necessidade de obter a colaboração do entrevistado, criar um ambiente confortável para o diálogo, conquistar sua confiança e incentivar sua participação ativa. Os participantes entrevistados foram selecionados na etapa de etnografia digital e presencial, durante o período de Estágio de Pesquisa (BEPE) em Portugal.

As perguntas das entrevistas foram estruturadas para compreender dimensões não públicas das motivações e estratégias de ação e comunicação dos ativistas, bem como a relação afetiva e íntima com a questão que defende. No caso dos ativistas migrantes, pretendemos explorar como as suas trajetórias de vida antes do ato migratório encontraram os caminhos da imigração e da decisão pelo ativismo. O esforço foi para compreender suas opiniões, análises de conjuntura, sua percepção sobre o processo migratório em Portugal, sobre a relação com os portugueses, sobre processos culturais, experiências positivas e negativas, além dos elementos relacionados aos ofícios e práticas ativistas. No caso da Casa do Brasil, à guisa de exemplo, entrevistamos tanto integrantes ligados diretamente à comunicação, quanto pessoas responsáveis pelo Gabinete de Atendimento ao Público, direção e coordenação dos projetos.

Quanto aos ativistas anti-imigração, buscamos apreender também as dimensões não públicas dos discursos em nível íntimo, junto às estratégias de ação, a percepção sobre os migrantes, acerca da sociedade portuguesa e como suas trajetórias se encontram no discurso populista e radical. Da mesma forma, visamos entender as opiniões e representações sociais mais presentes e acionadas, processos culturais e simbólicos e elementos políticos da atuação comunicativa das estratégias de atuação. Nesse caso, é preciso dizer que todo o processo foi muito mais difícil e inacessível, de maneira que a obtenção dos dados se mostrou menor do que no caso do ativismo imigrante. Muitos membros da Juventude do Chega não querem ser expostos e possuem sentimentos de insegurança e medo com a atuação política. Vários acreditam que podem ser perseguidos na sociedade caso sejam identificados, outros alegam que as pesquisas científicas possuem viés “esquerdista”

e que se recusam a serem “objetos de pesquisa”. Grande parte das distritais da juventude sequer responderam nossas inúmeras tentativas de contato via e-mail oficial e redes sociais. Algumas delas se recusaram de forma expressa a participar.

Consideramos, portanto, todas as formas de interação, inclusive as recusas, como experiência etnográfica que comunica e diz sobre a postura e o *modus operandi* desses grupos. Vale ressaltar que, sendo essa pesquisa multimetodológica, o processo de entrevistas trata-se de elementos complementares aos demais dados coletados, de modo a somar-se com os levantamentos da etnografia e dos conteúdos, proporcionando uma perspectiva aprofundada sobre a questão.

4.3 Considerações sobre questões éticas na pesquisa

Cada metodologia científica requer a consideração de preocupações éticas por parte do pesquisador. No caso da pesquisa em redes sociais, isso é especialmente importante. Durante a pesquisa de campo, que neste caso envolveu etnografia virtual no Instagram e no Twitter, tomei precauções em relação à privacidade e ao consentimento dos participantes.

Para garantir a conformidade com as diretrizes éticas e deontológicas, a pesquisa se baseou no documento “Internet Research: Ethical Guidelines 3.0 Association of Internet Researchers”¹⁰, produzido pela Associação de Pesquisadores da Internet (AoIR). Isso permitiu que conduzisse a pesquisa de maneira cuidadosa e responsável, levando em consideração as preocupações éticas envolvidas.

Tratando da coleta de dados do ativismo migrante, obtive todas as informações reunidas a partir de páginas públicas de grupos e organizações no Instagram. Não coletei nenhum dado ou publicação pessoal de indivíduos em suas páginas pessoais ou privadas. Tais informações foram mantidas de forma anônima, e não divulguei ou identifiquei publicamente a identidade dos ativistas que as mantinham. A pesquisa seguiu e respeitou as diretrizes do Instagram relacionadas à coleta e uso de dados da plataforma¹¹. De acordo com suas diretrizes de uso de dados, pesquisadores podem coletar dados do Instagram para fins acadêmicos,

¹⁰ Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>

¹¹ Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/instagram-community-data-policy>

desde que sigam suas políticas de privacidade e termos de serviço. Além disso, houve a autorização dos administradores das páginas para a realização das coletas.

No caso do ativismo anti-imigração, colhi os dados da página oficial da Juventude do Chega no Instagram, mas também de membros ativistas no Twitter. Porém, para proteger a privacidade dos indivíduos envolvidos e cumprir as diretrizes éticas e deontológicas, suas identidades foram mantidas em anonimato. É relevante destacar que, desde 2022, o Twitter mudou sua política de dados, deixando claro que, ao publicar um tweet, o usuário concorda em divulgar essas informações de maneira ampla e irrestrita¹². Isso significa que a responsabilidade pelo material divulgado é do usuário, e que o Twitter é considerado um espaço virtual público. A opção pelo anonimato igualmente se justifica pelo fato de não amplificar vozes que estimulam discursos de ódio e discriminação contra minorias, como é o caso dos ativistas analisados.

No processo de coleta de dados por meio de entrevistas, tomei medidas para garantir a ética na pesquisa. Informei devidamente os entrevistados sobre a finalidade e os objetivos da pesquisa, bem como acerca da universidade e como os dados seriam utilizados. Além disso, expliquei a eles sobre o tema da pesquisa e os entrevistados puderam fazer perguntas sobre qualquer aspecto que não estivesse claro. Obtive o consentimento informado para a gravação dos áudios das entrevistas e para participação na pesquisa, por meio da assinatura de um Termo de Consentimento e Participação, no qual constavam informações detalhadas sobre os procedimentos de coleta e uso dos dados. Esse documento, que assegura a proteção dos direitos dos participantes e a confidencialidade das informações, está disponível no Apêndice A.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/pt/privacy>

5 ETNOGRAFIA, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM PORTUGAL

O presente capítulo aborda a pesquisa de campo desenvolvida em Portugal, viabilizada pela Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE). Aqui, trato especificamente de Portugal como um país de destino, explorando a imigração brasileira em meio à intensificação do sentimento anti-imigração e à ascensão de partidos de extrema-direita, como o Chega. Narro, em primeira pessoa, minha experiência em campo, compartilhando vivências, achados e percepções e, também, mobilizando vozes de sujeitos, dados, análises e reflexões acadêmicas e científicas.

Nesta coleta, permiti-me “ser afetado pelo campo” (Favret-Saada, 2005), dada minha condição de imigrante durante a realização do estudo e minha relação íntima com Portugal, tanto por ser parte de uma família que migrou para o país na década de 1990 quanto por minha experiência anterior em Lisboa durante o mestrado em 2018 e os laços que desenvolvi desde então. Destaco que minha posição de pesquisador em campo não prescinde uma dimensão sensível: a tarefa humanizadora e civilizatória implica a humanização dos sujeitos, interlocutores e do próprio pesquisador (Sodré, 2016; Gomez & Reyes, 2011). Segundo Magnani (2009), a experiência etnográfica só se concretiza ao permitir-se ser tocado pelos acontecimentos do campo, vivendo as experiências em sua plenitude.

Na prática, enfrentei desafios que, anteriormente, só conhecia por meio das leituras. Um deles é ressaltado por Barbosa (2009, p. 443), ao afirmar que “as etnografias resultam de reflexões construídas, ‘agenciadas’, não de forma solitária, mas nos embates constantes ocorridos tanto no campo com os interlocutores, sujeitos da pesquisa, quanto na academia com meus pares”. O resultado dessa etnografia também é resultado de muitas reuniões, conversas, debates acalorados com a orientadora, nos grupos de pesquisa, na Casa do Brasil de Lisboa, nas disciplinas que cursei durante e após a etnografia, além do contato com todos os sujeitos e interlocutores de pesquisa.

Outro desafio é refletido por Peirano (2014, p. 42), ao afirmar que o etnólogo deve conceber mais de mil novas maneiras de se reinventar e que a etnografia “é resultado de uma permanente recombinação intelectual”. É essa recombinação, ciente de que se trata de um olhar, um recorte de um objeto em um espaço-tempo específico, a partir de um sujeito pesquisador, que norteou a elaboração deste capítulo, sem perder o rigor metodológico, ético, e o compromisso com a imersão,

profundidade, densidade e complexidade dos fatos relatados. O resultado desses processos será apresentado neste e nos próximos capítulos.

5.1 Portugal de imigrantes, um país de migrações

Uma viagem de trem (comboio) pela linha de Sintra, de Lisboa a Amadora, no fim da tarde de um dia útil revela o retrato de um Portugal migrante. “Lá tem de tudo, menos portugueses”. Esta é uma frase comum entre ambientes digitais e presenciais e pode ser ouvida ou lida como poiésis de sujeitos de diversos espectros políticos e grupos imigrantes e anti-imigração. Ela pode vir acompanhada da indignação dos gajos de extrema-direita que acreditam que Portugal está sofrendo uma invasão étnica arquitetada pelo Partido Socialista para se perpetuar no poder. Também pode surgir no contexto dos imigrantes ativistas, que notam uma gentrificação em Lisboa e uma espécie de *apartheid* entre portugueses e imigrantes do norte e do sul global, que tem no racismo e na desigualdade o seu cerne. Pode ser ouvida no próprio comboio, vindas dos imigrantes negros africanos de conversa fácil, onde basta uma simples pergunta para iniciar uma longa e reveladora conversa.

A constatação da presença do imigrante em Amadora produz uma série de preconceitos e estereótipos que circundam o imaginário social e causam preocupações às autoridades locais. A violência policial contra cidadãos negros e imigrantes no Conselho, como aconteceu com Cláudia Simões em 2020, agredida após se recusar a pagar a passagem de ônibus por ter esquecido seu bilhete, abriu uma série de debates e preocupações sobre a intersecção entre racismo, xenofobia e misoginia. Em mais de uma ocasião, o Conselho da Europa¹³ demonstrou preocupações sobre o crescimento da discriminação racial, da violência contra a mulher e contra o imigrante, especialmente por parte de policiais, destacando as estruturas do colonialismo como responsáveis pela persistência destas opressões na sociedade portuguesa. A impunidade, assim como aconteceu no caso Cláudia

¹³ Disponível em:

<https://www.coe.int/pt/web/commissioner/-/portugal-should-act-more-resolutely-to-tackle-racism-and-continue-efforts-to-combat-violence-against-women>
<https://www.coe.int/en/web/cpt/-/council-of-europe-anti-torture-committee-urges-portugal-to-tackle-police-ill-treatment-and-police-impunity>

Simões, foi apontada como um grave problema a ser solucionado pelo Estado português.

Amadora é a cidade dos arredores de Lisboa em que me hospedei para a realização da pesquisa de campo que compõe esta tese. Se disser que a escolha foi por uma apuração etnográfica ou científica, estaria mentindo. Ao escolher um lugar para ficar, pretendia ficar aos pés do Areeiro, bairro em que morei em 2018 durante a minha pesquisa de mestrado. Desta vez não foi possível devido à disparada de preços de aluguel no centro de Lisboa, inviabilizando acomodações por preços minimamente pagáveis. Amadora foi um acaso certo, uma espécie de presente do campo que me abriu os olhos para a questão migratória de forma que, talvez, nenhum apartamento no centro poderia fazer igual. Na trajetória pela cidade, soube que um dos motivos de Amadora ser atualmente lar de negros e imigrantes tem a ver com o fracasso do Programa Especial de Realojamento (PER), instituído na década de 1990, para erradicar os bairros degradados, conhecidos por “bairros de lata”, em que se alojavam, majoritariamente, imigrantes que chegavam à Portugal.

O realojamento foi todo feito para as periferias de Lisboa, sem integração e afastando os moradores do restante da população. Esta forma de segregação urbana criou guetos, divisões sociais e passam a ser vistos pelos portugueses brancos a partir de lógicas de estereótipos, preconceitos e do nós contra eles, como uma ameaça étnica, cultural e racial, produzindo um estigma (Alves, 2013). Rapidamente, Amadora, assim como outras cidades, foi associada à criminalidade, especialmente alguns de seus bairros, como Cova da Moura (Raposo, Varela, 2017). A racialização desses bairros, embutida no processo de marginalização, produziu uma representação social atrelada ao imaginário criminoso, reforçado pela imprensa pelos veículos midiáticos portugueses. Assim, como comumente ocorre em diversos grandes centros urbanos no ocidente, a triangulação pobreza-imigração-raça criou uma narrativa criminalizante de ilegalidade, levando à desumanização e gerando tensão social e racial, abrindo espaço para a atual violência policial nessas regiões.

Não à toa, quando reencontrei meus amigos que viviam em Lisboa e dizia que só havia conseguido arrendamento em Amadora, a feição de pena e compaixão era unânime. A representação social negativa da cidade não era justificada somente pelos estereótipos de criminalidade, mas também pela distância entre Amadora e Lisboa que, por mais que não fosse tão grande para os padrões das grandes cidades brasileiras, é consideravelmente longa para os padrões portugueses. Eu

não só estava alocado em Amadora, como estava distante da linha de metro e comboio que passa pelos arredores da cidade. Era necessário pegar além do metro ou comboio, um ônibus (autocarro) que por vezes demorava 40 minutos para passar. Para chegar à universidade ou biblioteca às 9h da manhã, por vezes eu deveria sair às 7h15 de casa. Essa é a realidade de muitos cidadãos de Amadora que trabalham em Lisboa: sofrer com a precariedade do transporte público na região.

Para os padrões portugueses, Amadora não é uma cidade pequena. Os seus 171 mil habitantes a colocam como a quarta mais populosa de Portugal. Por isso, compreender as dinâmicas migratórias neste território é uma tarefa complexa. A concentração de população imigrante, notadamente de caboverdianos, a segregação socioespacial, econômica e as interações culturais e cotidianas que formam este território criam formas particulares de identidades e alteridades, bem como a estruturação coletiva dessas populações migrantes racializadas.

Tais expressões se materializam no cotidiano. Ao andar pelas ruas ou ao aguardar o ônibus no ponto, sempre buscava puxar assunto com quem ali estava com a esperança de que, assim, pudesse conhecer boas histórias e elementos que me ajudassem a compreender como os imigrantes viviam ali e, caso fossem portugueses, se havia algum elemento sobre a fama de Amadora de ser habitada por imigrantes. Nessas conversas, ficava sempre com o celular na mão, para escrever qualquer frase ou informação relevante para a pesquisa. Inicialmente, me frustrei porque os moradores de Amadora facilmente caíam nas reclamações sobre os problemas estruturais da cidade, como iluminação, asfalto, mas a maior reclamação foi a lentidão do transporte público. Mais tarde, notei que, na verdade, este era um tema de muita relevância: as dificuldades de locomoção dos trabalhadores imigrantes de Amadora e como esses problemas se relacionavam com a sua história e características sociais. Em pouco tempo, vivi três ocasiões relacionadas ao transporte público que me impediram de assumir compromissos em Lisboa: duas pela interdição do metrô e uma pela ausência de ônibus disponíveis para chegar à estação.

Nessas andanças, uma conversa que, particularmente, me chamou a atenção, e que aconteceu na primeira semana do campo, foi com uma mulher angolana, negra, que aparentava ter entre 30 e 40 anos, e carregava consigo duas filhas. Estava no ônibus sentado de frente a ela e logo me apresentei. Perguntei o que ela achava da vida em Amadora, explicando que havia me mudado

recentemente e que vinha do Brasil. Também contei da minha dificuldade em encontrar habitação no centro de Lisboa. A mulher então respondeu dizendo que a vida dela vinha piorando ano após ano e que já não valia mais a pena permanecer no país. Contou que mudou para Amadora há menos de um ano, pois também deixou de conseguir arcar com aluguéis em Lisboa depois que o marido perdeu o emprego. Afirmou ainda que tinha vontade de retornar ao país dela, mas que possuía medo da violência devido às suas filhas serem pequenas e terem nascido já em Portugal. Ela então me disse que tive azar de não ter encontrado nada em Lisboa, por que a questão do transporte seria algo muito ruim para mim que precisava estudar. Perguntei então se ela sentia que a xenofobia havia piorado desde que chegou. A mulher disse, de forma muito direta, mas falando baixo, disfarçadamente, que não suportava o povo português. Afirmou que eram grosseiros e arrogantes e que já se sentiu ofendida por sua raça e origem algumas vezes, principalmente por seus padrões.

Após nossa conversa, nunca mais a encontrei no ônibus ou em qualquer outro lugar, mas a partir do contato com esta interlocutora, a qual me esqueci de perguntar o nome, entendi que Amadora poderia ser um local ideal para pesquisar a questão da intolerância e xenofobia em Portugal. Apesar de compartilharem o mesmo território, as fronteiras culturais, econômicas, sociais, raciais e de gênero que separam nacionais e imigrantes fazem parte da estrutura da sociedade portuguesa. Apesar de não ser objetivo da pesquisa um estudo propriamente sobre Amadora, ter ficado nesta cidade contribuiu para uma percepção que dificilmente poderia encontrar sem a passagem por esta região.

A experiência em Amadora me fez compreender empiricamente uma ideia de Góis e Marques (2018), quando os autores afirmam que não é nenhum exagero afirmar que os fluxos de imigração e emigração em Portugal definiram os rumos do país nas últimas décadas, moldando o cotidiano social. A sociedade portuguesa, tal como é formada hoje, tem nos processos migratórios um componente de extrema importância e impacto direto na economia, na política e na cultura. Trata-se da compreensão dos fluxos tanto de entrada como de saída, de forma a “caracterizar o país como uma semiperiferia no sistema migratório global” (Góis; Marques, 2018, p. 126). Portugal não é só um país de imigrantes, mas também de emigrantes. Em 2020, eram dois milhões de portugueses emigrados do país, cerca de 20% da

população do país, segundo dados do Observatório das Emigrações.¹⁴ Se o anseio pelo que entendiam por descobrimentos, pela colonização e exploração levou Portugal ao pioneirismo do colonialismo há 500 anos, atualmente a realidade migratória em Portugal é complexa, multifacetada e marcada por estruturas e processos que podem ser abordados sobre pontos de vista distintos.

Para a tese, interessou um pequeno recorte: a imigração brasileira contemporânea no país, e o contexto midiático da disputa identitária entre os ativistas imigrantes e anti-imigração na esfera pública. Também considerei que não é possível simplificar as relações migratórias ou estabelecer relações diretas de causa e efeito (como por exemplo associar a vinda de imigrantes somente aos canais de YouTube que prometem uma vida melhor ou que mascaram os problemas sociais), uma vez que a promessa de uma vida melhor e uma realidade distorcida ou falseada por lógicas midiáticas é um agente motivador das migrações muito antes do advento da internet e das redes sociais (Pinho, 2007). Também não foi de interesse estabelecer uma pesquisa demográfica ou observar as chamadas ondas migratórias no país, como fazem os pesquisadores da Sociologia das migrações. O objetivo é a compreensão midiática do ativismo de imigrantes e contrários à migração e como se estabelecem os seus fluxos comunicativos, representações sociais e repertórios de ação na esfera pública.

A história de Portugal com as migrações reside na própria colonização. E a colonialidade enquanto ideologia ainda permanece como racionalidade predominante na esfera pública portuguesa, originando representações sociais estereotipadas sobre o Outro. A relação entre os países remonta ao período das Grandes Navegações e às empreitadas europeias para encontrar novas terras e expandir os domínios do Império. Isso em uma conjuntura econômica e social específica do mercantilismo daqueles tempos. É importante destacar que, desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje, o Brasil viveu mais tempo sob período colonial (322 anos) do que como país independente (201 anos). A dominação colonial e todas as suas implicações culturais, econômicas, políticas e sociais, bem como a cristianização e ocidentalização do Brasil foi realizada a partir de relações de violência, opressão, escravização e genocídios (Fausto, 1995), deixaram marcas profundas na sociedade brasileira e contribuíram para a construção da identidade nacional. Silva e Schiltz (2007) lembram que a inversão dos fluxos migratórios é

¹⁴ Disponível em: <<http://observatorioemigracao.pt/np4/1315/>>

muito recente, uma vez que até meados dos anos 1980, a chegada de imigrantes portugueses no Brasil era superior ao de brasileiros em Portugal, de forma que tanto o primeiro fluxo quanto o refluxo atual se ancoram em relações e representações sociais identitárias que remetem ao colonialismo.

O debate sobre colonialidade nas identidades, subjetividades e representações sociais na esfera pública, bem como as formas contemporâneas do colonialismo epistêmico enquanto ideologia ocidental esbarra no legado persistente das ideias lusotropicalistas de Gilberto Freyre. Tais ideias foram reforçadas pelo regime salazarista, que difundiu e propagou o mito de uma colonização amigável e dócil, colocando Portugal como um país aberto à diversidade étnico-racial (Pinto, 2009; Araújo, 2013). Araújo (2013) afirma que a persistência das ideias de Freyre como base à esfera pública portuguesa é responsável pela despolitização da questão, que culmina em uma realidade marcada pela persistência do legado colonial na sociedade portuguesa.

França e Oliveira (2021, p. 2) destacam que a ideologia lusotropicalista perpetuou a colonialidade epistêmica e criou uma falsa ideia do país como “tolerante, aberto à diversidade e onde o racismo, senão inexistente, é um problema menor”. Rosário, Santos e Lima (2011) afirmam que o racismo em Portugal assume formas altamente eufemizadas, de forma que o ato explícito é substituído por uma forma velada e politicamente correta, sem que haja de fato uma ruptura com suas bases epistemológicas. O mesmo ocorre nas relações de xenofobia, misoginia, LGBTfobia e outras formas de opressão. Cabecinhas (2007) realiza um esforço em desvelar os processos cognitivos relacionados à discriminação racial e étnica. A autora aponta que a naturalização e essencialização das categorias étnicas e raciais continuam estruturando o pensamento do senso comum no cotidiano, de forma que ainda existe uma herança social do pensamento racista. A autora afirma que “o racismo sofreu uma metamorfose nas suas formas de expressão, mas não desapareceu” (Cabecinhas, 2007, p. 280).

Grosfoguel (2012), em sua empreitada decolonial, afirma que o pensamento universalista eurocêntrico ainda é predominante entre as sociedades europeias, inclusive na pesquisa acadêmica e no espectro político das esquerdas. Esta concepção de universalidade tem no “sujeito universal” a referência máxima, de forma a manter, no campo do pensamento, um colonialismo cujas bases epistêmicas remontam às linhas de pensamento de superioridade ocidental. Nesse sentido,

enquanto não promoverem um giro epistêmico de diálogo com o Sul Global, a esquerda e direita da Europa continuarão a compartilhar valores coloniais que oprimem minorias étnicas e silencia as suas vozes. A representação social eurocêntrica ainda é, portanto, um dispositivo acionado por toda sociedade europeia na abordagem dos problemas migratórios e demais questões internacionais em diferentes partes do espectro político.

São esses mesmos dispositivos que produzem as formas de violência e discriminação à portuguesa que pude notar nas falas, ambientes e experiências de campo. Portugal ainda é um país que exala colonialidade por todos os lados. Seja nas universidades, quando um professor não aceita um artigo ou trabalho escrito “em brasileiro” (para se referir ao português do Brasil), seja nas estátuas e monumentos que perpetuam ídolos coloniais, na celebração por parte da sociedade de um Portugal antigo, colonizador e glorioso, seja nos relatos cotidianos de agressões e microagressões que são relatados ou que ganham destaque midiático e em páginas ativistas como a “Brasileiras não se calam”. A falta de confronto de Portugal com a sua colonialidade é, ao meu ver, um dos fatores que criam a confusão nas representações sociais que permitem e legitimam a ascensão de partidos como o Chega.

Cito um caso midiático para ilustrar o argumento. No mesmo dia que desembarquei em Portugal, me deparei com a seguinte reportagem do Jornal Expresso “Uma coisa ferrou todo o resto, acabou o dinheiro”: crise, fraude e ilusão levam 145 brasileiros por mês a pedir ajuda para sair de Portugal”¹⁵, datada de 14 de janeiro de 2023. A quantidade exorbitante de brasileiros sem o mínimo para retornar ao Brasil e em uma situação extremamente complicada me chamou muito a atenção. Parecia um aviso do que eu iria encontrar no campo. Eu já monitorava as notícias sobre migração nos principais veículos de imprensa há dois anos, tendo, inclusive, feito uma publicação sobre o tema¹⁶. Já estava ambientado ao tratamento superficial ou sensacionalista dado pela imprensa portuguesa às questões de imigração. Essa análise surge, portanto, como uma ferramenta crucial para explorar, em uma dimensão mais ampla, a abordagem adotada pelo veículo em relação à

¹⁵ Disponível em:

<https://expresso.pt/sociedade/2023-01-14-Uma-coisa-ferrou-tudo-o-resto-acabou-o-dinheiro-crise-fraude-e-ilusao-levam-145-brasileiros-por-mes-a-pedir-ajuda-para-sair-de-Portugal-1999923a>

¹⁶ ZANETTI, L. Midiatização e imigrações: produção de sentido jornalístico acerca do imigrante brasileiro em Portugal pelo jornal Expresso. EM: LUVIZOTTO, C. ASSIS, C. (Org.). **Mídia, Cidadania e Inclusão**. Braga: Ria Editorial, v. 1, p. 257-277, 2021.

questão migratória nos últimos anos. Ela busca desvelar como as representações sociais sobre a imigração circulam e de que maneira a esfera pública é alimentada pelo jornalismo. A matéria foi importante para o trabalho, pois determinou uma série de ações, leituras e questões de campo que nortearam todo o período da pesquisa. Por este motivo, considerei importante realizar uma análise específica desta reportagem. Eu já estava monitorando os principais jornais de Portugal com relação aos conteúdos sobre a imigração, mas as análises foram suprimidas devido a mudança de rumo metodológico da tese.

A análise da reportagem do jornal Expresso, que aborda o pedido de ajuda mensal de 145 brasileiros para deixar Portugal, evidencia o enquadramento proporcionado pelo veículo. Mais uma vez, observamos a interpretação do imigrante como um problema a ser resolvido, utilizando casos de imigração que não obtiveram sucesso e histórias pessoais como estratégia discursiva para ilustrar a problemática. O título "Uma coisa ferrou todo o resto" (Figura 1), associado ao pedido de ajuda para sair do país, sinaliza uma visão que coloca o imigrante como uma fonte de preocupação. Ao ler a reportagem, não fiquei surpreso com a superficialidade e falta de perspectiva histórica e social com que a questão foi abordada. Também reparei, em conjunto com a leitura de outras reportagens, a ausência de fontes oficiais como a Casa do Brasil de Lisboa ou especialistas em migrações para tratar destes fenômenos, com amplo espaço para uma exploração sentimental e sensacionalista da situação dos imigrantes com pouca contribuição ao debate público crítico.

Figura 1 — Reportagem do jornal Expresso



Fonte: Jornal Expresso

A reportagem inicia destacando a atuação da Organização Internacional para as Migrações (OIM) em 2022, apoiando o retorno de quase 340 imigrantes aos seus países de origem. O tom inicial já sublinha a gravidade dos casos sociais, associando-os à crise econômica, à ilusão propagada por meio de plataformas online, como o YouTube, e às fraudes laborais que estão forçando esses retornos. O primeiro parágrafo destaca a crise econômica em Portugal, apontando para o encarecimento dos itens básicos da vida cotidiana e ressaltando como os imigrantes são especialmente afetados por essas dificuldades. Essa análise visa apontar não apenas o conteúdo factual da reportagem, mas também os discursos subjacentes que moldam as representações sobre a imigração e seu impacto na esfera pública.

No desdobramento da análise da reportagem, a expressão "de um dia para o outro, não terem dinheiro para ficar, nem para retornar" salienta a abordagem simplificada e generalizada da experiência migrante, uma característica presente ao longo de todo o texto e, como observado em diversos textos do jornal Expresso. A simplificação excessiva pode contribuir para a formação de uma narrativa reducionista que não capta a diversidade das trajetórias migratórias e também, de

certa forma, culpabiliza o imigrante como sendo leviano ou mal planejado, individualizando um problema social.

Ao entrevistar Vasco Malta, chefe da Organização Internacional para as Migrações em Portugal, a reportagem destaca a extrema vulnerabilidade enfrentada por muitos imigrantes. Os dados apresentados do Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (ARVoRe) revelam 928 pedidos de inscrições para o retorno voluntário, com 90% provenientes de brasileiros e 145 registrados somente no mês de dezembro de 2022. A ênfase recai sobre o fato de que todos os casos eram de pessoas que inicialmente entraram no país como turistas, aproveitando a isenção de vistos nessa modalidade devido a acordos específicos.

A matéria também destaca o aumento significativo nos números, passando de 700 pedidos em 2016 para 928 em 2022, representando um aumento de 24,5%. Essa elevação pode ser interpretada como indicativo de desafios crescentes enfrentados pelos imigrantes, especialmente no contexto de uma crise econômica e de uma situação laboral e habitacional instável. Não é feita, no entanto, uma análise que procura ir além dos números, explorando as histórias e as circunstâncias específicas por trás desses dados, para compreender a de forma ampla as experiências migratórias em Portugal.

Há uma lacuna significativa na perspectiva apresentada, pois a matéria não contextualiza plenamente os números de pedidos de retorno em relação à população imigrante total. Oficialmente, a comunidade brasileira regulamentada em 2022 era composta por 252 mil imigrantes, representando um aumento notável em relação aos 81.251 registrados em 2016, totalizando 32,2%. No entanto, esses números não incluem brasileiros com cidadania europeia nem imigrantes ilegais, o que sugere que a imigração real pode ser ainda maior.

Além disso, um olhar mais atento dos dados indica que o aumento nos pedidos de retorno é proporcionalmente menor que o aumento na imigração legalizada. A relação de um pedido de retorno para cada 271 imigrantes no país destaca a importância de interpretar os números dentro de um contexto mais amplo. A ênfase desproporcional nos aspectos negativos, sem uma perspectiva mais abrangente, pode ser instrumentalizada por grupos anti-imigração para validar suas narrativas.

A escolha da aspa de Vasco Malta, enfatizando a "maior impreparação para o processo migratório" e destacando apenas problemas como ilusões, fraudes e

demora na regularização, contribui para a construção de uma narrativa que sugere uma deterioração recente na experiência migratória. Essa abordagem descontextualizada pode distorcer a compreensão histórica do fenômeno migratório, alimentando a ideia de que antes havia uma imigração segura e agora ela se tornou arriscada, o que não condiz com a realidade.

As representações sociais que manipulam um passado idealizado e projeta um futuro pessimista são exploradas por grupos políticos anti-imigração. Entretanto, é crucial reconhecer que parte das representações sociais nos meios de comunicação portugueses sobre os fluxos migratórios do sul global para Portugal, especialmente de países do PALOP e do Brasil, já eram negativas no passado. Essa negatividade estava associada a estereótipos culturais e aumentos percebidos na violência, pobreza e criminalidade, ainda que não representem exclusivamente a representação social da imigração no país, já que tradicionalmente Portugal tem uma população mais aberta à imigração do que outros países europeus. Dessa forma, a mídia não apenas reflete, mas também contribui para a formação de sentidos discriminatórios contra as minorias imigrantes, particularmente a negros e mulheres. Essa reflexão contextual fornece uma base essencial para a análise etnográfica do discurso jornalístico sobre a imigração em Portugal.

A observação da motivação para a migração sul-norte destaca que, apesar das mudanças na forma de comunicação, a busca por uma vida melhor permanece constante. Contudo, a matéria carece da presença de pesquisadores e especialistas que poderiam proporcionar uma compreensão mais aprofundada e detalhada do dado analisado. Essa ausência contribui para reforçar o estereótipo do imigrante como um problema a ser resolvido, limitando a visão sobre a complexidade das experiências migratórias.

No início da onda migratória que começou em 2016 e persistiu até o início da pandemia de COVID-19, a mídia portuguesa apresentava uma visão otimista da imigração brasileira, destacando jovens empreendedores e famílias de classe média como agentes de investimento e modernização para o país. Todavia, com a crise decorrente da pandemia e da Guerra na Ucrânia, observamos, no período analisado, uma mudança na abordagem da imigração, ao menos no jornal Expresso. O discurso sobre a imigração parece estar condicionado ao contexto socioeconômico, com momentos de crescimento e desenvolvimento associados à tolerância,

enquanto períodos de crise alimentam o discurso anti-imigração e a culpabilização acrítica dos imigrantes.

A matéria prossegue ao destacar o Consulado Geral do Brasil em Lisboa como o primeiro ponto de busca de ajuda para imigrantes desassistidos, citando um comunicado de novembro de 2022 que enfatiza a falta de competência legal e recursos ordinários para custear voos de repatriamento ao Brasil. A introdução da história dos personagens Jéssica e Edson e seus três filhos serve como um elemento sensível, uma narrativa pessoal para ilustrar a problemática em questão.

A narrativa de Jéssica, Edson e seus filhos, que chegaram a Portugal em outubro de 2022 e retornaram ao Brasil em novembro do mesmo ano por falta de recursos, destaca como a experiência de imigração pode ser romantizada e simplificada por influências externas, como canais do YouTube. A reportagem ressalta a crença na visão romantizada de empregos fáceis, carros baratos, alimentação acessível, segurança e boas escolas, que muitas vezes não corresponde à realidade enfrentada pelos imigrantes.

O relato de Jéssica, destacado no final da reportagem, expõe um retrocesso em seus esforços e uma sensação de ter dado um passo para trás. A individualização e responsabilização do imigrante emergem implicitamente, sem indagações sobre as fontes da visão romantizada da migração ou sobre o papel dos canais de comunicação na disseminação de desinformação. Questões fundamentais, como a procura do consulado ou autoridades portuguesas para alertar sobre canais enganosos, e as condições imobiliárias e golpes comuns são negligenciadas. O foco na culpa individual, característica da imprensa neoliberal, associado ao conceito de erro e fracasso na imigração, não aborda as verdadeiras condições de migração.

A matéria, ao enfatizar os pedidos de repatriação, as motivações íntimas dos migrantes e suas experiências negativas, não contribui para um debate comprometido com a humanização. Deixa de discutir, por exemplo, como o trabalho indocumentado de imigrantes se tornou crucial para a economia e para a segurança social no país ou como a situação de ilegalidade resulta na exploração sistemática de imigrantes, especialmente entre as mulheres que são recrutadas para trabalhos de cuidado e domésticos.

A inserção da história pessoal de dona Leonor, que enfrentou xenofobia enquanto cuidadora legal de idosos, evidencia casos de exploração mesmo entre

imigrantes legais. A experiência de Leonor ressalta a vulnerabilidade enfrentada pelos imigrantes, inclusive aqueles com status legal, e destaca a urgência em abordar questões sistêmicas relacionadas à exploração e à xenofobia.

Assim, a falta de aprofundamento nas condições migratórias, a ênfase desproporcional nos aspectos negativos e a ausência de consultas a especialistas contribuem para a construção de uma narrativa que, embora trate de uma questão importante, reforça estereótipos e concepções simplificadas sobre a imigração. A reportagem poderia ter desempenhado um papel importante ao contextualizar os fatores externos que cercam a imigração e ao explorar os elementos sociais, históricos e políticos relacionados à globalização neoliberal que afetam as experiências migratórias.

Enquanto a reportagem do Expresso destaca uma problemática urgente, suas escolhas editoriais limitam a compreensão do fenômeno migratório em todas suas facetas, perpetuando visões estereotipadas e individualizadas dos imigrantes, ao invés de promover um entendimento mais abrangente e empático das complexidades envolvidas nesses fenômenos.

A meu ver, a análise desta matéria do Jornal Expresso é representativa de dois anos de monitoramento das reportagens e notícias relacionadas à imigração em Portugal, com padrões de simplificações que se repetem e estão longe de ser um problema restrito ao país. Trata-se de problemas ligados ao jornalismo atual quando associado à lógica do mercado neoliberal e um descompromisso com a humanização dos sujeitos ao qual retratam. Sobrando apenas a exploração do Outro sem travar o debate necessário para a transformação social. No próximo tópico, que mescla dados etnográficos, pesquisa bibliográfica, levantamento de dados estatísticos e entrevistas, buscamos um panorama da questão da imigração de brasileiros em Portugal nos últimos anos.

5.2 Lisboa ontem e hoje

A construção da migração brasileira em Portugal como objeto de pesquisa foi motivada pela pesquisa de mestrado que realizei em 2018, quando criei uma rede de interlocutores, contatos e amigos em uma experiência positiva e transformadora em Portugal. Apesar do tema de pesquisa distinto, os laços com a cidade e a construção de importantes relações me fizeram enxergar Lisboa como uma segunda

casa. Um outro motivo é pessoal: minha família por parte de pai emigrou para Lisboa na tentativa de construir uma vida melhor. Tenho um primo de nacionalidade portuguesa. Além disso, meus bisavós maternos são portugueses que emigraram para o Brasil. Quando fui a Portugal pela primeira vez, seja por sorte, privilégio ou destino, surfei em um contexto favorável à migração, sem me dar conta, na ocasião, de estar vivendo um momento histórico particular que possibilitou essa experiência. Enquanto me preocupava com a situação do Brasil e a eleição de Jair Bolsonaro, não me dei conta de que a semente da intolerância, do ódio e da polarização, também já estava sendo plantada naquela terra que tão bem me acolheu.

Após o retorno ao Brasil, mantive o contato com os amigos que fiz durante o primeiro estágio de pesquisa. Especialmente durante a pandemia de Covid-19, seguindo o que acontecia em todo o mundo, muitos me diziam que “Lisboa já não é a mesma que você conheceu, as coisas estão difíceis”. Ao mesmo tempo, percebia surgirem notícias isoladas de xenofobia, racismo, e aumento da intolerância não só contra brasileiros, mas contra muçulmanos, árabes, indianos e africanos. O crescimento vertiginoso, em poucos anos, do Partido Chega me despertou para a possibilidade de que cabia ali uma investigação de doutorado. Seria Portugal mais um no contexto de polarização na esfera pública midiaticizada que corrói as democracias e aumenta a intolerância?

O contato com a página “Brasileiras Não se Calam”, que potencializou a denúncia de mulheres brasileiras sobre situações de machismo e xenofobia, foi um forte agente motivador para considerar que um projeto que investigasse essas questões seria válido. Naquele momento, ainda não tinha dimensão do crescimento vertiginoso nos números de casos, de situações de violências e do endurecimento do discurso anti-imigração capitaneado pela extrema direita portuguesa na figura do Chega. No entanto, a situação no Brasil, nos EUA e em outros países europeus, bem como as pesquisas sobre a extrema direita contemporânea (Cunha, 2015; Stark; Stegmann, 2020) e sua relação com o processo de midiaticização algorítmica me diziam que a situação estava prestes a piorar.

Assim como a bibliografia que me forma, e que fundamenta esta tese, sou convicto do papel central da mídia e das dinâmicas comunicativas no processo de radicalização, polarização e intolerância que adoecem as democracias em todo o mundo. Ao decidir sobre este tema, imediatamente acionei meus interlocutores em Portugal, bem como me aproximei de pesquisadores do campo das migrações.

Apesar de todo o percurso metodológico que relato no capítulo anterior, com as mudanças de metodologia e a escolha da etnografia multisituada (Marcus, 1996) e etnografia virtual (Hine, 2016), como procedimento a ser adotado, a ideia de realizar uma etnografia já era considerada para a experiência da BEPE¹⁷ no projeto original. Ao adentrar em campo, a etnografia passa a emergir como forma sensível de investigar o objeto proposto, muito pelo protagonismo do cotidiano, das vivências e das experiências com os grupos investigados. A possibilidade de compreender dinâmicas desses mundos mediatizados só era possível a partir de análises qualitativas. Nesse sentido, revisitar Lisboa em 2023 foi uma experiência muito interessante para o que se chama na antropologia de “afetação pelo campo” (Favret-Saada, 2005), o que trouxe uma nova perspectiva para a tese.

Voltar a Lisboa no inverno de 2023, reencontrar aquelas mesmas pessoas e aquele mesmo país pós-pandemia, com uma guerra ao lado, com o centro de Lisboa gentrificado, com o advento das migrações laborais no contexto do home office e da pandemia, e com um partido de extrema-direita como terceira força política foi, de fato, um momento digno de nota. O país era o mesmo que deixei em 2018, mas o clima era completamente diferente. Como relatei anteriormente, isso ficou claro mesmo no momento de encontrar um lugar para ficar: de um 2018 vivendo aos pés do Areeiro, zona privilegiada e central, em 2023 a única forma de morar foi na cidade vizinha, Amadora, conhecida por ser lar de imigrantes do sul, pela grande quantidade de africanos e, também, por ser um lugar onde ninguém quer morar. “Amadora? Meu deus, que azar, que pena”, essa é a primeira frase que tenho anotada sobre a cidade de minha moradia, dita por uma colega que fiz na primeira passagem em terras lusófonas. Toda essa dificuldade devido à falta de vagas de moradias e preços exorbitantes de aluguel nas zonas centrais, tema que também estava no centro das pautas dos meios de comunicação no momento do campo.

No mundo, desembarcamos em 2023 enfrentando grandes problemas como guerras, aumento da fome¹⁸, desigualdade social e extrema pobreza¹⁹, com os

¹⁷ Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior junto ao Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) sob supervisão da Prof. Dra. Thais França da Silva.

¹⁸ Segundo a Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) ligada à Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em:

<https://pt.euronews.com/2022/07/06/cerca-de-828-milhoes-de-pessoas-com-fome-no-mundo>

¹⁹ Segundo o Banco Mundial. Disponível em:

<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/10/05/global-progress-in-reducing-extreme-poverty-grinds-to-a-halt>

modelos de democracia ameaçados em todo o mundo, com o crescimento dos extremismos e da intolerância. Não há muito tempo, a internet surgia como a promessa de um espaço público democrático, acessível e livre. Era o fim dos monopólios sobre a comunicação e da era da comunicação de massas. Vinte anos depois, nos deparamos com uma concentração da comunicação a nível global na mão de poucas empresas. Os dados se tornaram matéria prima e o controle, digno de um livro de ficção sobre sociedades distópicas, nunca foi tão invasivo na vida privada dos seres humanos. Somos a geração com maior número de informação, com uma ciência avançada e com conhecimentos inimagináveis pelas gerações anteriores (Marciano, Nicita, Ramello, 2020).

Há 20 anos, Milton Santos (2001) refletiu sobre a globalização como perversidade, destacando o papel das políticas neoliberais como produtoras de desigualdades, exclusões e apontando o agravamento da pobreza e dos conflitos sociais como consequência natural do modelo vigente. A concentração de riquezas e a uniformização das culturas é entendida pelo autor como uma forma de colonialismo contemporâneo e responsável pela manutenção de uma estrutura de perversidade, amplamente excludente, onde as possibilidades da vida se concentram na mão de uma elite global centrada no norte. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007) elaborou a tese sobre o pensamento abissal para se referir à profunda separação entre realidade social e natureza no pensamento ocidental, produzindo um abismo epistemológico e ontológico entre “mundos irreconciliáveis”.

Essa mesma divisão dualista que coloca diferentes em oposição em uma lógica binária cria hierarquias que legitimam a exploração e a dominação de povos do sul, e as opressões contra todo ser que não é o “sujeito universal”: homem, branco, europeu, heterossexual e normativo. A globalização como perversidade mantém a estrutura de desigualdades e privilégios e é epistemologicamente edificada a partir de uma linha de pensamento colonial construída por séculos. Uma perspectiva decolonial centrada nos saberes do sul global passam a ser centrais como conhecimento alternativo efetivamente capaz de romper com a lógica de dominação que se estende nas relações globais (Santos, 2007).

Essa pequena digressão é necessária para contextualizar o ambiente em que esta pesquisa se situa e que é determinante para os resultados apresentados. Deste modo, é importante reafirmar que não há como ser neutro, imparcial ou prescindir de

uma dimensão subjetiva ao refletir sobre um mundo cheio de injustiças e problemas sociais que se agravam, cuja resposta do norte global tem sido insuficiente. Por isso, reafirmo que o olhar para a questão da migração brasileira em Portugal é um olhar decolonial (Grosfoguel, 2012; Cabecinhas, 2007). Apesar de não ser esta a questão principal da nossa pesquisa, a trajetória de pesquisa nos levou a compreender que somente a partir de uma perspectiva que rompa com a epistemologia do sujeito universal será possível efetivamente contribuir com análises inovadoras nos estudos em migrações.

Há, sem dúvida, um novo clima social, que foi se transformando com o passar do tempo, com as mudanças políticas, econômicas e sociais e que tem nas relações migratórias um eixo central. É como se a nuvem da intolerância materializada na ascensão da extrema direita de fato estivesse pairando sobre a cidade. Os problemas sociais, a imigração, o racismo e o medo do crescimento do *Chega* eram pautas constantes nas conversas com todos os interlocutores imigrantes. Principalmente entre os brasileiros, guardadas as devidas proporções, parecia impossível não fazer um paralelo com o clima social que antecedeu a vitória de Bolsonaro. Victor, integrante da Casa do Brasil comentou sobre a questão do outdoor do *Chega* e como isso o impactou:

Victor: Eu vou te dizer uma coisa que me assustou quando eu cheguei e que eu acho que já não está mais. Era um outdoor, em frente ao Parlamento, do *Chega* com a foto do André Ventura. Aquilo me impactou, porque aquilo para nós, que somos imigrantes, quando a gente vê aquilo acontecendo, é muito forte. Eu, pelo menos, acho muito forte. Estar ali um outdoor na frente da assembleia de um partido abertamente preconceituoso e que abertamente se diz atuar contra os imigrantes. Mas quando eu notei o *Chega* e estava numa discussão focada sobre os ciganos e aquilo era muito forte. Tanto é que eu acho que teve uma declaração na época do André Ventura sobre isso. Aquela fala comum que esse tipo de gente fala tomar os empregos, sobre viverem aqui às custas da segurança social, que querem mais é arrumar filhos para continuar vivendo do Estado, umas coisas assim. E foi isso, foi isso o que eu nem lembrei direito. Acho que eles são iguais o Bolsonaro, igual a extrema direita, que não é construir, destruir. Eu acho que é isso.

Victor demonstra em sua fala o clima que muitos brasileiros estão sentindo. Portugal vê em pleno crescimento uma onda de extrema-direita materializada no Partido *Chega* e que tem, entre outros elementos, o discurso anti-imigração como base. A paisagem de Lisboa está tomada por estes *outdoors* que propõem uma “limpeza” no país, atacando diretamente políticos de toda parte do espectro político, implicitamente sugerindo uma eliminação física destes personagens, e destacando o

líder André Ventura como “solução” para o problema (Fig. 2). É como se a oposição precisasse ser eliminada para que o país pudesse prosperar. A agressividade do cartaz se faz presente em toda parte, inclusive na postura parlamentar dos deputados do Chega, que parecem se inspirar no *modus operandi* bolsonarista. A canalização da insatisfação popular como forma de difundir o populismo é estratégia do Fascismo Eterno (Eco, 1995). A noção higienista de “limpeza” pretende uma noção de pureza na política que também remete aos ideais fascistas, de forma a expulsar e eliminar o outro. Essa limpeza também pode se referir às minorias étnicas e imigrantes que, conforme um interlocutor da juventude do partido, OC, relatou: “enfeiam as ruas de Portugal”.

Figura 2 — Cartaz do Chega espalhado pelas ruas de Lisboa



Fonte: Partido Chega

As representações sociais acionadas pela propaganda política do Chega remetem à eliminação do diferente, do envergonhamento da profanação da pureza, e do culto a um líder corajoso capaz de enfrentar o inimigo. É reconhecido pela literatura o crescimento do discurso populista ou extremista em tempos de incertezas e crise, de forma a aprovar medidas impopulares em tempos normais (Serrano, 2022), como é o caso tanto da pandemia de Covid-19 quanto da Guerra na Ucrânia. A noção de ameaça, de inimigo, de excepcionalidade atua na esfera pública, alterando sua dinâmica, motivo pelo qual o Partido Chega reforça constantemente a necessidade de combate ao inimigo, quase sempre associado a uma figura abstrata, como a corrupção política, os ciganos ou imigrantes. A sensação de vulnerabilidade social reforça o apoio ao líder e ao discurso da

excepcionalidade, de forma que o estado de alerta é o agente legitimador da ação política. Mudde (2009), em sua análise sobre o populismo de direita, elenca três características fundamentais, que atualmente podem ser encontradas no discurso político do Chega: o nativismo, ou a ideia de que a nação só pode ser habitada por quem nela nasceu, com as mesmas afinidades culturais, linguísticas e ancestrais; o autoritarismo, marcado pela agressividade, expulsão do outro, punição severa e desprezo pelo diálogo deliberativo; e por fim, a narrativa anti-elite, que coloca um inimigo abstrato das “elites” como inimigo a ser combatido, seja uma elite política ou econômica. Segundo o autor, apesar de rejeitarem a associação com a velha direita nazi-fascista, esta “nova direita” se apropria de muitos elementos políticos e ideológicos deste período.

A presença dos cartazes do Chega por toda a Lisboa era também um lembrete: a qualquer momento o pouco que os imigrantes têm pode ser retirado. Circular pela cidade após perceber o que essa “limpeza” representa de verdade era, no mínimo, um incômodo latente. Especialmente porque, ao acompanhar a atuação dos grupos anti-imigração nas redes, a palavra “limpeza” era frequentemente acionada no sentido higienista e para se referir aos imigrantes e negros do país. Amanda sintetizou bem o sentimento que apareceu em muitas conversas sobre a emergência do partido. Se esse medo irá ou não se concretizar, assim como aconteceu no Brasil, EUA e Itália, só o tempo poderá dizer.

Amanda: Cara, dá medo. Assim, dá pra ver a história se repetir. Porque é claro que a gente acompanhou de perto tudo o que aconteceu no Brasil. Não de perto fisicamente, mas pela, pelas redes sociais, pela internet. E a impressão que dá é que a história tá assim, tá “chupadinha” (para se repetir). Sabe o que aconteceu no Brasil há quatro, cinco anos atrás... tá uma semente aqui plantada, sabe, com o Chega, né? Então eu acho que a impressão que dá é que a gente vai ter um problema sério no futuro. Nas nossas redes, o que a gente vê? Muitos brasileiros bolsonaristas xingando... aquele discurso, aquele *modus operandi* clássico, né? Mas eu acompanho também em outras redes, por exemplo, acompanho o Público, que é o jornal daqui e que tem, me parece, o jornal progressista, até um jornal que tem uma visão mais, mais clara, sem ódio da migração. E vejo muitos comentários de ódio a brasileiros juntando essas duas coisas, me parece que a gente está espelhando o que aconteceu no Brasil. Vai ser um desafio, como a gente vai se posicionar a isso vai ser um desafio.

Esse clima não é apenas uma impressão dos entrevistados. O crescimento do ódio, da perseguição, da violência contra imigrantes de toda nacionalidade já é uma realidade em Portugal. Os dados do relatório Special Eurobarometer 519²⁰ podem

²⁰ Disponível em: <https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/2276>

ajudar a compreender este contexto. A pesquisa indagou sobre as percepções dos entrevistados a respeito do impacto da imigração na União Europeia e verificou que a maioria acredita que os imigrantes contribuem para a economia e cultura do país de destino. Cerca de 57% dos entrevistados concordam que os imigrantes contribuem para a economia do país, enquanto 54% concordam que eles enriquecem a cultura local. No entanto, uma proporção significativa de entrevistados manifestou preocupações em relação à segurança e aos empregos dos cidadãos do país anfitrião. Cerca de 47% concordaram que a imigração representa uma ameaça à segurança e 44% que ela representa uma ameaça aos empregos. Um terço dos entrevistados acreditam que a imigração é mais um problema do que uma oportunidade de desenvolvimento.

O relatório também destaca que muitos entrevistados estão preocupados com o impacto da imigração na coesão social e na capacidade do país de destino de lidar com o fluxo de imigrantes. Essas preocupações são relevantes, uma vez que podem ter implicações significativas para a integração dos imigrantes e para o bem-estar das comunidades locais. Embora o relatório indique que há um aumento na proporção de entrevistados que têm amigos ou familiares imigrantes, ainda há uma proporção considerável que não tem laços pessoais com imigrantes. Portanto, é importante que sejam promovidas políticas e iniciativas que ajudem a promover a integração e a coesão social entre os imigrantes e as comunidades locais.

Em Portugal, a imigração é vista tanto como um problema quanto como uma oportunidade por 41% dos entrevistados. A maioria (83%) acredita que os imigrantes devem ter os mesmos direitos e deveres que os cidadãos do país de destino, e a discriminação contra imigrantes é considerada um problema significativo por 57% dos entrevistados. Além disso, a maioria (70%) acredita que a UE deve ter uma política comum de migração e asilo. Em relação à presença de amigos e familiares imigrantes, mais de quatro em cada dez portugueses (42%) têm amigos que são imigrantes. O número de portugueses que afirmaram ter amigos que são imigrantes aumentou em relação a 2017 (+15). Quase um em cada dez (9%) dos entrevistados tem um membro da família que é imigrante, e pouco mais de um em cada dez (11%) tem amigos e familiares que são imigrantes atualmente vivendo no país. Comparado com 2017, uma proporção ligeiramente maior de entrevistados (+2) indicou ter tanto amigos quanto membros da família que são imigrantes, enquanto ligeiramente mais (+5) afirmaram ter um membro da família que é imigrante.

Além dos dados, os casos que acompanhei durante a presença em Portugal também revelam esse tensionamento. O caso da agressão de um imigrante Nepalês na cidade de Olhão em fevereiro de 2023 acendeu o debate público sobre a xenofobia e as consequências do discurso anti-imigração. Na ocasião, um grupo de jovens agrediu violentamente o imigrante, que havia chegado a apenas um dia na cidade. O presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, foi pessoalmente à cidade e abraçou o jovem Nirmal Beniya, de 26 anos, em um ato simbólico de desculpas. Esse mesmo grupo de jovens é responsável por pelo menos quinze ataques semelhantes a imigrantes na região²¹. Posteriormente, descobriu-se que eram menores de idade entre 14 e 16 anos, de classe média. Três foram detidos pelo alto grau de violência. Essa realidade se torna cada vez mais latente na medida em que se propaga o discurso da extrema-direita. De 2018 a 2023, anos que separam minhas duas visitas a Portugal, as denúncias de violência física aumentaram 433% em Portugal, de acordo com dados da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial.

Em maio de 2023, um casal de homens brasileiros foi espancado por oito seguranças ao sair de uma boate em Lisboa. A acusação do casal é que foram vítimas de uma tentativa de assassinato, uma vez que foram afogados no rio Tejo, torturados com agressões em meio gritos de ameaça de morte²². Em junho de 2023, Saulo Jucá, pernambucano, foi violentamente agredido na cidade de Braga. A sua cidadania portuguesa não foi capaz de o proteger contra as agressões que começaram, segundo ele, no momento em que notaram o seu sotaque²³. Em novembro de 2023, uma portuguesa agrediu verbalmente uma brasileira no Aeroporto do Porto. Aos gritos de “Sua porca. Vá para a sua terra, sua porca. Eu sou portuguesa de raça. Você que é brasileira, que vá para a sua terra. Estão invadindo Portugal, essa raça de filha da puta”, a mulher foi segurada por outra que a acompanhava. A agressão física, em muitos casos, sequer pode ser denunciada. Muitos imigrantes podem, sequer, recorrer aos hospitais para receber atendimento.

²¹ Disponível em:

<https://www.publico.pt/2023/02/04/sociedade/noticia/psp-investiga-agressoes-imigrante-olhao-apos-paralisa-video-redes-sociais-2037651>

²² Disponível em:

<https://www.terra.com.br/nos/paradas/casal-gay-de-brasileiros-e-espancado-em-boate-de-portugal-m-e-torturaram,97b6fd31003437b7d5f99da2b988eae6babevtme.html>

²³ Disponível em:

<https://www.acheiusa.com/Noticia/brasileiro-e-espancado-em-ataque-xenofobico-em-portugal-notou-meu-sotaque-127879/>

É o caso dos imigrantes ilegais. Se denunciarem ou recorrem podem ser até deportados. É o que aconteceu com Natália, que hoje é técnica do Gabinete de Atendimento e Orientação da Casa do Brasil, mas que já sofreu todo tipo de violência, física e simbólica motivadas por xenofobia durante a sua trajetória. A sua trajetória retrata a realidade de muitas brasileiras e brasileiros que buscam na imigração uma forma de mudar de vida.

Em 28 de outubro de 2018, no dia da vitória de Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições, Natália tomou a decisão de migrar para Lisboa. Movida por uma inquietação profunda e uma crescente preocupação com o futuro do Brasil, ela adquiriu uma passagem de três meses, embarcando em uma jornada de adaptação em terras até então desconhecidas. Sua bagagem, simbólica de "um mundo" deixado para trás, estava contida em uma pequena mala e poucos pertences que pôde trazer consigo. O que inicialmente deveria ser uma estadia de três meses transformou-se em um período de cinco anos, durante o qual Natália estabelece residência em Portugal. A migração teve uma motivação política, uma vez que, até então, a ideia de mudar de país nunca havia cruzado sua mente. Portugal também não figurava como sua primeira opção, pois ela se sentia mais inclinada a considerar países da América do Sul como destinos mais familiares. A decisão de migrar foi influenciada por um contato prévio que Natália mantinha com uma amiga que já residia em Lisboa. Aqui, podemos perceber a relevância da rede de contatos no processo de desterritorialização (Raffestin, 1993), desempenhando um papel crucial na determinação de quando e para onde migrar. Natália admite que sua mudança foi impulsiva, uma escolha que, talvez, tenha se refletido nas experiências negativas que enfrentou em Portugal logo após sua chegada. Entre os interlocutores, Natália se destaca por relatar as maiores dificuldades, xenofobia e episódios de violência durante seu processo migratório. Também por isso hoje dedica seu tempo e sua energia em ajudar recém chegados que, assim como ela no passado, precisam de acolhimento, informações e auxílio frente a um imenso desafio.

O brilho no olho de Natália ao narrar sua experiência, bem como uma determinação ao contar a própria história me chamaram muito a atenção no momento da entrevista. Ela decidiu migrar após muitas decepções no Brasil com seu antigo trabalho na prefeitura de sua cidade, com o desemprego e a queda de sua qualidade de vida. Após chegar, foi trabalhar em um restaurante de um hotel. Ela ainda não tinha certeza se queria ficar, especialmente devido às constantes

humilhações que sofria dos colegas e do chefe. “Eram 12 horas de trabalho sem intervalo. Apenas 30 minutos para comer e o único tempo que eu podia falar com meus pais. Foram dois meses assim, até que resolvi sair porque estavam me pressionando para fazer o contrato”. Em seguida, conseguiu emprego em uma multinacional já com o contrato e manifestação de interesse em migrar. Lá, novas humilhações começaram.

Lucas: Quais humilhações?

Natália: Do tipo, “volta para tua terra”, da minha chefe. Falar todos os dias. Era vergonhoso eu estar apresentando aqueles números de vendas, porque para eles, nós somos só máquinas de fazer números, né? E todo dia ela chegava com a carta para eu assinar de demissão, porque se eles me demitissem, eu tinha um contrato de nove meses. Então, eles teriam que pagar uma indenização, uma coisa muito maior. Assim, todo dia ela chegava me forçando a assinar a carta de demissão, colocava em cima da minha mesa e ficava ao meu lado, assim, no meu pé, do meu lado e dizia que só sairia daqui quando eu assinasse. E eu dizia: 'Não tá achando ruim, me demita. Eu não vou pedir demissão.' Aí ela dizia: 'Ah, por que você não volta para o Brasil?' Ela falava várias coisas assim, desse tipo. E não só isso, mas também o meu próprio trabalho, porque eu trabalhava com meio comercial, então tinha que ligar para os clientes. Era uma rede de ginásios, então era para oferecer planos e tudo. E várias pessoas para quem eu liguei fizeram vários comentários assim, xenófobos, desse tipo 'aquele velho “volta para tua terra”, ou “que língua é essa que você está falando, fala direito aí” Eu perguntava: você não está entendendo o que eu estou falando? Aí eu pegava, começava a xingar a pessoa e a pessoa começava a me xingar, mas entendeu meu xingamento? Então, está entendendo que eu estou falando assim? E aí a supervisora vinha, reclamava comigo, "vou demitir por justa causa". Eu dizia “isso na justa causa, pode, pode me demitir, que aí eu vou no tribunal”.

A situação de Natália agravou-se consideravelmente quando ela descobriu que um colega brasileiro estava envolvido em atividades fraudulentas utilizando seu nome. "Éramos apenas dois brasileiros na equipe, e ele era considerado o melhor vendedor; todos estendiam o tapete para ele passar, pois suas vendas eram expressivas." Além das fraudes nas transações comerciais, ela relata que foi diretamente vítima de roubo em sua conta bancária. Ao confrontar o colega, que já possuía nacionalidade portuguesa, ela foi ameaçada: 'Vai, vai na esquadra, tu nem tem ainda o cartão de residência. Se tu for na esquadra, tu vai ser deportada porque é a tua palavra contra a minha'. De fato, sem um título de residência e vivendo sob uma condição de subcidadania, os imigrantes que aguardam regularização perdem seus direitos e ficam de mãos atadas. Não é difícil encontrar relatos de imigrantes que são inicialmente atraídos a Portugal e, posteriormente, são enganados, explorados e encontram-se em situações de miséria e sem abrigo. Histórias de golpes, abuso no local de trabalho, e não pagamento, sob ameaça de denúncia e

deportação, não se limitam apenas a portugueses, mas também se estendem a diversas nacionalidades, tornando-se narrativas cotidianas em Lisboa.

Natália: Aí eu comecei a blefar mesmo, dizendo a ele que eu ia para frente mesmo com isso que eu tinha provas. Eu tinha provas, mas não ia para frente. Aí ele decidiu me pagar o dinheiro que ele tinha me tirado para que pudesse esquecer disso. Eu aceitei e esqueci, ele me pagou, mas o clima não ficou bom. Depois veio a pandemia, e todo mundo foi para casa, recebendo só 2/3 do salário. Foi bom porque eu não estava gostando daquele trabalho. Foi ótimo, porque no tempo que ficamos parados foram cinco meses, de nove meses de contrato. Eu só trabalhei quatro meses, de janeiro a março e depois agosto, setembro e outubro. Setembro e outubro que acabou meu contrato. Obviamente, não iam renovar. Foi bom porque eu consegui acabar o contrato sem pedir demissão e sem ser demitida. Aí eu consegui entrar no subsídio de desemprego. Agora que estou recebendo, decidi que quero estudar.

O percurso de Natália, marcado por episódios de xenofobia, desdobrou-se em novos desafios ao retornar aos estudos. Com o desejo de se aprofundar na área social, a imigrante embarcou em um curso técnico de Apoio Psicossocial promovido pelo IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), uma instituição mantida pelo governo português e financiada pela União Europeia. Este curso, ministrado em Setúbal, cidade distante de sua residência, demandava que Natália viajasse diariamente para participar das aulas.

Dentre os 23 alunos matriculados, cinco compartilhavam a experiência de serem imigrantes, sendo três de nacionalidade brasileira e dois de Cabo Verde. Esta diversidade étnica e cultural, ainda que presente em meio a um ambiente educacional, não isentou Natália dos desafios da xenofobia, evidenciando as complexas dinâmicas sociais que permeiam a experiência dos imigrantes em Portugal. Durante o curso, mais xenofobia.

Natália: Nós imigrantes sofriamos muito com os professores e com os colegas. Com a própria coordenadora do curso. Porque assim, em cada módulo final tinha que entregar uma tese, um argumento do que eu aprendi e tudo. E aí, os primeiros eu enviei e ela mandou voltar tudo dizendo que era para escrever com o português de Portugal, que aquele português estava errado. E eu batendo de frente com ela, bati o pé e disse que não ia mudar, que ela estava entendendo perfeitamente o que estava escrito ali e que os professores, próprios professores, usavam textos e vídeos com português do Brasil. Por que eu teria que escrever os modos de português de Portugal? Não fazia sentido isso.

A vivência de Natália evidencia falhas estruturais, inclusive nas instâncias formativas que deveriam priorizar a humanização, o acolhimento, a tolerância e a inclusão, como exemplificado pelo curso de Atenção Psicossocial. Em sua narrativa,

ela destaca um completo desconhecimento por parte da coordenação em relação a conceitos básicos, tais como minorias étnicas, abordagem adequada a imigrantes, e questões relacionadas à discriminação racial e de gênero. Os estudantes, unindo-se a alguns professores, conseguiram articular a solicitação de substituição da coordenadora. "Foi quando as coisas começaram a melhorar, mas isso já era na metade do curso para frente". Natália desvela não apenas as barreiras relacionadas à discriminação cultural, mas também as lacunas nas estruturas educacionais destinadas a promover a compreensão intercultural e a igualdade, destacando a importância de um ambiente educacional sensível às diversidades. Embora a xenofobia tenha dado uma pequena trégua, o mesmo não se aplica aos desafios socioeconômicos enfrentados pela imigrante. Com o fim do subsídio desemprego, Natália passou a viver do subsídio social.

Natália: Mas aí foi um período bem crítico para mim, porque acabou o meu subsídio de desemprego e eu entrei no subsídio social, que era apenas 350 €. E aí eu tinha uma renda de 300 €. Mais contas, mais alimentação. E aí eu e eles davam o almoço, só que lá em Setúbal. Então, comecei a ir para Setúbal. Eu saía de casa às 11h00 para poder almoçar lá, porque a minha aula era das duas às oito, e só chegava em casa quase eram dez e meia da noite, e eu não tinha vida social. E para poder almoçar lá e pegar pão sanduíche que eles davam assim, tipo como um lanchinho para poder jantar, porque eu não tinha comida em casa, não tinha dinheiro para comer, né? E aí foram assim os últimos quatro meses de curso, foram bem difíceis para mim, assim financeiramente falando, né?

Durante o diálogo com Natália, fui profundamente impactado pela intensidade da violência, discriminação e xenofobia relatados por ela e enfrentadas por muitos imigrantes, especialmente aqueles em situação irregular ou recém-chegados. A entrevista não buscava inicialmente extrair um relato tão potente sobre as diversas faces da violência xenofóbica e misógina. A conversa transcendeu teorias, dados estatísticos, reflexões acadêmicas e teorias decoloniais que eu havia absorvido ao longo de minha trajetória no doutorado. Foi desafiador conter minhas emoções ao estar ali, cara a cara com uma mulher cuja desterritorialização teve início em um processo de violência no Brasil que se estendeu para além do Atlântico. Além disso, pude compreender que o "clima" percebido em Portugal era apenas a manifestação extrema de uma situação que ocorre desde tempos anteriores, era a ferida aberta e exposta de uma infecção que existia há muito e muito tempo. Posteriormente, ao discutir o caso de Natália com familiares que emigraram para Portugal na década de 1990, percebi relatos de exploração laboral e violência xenofóbica que guardavam

semelhança marcante com a experiência de Natália, embora tenham desfrutado de um acolhimento e segurança maiores devido ao contexto histórico e político diferenciado da época.

Neste ponto da entrevista, emergia uma revelação que delineava uma camada mais explícita e profundamente marcante da experiência de Natália. A violência, restrita a questões simbólicas e sociais, tomava forma de uma manifestação física, carregando consigo agravantes acentuados pela ausência de recursos de amparo, incluindo serviços de saúde. Este episódio revela, de maneira contundente, a seriedade e a desumanização enfrentadas por imigrantes em situação irregular.

A narrativa de Natália, ao desvelar essa dimensão latente da violência aponta complexas dinâmicas discriminatórias que permeiam a vida dos imigrantes irregulares. A falta de acessibilidade aos serviços de saúde, considerada um elemento crucial para a garantia de bem-estar e direitos básicos, destaca-se como um componente agravante nesse contexto. Assim, a vivência de violência física, desprovida de apoio e recursos, torna-se um ponto de inflexão crucial na compreensão da realidade vivida por Natália, evidenciando as camadas intrincadas de vulnerabilidade e desamparo enfrentadas pelos imigrantes em condição irregular. Esta parte da entrevista não foi gravada por respeito à dor e a sensibilidade que a conversa chegou neste momento, motivo pelo qual também vou abordar o assunto de forma sucinta.

Na atmosfera de uma saída noturna, na porta de uma boate, desdobrou-se o episódio tenso de desentendimentos e ofensas direcionadas à Natália e suas amigas. O incidente, inicialmente contido nos limites verbais, rapidamente escalou para um estágio insustentável de agressão física quando os seguranças perderam o controle da situação. Natália descreveu vividamente o momento em que se viu submetida a uma violência física intensa e, mais preocupante ainda, sem receber qualquer assistência. Ao procurar ajuda no hospital, deparou-se com mais violência, sendo informada de que só seria atendida mediante a apresentação de um registro policial. O contexto de agressão e conflito violento conferiu uma dimensão burocrática ao processo de busca por cuidados médicos, onde o seu direito humano foi negado. Natália, já fragilizada pela violência sofrida, viu-se diante de uma exigência que, para ela, se tornou um obstáculo adicional para obter a assistência necessária. Ao buscar a intervenção policial, Natália enfrentou outra camada de

desafios. As autoridades, longe de oferecerem solução imediata, alertaram-na sobre as implicações de levar o caso adiante. A situação irregular de Natália tornou-se um fator determinante, pois a simples busca por justiça poderia resultar em consequências ainda mais severas, incluindo a possibilidade de deportação. Este incidente não apenas evidencia a vulnerabilidade enfrentada por imigrantes em situação irregular diante da violência, mas também lança luz sobre a complexidade burocrática e as ameaças legais que permeiam o acesso a serviços essenciais e à justiça. A narrativa revela um intrincado entrelaçamento de violência física, barreiras institucionais e a fragilidade legal enfrentada por indivíduos em situação migratória precária.

Posch e Cabecinhas (2020) resgatam uma dimensão histórica dos discursos que circulam sobre o imigrante brasileiro em Portugal em cada uma das ondas migratórias de brasileiros para aquele país. As autoras afirmam que na primeira onda, que data a década de 1980, havia um tom preconceituoso e pessimista associado ao estereótipo do brasileiro “malandro e espertalhão” reforçadas pelas representações dos homens brasileiros nas telenovelas portuguesas da época. No Brasil, a representação sobre Portugal era marcada por um tom otimista, salientando as oportunidades de um Portugal que se modernizava e desenvolvia (Pinho, 2007), em contraste com uma década economicamente perdida no Brasil, marcada por recessão econômica no final do regime militar (Fausto, 1995). De fato, do outro lado do oceano se desenhava um protótipo do que viria a ser a União Europeia como resposta ao fim das colônias no continente africano. O estabelecimento do Acordo de Schengen, em 1985, e o ingresso de Portugal e Espanha, em 1986, em uma fortalecida Comunidade Econômica Europeia (CEE) contribuíram a impulsionar o desenvolvimento econômico no país (Posch, 2022), tornando-o atrativo para imigração. Portugal também é escolhido como destino pelos brasileiros devido às familiaridades culturais e linguísticas entre os dois países. A relação entre os países parte de uma premissa de superação colonial reforçada pelo lusotropicalismo, de forma que são entendidos como países-irmãos e não como uma relação de dominação (Bógus, 2007). Este momento é marcado, segundo Bógus (2007), pela dualidade do perfil do imigrante brasileiro, presente tanto na imigração qualificada quanto na mão-de-obra. Este período também é marcado pelo aumento da oferta de trabalhadores e, conseqüentemente, pela precarização do trabalho e dos salários.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, há a segunda onda e, com ela, uma mudança no perfil do imigrante. Segundo Padilla (et al., 2015) ela é caracterizada por uma escolaridade mais baixa, pelo caráter laboral, e pela feminização do fenômeno migratório, em consonância com outros fluxos globais de migração. Os imigrantes também estão mais difusos pelo território português, ocupando majoritariamente o setor do turismo (Malheiros, 2007). A faixa etária dessa onda se concentrava na faixa dos 25 a 34 anos, com destaque para o estado de Minas Gerais. Cerca de 45% desses imigrantes planejavam retornar ao Brasil (Bógus, 2007). Essa onda também é marcada pela presença de muitos imigrantes que retornaram ao Brasil por dificuldades de se estabelecerem profissionalmente em Portugal (Assis, 2017). Tratava-se, em grande medida, da busca por melhores condições de vida, para mandar dinheiro ao Brasil às famílias e na tentativa de acumular recursos para posteriormente retornar. É a partir deste momento que se é constatada a existência de imigrantes “ilegais”, cuja representação midiática é marcada pela estereotipificação. No caso da mulher há a associação ao erotismo e à prostituição e, no caso do homem, há uma associação à criminalidade.

Conforme aponta Ana Paula Costa, vice-presidente da Casa do Brasil, a segunda onda migratória é marcada pelas regularizações extraordinárias, programas que dependiam, segundo ela, das vontades políticas dos governos em questão. Ao todo, foram seis programas de regularização até o ano de 2003, quando a legislação se transformou. Ela passou a permitir que todas as pessoas imigrantes que entrassem sem visto em Portugal adquirissem um contrato de trabalho ou abrissem uma atividade independente poderiam se regularizar a qualquer momento. Costa considera que “a legislação de Portugal é uma das melhores do mundo com relação à possibilidade de regularização e de permanência dos imigrantes aqui. E eu nem falo da Europa, do mundo mesmo”, mas esbarra na burocracia, no despreparo dos agentes e no preconceito.

A administração pública, em especial a burocracia portuguesa, torna-se o foco da análise de Ana Paula Costa. Observa-se que, ao longo do tempo, a legislação evoluiu e passou por diversas alterações, oferecendo melhorias nas oportunidades legais para a permanência e a vida dos imigrantes em Portugal. No entanto, surge uma desconexão evidente entre essa evolução legislativa e o desenvolvimento da administração pública. A legislação avançou, mas a estrutura burocrática, notadamente o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) no contexto

do Programa de Regularização Extraordinária, permaneceu praticamente inalterada desde uma época em que as leis permitiam uma regularização mais comum.

Costa destaca que, durante o período de crise de 2008 a 2015, que provocou reformas na administração pública e resultou na redução de serviços e estruturas, essa desconexão se acentuou. A legislação continuou a evoluir favoravelmente, facilitando a permanência dos imigrantes, enquanto a administração pública enfrentava restrições e cortes, impactando sua capacidade de lidar adequadamente com os processos decorrentes das mudanças legais. Esse descompasso entre a legislação e a efetividade da administração pública destaca-se como um aspecto crítico no contexto da imigração em Portugal.

Enquanto isso, a sociedade portuguesa enfrentava uma convivência cada vez maior com os imigrantes e uma mudança nas representações sociais sobre os brasileiros. Silva e Schulz (2007) analisam as representações sociais da segunda onda migratória a respeito da percepção dos portugueses sobre os brasileiros e vice-versa. Na concepção da maioria dos imigrantes naquele momento (62,9%), os imigrantes não deveriam buscar tornar-se parecidos com os portugueses em modo de pensar, agir e falar, sendo que 88,8% acreditavam ser importante valorizar a cultura do país de origem. Em contrapartida, acreditavam (76,9%) que os filhos de imigrantes deveriam interiorizar os valores da sociedade portuguesa. Segundo as autoras, a imigração brasileira, em termos de similaridade cultural, é a que mais se aproxima culturalmente da sociedade portuguesa, facilitando a integração. Nesta pesquisa, a comunidade brasileira era apontada pelos portugueses como a mais culturalmente semelhante à portuguesa. Segundo o estudo utilizado pelas autoras, os estereótipos brasileiros mais difundidos naquele momento são: desonestidade (75%) e prostituição de brasileiras (70%). No entanto, em menor grau, havia o sentimento de aumento da criminalidade, da violência e do crime organizado. As autoras apontam que “a imagem que os Portugueses têm dos Brasileiros corresponde aos estereótipos universalmente apontados a essa comunidade” (Silva, Schulz, 2007, p. 165). Outro dado que chama atenção nesta pesquisa é a baixa quantidade de situações de discriminação e xenofobia sentida por brasileiros (menos de 20%), que, em contraste com dados do MigraMyths²⁴ (2022) revelam um

²⁴ Disponível em:

https://casadobrasilidelisboa.pt/wp-content/uploads/2021/03/Relat%C3%B3rio_MigraMyths_singlepage.pdf

aumento exponencial de situações discriminatórias. O estudo descreve a relação entre brasileiros e portugueses a partir de um espírito de “amizade e vizinhança”, muito diferente do cenário pós-crise de 2008, o que também demonstra uma dimensão circunstancial da percepção sobre os processos migratórios. Ainda assim, já naquele momento, se observavam as sementes discriminatórias que hoje se mostram latentes.

De acordo com Scott (2011) essa primeira representação positiva do Brasil se deve ao retorno dos migrantes portugueses que viviam no Brasil e compartilhavam suas histórias positivas sobre outro lado do oceano. O personagem do “brasileiro torna-viagem”, segundo a autora, acabou constituindo o imaginário português a partir de representações na literatura ainda no século XIX, especialmente sobre a fortuna feita em terras tropicais. Nesse período, uma retratação contrária e caricata, do brasileiro torna-viagem como rico ostentador e sem modos também é verdade, segundo a autora. Ainda assim, os problemas contemporâneos do discurso anti-imigração são explicados por uma série de processos recentes, que contribuíram para a diminuição da receptividade dos brasileiros em Portugal e pelo agravamento das situações de discriminação, racismo e xenofobia. Scott (2011) também debruça sobre esta temática, ressaltando o caráter “ambíguo” da relação entre os países e o papel central dos estereótipos nas representações sociais que são acionadas em momentos de discriminação. A autora destaca que este sentimento mudou entre as duas primeiras ondas de imigração:

Entretanto, algo já começava a mudar na relação dos portugueses com os brasileiros no país. Para pior. O acolhimento espontâneo e a disponibilidade em bater papo não existiam mais. A animosidade para com os nossos imigrantes era cada vez mais evidente. Os portugueses mal escondiam sua satisfação ao livrar-se “destes estrangeiros que só incomodam” quando algum brasileiro partia de lá; pelo contrário, muitas vezes expressavam-na em alta voz sem o menor constrangimento (Scott, 2011, p. 21).

Malheiros (2007) destaca uma atenção redobrada da mídia portuguesa aos “casos de prostituição” e de rotulação da mulher brasileira enquanto promíscuas e enquanto destruidoras das famílias portuguesas. O autor destaca, ainda, uma atribuição midiática a respeito da escassez laboral naquele período à presença de brasileiros que estariam “tomando” postos de trabalho e também a uma degradação da ordem social e moral. Segundo o autor, essas representações

evidenciam o modo como o preconceito e o estereótipo moldam as atitudes, levando a que se atribua ao “outro”, ao estrangeiro, a responsabilidade por processos associados a crises sociais ou a instabilidade, cujas causas são sempre mais profundas e complexas, radicanho nas dinâmicas da própria sociedade de origem (MALHEIROS, 2007, p. 35).

A autora atribui a mudança de percepção dos portugueses à intensificação das migrações laborais, marcadas pelos brasileiros de baixa renda, pouca escolaridade e situação de ilegalidade que foi predominante no final do século XX. Com o aumento numérico e variedade socioeconômica, logo as diferenças culturais ficaram evidentes tanto para os nativos quanto para os imigrantes. Scott (2011) afirma que essa leva de imigrantes, em grande parte, desconhecia a história, os hábitos e a cultura portuguesa, levando a frequentes mal-entendidos e conflitos. A grande quantidade e a “onipresença” dos imigrantes também é apontado pela autora como elementos de ampliação da intolerância.

Entre os anos de 2008 e 2014, marcados pela crise econômica, houve um esfriamento (mas não interrupção) do fluxo de imigração. Cenário que muda com a terceira onda migratória, registrada desde 2015, cuja principal característica é uma migração menos laboral e econômica e mais por estilo de vida, motivada por questões morais e políticas (França; Padilha, 2018). A representação desta terceira onda está mais ligada a um reposicionamento da mulher, que ganha protagonismo ao desconstruir os estereótipos do passado e uma retratação de imigrantes brancos e com maior poder econômico (Posch, Cabecinhas, 2020). Segundo França e Padilla (2018, p. 4), os meios de comunicação em Portugal retratam essa nova onda migratória como sendo de brasileiros que chegam a Portugal “como jovens, empreendedores(as), profissionais qualificados, de famílias de classe média que vêm para o país em busca de segurança e de melhor qualidade de vida para si e para seus filhos(as), trazendo ao país investimentos financeiros”. Há, portanto, um novo posicionamento frente à migração, especialmente no início desta nova vaga, que nitidamente se diferencia da cobertura anterior.

Sobre o aumento da discriminação, Cynthia de Paula, presidente da Casa do Brasil de Lisboa, tem notado diferenças e mudanças significativas com o passar dos anos. Silva e Schulz (2007, p. 165) destacaram que na primeira onda migratória havia o sentimento de cooperação e uma política de “boa vizinhança”, uma vez que o perfil do imigrante brasileiro ainda era masculino, branco e elitizado. Com as

demais ondas migratórias, o perfil laboral e a feminização da migração, é observado o aumento da intolerância e a maior expressividade dos casos de xenofobia e racismo contra brasileiros. Um dado que chama a atenção é que, naquele momento, segundo os autores, menos de 20% dos brasileiros participantes afirmaram sofrer qualquer tipo de discriminação, um contraste grande com os estudos recentes da Casa do Brasil, que apontam experiências frequentes de xenofobia. Este dado, à primeira vista, pode indicar o crescimento da xenofobia. No entanto, Cynthia propõe um olhar mais complexo para a questão. Ela acredita que a temática em questão é multifacetada, sem respostas definitivas, sugerindo que diferentes interpretações podem coexistir, algumas possivelmente mais verdadeiras e outras requerendo mais tempo de estudo.

Ela atribui à expansão histórica da comunidade, percebendo-a como um fenômeno que traz consigo não apenas mais indivíduos, mas também uma multiplicação de relatos, o que ela aborda como uma questão estatística relevante. A mudança no perfil da imigração também foi evidenciada, destacando a chegada de pessoas politizadas e conscientes dos processos de discriminação, assim como de seus direitos, já que, no passado, esse debate era muito mais deficiente. Outro fator a ser levado em conta segundo Cynthia, e que é de grande interesse da tese, é a influência das redes sociais no contexto atual, descrevendo-as como um terreno fértil para a expressão de discursos extremistas, ao mesmo tempo em que se tornam plataformas para divulgação de informações sobre a experiência migratória. Citou o projeto Migrantes como exemplo de iniciativa que utiliza as redes sociais para abordar essas complexidades, reconhecendo o papel fundamental desses canais na construção e disseminação de narrativas migratórias.

Cynthia: Também há de se considerar a maior politização da nossa comunidade, a quantidade de pessoas da comunidade brasileira. Isso tudo pode influenciar nesses números. Mas eu também acho, e aqui é mesmo uma observação de trabalho e de acompanhamento dos migrantes. Eu sinto que, obviamente, quando cresce a imigração, os movimentos de resistência também tendem a crescer. E, sobretudo, nesse momento, a imigração brasileira atinge níveis históricos e outras comunidades. No momento em que também estamos, talvez a entrar na maior crise que a gente vai ver na nossa geração. E aqui, juntamente disso, assistimos o ressurgir do bueiro, um monte de movimentos de extrema-direita no mundo, né? E muitos dessas forças políticas utilizam o Outro. Ressurge essa ideia do Outro como inimigo. Então, se eu não consigo alugar uma casa, a culpa é do imigrante que está vindo aqui alugar e morar lá dentro. Eu pouco quero saber quais são as condições em que essa pessoa está. Muito pior ainda nessa relação. Mas vai se criando e vai se implantando essa ideia do outro enquanto inimigo. E aqui vamos a tudo. É uma questão da comunidade brasileira que eu penso muito. Eu,

particularmente, tenho muito interesse. Na questão do trabalho, sobretudo pelo espaço que o trabalho ocupa na nossa vida. Enquanto imigrantes, nós não temos trabalho. A gente volta porque você tem que trabalhar. Estamos a falar do grande número, que são os estudantes, que são pessoas trabalhadoras, qualificadas. Eu também tenho muito cuidado com a qualificação profissional, porque não é só quem tem nível superior. Uma pessoa que pode não ter tido um curso superior pode ter muitas boas qualificações profissionais em outras áreas, né? Mas pronto. E voltando à questão, para não nos dispersarmos muito, eu acho que há aqui, infelizmente, um momento histórico de vários matizes assim, que contribuem para que as discriminações também aumentem. Se nós temos líderes políticos que vão abertamente dentro de uma assembleia, como aconteceu aqui, mandam uma deputada portuguesa negra embora para a terra dela e isso não acontece nada. No meu ponto de vista, tinha que ser uma pessoa dessa, tem que perder o cargo. Claro que não é tão simples assim, mas pelo menos tinha que parar uma sessão e o parlamento todo sair de lá naquele momento, em um ato. E outra tem que sofrer sanções em relação a isso. É claro que o João da padaria vai se sentir legitimado para falar "Seu brasileiro, você está aqui fazendo o quê?" E também isso pronto nesse discurso, mas do encontro das relações pessoais. Mas depois é que isso se traduz na forma que eu também te dou, que eu te dou não que ninguém dá, mas na forma em que eu vejo seus direitos. Eu também vejo que você tem menos direitos do que eu, porque você é o outro. E aí vem todas as questões da colonização e não só dos países que eu também considero que são Outros menos do que Eu.

Ana Paula Costa também comentou esta questão. Para ela, a discussão sobre o racismo em Portugal ainda é "arcaica" e infectada pela negação colonial. A sociedade portuguesa e os meios de comunicação em Portugal, na visão de Costa, não aderiram bem à discussão. Um debate que nunca foi travado e enfrentado da forma como deveria. Essas representações são acionadas nos dias atuais como resposta ao debate racial no país, como o protesto "Portugal não é racista", organizado pelo Chega em agosto de 2020. A visão de um país não racista é compartilhada por parte da esquerda portuguesa, como é o caso do Partido Comunista Português (PCP). Esse tipo de sentido, politicamente explorado, e usado pela mídia como representação de uma identidade nacional contribui para a polarização, na medida em que impede um debate aberto e objetivo sobre a realidade migratória dos conflitos étnicos e raciais em um Portugal cada vez mais migrante. A negação da discriminação, inclusive pela esquerda, impede o avanço do debate proposto pelo movimento negro no país. Os casos de racismo e xenofobia são tratados como isolados e não como estruturantes. Costa afirma que a subalternização coloca dúvidas nas vítimas sobre a discriminação que sofrem, ou não se pode falar e denunciar, afinal aquela situação é o "preço que se paga" pelo "favor que Portugal faz em me receber".

Ana Paula Costa: Essa negação institucional e social do racismo, da discriminação, não tem um impacto apenas na recusa da discussão. Ela também afeta a vida das pessoas. Assim, muitas vezes, as pessoas não conseguem relatar episódios de racismo e discriminação durante esse período. Por outro lado, havia, sim, um momento em que o próprio movimento antirracista, e eu falo mais sobre o movimento antirracista, porque acredito que ele é o que amplia essa escala para as outras formas de discriminação, encontrava muita dificuldade em internacionalizar, em dialogar e discutir. O que acontecia no Brasil chegava aqui, mas demorava a se propagar. O que ocorria nos Estados Unidos também demorava a chegar, porque nos anos 90 não tínhamos a mesma comunicação que temos hoje.

Ela concorda que, com o advento das redes sociais, ficou mais fácil encontrar casos similares e reconhecer a existência do problema que, há 20 anos atrás, era sufocado ou tratado como problema menor. Também observa um enraizamento profundo das experiências de racismo e xenofobia na sociedade, mas que por ocuparem espaços laborais subalternos e braçais, com jornadas de trabalho exaustivas e exploratórias, fica fácil entender o não reconhecimento de determinadas experiências que são naturalizadas e negadas socialmente. Destaca, ainda, que essa dinâmica era ainda mais desafiadora nas décadas de 80 e 90, marcada pela exploração intensa e condições precárias.

Costa ressalta a urgência vivida por essas pessoas em lidar com as demandas imediatas da vida, como garantir moradia e subsistência. Diante dessas prioridades, a conscientização sobre o racismo e a discriminação muitas vezes era relegada a segundo plano, não por falta de importância, mas devido à exaustão e à falta de recursos psicológicos para enfrentar tais questões. A dicotomia entre a necessidade de trabalhar extensas horas e a demanda por reconhecimento e combate ao racismo cria um cenário complexo.

Contudo, Ana Paula sugere uma mudança ao longo do tempo, influenciada pela ascensão das redes sociais e pela ocupação de espaços acadêmicos. A massificação das discussões, aliada ao surgimento de lideranças nos movimentos antirracista e imigratório, trouxe à tona a percepção de que o problema sempre existiu, mesmo que velado e negado socialmente. A conscientização crescente, impulsionada pela integração e fortalecimento dos movimentos coletivos, contribuiu para que mais pessoas relatassem experiências de discriminação e racismo, refletindo uma transformação significativa no reconhecimento e na resistência a tais problemas. Ela também aponta o aumento dos fluxos migratórios como maior agente de exposição a situações, em conjunto com a frequência do contato entre portugueses e imigrantes.

De fato, os fluxos migratórios de imigrantes em Portugal têm crescido significativamente, atingindo níveis inéditos. De acordo com dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de 2023, o país abriga atualmente um total de 750 mil estrangeiros residentes. A comunidade brasileira é a mais numerosa, representando 29,3% do total (233.138), seguida dos britânicos (6%), caboverdianos (4,9%) e italianos (4,4%). É importante ressaltar que o levantamento do SEF não inclui imigrantes ilegais ou com dupla-cidadania, portanto, é possível que a quantidade de estrangeiros seja ainda maior. Em entrevista ao jornal O Globo, Pedro Góis, professor da Universidade de Coimbra, estima que Estimo número de brasileiros vivendo em Portugal ultrapasse os 500 mil, considerando a presença de ilegais e duplo-cidadãos²⁵.

Para o Prof. Dr. Kristian Berg Harpviken, do Peace Research Institute Oslo (PRIO), entrevistado durante o campo em Portugal e vigência da BEPE, pesquisador da extrema-direita anti-imigração na Europa, é preciso uma visão cautelosa sobre os movimentos anti-imigração que emergem no contexto de crise. Para o professor, o fenômeno do discurso anti-imigração e a polarização que acomete a Europa e o mundo são fenômenos que vieram para ficar. A observação de Harpviken sobre a tendência de aumento da receptividade média da população europeia em relação aos imigrantes nos últimos dez anos é ressaltada como uma boa notícia. No entanto, a má notícia emerge na forma de um aumento significativo na parcela da população que se opõe radicalmente à imigração, tornando-se não apenas numericamente mais significativa, mas também mais crítica e com maior visibilidade midiática.

Harpviken aponta a presença de partidos fortemente contrários à imigração no governo de alguns países europeus, como na Suécia e na Polônia, evidenciando a diversidade de posturas em relação a esse tema sensível. A polarização nas questões migratórias é percebida como uma preocupação substancial, interligada a uma variedade de outras questões. O professor destaca, ainda, o desafio migratório atual na Europa, representado pela imigração da Ucrânia. Apesar do significativo volume dessa migração, ele resalta que, em grande parte, tem sido recebida com simpatia. A temporariedade dessa recepção é mencionada, indicando a necessidade de se considerar a complexidade das dinâmicas migratórias na região. Portugal se

²⁵ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/portugal-giro/post/2022/07/populacao-brasileira-em-portugal-e-de-500-mil-diz-sociologo.ghtml>

inclui nos países europeus onde emerge uma extrema-direita com um discurso radical contrário à imigração. Para o professor, esses partidos são eficazes em catalisar sentimentos de frustração e descontentamento social devido às crises econômicas, atribuindo a responsabilidade ao Outro.

Lucas: Pode falar um pouco mais sobre quais são as motivações dos movimentos anti-imigração na Europa? O que vocês têm percebido no projeto?

Prof. Kristian Harpviken: Bem, em última instância, acho que para muitas pessoas é uma sensação de que seu modo de vida está ameaçado e o que isso significa pode ser coisas bem diferentes, dependendo de cada país e segmento social. Para alguns, pode ser seus empregos, a base de seu bem-estar que sentem ameaçada. Para outros, pode ser as próprias tradições e costumes que eles seguem. Mas acho que em certa medida, a resistência à imigração é uma consequência de preocupações que têm muito pouco a ver com a imigração. Então, há outros tipos de crises que afetam a política no contexto europeu de maneira muito séria, como os períodos de grande recessão econômica. Tivemos uma grande reestruturação das economias e alguns grupos que historicamente costumavam ser bastante favorecidos em termos de renda e padrão de vida foram prejudicados. Mesmo que seja difícil culpar os imigrantes por isso, a imigração é, em certo sentido, um fenômeno muito visível e facilmente identificável no cotidiano. Então, até certo ponto, eu argumentaria que os imigrantes e a imigração se tornam um bode expiatório, são culpados por preocupações que são preocupações sérias na vida de muitos cidadãos europeus, mas que no final do dia, na verdade, não têm nada a ver com imigração, mas sim com outras mudanças estruturais principalmente de natureza econômica e também outras transformações políticas.

Lucas: E sobre a motivação cultural? Isso também é um fator presente no discurso anti-imigração?

Prof. Kristian Harpviken: Sim, este é um problema. E talvez a manifestação mais dramática disso tenha sido a resistência à imigração proveniente de países islâmicos. Agora, é claro, vimos isso nos EUA também, com Donald Trump, logo depois de ter assumido a presidência em 2017, banindo a imigração de vários países muçulmanos. E sim, em vários países europeus também vemos que, pelo menos imigrantes de certos países muçulmanos, estão, de certa forma, se integrando menos do que outros grupos de imigrantes. Então, por exemplo, em meu próprio país, a Noruega, os paquistaneses noruegueses estão mais segregados do restante da população do que imigrantes de outros países. Agora, devemos ter cuidado ao generalizar aqui, e não está claro que isso tem a ver com religião ou mesmo com o país de origem. Acho que tem igualmente muito a ver com a classe social. Por exemplo, qual é a formação educacional e a situação econômica das pessoas que acabam vindo para a Noruega de origem paquistanesa? Acho que muitos deles têm um tipo de formação social e econômica que torna mais difícil conseguir bons empregos e se integrar bem na sociedade norueguesa. Na segunda e terceira geração é uma história muito, muito diferente. Eles (os descendentes de imigrantes) começam a se casar com pessoas de origens muito diferentes e recebem boas formações educacionais e talvez se saiam bem, então, os chamados imigrantes "étnicos" se saem melhor do que a população "étnica" norueguesa. Mas o ceticismo em relação à migração que parece culturalmente muito estrangeira e muito diferente tem sido forte. A cultura aqui interage não apenas com preocupações econômicas, mas também com preocupações de segurança pública. É claro que a enorme fixação que tivemos, especialmente a partir de 2001, com a ameaça do extremismo islâmico, também não tem sido útil. Isso é muito injusto, porque o extremismo não é amplamente apoiado entre os muçulmanos na Europa, mas basta alguns eventos dramáticos para alimentar esses estereótipos.

A entrevista com o prof. Harpvinken evidencia uma relação entre o discurso anti-imigração e a transnacionalização da extrema-direita na Europa e no mundo. Este é inclusive um dos objetivos do projeto Mobilization Against Immigration, liderado por ele. Trata-se de um movimento similar, de um discurso comum e partilhado entre diversos países, ainda que não se tenha certeza sobre o nível de articulação transnacional dos movimentos. Conforme explorarei mais à frente quando tratar especificamente do Chega, o discurso de sua juventude e ativistas contrários à migração simpáticos ao partido, em muito se assemelha com discursos bolsonarismo por um lado e também de grupos neonazistas, por outro. Trata-se de um discurso cuja estética é criada a partir da radicalização de estereótipos e representações sociais antigas a respeito dos imigrantes e que ganha roupagem midiaticizada em uma esfera pública dominada pela lógica simplificadora e de consumo das Big Techs. Enquanto organizações como a Casa do Brasil lutam nas ruas, na política, no dia a dia com o imigrante, na desconstrução dos preconceitos e estereótipos, a esfera pública midiaticizada sobre a imigração está tracionada por ativistas, grupos e movimentos transnacionais que têm no discurso anti-imigração e “anti-Outro”, fundamentados na noção de “invasão étnica”, um elemento para incendiar e polarizar suas percepções.

Esses sujeitos buscam sentidos para justificar a corrosão material no cotidiano, como o desemprego, o aumento dos preços e a precarização da vida. O populismo, por sua vez, se oferece como alternativa, simplificando os acontecimentos, apontando a alteridade como culpada e recorrendo ao conservadorismo e ao reacionarismo como elementos de atribuição de justificativas e representações para os problemas sociais e econômicos que atravessam. Conforme aponta Eco (2018) em sua clássica obra sobre o Fascismo Eterno, uma das características dos fascismos é o contexto de frustração social ou individual, de uma classe média atingida ou desmoralizada por crises econômicas. A ascensão de grupos minoritários e a igualdade de direitos de minorias sociais, como é o caso dos imigrantes, é assustadora para este grupo, que recorre ao discurso fácil como tentativa de manter o seu *status quo*.

Apesar do estudo proposto ser de organizações ativistas imigrantes e anti-imigração, inclusive a partir de um núcleo partidário, não estamos admitindo que sejam dois lados de uma mesma moeda, ou seja, não são ativismos simétricos ou

equivalentes. O imigrante sempre estará em situação de desigualdade frente a um nacional contrário à imigração pelo fato da categoria “imigrante” representar uma minoria social. Quanto mais longe do modelo de “sujeito universal”, mais propenso à opressão estará aquele grupo ou indivíduo, de acordo com a vertente da interseccionalidade. Da mesma forma que quanto mais um sujeito se afasta do padrão “sujeito universal” (homem, branco, europeu, heterossexual, cisgenero de classes favorecidas) (Grosfoguel, 2012), mais suscetível à opressão e discriminação ele se encontra (Borges, 2020).

O ativista anti-imigração faz parte de um subproduto do que de pior a civilização ocidental produziu para a humanidade. Trata-se da ausência da solidariedade, da empatia e da humanidade. Um projeto do ódio e da exclusão do outro. O ativista imigrante parte da premissa da inclusão e do direito humano à mobilidade, da busca por uma vida melhor, por outras formas de viver e explorar o mundo. O ativista imigrante não é um ativista puramente à esquerda no espectro político (ainda que a maior tolerância ao imigrante na Europa seja atribuída à esquerda). Para além de uma visão do espectro político, o imigrante, conscientemente ou não, carrega a disrupção de uma episteme do sul global, que a esquerda europeia por vezes é incapaz de enxergar (Grosfoguel, 2012). Em nossas análises etnográficas, fica claro que a “ameaça” sentida pelos ativistas anti-imigração é uma ameaça à superioridade e hegemonia europeia e a leitura de mundo eurocêntrica.

Como pretendemos demonstrar com a tese, a perspectiva comunicacional dos ativismos imigrante e anti-imigração busca oferecer contribuições específicas dentro de uma diversidade de situações que possuem na mediação o seu ponto em comum. Ou seja, como as interações mediadas e os sentidos produzidos circulam produzindo identidades, alteridades, conflitos e contradições. Uma mediação, conforme defendemos, que por sua vez, não é neutra, mas sim neoliberal e dominada pela lógica algorítmica das big techs em uma esfera pública que opera como Guerra Híbrida (Leiner, 2020, Korybko, 2018) e produz disputas identitárias em contextos profundamente divididos e polarizados. Assim como Braga (2020), entendemos que a comunicação não é mero “epifenômeno” ou “instrumento” dos processos sociais, mas sim parte estruturante e constituinte desses fenômenos. Esta perspectiva se soma a outros saberes e conhecimentos produzidos pelos estudos migratórios e pelos estudos em esfera pública e deliberação.

A divisão social e a polarização são entendidas como a ausência de diálogo, debate ou interação: há apenas desconexão e violência simbólica (Braga, 2020). Trata-se, segundo Braga (2020, p. 306) “da convivência forçada de adversários, restrita ao supercódigo da diferença exacerbada em estrutura binária, excludente de inferências relativas a outras dimensões, mas cujas ações não podem deixar de se interferir mutuamente”. Essa polarização não significa, no entanto, que haja uma simetria, como é o caso do ativismo migrante e anti-imigração em Portugal, onde há uma relação de opressão e discriminação de um polo contra o outro. Ainda que este processo de polarização e intolerância não seja de ordem apenas midiática, é inegável que a mediatização incide sobre diversos modos da estrutura de divisão e polarização social, seja na construção de imaginários e representações sociais, na propagação da epistemologia dominante ou na construção de uma esfera pública discursiva.

No caso específico de Portugal, os problemas sociais e econômicos enfrentados têm levado a estruturas de polarização e intolerância, reservando suas características específicas, como o racismo cordial, por exemplo. A questão dos aluguéis é ilustrativa. Os preços estão disparados, sendo de difícil acesso para imigrantes que venham do sul global, com a moeda mais baixa. Para os imigrantes do norte, nômades digitais e turistas, o país é atrativo por possuir preços mais acessíveis do que os seus países de origem. Não à toa, Portugal está entre os países da União Europeia onde os preços dos arrendamentos mais sobem. Entre 2010 e 2022, o valor dos imóveis em Portugal sofreu um aumento de 80%, enquanto os aluguéis aumentaram 28%. Na zona euro, o aumento do período foi de 50% no caso das vendas e de 18% nos aluguéis, conforme noticiou o Público²⁶. O turismo, com o arrendamento por temporada via aplicativos, em conjunto com o trabalho remoto acelerado durante a pandemia, além da falta de controle público sobre os aluguéis é apontado como um dos principais elementos do processo atual de gentrificação no centro de Lisboa (Guimarães, 2022). O cenário de gentrificação, bem como o aumento dos preços dos alimentos em decorrência da Guerra na Ucrânia e a presença massiva de imigrantes tem levado o país a uma onda de

²⁶ Disponível em:

<https://www.publico.pt/2023/01/10/economia/noticia/portugal-dez-paises-zona-euro-onde-rendas-prec-os-casas-sobem-2034497>

xenofobia e discurso de ódio sem precedentes, sendo o Partido Chega a terceira maior força política do país em 2023.

Para Ana Paula Costa, vice-presidente da Casa do Brasil de Lisboa e autora do relatório MygraMiths, a questão migratória em Portugal é complexa porque as leis são avançadas, mas não aplicadas como deveriam. Ao discutir o atual regime jurídico de estrangeiros em Portugal, Costa contextualiza-o no cenário histórico, destacando que a legislação vigente remonta a 2003. Antes desse marco, o país tinha leis mais restritivas em relação à entrada e permanência de estrangeiros. Ana Paula ressalta que, mesmo com a crescente diversificação da imigração, Portugal ainda mantém características marcantes de um fluxo direcionado ao mercado de trabalho, muitas vezes ocorrendo de forma irregular.

A vice-presidente enfatiza que a imigração irregular é vista em Portugal como uma porta de entrada para a Europa, tornando o país um destino atrativo nesse contexto. Essa tendência, segundo Ana Paula, persiste desde que Portugal se tornou uma nação atrativa para a imigração, ganhando ainda mais força com a adesão à União Europeia. A entrada massiva de investimentos da União Europeia no país, especialmente em setores como construção civil, resultou em transformações significativas na sociedade portuguesa, demandando mão de obra estrangeira.

Ela destaca o papel do Estado na promoção desse fluxo migratório, evidenciando a legislação como um instrumento crucial nesse processo. Inicialmente, Portugal reagiu a esses fluxos sem ter uma legislação específica que permitisse a entrada, trabalho e permanência de estrangeiros sem visto. Contudo, diante da crescente interconexão entre mercado de trabalho e imigração irregular, o Estado implementou programas de regularização extraordinária. Tais iniciativas buscavam regularizar a situação dos imigrantes com base em critérios laborais, embora sua abertura dependesse das decisões políticas dos governos, criando uma incerteza para aqueles envolvidos.

Ana Paula Costa: Me parece que o Estado português não se preocupou quando foi formular sua política de imigração. As necessidades estruturais que Portugal enfrenta no mercado de trabalho, a carência de mão de obra que o país possui, a busca por sustentabilidade na Segurança Social e a tentativa de responder ao déficit demográfico por meio da imigração, mesmo sendo um tema controverso, são supridas independentemente da pessoa ter documentos ou não. As pessoas estão trabalhando, contribuindo para a segurança social, e crianças estão nascendo; em resumo, essa questão está mais ou menos resolvida. Portanto,

parece que não houve uma reflexão adequada sobre como oferecer um serviço de qualidade, humano e digno para as pessoas que estão em contato com o SEF.

Essa negligência do Estado, ao considerar a migração como um problema “menor” por muitas décadas fez, segundo Costa, com que o problema se expandisse para o que é hoje. A migração está na agenda política de maneira tão evidente devido justamente a essa negligência que atraiu imigrantes, mas de forma não inclusiva, oferecendo subcidadania, guetos, e jamais se preocupou em integrar o migrante com o português. Esse é um dos motivos pelos quais o migrante ainda é considerado um “outro” inferior, ou menos digno de direitos. Com a politização do imigrante, a maior consciência de seus direitos, o conflito e a polarização são mais comuns, terreno que incendeia a esfera pública, em especial na internet, especialmente pelo choque de culpabilização do imigrante pelos problemas econômicos e sociais enfrentados.

Ana Paula Costa: Especificamente em Portugal, isso é um fator porque em momentos de crise, é comum que se tente encontrar o inimigo para aquela crise, e o inimigo é sempre o outro. O problema é sempre o outro, socialmente falando. É isso. Esse estereótipo de imigrante, criminalidade ou que o imigrante roubou os empregos, por exemplo? Tá relacionado a isso? Com certeza. Mas, tratando de Portugal, a gente achava que era um caso à parte com relação à imigração e que ficou protegido, e que está protegido. Aí tem gente que ainda considera isso até recentemente, até agora. Por quê? Por um lado, por aquilo que eu já tinha falado, que existia um consenso político e social a respeito da imigração. Portugal sempre alternou entre centro-esquerda e centro-direita. Os governos eram do PS ou do PSD. Nos últimos anos, nós tivemos a geringonça, que foi uma coligação de centro-esquerda com outros partidos da esquerda, o Bloco, PCP e o PAN. E havia, de fato, um consenso sobre isso. Porque, mais uma vez, há essa necessidade estrutural de mão de obra, uma necessidade de sustentabilidade da segurança social. É uma questão demográfica. Ao mesmo tempo, a emigração, ela também. Houve períodos em que ela era maior, o período em que ela era menor. Nunca houve uma massificação tão grande como nós vemos hoje. Portugal nunca teve tantos imigrantes ocupando diversos espaços. Também acho que enquanto a imigração era direcionada apenas para o mercado de trabalho, havia esses estereótipos de imigrantes roubando empregos, mas eles não eram vistos como uma ameaça cultural ao país, por exemplo. Como já se viu o discurso hoje, porque eles eram apenas uma força de trabalho.

O discurso passa a se inverter, segundo Ana Paula, quando os imigrantes passam a ocupar espaços de poder, como as universidades, a política, de tomada de decisão, passam então a serem considerados como ameaça cultural, como ameaça de poder. Não se trata mais apenas de uma ameaça econômica, mas sim estrutural, epistemológica, e de como é regido o Estado. Muitos acabam se sentindo expostos e vulneráveis pelo medo e pelo preconceito e são facilmente cooptados

pelo discurso radical. Isso coloca fim ao consenso político sobre a imigração e abre espaço para surgir um discurso anti-imigração que tem se organizado. Até pela maior diversidade de partidos e ideologias absorvidas pelo parlamento.

Ana Paula Costa: O Chega no Parlamento com um discurso que, inicialmente, começou com ódio dirigido às pessoas ciganas, que são portuguesas, né? Agora, tornou-se claramente um partido anti-imigração. Mas não é qualquer imigração, é uma imigração que para eles representa uma ameaça cultural. Mais uma vez, eles buscam inspiração em movimentos de outros lugares da Europa e do mundo, que são os imigrantes muçulmanos, que supostamente ameaçam a cultura, que são os imigrantes brasileiros que são criminosos. Novamente, perpetuam estereótipos de que roubam empregos e ameaçam o modo de vida português. Esse é um movimento muito novo, tão recente que acho que ainda não conseguimos pensar completamente em como responder a isso.

No contexto português, apesar das semelhanças com outros movimentos e partidos na Europa e no mundo, conforme apontou o professor Kristian, percebe-se uma distinção significativa. Essa distinção se destaca especialmente devido ao aumento da imigração. O discurso anti-imigração surge concomitantemente com esse período de crescimento migratório. A observação atenta dessa realidade suscita uma grande preocupação, levando à reflexão sobre a necessidade de uma resposta eficaz diante de uma série de fatores que favorecem o aumento da discriminação, do discurso de ódio contra os imigrantes e do racismo.

Para Ana Paula, esse momento crítico é marcado não apenas pela dificuldade econômica, mas também pelo receio associado ao aumento da imigração. As transformações legislativas, tornando-se mais favoráveis à imigração, coincidem com esse contexto. A escassez de moradias adiciona mais um elemento desafiador a essa conjuntura. Em meio a uma inflação crescente, a sociedade busca encontrar um bode expiatório, e, mais uma vez, a imigração parece ser o alvo preferido. A situação se complica ainda mais considerando o panorama político atual. O desaparecimento de um partido que antes atuava como uma barreira para discursos extremistas em relação à imigração, como o CDS, deixa uma lacuna significativa. O momento político atual reflete uma ausência de uma direita forte em Portugal, abrindo espaço para discursos mais extremos e a manipulação de narrativas relacionadas à imigração.

Nesse contexto, as narrativas individuais de Natália, Nirmal, do casal brasileiro espancado em maio, Saulo Jucá e da brasileira agredida no aeroporto do Porto emergem como peças essenciais, inseridas em um conjunto de muitas outras

histórias invisíveis. Essas experiências não se restringem apenas aos brasileiros, estendendo-se a indianos, paquistaneses, caboverdianos, angolanos, muçulmanos e diversas nacionalidades, etnias ou crenças e a tudo que escapa à concepção do sujeito universal. A abordagem etnográfica aqui empreendida buscou compreender e relacionar esses diversos aspectos por meio de histórias, dados, análises e opiniões provenientes daqueles imersos no universo da migração.

Este enfoque não busca tratar esses fenômenos como eventos isolados, mas sim como parte de um conjunto complexo de fatores sociais, históricos, políticos e entrelaçados com a dinâmica da globalização neoliberal e sua face midiaticizada. A intenção é desvelar as camadas profundas dessas histórias, proporcionando uma compreensão mais ampla do "clima estranho" mencionado por aqueles que compartilharam suas experiências, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre a complexidade da migração em Lisboa, especialmente após um período de cinco anos desde a partida do pesquisador. O próximo capítulo versa sobre os repertórios de ação e comunicação da Casa do Brasil de Lisboa e demais ativistas imigrantes, em seguida, no capítulo posterior, da Juventude do Partido Chega e da juventude anti-imigração.

6 ATIVISMO MIGRANTE: RESISTÊNCIAS, REINVENÇÕES E AÇÕES

Neste capítulo, exploro os desdobramentos da etnografia multissituada, que se estende do ambiente presencial ao digital, conduzida em meio aos grupos de ativistas migrantes brasileiros estabelecidos em Portugal com as seguintes organizações: Casa do Brasil de Lisboa, Diáspora Sem Fronteiras, Coletivo Andorinha e Brasileiras Não se Calam. Assim como o capítulo anterior, delineio uma narrativa enraizada em experiências, observações, entrevistas e imersões etnográficas. Além disso, incorporo dados coletados, provenientes de diversas fontes, tais como registros de campo e relatórios institucionais produzidos pelas organizações investigadas e outros órgãos. O propósito do capítulo foi construir um panorama do ativismo migrante durante o período de pesquisa, analisando as nuances e complexidades que emergiram no campo ao longo da investigação.

6.1 Casa do Brasil de Lisboa

“Uma rua estreitinha, uma casa velhinha: isto é Lisboa”. A Marcha Popular que ganha vida na voz da grande fadista Fernanda Baptista pode ser experienciada por quem passa pelas estreitas e íngremes ruas de paralelepípedo do Bairro Alto. Entre cada passo, é possível ver os prédios antigos e as roupas nos varais para fora das janelas. O caminhar leva a pontos históricos que misturam tradição e modernidade, como o Elevador da Bica, sempre com uma fila de turistas que aguardam não o transporte, mas sim a experiência e vista admirável e panorâmica da cidade. Também é lar da Igreja de São Roque, um santuário que guarda séculos de história. É nessa mesma igreja que é encontrada uma estátua em homenagem ao padre Antônio Vieira, jesuíta, colonizador, escravagista e catequizador de indígenas. Ao lado dele, três crianças indígenas aprendem os princípios cristãos. Na esteira do Movimento Black Lives Matters, em 2020, a estátua foi pintada com a palavra “descoloniza” em vermelho. Por outro lado, a escultura também já reuniu agremiações neofascistas que celebravam a “grande nação portuguesa” e os feitos do passado. Portugal é um país ainda mal resolvido com sua história colonial (Araújo, 2013), tendo monumentos e lembretes desse período espalhados pelo espaço público. Muito disso seja, talvez, pela época de grande relevância de

Portugal no mundo, fato que contrasta com a atualidade, quando o país passa por dificuldades econômicas e se localiza na periferia geopolítica global.

No Brasil, Gilberto Freyre é criticado pelo estabelecimento de mitos fundadores da identidade brasileira, entre eles a noção de que a colonização, diferentemente de outros países, aconteceu de forma amigável ou cordial, sem contar com um processo violento. A ele é atribuído o mito da democracia racial, que, ao afirmar que há uma coexistência pacífica e harmoniosa entre as raças, esconde a real dimensão da questão da violência racial e do legado da escravização para as desigualdades contemporâneas (Guimarães, 2001). No entanto, não é apenas no Brasil que a narrativa de Freyre tem influência. No caso português, Araújo (2013) afirma que a visão de uma colonização “benevolente” como legado das ideias lusotropicalistas freirianas tem contribuído para um mito que mascara os reais problemas étnicos e raciais do país, construindo representações sociais de um povo “tolerante” e “aberto” ao multiculturalismo, o que não condiz com a realidade. A estátua de Antônio Vieira não é vista como um problema no local, especialmente porque a colonização não é representada pela ótica da violência, da imposição e do epistemicídio, mas sim, como as glórias de um passado, como um mito fundador da sociedade portuguesa e um dos motivos de orgulho para os nacionalistas. O lusotropicalismo produziu representações sociais que dificultam o avanço do debate colonial na sociedade portuguesa, favorecendo narrativas conservadoras que hoje retornam com força ao debate político. Estátuas e monumentos coloniais são marcações e memórias que constroem o espaço público a partir de uma colonialidade anacrônica que ainda segue viva e forte.

Também no Bairro Alto, é difícil não se impressionar com as vistas do miradouro de São Pedro Alcântara, onde é possível observar uma paleta de cores completa de telhados vermelhos, verdes dos jardins e dos morros, azul do céu e, ao fundo, o rio Tejo. É um retrato de Lisboa, tantas vezes transformado em arte, que transcende o espaço físico e mergulha na alma da cidade, naquilo que Lisboa representa para o mundo. As casas, testemunhas do passar dos séculos, exibem uma arquitetura centenária e que definem a estética do país. Salta aos olhos a vibrante expressão artística que adorna muitas fachadas, canteiros e ruas por várias quadras, e os famosos azulejos que resistem ao tempo e ditam o charme lisboeta. A arte viva ganha vida nas paredes antigas, uma fusão entre o clássico e o contemporâneo, adicionando camadas de significado e história a cada esquina.

No cair da noite, tudo ali se transforma. Durante o dia, o bairro que repousava em estado latente torna-se boêmio: os bares e restaurantes se abrem. As estreitas ruas, que durante o dia serviam como testemunhas silenciosas do cotidiano urbano, tornam-se o palco da efervescência noturna. Uma maré de jovens, provenientes de diferentes nacionalidades, invade o espaço, criando uma cena cosmopolita e multicultural. Entre esses transeuntes noturnos predominam estudantes e turistas, cujas presenças contribuem para a diversidade do ambiente. O boêmio Bairro Alto desvela-se como um microcosmo de intercâmbio cultural e social. À medida que a noite avança, testemunhamos um intrigante encontro de estabelecimentos diversos. Os bares voltados para o público LGBT compartilham espaço e energia com restaurantes sofisticados, enquanto bares temáticos, representando diversas culturas, como brasileira, africana e árabe, coexistem em harmonia. O encontro de identidades, o movimento e a boa convivência contrastam com as percepções de um país tradicional e pacato. Lisboa é um ponto fora da curva no tradicionalismo português.

No coração do Bairro Alto, especificamente na rua Luiz Soriano, número 42, encontra-se a Casa do Brasil de Lisboa. Esse endereço serve como nosso principal campo presencial, um espaço que se mistura à arquitetura externamente, mas internamente torna-se o epicentro de discussões e práticas relacionadas à vida e ao ativismo imigrante em Portugal. As discussões na Casa do Brasil não se limitam a questões brasileiras: em muitos momentos, o espaço é cedido para outros grupos, associações, organizações e ativistas para que possam utilizar o espaço para realizarem outras atividades.

A localização da Casa do Brasil de Lisboa não é apenas geográfica, mas simbólica. A rua Luiz Soriano, com seus traços que mesclam o novo e o antigo, proporciona um ambiente propício para a convergência de diferentes culturas e perspectivas. O número 42 torna-se mais do que uma mera referência espacial; é um ponto de conexão, um convite para explorar os diálogos entre o presente e o passado, entre o local e o global, entre os diversos territórios, territorialidades e identidades que compõem um Portugal contemporâneo. Trata-se de um espaço político, social e cultural que representa a segunda maior comunidade brasileira no exterior e a maior comunidade de estrangeiros em Portugal. Representa a contemporaneidade de laços históricos entre ex-colonizador e ex-colônias, após a

transformação dos séculos e os desafios atuais que são enfrentados pelos colaboradores, membros, amigos e diretores.

Ao adentrar a Casa do Brasil de Lisboa pela primeira vez, fui recebido por mais do que um espaço físico. O local é um palco vivo de experiências e narrativas imigrantes. As paredes testemunham conversas que atravessam fronteiras e os corredores ecoam histórias de resistência e solidariedade. É lá que o ativismo imigrante encontra um lar, onde as questões prementes são discutidas, estratégias são delineadas e comunidades se unem em prol de um propósito comum. Talvez seja por isso que era um local que eu gostava de passar horas, de participar das atividades, de ouvir o que cada integrante tinha a dizer. O acolhimento fica estampado no rosto de cada membro: estão sempre sorrindo, simpáticos e atenciosos. Quem vê de fora não imagina os problemas estruturais, os perrengues e os desafios financeiros pelos quais passa a Casa do Brasil. A Figura 3 ilustra o ambiente: folhetos informativos, calendários, paredes ilustradas, bottons e a arquitetura que mistura-se e mescla-se na boemia do Bairro Alto.

Figura 3 — Fotografias da Casa do Brasil de Lisboa



Fonte: Autoria própria.

O primeiro contato com a Casa do Brasil de Lisboa antecedeu a vigência da BEPE – Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior –, acontecendo por meio da participação em eventos virtuais promovidos por essa instituição e o contato com membros e líderes. Após o desembarque em Lisboa, uma ocasião significativa foi o Encontro da Aliança Migração, um evento presencial ocorrido em janeiro de 2023, que congregou membros da sociedade civil, organizações políticas, ativistas e acadêmicos para discutir as complexidades da migração na Europa. Esse encontro teve lugar na Universidade Nova de Lisboa e representou uma oportunidade crucial para estabelecer um elo formal com a equipe da Casa do Brasil.

Nesse momento, tive a oportunidade de apresentar-me formalmente, compartilhando informações sobre minha pesquisa e solicitando a colaboração da Casa, incluindo o acompanhamento de suas atividades e a realização de entrevistas com seus membros. Desde o início, a receptividade e abertura manifestadas pela equipe foram notáveis, refletindo um interesse genuíno em contribuir para o entendimento e a promoção do ativismo imigrante em Portugal.

A Casa funciona por meio de uma série de iniciativas, que vão desde o atendimento e regularização, com orientações burocráticas e relativas à legislação e ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), até a orientação e o auxílio profissional, ativismo, produção e promoção cultural, que refletem sobre políticas públicas, e a reivindicação de direitos e igualdade. Todo esse trabalho se reflete em uma série de projetos e iniciativas. Essas atividades contribuem para estabelecer pontes, interações e contatos que são de extrema importância aos imigrantes brasileiros na cidade.

Uma pedra angular nas ações da Casa é o Gabinete de Orientação e Encaminhamento (GOE), um farol de apoio jurídico, psicológico e social para migrantes e suas famílias. O serviço contribui para a integração e o bem-estar, atuando como um guia durante as fases desafiadoras da adaptação. Paralelamente, o Gabinete de Apoio ao Emprego (GAE) assume a missão de auxiliar migrantes na busca por oportunidades profissionais, oferecendo orientação especializada, workshops e sessões informativas.

No âmbito social, o Grupo Acolhida destaca-se como uma plataforma que fomenta a integração e o intercâmbio de experiências entre migrantes e suas famílias, contando com atendimento psicológico grupal. Por meio de atividades culturais e de lazer, encontros e reuniões de escuta ativa, o grupo promove um

ambiente propício para o florescimento de novas conexões e o fortalecimento de laços comunitários.

O projeto "Migrante Participa em Sintra - Caminhos para a Igualdade e Participação" visa catalisar o envolvimento ativo dos migrantes na sociedade, valendo-se de atividades culturais, desportivas e de lazer. A parceria estratégica com a Câmara Municipal de Sintra fortalece ainda mais esse compromisso, estabelecendo conexões profundas e construtivas. Esse projeto tem como foco o fomento à participação política do imigrante, bem como a construção da cidadania.

O Ciclo de Sessões Informativas, por sua vez, emerge como uma fonte vital de conhecimento sobre direitos, deveres, educação, saúde e integração. Esse programa educativo visa capacitar os participantes, informando e orientando sobre as nuances cruciais para uma vida bem-sucedida em solo português. Já a iniciativa "Informa em Ação" solidifica o compromisso da Casa do Brasil com a mitigação das vulnerabilidades enfrentadas por migrantes. A distribuição de alimentos, produtos de higiene pessoal e outros itens básicos oferece suporte para aqueles em situações mais precárias. Em seu conjunto, essas ações delineiam a Casa do Brasil de Lisboa como uma força na promoção da igualdade, justiça social e participação dos migrantes na comunidade. Ao criar uma rede interligada de serviços e oportunidades, a instituição contribui para a construção de uma sociedade portuguesa mais inclusiva e acolhedora.

A atmosfera de cooperação e fraternidade que permeia as paredes da CBL é tangível desde o momento em que adentra-se ao espaço. A receptividade calorosa e o acolhimento pessoal são elementos distintivos, refletindo o compromisso da organização em criar um ambiente inclusivo e solidário. Com uma dedicação exemplar, a Casa do Brasil de Lisboa destaca-se como uma referência no apoio às pessoas imigrantes em Portugal, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso ficou claro para mim desde o primeiro momento. Ao entrar pela porta, à esquerda existe um sofá de espera e uma mesa com folhetos informativos. À frente, uma escadaria que chega aos gabinetes de atendimento, e o último andar é um salão de dança espelhado onde ocorrem atividades culturais. À direita, há um banheiro e uma porta para um salão e um bar, onde ocorrem eventos culturais e políticos. Ao todo, conversei com cinco integrantes da Casa do Brasil, utilizando a metodologia de entrevistas em profundidade, e também passei vários

dias acompanhando as atividades regulares de atendimento e os eventos promovidos pela instituição.

Um elemento importante a ser destacado nas entrevistas realizadas foi o papel que o processo de imigração desempenhou no ativismo imigrante. Foi por meio do contato com a Casa do Brasil que pudemos compreender as diversas territorialidades dos imigrantes brasileiros em Portugal, formando grupos com experiências e realidades plurais, que são atravessadas por questões de classe, gênero, raça e formas de imigração. Assim, o acompanhamento dos atendimentos na Casa do Brasil foi essencial para entender a dinâmica migratória dos brasileiros em Portugal e o papel central da organização no aconselhamento, encaminhamento e como agente cultural e de resistência brasileira, especialmente em tempos de aumento dos fluxos migratórios, da intolerância e do discurso anti-imigração. Portanto, as entrevistas foram fundamentais para compreender a complexidade das experiências dos imigrantes brasileiros no país e a importância das organizações de apoio no processo de integração e resistência em contextos adversos. No contraste com o clima de aumento da intolerância e da extrema direita materializada no Chega, a Casa do Brasil emerge como um ponto cooperativo e de união migrante.

Nesse sentido, a Casa do Brasil ganha protagonismo em um cenário mediatizado cujas narrativas polarizadoras devem ser compreendidas à luz de uma perspectiva decolonial. A questão da colonialidade foi, inclusive, apontada por muitos entrevistados como um ponto central a ser debatido no contexto migratório. Assim, é necessário observar o complexo emaranhado de relações existente entre Brasil e Portugal desde o período da colonização. Essa compreensão implica também em admitir que as relações coloniais são a base para as formas contemporâneas de discriminação contra as mulheres, pessoas não brancas, não ocidentais, LGBTs, muçulmanos, e que o eurocentrismo perpetua as relações de opressão ao estabelecer hierarquias de dominação e de poder (Bidaseca, 2016).

Ou seja, a violência e a discriminação relatadas pelos migrantes integram complexas cadeias interseccionais de origem colonial que se somam e definem a experiência migratória em todos os seus momentos. Essas relações aparecem no processo de mediação, com a produção de estereótipos reforçados pelos meios de comunicação, com a saliência de enquadramentos que colocam o imigrante como um problema a ser resolvido, com representações que ressaltam a imigração tida como “ilegal”, os casos de vulnerabilidade, e fala-se pouco sobre as

contribuições sociais, econômicas e culturais da imigração. Segundo os integrantes da Casa do Brasil, a instituição nunca foi procurada para falar sobre o seu trabalho ou sobre questões positivas da imigração brasileira. Os contatos são sempre para comentar algum tipo de problema social com a imigração ou casos específicos de violência, deportação e criminalidade.

A liderança atual da Casa recai sobre Cynthia de Paula, uma integrante que acumula 11 anos de experiência na organização e que mostra-se disposta a enfrentar as opressões coloniais que ainda reverberam na comunidade migrante no presente. Seu percurso teve início no Gabinete de Orientação e Encaminhamento (GOE), culminando na ocupação da presidência. A presença de Cynthia é notável em diversas atividades relacionadas à imigração em Portugal, evidenciando seu amplo engajamento na promoção do bem-estar dos imigrantes. Cada conversa com a Cynthia foi uma aula sobre imigração, políticas migratórias e bem-estar imigrante. Durante nossos encontros, Cynthia, frequentemente imersa em múltiplos compromissos, nunca deixou transparecer a sobrecarga de suas responsabilidades, mantendo sempre uma postura acolhedora, acompanhada por um sorriso generoso. Sua prontidão em me atender e esforço constante para proporcionar um ambiente confortável, tanto na Casa quanto nos eventos em que nos cruzamos, mostram seu comprometimento em criar espaços inclusivos e acessíveis. O foco preferencial de Cynthia reside nas questões da organização, da história da CBL, na mudança dos cenários da imigração, na transformação dos princípios e valores da Casa e na situação política de Portugal. Ela também compartilha sua trajetória com orgulho, destacando não apenas suas realizações pessoais, mas também o compromisso contínuo da CBL em lidar com as complexas questões relacionadas à imigração em Portugal.

Durante nossas conversas, Cynthia de Paula sempre proporcionou uma visão densa sobre o cenário migratório brasileiro em Portugal, resgatando lembranças e marcos que remontam uma época marcada pela dicotomia; de um lado, entre os investimentos e o crescimento econômico que o país experimentava e, de outro, a crise severa que assolou Portugal e a Europa de maneira geral em meados de 2012. Um ponto de destaque foi a análise da forma como a crise de 2008 afetou de maneira diferenciada as pessoas migrantes, especialmente aquelas que eram racializadas e pertencentes a estratos sociais mais baixos, destacando que foram as primeiras a sentir as implicações adversas do contexto.

Nesse período, a Casa do Brasil tinha um enfoque mais centralizado no atendimento, proporcionando serviços jurídicos, orientação e encaminhamento, além de apoio ao emprego. A questão cultural, os debates e o ativismo político em prol dos direitos das pessoas migrantes também constituíam elementos fundamentais na identidade e na atuação da Casa. Cynthia ressaltou que, embora fosse a Casa do Brasil em Lisboa, o trabalho da organização estava voltado majoritariamente para todo o país, influenciando as políticas públicas e legislações locais, além de fazer a ponte com o Governo Federal do Brasil, incentivando e articulando importantes acordos bilaterais, como o Acordo Lula, assinado em 2003 e que ajudou a regularizar mais de 20 mil brasileiros em Portugal ao facilitar a solicitação de visto e regularização.

Em 2012, a crise econômica desencadeou um movimento de retorno de brasileiros ao Brasil, enquanto os portugueses também buscavam oportunidades em nosso solo. Cynthia compartilhou a experiência da Casa do Brasil ao orientar interessados sobre os complexos procedimentos de visto para o nosso país, evidenciando o desafio intrínseco a essa tarefa. Apesar de ser uma instituição destinada à comunidade brasileira em Lisboa, a Casa do Brasil, nos últimos anos, expandiu seu escopo, intensificando seu diálogo e interesse em colaborações mais efetivas com o nosso Governo Federal.

Então a narrativa avançou para o período posterior ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, quando a Casa do Brasil passou a receber uma diversidade de novos grupos, marcados por diferentes contextos e experiências de vida. Esse relato ofereceu uma perspectiva enriquecedora sobre a evolução do papel desempenhado pela CBL e as dinâmicas complexas da comunidade brasileira em Portugal ao longo do tempo. Nesse momento, Cynthia abordou a questão da diversidade da imigração brasileira, que está longe de ser homogênea. São grupos distintos, classes sociais distintas, regiões do país distintas, que moldam muitas comunidades dentro de um grande espectro.

Cynthia: E foi muito interessante porque eu sinto que há mudança também dos perfis migratórios comparado ao Brasil, né? Eu falo "perfis" porque são muitas pessoas e acho que é muito difícil dizermos que temos apenas um perfil. Na verdade, nós temos um mix de perfis muito variado. É a comunidade brasileira e são muitas comunidades brasileiras dentro da comunidade brasileira. Eu acho que isso é muito importante também de colocarmos sempre. Não somos um único tipo. Temos muitos, muitos sonhos e muitas, muitas coisas que nos atravessam. Isso é muito importante. Todos esses perfis, com seus valores e com as suas

necessidades, para que o país também tenha consciência em relação aos seus direitos e a forma como pode viver de fato com dignidade. Em Portugal, isso é muito importante. E aqui nós temos.

Cynthia afirma que a partir de 2016, com o impeachment contra a presidente Dilma Rousseff, marcou-se um novo período de transformações significativas. Na Casa do Brasil, passaram a testemunhar a ida, do Brasil para Portugal, de muitas pessoas que não concordavam com o cenário político em acontecimento, desde a perspectiva de golpe até os tempos difíceis sob o governo de Michel Temer e, posteriormente, a ascensão de Bolsonaro, caracterizado por um discurso de ódio que, na visão dela, naturalizou a intolerância. Esse momento foi particularmente desafiador, pois afetou grupos já vulneráveis, como pessoas LGBTQIA+, mulheres e comunidades negras e indígenas.

É importante observar como a Casa do Brasil começou a receber mais membros desses grupos minoritários, muitas vezes motivados por um sentimento de autoexílio. Essa dinâmica persiste até hoje, e mesmo com a restauração de um governo democrático, novos desafios continuam a impulsionar a imigração, como a crise econômica global. Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil, é uma realidade que afeta o mundo como um todo e transforma os fluxos migratórios em algo dinâmico.

Essa nova fase trouxe consigo perfis de imigrantes com necessidades diversas, contrastando com as demandas mais específicas que a Casa do Brasil estava acostumada a atender nas décadas de 1990 e 2000. Durante esse período, o foco estava principalmente no atendimento, refletindo as necessidades imediatas da comunidade. Entretanto, a evolução dos anos trouxe à tona uma crescente demanda por debates e diálogos dentro da própria Casa, transformando-a em um espaço político mais amplo e dinâmico. Essa mudança revelou a compreensão de que a Casa do Brasil é um local que vai além da assistência direta, tornando-se um espaço vital para chegadas, conversas e trocas constantes. Nesse sentido, Cynthia aponta as visíveis transformações da Casa desde que chegou. O impacto do próprio tipo de migração levou a uma politização do local sobre os debates que estavam acontecendo em diversas esferas sociais no Brasil e no mundo a respeito das identidades, da decolonialidade e da diversidade.

Cynthia: E daí começamos a perceber, a partir da nossa comunidade, a necessidade de trazer constantemente o debate para dentro da Casa. Iniciamos

uma transformação na Casa do Brasil, compreendendo que ela é um espaço político muito mais amplo. Embora sempre tenha sido, isso tornou-se mais evidente dentro da associação. Assim, começamos a criar espaços mais abertos para chegadas, conversas e diálogos. É notável, se observarem, que temos cartazes de um projeto nosso de 2018 e 2019 aqui, marcando claramente esse momento de transformação da Casa. As pessoas passaram a procurar a Casa não apenas para questões de regularização, mas também para discutir sobre temas como racismo, machismo, homofobia, xenofobia, preconceito linguístico, desqualificação profissional vivenciada dentro das universidades, entre outros. Lembro-me de uma tertúlia em que estávamos discutindo esse período. Acredito que compreendemos que nosso trabalho é muito mais abrangente, envolvendo desde o combate ao discurso de ódio até o atendimento, abordando questões de saúde mental, habitação, cultura, acesso à cultura e a busca pela identidade nesse novo lugar. Dessa forma, nosso trabalho continua evoluindo para acompanhar essas demandas crescentes.

Talvez o grande legado de Cynthia durante sua gestão seja a politização da Casa do Brasil e a inclusão de debates que buscam abranger novos públicos e perfis de imigrantes. Nos últimos anos, especialmente nos últimos dois, ela dedicou-se profundamente a repensar a Casa do Brasil. A presidente reconhece a caracterização histórica da instituição como branca, de classe média e, por um período substancial, predominantemente masculina. Atualmente, a Casa testemunha uma maioria feminina, embora ainda composta em grande parte por mulheres brancas. Nesse momento de reflexão, Cynthia expressou sua visão sobre o futuro da Casa, destacando a necessidade de considerar a própria diversidade da comunidade brasileira. Nessa fase, marcada como sua última gestão, ela almeja deixar um legado de inclusão e diversidade na CBL. Cynthia enfatiza a importância de implementar espaços de igualdade e diversidade, reconhecendo a necessidade de trazer a participação de grupos imigrantes com perfis diferentes para dentro da Casa do Brasil.

Sua visão inclui o uso da Casa como um espaço para reuniões e debates, expressão de cultura e convivência, proporcionando um ambiente de acolhimento, participação e pluralidade, indo além da realização de projetos específicos e ela visa incorporar o conhecimento acumulado ao longo da gestão em iniciativas mais amplas de interação e convivência. Isso também traz dificuldades. Cynthia destaca, por exemplo, o desafio de lidar com conflitos geracionais, em que fundadores mais antigos possuem perspectivas diferentes, muitas vezes enraizadas e solidificadas sobre experiências migrantes, sobre questões históricas e políticas. Ela descreve os encontros na Casa, nem sempre suaves e frequentemente dolorosos, como oportunidades para crescimento e construção de todo o grupo. As contradições e os

embates que surgem com o pluralismo, longe de serem obstáculos, são vistos como dinâmicas dialéticas enriquecedoras.

Ao viver o cotidiano da Casa do Brasil, torna-se evidente uma riqueza de experiências que ecoam as observações feitas por Cynthia durante a entrevista. O constante movimento, a entrada e saída incessantes, o fluxo contínuo de indivíduos portadores de histórias, experiências, motivações, expectativas e objetivos plurais e diversos, além de diferentes origens regionais e sociais também com a mesma diversidade chamam bastante a atenção. É uma verdadeira tapeçaria humana, composta por pessoas provenientes de distintas regiões e estados do Brasil e do mundo. No momento da etnografia, os debates sobre a questão da Guerra na Ucrânia estavam intensos e a Casa se ofereceu como espaço para reuniões sobre o tema em diversas ocasiões. A CBL extrapola o atendimento aos brasileiros, sendo também referência para outras comunidades migrantes e de refugiados.

Notei também que os funcionários encarregados do atendimento raramente permanecem ociosos. Quando não estão engajados em interações presenciais, dedicam-se às chamadas telefônicas, respondem e-mails ou preenchem relatórios exigidos pelos programas de financiamento que sustentam as atividades da Casa. Este trabalho reflete não apenas a quantidade de público atendido, mas também a complexidade das demandas e serviços prestados pela instituição. Cada interação, seja pessoalmente ou através dos diversos canais de comunicação, contribui para a atuação que caracteriza a vida cotidiana na Casa do Brasil e que tem na informação e orientação o seu cerne.

Em um dos dias de observação em campo, em meio à aparente tranquilidade de uma tarde na Casa, uma narrativa por e-mail irrompeu, trazendo consigo uma aura de apreensão e preocupação. O relato pertencia a uma mulher brasileira, cuja história detalhada revelava um cenário de agressão e abuso perpetrado por seu marido, de nacionalidade portuguesa. Ela não era residente em Lisboa, mas procurava desesperadamente a assistência da organização na busca por orientação e apoio. O impactante relato não apenas sensibilizou a equipe, mas também desencadeou um diálogo reflexivo sobre os limites da atuação da Casa em situações tão complexas, visto que a instituição não detém autoridade para executar ações diretas, mas sim, apenas para fornecer orientações, encaminhamentos, informações, conscientização, além das ações práticas realizadas por meio dos programas estabelecidos.

A discussão interna provocada por esse caso específico ressaltou a complexidade das demandas que chegam à instituição. A equipe, ciente de suas limitações jurídicas e executivas, procurou explorar estratégias possíveis para oferecer suporte à mulher em situação de vulnerabilidade. O desafio imediato consistiu em equilibrar a empatia e o desejo genuíno de ajudar com a consciência dos recursos e capacidades disponíveis.

Essa experiência ilustra não apenas a diversidade de problemas enfrentados pelos membros da comunidade brasileira em Portugal, mas também evidencia a necessidade constante de adaptação por parte da Casa do Brasil diante de demandas imprevisíveis e urgentes. Cada história trazida à instituição é mais do que um caso isolado, é, sim, uma janela para a complexidade das relações e desafios que os imigrantes brasileiros podem enfrentar em solo português, como é o caso da violência doméstica ou da dupla opressão sofrida por mulheres imigrantes. Esses momentos desencadeiam não apenas ações práticas, mas também uma constante reflexão sobre os limites e potencialidades da intervenção da Casa em situações tão delicadas. Victor, técnico de atendimento do Gabinete de Orientação e Encaminhamento, comenta que esses casos são cada vez mais comuns.

Victor: A gente sempre recebe casos de discriminação, principalmente nos atendimentos, de acesso a serviço público e até serviços particulares, também muito no âmbito da habitação, por exemplo. Então não vou dizer que é diário, mas semanalmente tem aqui alguém que chega muito fragilizado. Porque ou passou por um processo de xenofobia muito forte no atendimento público ou em um serviço particular.

Lucas: Quais são os tipos mais comuns? São discriminações diretas ou veladas?

Victor: Os dois acontecem, os dois, uns de forma direta, outros de forma velada. Eu posso te dizer que em todos os atendimentos públicos há isso. E quando eu digo velado aqui é quando vai, por exemplo, um imigrante ou uma Junta de Freguesia solicitar um documento e o próprio imigrante sente que o atendente não quer ajudar, quer é causar mais empecilhos, por exemplo. É muito comum a gente atender pessoas aqui que vão para algum serviço público para dar entrada num documento e alguma coisa assim acontecer. Levam os documentos, mas sentem que aquele atendimento e a pessoa não estão ali muito para facilitar. E quando eu digo facilitar, não é que é para pular regras, é mesmo para fazer acontecer. Estão, assim, dificultando mesmo. "Ah, mas não é esse documento". Ah, mas esse documento no trabalho que aqui em Portugal tem muito, tem aquela fala que cada atendimento é um rei, né? Você vai, por exemplo, numa Junta de Freguesia para o mesmo tipo de serviço, vão te pedir uma coisa, você vai na outra Junta de Freguesia, vão te dizer e vão te pedir uma coisa completamente diferente. Parece que não há aqui um protocolo único de atendimento. E eu agora falando com o técnico em atendimento do gabinete, orientação, encaminhamento, tem uma falta muito grande, dos funcionários públicos, no conhecimento da lei de estrangeiros, o que interfere no atendimento deles. Então, por vezes é um total desconhecimento e por outras, sabem mais ou menos.

Lucas: E quando acontece um caso assim, nesse exemplo que você deu, vocês chegam a intervir? Vocês já chegaram a ligar na junta?

Victor: Sim. Ligamos para a Junta. Quando não ligamos, enviamos e-mail. Quando todos esses recursos esgotam, se a gente não vê nada, nós acionamos o que eles chamam aqui de Provedoria de Justiça, que é um órgão do governo que acompanha essas sinalizações de atendimentos públicos que não correm como devem ser. Então, a gente, depois disso, aciona a Provedora de Justiça. A Casa do Brasil, ela consegue orientar, esclarecer e ajudar as pessoas no sentido de informação. Nós somos o que nós chamamos de atendimento meio, que é isso, é orientar e acompanhar as pessoas nesse processo de acesso a serviço. Agora, em relação à resposta social, a Casa não tem capacidade para isso e nem é a intenção do gabinete. Chega uma pessoa que fala "eu tô sem nada, entrei numa situação que eu não tenho nem onde dormir", que hoje não tem o que comer, e isso tem chegado.

Lucas: Nesses casos, como é feito o encaminhamento?

Victor: Por exemplo, há o serviço da Segurança Social, Urgência Social, que é um número mesmo, que é um, quatro, quatro, em que as pessoas ligam, se identificam. E esse serviço auxilia a pessoa momentaneamente a, por exemplo, ir para um abrigo, alimentação. Mas é tudo muito difícil. É uma ajuda de apenas dias. Não é uma condição que as pessoas estão ali sempre conseguindo. E, para além da segurança social, a gente tem um contato com as redes. Por exemplo, as Juntas de Freguesia, que têm as assistentes sociais das Juntas de Freguesia. A gente aciona também a Santa Casa da Misericórdia, que tem os espaços também de acolhimento para as pessoas que estão em situação de sem abrigo. Tem a questão do Banco Alimentar também. Então é tudo no sentido de encaminhar essas pessoas para esses serviços, entende? Nós fazemos esse encaminhamento, por vezes acompanhamos, as pessoas voltam, contam como foi. Por vezes não. É um fenómeno muito comum que a gente tem aqui no atendimento. Às vezes a gente atende pessoas numa situação extrema, de precariedade. Fazemos o encaminhamento, a pessoa nunca mais aparece, não sabemos o que acontece. Por outras vezes, as pessoas voltam, contam como foi. Às vezes até dão dicas pra gente "olha, eu fui lá, não é daquele jeito, tem isso". Isso é uma coisa muito nossa também. A gente não quer que isso aqui seja um atendimento como um atendimento que as pessoas estão acostumadas a ter, que é um atendimento mais duro, que é um atendimento violento. Então a gente trabalha muito com a coisa do acolhimento, sabe?

Ao longo da pesquisa de campo, além da observação dos atendimentos, também participei ativamente de diversos eventos organizados pela Casa do Brasil em Lisboa, que me permitiram compreender as formas de atuação, de ativismo e de como é realizada a comunicação com o público. Esses eventos, na maior parte vinculados ao projeto "Migrante Participa Sintra", mostraram-se cruciais para entender a dinâmica da instituição e a complexidade das questões migratórias enfrentadas pela comunidade brasileira em Portugal. As rodas não só proporcionaram um ambiente propício para a troca de experiências e conhecimentos, mas também se revelaram como espaços de formação, conscientização e politização das vivências migrantes.

Um dos eventos marcantes foi a discussão sobre a "Desqualificação Profissional das Pessoas Migrantes em Portugal", realizada em 18/03/2023, na Tapada das Mercês. Como o próprio projeto propõe, as palestras e debates são realizados fora da cidade de Lisboa, ampliando o acesso a regiões periféricas. O

evento reuniu um grupo diversificado de participantes, aproximadamente 20 pessoas. Essas sessões proporcionaram reflexões sobre os desafios enfrentados pelos imigrantes brasileiros no reconhecimento de suas qualificações profissionais em solo português, inclusive sobre a questão da validação de diplomas de ensino superior. A troca de experiências revelou casos de desvalorização e subutilização de habilidades, muitas vezes resultando em trabalhos precários e mal remunerados. Os desabafos de muitos brasileiros, quase sempre alocados para trabalhos aquém das suas capacidades e formação, revelam a lógica discriminatória embutida no mercado de trabalho português, sendo uma grande reclamação da comunidade brasileira.

Outro tema abordado foi a "Violência Doméstica e de Gênero". Essa discussão sensível e essencial ocorreu em um ambiente intimista, permitindo que cerca de 15 participantes compartilhassem experiências e buscassem apoio coletivo, informações e orientações sobre como proceder em casos de violência. A Casa do Brasil desempenhou um papel crucial na conscientização sobre essa problemática, destacando não apenas a importância de buscar ajuda, mas também os recursos disponíveis para a comunidade que enfrenta tais desafios, como formas de denúncia, o incentivo à participação de grupos de mulheres migrantes, cuidados que podem ser tomados para evitar situações de risco, além do suporte psicológico para vítimas.

Outro evento que testemunhei abordou o tema do "Empreendedorismo Migrante", proporcionando, igualmente, uma atmosfera inspiradora que reuniu aproximadamente 30 participantes interessados em explorar oportunidades e desafios para empreendedores migrantes no contexto português. Sob uma abordagem prática, foram discutidos casos de sucesso, obstáculos enfrentados e os recursos disponíveis para aqueles que almejam iniciar seus próprios negócios. O empreendedorismo e a economia criativa frequentemente representam formas essenciais de obter renda na informalidade. A discussão destacou a exposição de narrativas e histórias significativas para evidenciar a quantidade de empreendedores que veem nessa estratégia uma das únicas alternativas para ampliarem sua renda e sobreviverem em meio ao mar burocrático da ilegalidade.

Esses eventos, muitas vezes realizados fora do centro de Lisboa, têm uma importância grande, pois alcançam públicos em outras regiões e cidades periféricas, garantindo uma representação mais abrangente da comunidade brasileira em

Portugal. A participação, embora não massiva, é razoável, proporcionando um ambiente propício para discussões profundas e com maior interação. Tais iniciativas da Casa do Brasil não são apenas encontros casuais, mas sim, momentos de educação, mobilização e ativismo. Através desses eventos, a instituição se destaca como um espaço não apenas de acolhimento, mas de capacitação, conscientização e empoderamento da comunidade migrante. Essa abordagem, além de fortalecer os laços dentro da comunidade, também contribui para a construção de uma narrativa mais ampla sobre as experiências migratórias e a luta por direitos e reconhecimento.

Além desses eventos que pude acompanhar de perto, o projeto “Migrante Participa Sintra” realiza encontros presenciais e on-line sobre muitas outras temáticas, variando de uma a duas reuniões por mês, sempre com temas caros ao imigrante e ao processo migratório. As temáticas estão alinhadas com o relato de Cynthia, quando ela expõe o seu esforço em politizar a imigração e trazer debates interseccionais, como de raça, gênero, sexualidade, classe social e muitos outros temas. Esses eventos, não raro, contam com parcerias de outras instituições, organizações e movimentos sociais, inclusive terreiros de religiões de matrizes africanas, como o Candomblé.

Também destaco uma prática recorrente que revelou-se como uma expressão do compromisso da instituição com o bem-estar psicológico da comunidade imigrante. A cada 15 dias, a Casa do Brasil organiza o Grupo de Apoio Psicológico Acolhida, na modalidade on-line, que é uma iniciativa que busca criar um espaço propício não apenas para o compartilhamento de dúvidas relacionadas à imigração, mas também para oferecer suporte emocional. Esse grupo, fundamentado no conceito de trabalho em equipe e em um ambiente de conversação, é concebido com a premissa de que a experiência partilhada entre os membros “reduz o isolamento, promove reflexões e amplia as chances de superação das adversidades por meio da solidariedade construída”. Este enfoque ressoa com o entendimento de que a rede solidária formada no âmbito do grupo desempenha um papel crucial na jornada migratória.

No Grupo de Apoio Acolhida, observei uma dinâmica de ajuda mútua, na qual os participantes compartilharam informações e experiências e buscaram a promoção da saúde mental nos processos migratórios. A prática destacou-se não apenas como um recurso informativo, mas como um espaço terapêutico que reconhece a importância da dimensão emocional na experiência migratória. Durante as reuniões,

testemunhei uma diversidade de temas, diálogos e abordagens para lidar com a vida em migração. As discussões variam desde esclarecimentos pontuais sobre legislação e informações da vida cotidiana até estratégias práticas de adaptação. No entanto, o que se destaca de maneira marcante são os relatos de situações de xenofobia e discriminação, que revelam as complexidades emocionais e sociais enfrentadas pelos membros de comunidades imigrantes. Através dessa prática etnográfica, fica evidente que o Grupo de Apoio Acolhida transcende a mera transmissão de informações técnicas, tornando-se um espaço onde as experiências subjetivas e emocionais ganham destaque, revelando também um elemento pouco discutido, que é a necessidade de suporte psicológico no processo migratório. A troca de vivências contribui para a construção de conhecimento prático e também para a construção de uma comunidade emocionalmente resiliente e solidária. Assim, o Grupo de Apoio Acolhida na Casa do Brasil não apenas representa uma resposta às necessidades práticas dos imigrantes, mas também configura-se como um ambiente onde as complexidades emocionais e sociais da migração são reconhecidas, discutidas e enfrentadas coletivamente. Esse grupo revela-se como um componente da rede de apoio oferecida pela Casa do Brasil, contribuindo para a construção de uma comunidade imigrante mais resiliente e conectada.

Os dias passados na Casa do Brasil foram experiências imersivas de decolonialidade e resistência. A instituição cria uma esfera pública imigrante que proporciona condições e instrumentos para a resistência desses corpos migrantes que atravessam o oceano em busca de esperança. Conforme Haesbaert (2021, p.10) destaca, a decolonialidade está intrinsecamente ligada à luta contra a "des-ordem do capital, a exploração econômica e o aniquilamento de subjetividades, inerentes à 'colonização' de todas as esferas da vida promovidas por este sistema". Todas as iniciativas e projetos da Casa do Brasil convergem para a instrumentalização do imigrante, capacitando-o a se tornar um cidadão de direitos e politicamente consciente. Não se trata de uma doutrinação política, mas sim, de elevar a condição do imigrante a um patamar de igualdade com qualquer outro cidadão.

Cada imigrante carrega consigo séculos de ancestralidade colonial. Em cada ato de xenofobia há inúmeras vozes e significados da violência produzida pela colonialidade, que ainda manifesta-se nas representações sociais e na esfera pública do ocidente (Haesbaert, 2021). A descolonização, conforme aponta o autor,

só pode ser alcançada no cotidiano, no dia a dia, na humanização, dando nome, rosto e identidade à pessoa imigrante. Diferentemente de uma esfera pública hegemônica, em que as instituições estatais desumanizam e tratam o imigrante como sujeitos de segunda categoria, ou de uma comunicação social e de meios de comunicação que despojam a identidade, simplificam a experiência migrante e transformam-na em histórias sensacionalistas e como um problema a ser resolvido, a atuação persistente da Casa do Brasil, mesmo diante de desafios financeiros, estruturais, de equipe e de financiamento, mantém-se firme há 30 anos no enfrentamento decolonial contra a desumanização do migrante.

6.1.1 A comunicação da Casa do Brasil de Lisboa

Em sua obra, Margarida Kunsch tem dedicado-se a demonstrar a importância central da comunicação estratégica e organizacional para as organizações na modernidade. Um diagnóstico comum de Kunsch (2018) é que tanto o mercado como as organizações, inclusive as do terceiro setor, possuem a centralidade nos resultados pragmáticos e imediatos das suas comunicações, deixando de lado as complexidades sociais do ambiente em que situam-se. No capítulo quatro, discutimos que todo processo de territorialização que envolve os movimentos migratórios não está, necessariamente, ligado a um espaço físico. Na era digital, a virtualidade cria novos territórios, expandindo fronteiras e alterando as dinâmicas e fluxos da migração. Pensar nas migrações como processos comunicacionais mediatizados é um dos desafios desta tese. A convivência com a Casa do Brasil mostra que a organização aproxima-se de uma lógica instrumental da comunicação utilizando as plataformas digitais como canais ou instrumentos de divulgação, privilegiando ações e eventos presenciais, apesar de em alguns casos, especialmente após a pandemia, também fomentar iniciativas e eventos on-line.

No entanto, a presença digital da Casa do Brasil ainda está muito aquém de sua relevância para o imigrante brasileiro em Portugal. Apesar das iniciativas, a Casa não possui grande influência na esfera pública digital sobre os processos migratórios, espaço esse ocupado por influencers, grupos de apoio liderados por indivíduos no Facebook, Instagram, TikTok e Telegram, além dos canais no YouTube também dominados por essas pessoas. Existe toda uma esfera pública recheada de ilusões, desinformação, fake news e distorções que seduz e convida à imigração,

refletindo em migrações inconsequentes. Tal realidade levou à investigação de 22 influenciadores brasileiros pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), por motivos de imigração irregular²⁷. Muitos perfis divulgavam informações falsas, prometiam vagas de trabalho, regularização, visto e cidadania de forma fácil, e vendiam uma terra sem problemas e recheada de ilusões. Mais do que isso, há uma preocupação da embaixada brasileira com os chamados “coiotes digitais”. Em entrevista ao Jornal Correio Braziliense em fevereiro de 2023, Raimundo Carreiro, embaixador do Brasil em Portugal, afirmou que “Em Portugal, o que vemos são pessoas oferecendo facilidades por intermédio das redes sociais, muitos deles jovens, criando a falsa ideia de que tudo no país europeu é fácil”. Esses perfis ganham maior notoriedade nas redes sociais, que funcionam a partir de lógicas algorítmicas de engajamento, visibilidade e circulação, sem respeito algum à legislação ou à qualidade da informação.

A relação entre comunicação e migrações vai muito além de uma relação instrumental e perpassa pela economia política de quem domina e lucra com as plataformas digitais, o que se denominou Big Techs (Morozov, 2018). Evoco a discussão sobre o “poder da comunicação” travada por Castells (2009) para ilustrar a questão. Segundo o autor, em sua obra “Comunicação e Poder”, nas sociedades contemporâneas a manifestação do poder está intrinsecamente ligada ao domínio sobre os meios de comunicação, enquanto o contrapoder, por sua vez, é associado à subversão desse controle. No entanto, “a comunicação de massas, a comunicação que pode chegar a toda a sociedade, se conforma e é gerida mediante relações de poder enraizadas no negócio dos meios de comunicação”. Na era das plataformas digitais e Big Techs, a visibilidade raramente é orgânica. O engajamento é a palavra-chave e, para engajar, quanto mais apelativo, polêmico e palatável, melhor. Instituições como a Casa do Brasil têm o objetivo de informar, perpassam por uma institucionalidade e uma estética que não seduz, não têm pretensões de influenciar ou monetizar os conteúdos, ao contrário da lógica dos influenciadores.

Nesse sentido, organizações imigrantes sérias e preocupadas com a informação de maneira ética e comprometida são presas fáceis para a esfera pública em xeque. A midiatização dessa esfera pública, conforme demonstramos no capítulo

²⁷ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/portugal-giro/post/2022/07/influenciadores-brasileiros-sao-investigados-em-portugal-por-auxilio-a-imigracao-ilegal.ghtml>.

três, coloca a institucionalidade em desvantagem frente ao mar de desinformação e ilusão mantido pela lógica neoliberal das redes. Os sentidos que ganham visibilidade dependem mais de uma estética para o engajamento, de conteúdos monetizados, do clickbait, da apelação e do velho sensacionalismo. A crise de paradigmas (Kuhn, 2017) ou crise de contextos que assola o mundo contemporâneo com negacionismos, fake news e desinformação atinge em cheio diversos processos sociais, entre eles as migrações. Não à toa, parte dos quase 145 imigrantes que, por dia, tentam deixar Portugal em situação de miséria, segundo o Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (ARVoRe), relata que foi seduzida por falsas promessas nas redes sociais.

Os processos de guerras informacionais travados nas redes e que tracionam uma esfera pública polarizada, dominada pelas lógicas das bolhas, colocam organizações como a Casa do Brasil em grande desvantagem, uma pequena gota em um complexo oceano comunicativo. A questão da ausência de uma visão de comunicação organizacional estratégica na Casa do Brasil, assim como em muitas organizações sem fins lucrativos, não é apenas uma questão de falta de vontade ou de profissionalismo, mas sim, de recursos. As palavras são de Amanda Argollo, designer e responsável pela comunicação, confecção das postagens, cartazes e identidade visual da instituição. Ela diz que é um aprendizado constante, um fazer “na raça, na unha”. Antes de assumir as redes sociais da Casa, ela nunca tinha trabalhado especificamente com comunicação digital.

Amanda: Está sendo pra mim um aprendizado e eu acho que pra Casa também. A gente não tem ninguém, uma pessoa responsável pelo Instagram da Casa, por exemplo. Grande parte da equipe tem acesso e cada um vai lá e posta o seu, faz a postagem.

O acúmulo de função é uma realidade para as ONGs e afeta especialmente a área de comunicação, vista como algo que pode ser feito por outros integrantes e sem a necessidade de profissionalização. Amanda é categórica ao afirmar que não há condições financeiras e nem perspectiva para a contratação de profissionais de comunicação para a Casa. Isso faz sentido na realidade da organização uma vez que, conforme pontua:

Amanda: Eu acredito que a gente tem muitas outras prioridades que vêm antes da comunicação. Mesmo financeiramente assim, a gente não tem grana pra contratar,

né? Teriam outras coisas na frente que eu acredito que, se a gente tivesse uma grana disponível para colocar, seria melhor.

Lucas Zanetti: O que, por exemplo?

Amanda: Olha, a própria estrutura da Casa, a estrutura física. Você vê, é uma associação assim, quem limpa somos nós. Quando tem que arrumar uma coisa que está avariada, a gente tem que ver se tem dinheiro na caixinha, né? Eu acho que nesse momento a situação da migração está mostrando muitos desafios, então não é uma decisão minha. Se fosse, eu acho que seria a contratação de mais técnicos de atendimento mesmo.

Até esse ponto da entrevista com a Amanda, eu estava apreensivo com as falas sobre a não priorização da comunicação, um erro comum entre empresas, ONGs e organizações que se esquecem que na era digital midiaticizada, o trabalho de comunicação é um pilar e um eixo central para o sucesso de qualquer iniciativa. No entanto, ao explorar melhor a questão, Amanda me contou que sequer tinham condições de pagar o salário de todos os colaboradores e que alguns estavam trabalhando sem receber. Perguntei então como estava sendo o trabalho nesse nível de precarização, com todos os problemas de financiamento que estavam acontecendo.

Amanda: Eu acho que é um misto de amor pela causa e, muito honestamente, a condição (financeira) de algumas pessoas. Sim, a gente (na Casa), por exemplo, está meio que sem salário, porque o nosso trabalho é financiado por Fundos de Apoio à Imigração e está uma confusão, que a gente tá para receber, mas não sabe quando vai receber. Então, eu, por exemplo, a minha vida financeira permite que eu fique um tempinho à espera, né? Não indefinidamente, mas eu consigo esperar alguns meses até receber. Porque eu sei que eu estou numa posição privilegiada. Sim, o meu marido trabalha, ganha razoavelmente direitinho, nosso custo de vida não é super alto, não temos filhos, por exemplo. Então, para mim é possível. Tem outras pessoas que estão no subsídio de desemprego e estão trabalhando de forma voluntária. Então, assim, a gente se organiza, meio que aos trancos e barrancos. A gente tem, por exemplo, também, voluntários que ajudam também um tempinho, não fazem full time, obviamente, mas que também conseguem ajudar preenchendo. Então é assim.

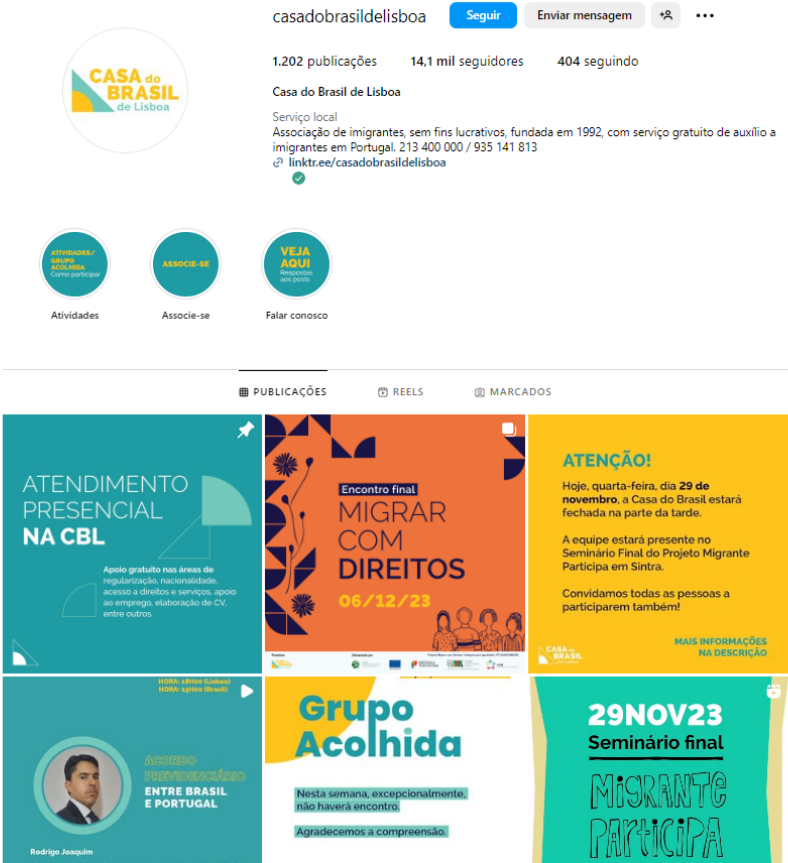
Nas plataformas digitais, a Casa do Brasil de Lisboa possui presença modesta, necessitando estabelecer e fortalecer conexões com a comunidade imigrante. Suas páginas no Instagram, com 14,5 mil seguidores, e no Facebook, com cerca de 23 mil seguidores²⁸ (apesar de apresentarem baixo engajamento), evidenciam uma presença nessas redes sociais que ainda tem muito espaço para expansão. O grupo informativo "Migrar", no WhatsApp, possui aproximadamente 471 participantes²⁹, o que demonstra que, apesar dos canais existirem, é possível fortalecer a presença on-line e a captação de mais migrantes para beneficiarem-se

²⁸ Dados coletados em 05/02/2024.

²⁹ Dados coletados em 05/02/2024.

dos serviços prestados. A Figura 4 demonstra as redes sociais da Casa do Brasil no momento da coleta de dados.

Figura 4 — Instagram e Facebook da Casa do Brasil de Lisboa



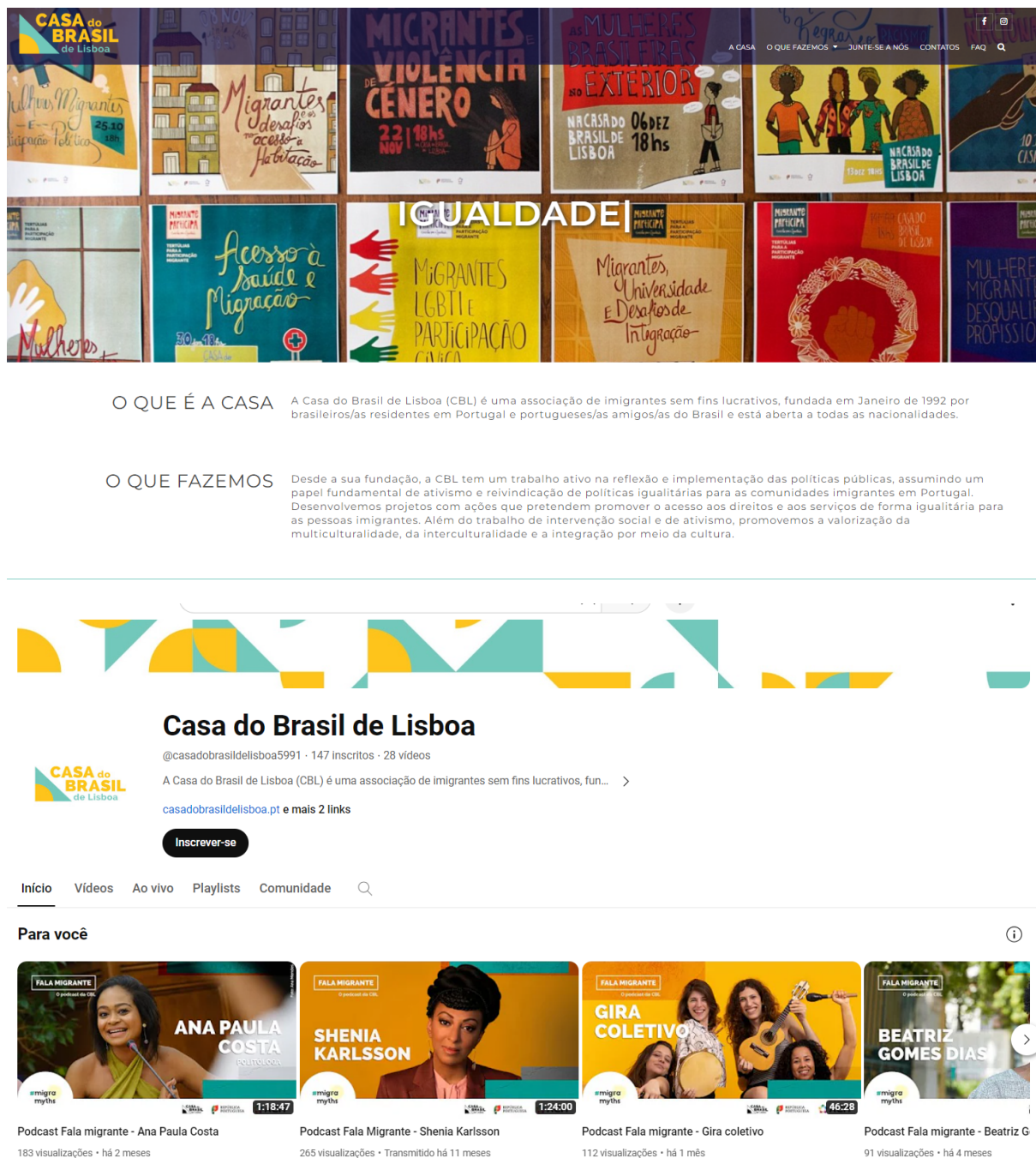


Fonte: [instagram.com/casadobrasilidelisboa/](https://www.instagram.com/casadobrasilidelisboa/) e [facebook.com/casadobrasilidelisboa](https://www.facebook.com/casadobrasilidelisboa).

O site da instituição, conforme indicado no Relatório de Atividades de 2021, registra um tráfego de cerca de 13 mil usuários, sinalizando um interesse considerável em seus recursos e informações on-line. Além disso, o canal no YouTube, com cerca de 164 inscritos³⁰, também demonstra a necessidade de melhorar a presença da Casa do Brasil nessa plataforma, a partir de estratégias de comunicação digital. A Figura 5 demonstra a configuração do site e do canal da CBL no YouTube.

³⁰ Dados coletados em 05/02/2024.

Figura 5 — Site e canal no YouTube da Casa do Brasil de Lisboa

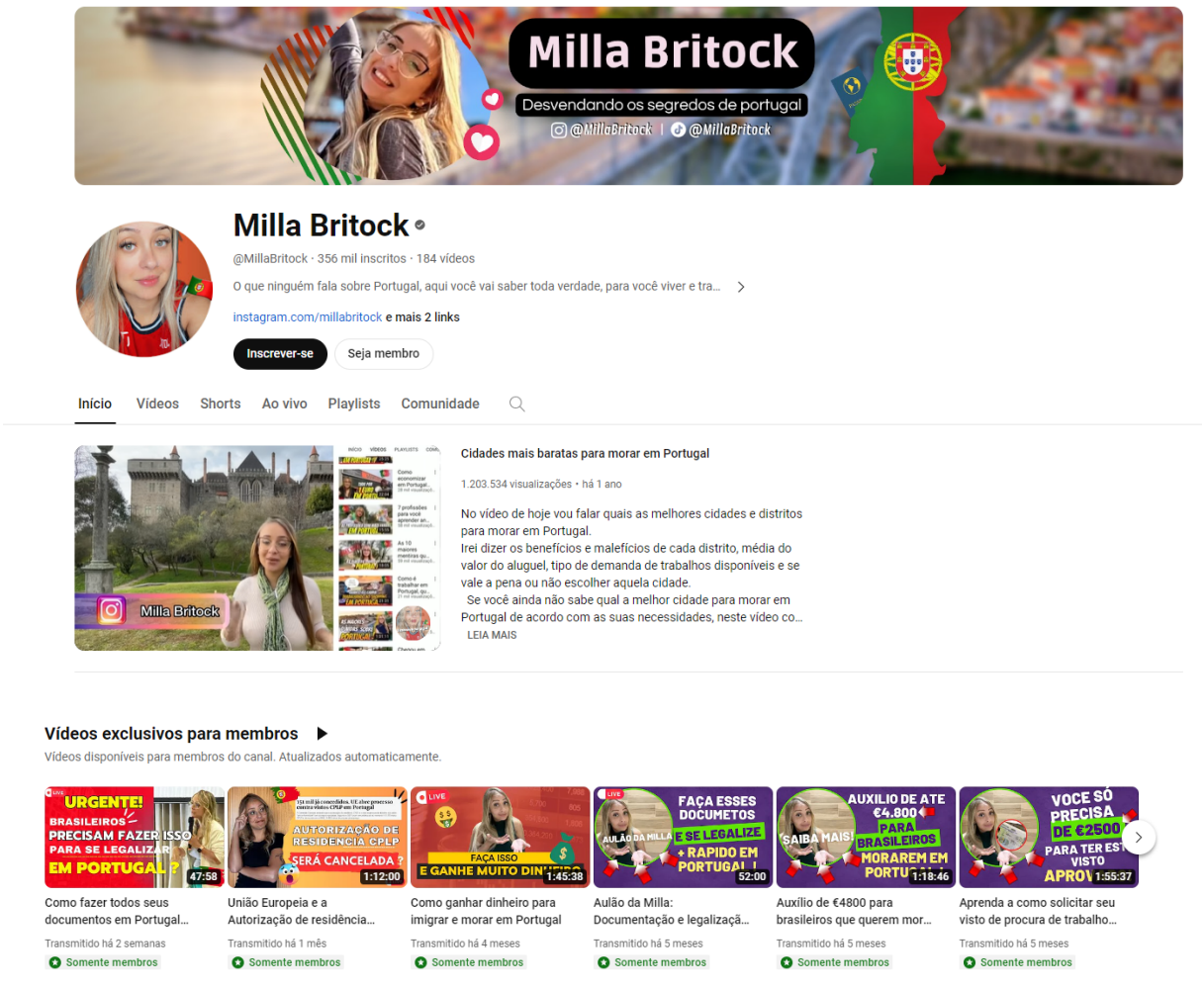


Fonte: <https://www.youtube.com/@casadobrasildelisboa5991> e <https://casadobrasildelisboa.pt/>.

Ao comparar esses números com a presença digital de influenciadores brasileiros em Portugal, conforme a Figura 6, observa-se uma disparidade marcante. Influenciadores individuais frequentemente acumulam na faixa de 180 a 364 mil

seguidores no Instagram, enquanto alguns canais no YouTube alcançam até 400 mil inscritos, com impressionantes 10 milhões de visualizações em seus conteúdos³¹.

Figura 6 — Exemplo de influenciadora no YouTube



Fonte: <https://www.youtube.com/@MillaBritock>.

Essa discrepância numérica, porém, não reflete necessariamente a ineficácia da Casa do Brasil em sua missão específica. Enquanto os influenciadores digitais podem atrair um grande número de seguidores a partir de estratégias de engajamento e sedução, a Casa do Brasil direciona seus esforços para fornecer informações especializadas, apoio comunitário e promover a conscientização sobre questões migratórias, o que, na lógica algorítmica, gera pouco engajamento. A qualidade e profundidade da interação nas plataformas digitais da Casa do Brasil

³¹ Dados coletados em 05/02/2024.

são indicativos de seu compromisso em oferecer um ambiente informativo e de apoio, alinhado aos objetivos de sua atuação institucional.

Essa análise contrastante entre a presença digital da Casa do Brasil e a dos influenciadores brasileiros em Portugal destaca a importância de considerar não apenas a quantidade de seguidores, mas também a qualidade e a relevância do conteúdo compartilhado. Enquanto os influenciadores podem ter um alcance maior em termos numéricos, a Casa do Brasil reforça seu papel fundamental na construção de uma comunidade digital informada, coesa e comprometida com os desafios enfrentados pelos imigrantes. Essa dinâmica ressalta a complementaridade entre as diferentes abordagens de presença digital, cada uma atendendo a propósitos distintos dentro do cenário migratório em Portugal. Também destacamos que esse não é um problema exclusivo da Casa do Brasil, mas sim, um problema generalizado entre fontes de informação especializadas e influenciadores e conteúdos clickbait com uma estética pensada para a viralização e monetização.

Tendo em vista aumentar a presença nas redes, em 2021 a Casa do Brasil criou o projeto “Brasil-Portugal: Por uma Migração com Direitos”, voltado para brasileiros que ainda pensam em migrar para Portugal. Victor explica que o projeto surge como uma resposta direta à necessidade de atender aqueles que estão no Brasil, desejam migrar para Portugal ou estão na fase inicial de busca por informações relacionadas à migração.

O técnico de atendimento delineou os três componentes essenciais desse projeto. O primeiro deles é um canal no YouTube, denominado "Conexão Migrante". Ele convidou-me a explorar o canal, enfatizando que já está ativo. Nesse espaço digital, são compartilhados vídeos informativos abordando questões cruciais do serviço público em Portugal, tais como vistos, autorizações de residência, moradia, acesso à educação e cuidados de saúde. Victor expressou orgulho pela criação desse canal como uma forma de oferecer informações valiosas àqueles que estão no Brasil e considerando a mudança para Portugal.

O segundo componente mencionado por Victor é a campanha "Informativo Migrar". Ele explicou que essa campanha é feita por meio de cards informativos, contendo informações oficiais sobre o acesso público a serviços em Portugal, abordando igualmente aspectos específicos, como vistos e autorizações de residência. O objetivo principal é disseminar esses cards, especialmente nos grupos de brasileiros no Facebook, uma comunidade virtual robusta e influente. Ao

descrever esse projeto, Victor revelou não apenas sua estrutura prática, mas também a intenção subjacente de promover uma migração informada. Ele destacou a ênfase em evitar que as pessoas entrem em Portugal em situações de vulnerabilidade, sublinhando a importância de proporcionar informações claras e precisas. Esse relato etnográfico de Victor fornece um vislumbre do compromisso ativo em construir conexões digitais significativas e fornecer recursos essenciais para aqueles que embarcam na jornada migratória entre Brasil e Portugal.

O terceiro componente do projeto, conforme Victor também explicou, envolve sessões informativas. Nestes encontros, especialistas no assunto, tanto de Portugal quanto do Brasil, que residem em solo português, compartilham informações detalhadas sobre diversos temas pertinentes à migração. Esses temas variam desde vistos de residência para trabalho até estratégias de busca de emprego em Portugal. Victor ressaltou que a escolha de especialistas que vivem localmente adiciona uma perspectiva prática e relevante às sessões informativas. Essas sessões são anunciadas nas redes sociais do projeto, utilizando a plataforma Zoom para gerenciar as inscrições. A abertura desses encontros ao público interessado cria uma oportunidade única para a comunidade participar e esclarecer dúvidas sobre uma ampla gama de tópicos relacionados à migração. A diversidade dos temas abordados durante essas sessões foi destacada por Victor, incluindo aspectos mais complexos, como acordos entre INSS e Segurança Social, além de questões práticas, como acesso ao ensino superior e tratados bilaterais entre Brasil e Portugal. Victor também demonstra preocupação com a situação atual da imigração brasileira em Portugal:

Victor: Infelizmente, temos visto casos de pessoas que chegam aqui após uma semana e já estão em situação de vulnerabilidade. Isso ocorre porque algumas pessoas vêm sem visto prévio, o que as deixa sem direitos garantidos. Os golpes, chamados de burla em Portugal, também são uma realidade. Já atendemos casais que foram enganados, tratando tudo como se já estivesse pago. Eles chegaram sem ter onde ficar, sem acesso a serviços básicos e caíram em situação de sem abrigo. A situação é complicada, e isso reflete a questão das redes sociais, youtubers e influencers. O SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) abriu uma investigação para averiguar a atuação dessas pessoas que, muitas vezes, dão dicas para burlar questões de acesso a serviços públicos em Portugal. Essas postagens frequentemente fazem comparações de preços de mercado entre Portugal e Brasil sem base. O problema é sério e está se tornando uma praga, porque pode levar as pessoas a tomarem decisões precipitadas, sem planejamento. O SEF está em colapso, e como Casa do Brasil, temos enfrentado dificuldades para obter respostas aos pedidos de atendimento desde setembro do ano passado. Além disso, os sistemas da segurança social, finanças e SNS (Serviço Nacional de Saúde) também estão atuando em um tempo que não condiz

com a demanda das pessoas. Tudo parece meio fora de controle, e isso é perigoso. Estamos vivenciando uma situação caótica, onde muitas pessoas chegam aqui em vulnerabilidade, e os golpes são uma realidade preocupante.

Dessa forma, é preciso compreender que a questão comunicativa sobre a migração está imersa em um contexto maior, relacionado às lógicas algorítmicas das plataformas digitais comandadas pelas Big Techs, sendo a comunicação de organizações como a Casa do Brasil apenas uma gota no oceano frente aos complexos fluxos comunicativos diferidos e difusos que regem a esfera pública mediatizada sobre a migração.

6.2 Ativismo migrante: demais organizações ativistas

A imersão no campo da pesquisa etnográfica, em conjunto com as outras organizações ativistas, se desdobrou primariamente nas plataformas digitais, destacando-se sobretudo o Instagram e o Twitter. Essas arenas virtuais não apenas serviram como palco para a disseminação de conteúdos e interações, mas também como portais que permitiram o engajamento direto com representantes das diversas organizações. Durante a participação na BEPE, tive a oportunidade de estabelecer diálogos significativos por meio de entrevistas em profundidade com representantes dessas organizações ativistas. E agora, esta seção visa apresentar os resultados derivados das entrevistas realizadas e do acompanhamento das atividades dessas organizações, fornecendo uma visão do cenário investigado.

6.2.1 Diáspora Sem Fronteiras

Com 25 anos, Érica Acosta era recém-formada em Letras quando conheceu seu primeiro marido, um holandês, e mudou-se para a Alemanha. A escolha do país não foi ao acaso, mas sim, estratégica: ao morar na Alemanha, escapava, para conseguir autorização de residência, de um exame de proficiência em holandês. Na Holanda, a língua é um empecilho para imigração. Em solo alemão, nasceu Nicholas, o primeiro filho de Érica. Segundo ela, foi aí que os problemas começaram. As diferenças culturais ficaram bastante evidentes: ao ser questionada sobre a possibilidade de um aborto, ela resolveu voltar ao Brasil para ter o seu filho e, assim, rompeu com o marido. Para conseguir o divórcio, precisou voltar à

Alemanha, quando o ex-marido, em uma visita, não devolveu Nicholas e o levou para a Holanda, iniciando um imbróglio de direito internacional. Nicholas tinha 10 meses na época. “Voltou para mim com um ano e quatro meses. E a partir daí, começou meu ativismo. E começou assim, de uma forma muito organizada, ajudando as pessoas, principalmente mulheres, com a questão de linguagem em processos judiciais, que são muitos os processos, porque as crianças são utilizadas como instrumento de poder pelos maridos”, conta.

Érica foi a primeira ativista que encontrei no evento da Aliança Migração quando cheguei em Lisboa. Sem dúvidas, foi a que mais desprendeu tempo para conversar comigo, me auxiliar e me explicar o funcionamento da rede ativista imigrante em Portugal. Foi a partir dela que pude tecer uma série de contatos e relações. O que mais me chamou a atenção na Érica foi sua articulação perfeita ao falar sobre qualquer temática das migrações e o amor e a vontade que ela desprendia ao tratar sobre esses assuntos. Ela especializou-se em Migrações e Direito Internacional a partir da experiência traumática que me relatou e, assim, segue como ativista até os dias de hoje, ligada principalmente à Diáspora Sem Fronteiras. Por sentir-se desprotegida pelo Estado brasileiro, pelo Estado alemão (onde se casou) e pelo Estado holandês (cidadania do ex-marido e do filho), ela resolveu estudar Direito e colocar seus conhecimentos na causa ativista. A vontade de retorno à Europa aconteceu em 2018, com a vitória de Bolsonaro, mas dessa vez Érica foi com o filho para Portugal, já que o atual marido possui cidadania portuguesa. Mas os planos só se concretizaram em 2021, após a pandemia.

Érica Acosta: A primeira coisa que eu fiz foi porque estava numa época de manifestos contra Bolsonaro. Aí procurei no Facebook coletivos que estivessem dentro desse manifesto e achei o Coletivo Andorinha primeiro, que é um coletivo até grande aqui e tal. E aí, a partir do Coletivo Andorinha, conheci a Diáspora Sem Fronteiras, que é também uma associação de acolhimento de imigrantes. E a Casa do Brasil em Lisboa. Aí associei as duas. E é essa a minha jornada. Aí fui fazer a pós-graduação em Direito Migratório, fui fazer o mestrado em Direitos Fundamentais da União Europeia e trabalho com imigrantes, tanto voluntariamente quanto no direito privado.

Com essa bagagem, Érica teve a gentileza de apresentar a Diáspora Sem Fronteiras que, como indicado por seu próprio nome, visa transcender barreiras físicas e políticas em prol do ideal de um mundo sem divisas. No cerne de sua missão está o sonho de proporcionar a todos os indivíduos o direito inalienável a uma cidadania plena, independentemente de sua localização geográfica. O

propósito da organização é inequivocamente claro: promover os direitos humanos, com uma ênfase particular nos migrantes e refugiados, enquanto defende a ideia de cidadania universal. Sua atuação é tridimensional, abrangendo a defesa e integração do imigrante e refugiado, a promoção de direitos humanos, sociais e culturais, bem como uma atuação política ativista. No âmbito prático, a Diáspora Sem Fronteiras sustenta sua missão por meio de projetos emblemáticos, destacando-se o "Espaço Migrante". Este projeto vital oferece atendimento gratuito à população migrante, sendo conduzido tanto presencialmente quanto on-line, por uma dedicada equipe de voluntários. Os serviços abrangem uma gama crucial de áreas, desde orientações sobre procedimentos burocráticos e legislação até questões relacionadas à documentação, encaminhamentos e garantia de direitos.

Ao imergir no acompanhamento etnográfico, foi possível observar a complexa teia de solidariedade e informação que sustenta o Espaço Migrante. Os voluntários, movidos por um compromisso apaixonado, oferecem não apenas assistência prática, mas também um ambiente acolhedor para aqueles que muitas vezes enfrentam obstáculos significativos em sua jornada migratória. Os atendimentos presencial e on-line se entrelaçam em uma rede coesa, proporcionando uma resposta ágil às necessidades dinâmicas da comunidade migrante.

Além do trabalho realizado no projeto Espaço Migrante, a Diáspora Sem Fronteiras tece uma trama ainda mais ampla de compromissos humanitários, por meio do projeto "Territórios de Juventudes: construindo alternativas de não violência". Este projeto, centrado na juventude, tem como objetivo fundamental ensinar habilidades essenciais para lidar com conflitos e situações de violência, desdobrando-se em oficinas e workshops fundamentados em cinco pilares fundamentais: afirmação, comunicação, cooperação, comunidade e transformação.

- **Afirmação:** O projeto reconhece a importância de fortalecer a autoafirmação dos jovens, capacitando-os a compreender e afirmar sua identidade em ambientes muitas vezes desafiadores;
- **Comunicação:** A habilidade de se expressar e ouvir ativamente é cultivada, proporcionando aos participantes ferramentas para a construção de diálogos construtivos e resolução de conflitos;

- **Cooperação:** O valor da colaboração é enfatizado, promovendo uma cultura de trabalho em equipe e apoio mútuo como antídotos à violência e fragmentação social;
- **Comunidade:** Reconhecendo o impacto das ações coletivas, o projeto busca fortalecer o senso de pertencimento à comunidade, incentivando a responsabilidade social e a solidariedade;
- **Transformação:** O entendimento de que a mudança positiva é possível está incutido, capacitando os participantes a serem agentes de transformação em suas próprias realidades.

A eficácia do projeto é impulsionada por facilitadores devidamente treinados, especializados em abordar situações cotidianas. Esses profissionais atuam como guias, fornecendo insights valiosos sobre como aplicar os princípios dos cinco pilares em contextos reais. O projeto "Territórios de Juventudes" não está restringido a um espaço físico específico, mas desloca-se por todo o território português. Seu foco engloba escolas, grupos educacionais, organizações e espaços públicos. Essa itinerância não apenas amplifica o alcance do projeto, mas também reforça seu compromisso com a disseminação generalizada de alternativas não violentas.

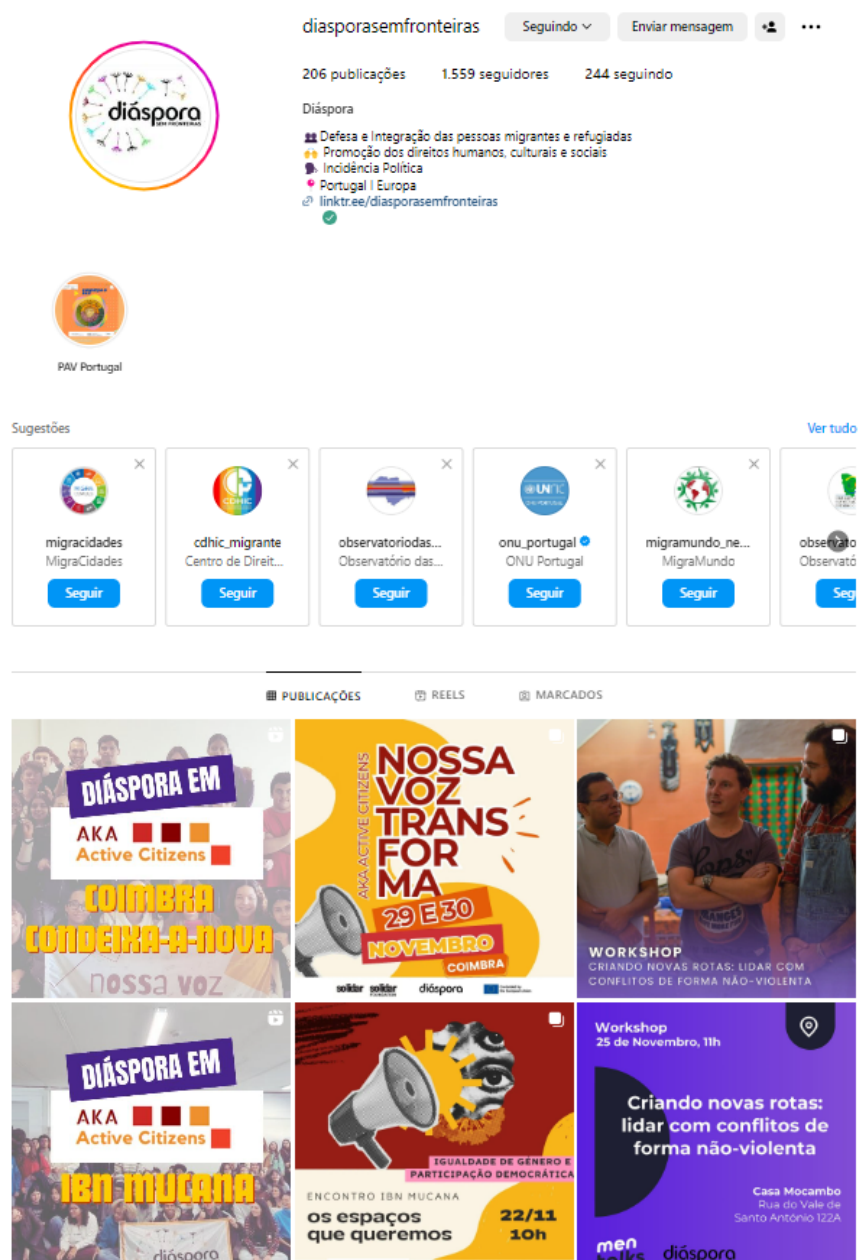
Érica Acosta: Bom, então a Diáspora ainda é pequenininha, né? E ela tá fazendo o atendimento. A gente tem dois projetos em curso, que é o projeto do atendimento e que acontece todas as quintas-feiras no espaço em Cascais, que a Câmara cedeu pra gente. E o projeto de resolução de conflitos de forma amigável. São workshops de Comunicação Não Violenta, de resolução de conflitos e enfim, é esse projeto que está sendo trabalhado. Não temos casa aberta de acolhimento de imigrantes porque a gente não tem uma sede. Ainda é uma questão a ser resolvida, que é necessária utilizar a sede da Casa do Brasil.

Durante a observação etnográfica no universo digital da Diáspora Sem Fronteiras, encontramos um perfil no Instagram que abriga uma comunidade de 1.559 seguidores³², conforme a Figura 7. No entanto, o que chama atenção é o baixo engajamento, marcado por interações limitadas e comentários esparsos. Ainda assim, a diversidade de conteúdos oferecidos, distribuídos estrategicamente nos stories, feed e reels, demonstra uma exploração abrangente das ferramentas disponíveis na plataforma. Uma análise mais profunda revela que a Diáspora opta por não investir em patrocínio de conteúdo ou impulsionamento de tráfego. Esta

³² Dados coletados em 05/02/2024.

escolha, apesar de limitar a visibilidade, pode ser interpretada como uma declaração de compromisso com a autenticidade e a construção orgânica da comunidade, além de como é real a falta de recursos para investimento nas plataformas digitais. Os conteúdos variados, presentes em diferentes formatos, funcionam como janelas virtuais para o universo da Diáspora. No entanto, a interatividade entre a organização e os seguidores parece ser um ponto de reflexão. Apesar da participação na forma de visualizações e cliques, a interação direta permanece contida. A etnografia digital revela nuances de uma estratégia de comunicação que vai além dos números, buscando construir pontes significativas em um cenário muitas vezes saturado de estímulos superficiais, o que, na lógica algorítmica das redes, é um método desafiador e pouco eficaz.

Figura 7 — Instagram da Diáspora Sem Fronteiras



Fonte: <https://www.instagram.com/diasporasemfronteiras/>.

Este cenário digital se revela como um terreno fértil para investigação em perspectiva comparada, instigando uma análise mais profunda sobre as dinâmicas sociais, aspirações comunicativas e a construção identitária da Diáspora no mundo virtual. Essa análise oferece insights valiosos sobre a complexa interseção entre ativismo, presença on-line e engajamento comunitário. Nas suas redes sociais, observamos padrões claros relacionados à disseminação das agendas dos projetos, conforme a Figura 8. Publicações recorrentes incluem informações sobre os nomes dos workshops, seminários e palestras, além de manifestos e posicionamentos

políticos que ecoam a missão da organização. A temática central gira em torno de questões migratórias, consolidando a presença digital da Diáspora como uma plataforma comprometida com a conscientização e o engajamento nesse contexto.

Figura 8 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras



Fonte: <https://www.instagram.com/diasporas.pt/>.

As publicações também incorporam vídeos de convite para atividades, proporcionando uma dimensão visual e dinâmica ao apelo por participação. Esse uso estratégico de conteúdo multimídia reforça não apenas a natureza informativa, mas também a aposta na conexão emocional com a audiência, fortalecendo laços além dos limites físicos. As imagens apresentadas nas publicações não são meramente visuais, mas elementos tangíveis na construção de uma narrativa digital, como ilustra a Figura 9. Elas transcendem a estética para tornarem-se símbolos visíveis do compromisso da organização com suas causas. Essa abordagem revela

uma estratégia consciente de personificação, em que eventos, palestrantes e participantes se entrelaçam em uma tessitura digital de identidade.

Figura 9 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras



Fonte: <https://www.instagram.com/diasporas.pt/>.

Dessa forma, o panorama digital da Diáspora não é apenas um espelho de suas atividades, mas um espaço dinâmico, onde a identidade da organização é constantemente moldada e redefinida. Ao desvendar esses aspectos, abre-se um leque de possibilidades para compreender as nuances da interação on-line da Diáspora, proporcionando uma visão mais rica das interações entre a organização, sua audiência e o ativismo digital. A Figura 10 demonstra uma postagem voltada à literacia e instrução sobre como os estereótipos são prejudiciais para os migrantes.

Figura 10 — Exemplo de publicação da Diáspora Sem Fronteiras



Fonte: <https://www.instagram.com/diasporasemfronteiras/>.

A investigação etnográfica das camadas do Instagram da Diáspora Sem Fronteiras revelou um comprometimento com questões cruciais de raça, gênero, sexualidade e classe social no processo migratório. As postagens apresentam recortes sensíveis e perspicazes, enriquecidos por dados estatísticos e fundamentação teórica, delineando um discurso enraizado nas nuances das experiências migratórias. Esse compromisso teórico, além de informar, também incita uma reflexão aprofundada sobre as disparidades que permeiam as trajetórias migratórias, conferindo ao perfil da Diáspora uma dimensão educativa e de conscientização.

A humanização do processo migratório é articulada através dos depoimentos compartilhados por aqueles que participam dos workshops. Esses relatos pessoais transcendem a retórica estatística, oferecendo uma perspectiva íntima sobre a experiência vivenciada com os projetos. Ao destacar as vozes individuais, o Instagram da organização transforma-se em um espaço onde as narrativas individuais convergem para formarem um mosaico multifacetado, refletindo as complexidades inerentes à jornada de cada participante.

A estratégia de recrutar voluntários é habilmente abordada com postagens específicas, abrindo um diálogo envolvente sobre o engajamento ativo na causa. A chamada para o voluntariado transcende o apelo superficial, proporcionando insights sobre como os indivíduos podem contribuir de maneira significativa. Esse apelo, permeado por uma linguagem empoderadora, reforça a noção de que a participação ativa pode ser uma ponte para a transformação tangível.

A abertura para a comunidade portuguesa é evidente em conteúdos direcionados sobre como os amigos portugueses podem desempenhar um papel fundamental na integração de imigrantes. Essa ponte entre diferentes comunidades ilustra o compromisso da Diáspora em criar elos de entendimento e apoio. Ao fornecer orientações específicas, o Instagram torna-se um canal não apenas de sensibilização, mas também de construção de pontes sociais, essenciais para a coexistência e a integração harmoniosa.

No exame etnográfico do Instagram da organização emergem não apenas postagens, mas narrativas interconectadas, que abraçam a diversidade, desafiam percepções preconcebidas e celebram os esforços coletivos em prol de uma causa humanitária. Esse espaço digital transcende o âmbito do virtual, tornando-se um

reflexo autêntico da missão, valores e impacto da Diáspora na complexa tapeçaria do ativismo migratório.

6.2.2 Coletivo Andorinha

“Estamos em luta somados a milhões de brasileirxs espalhadx pelo mundo que se preocupam com o nosso país. Ao contrário do que alguns julgam, não estamos curtindo uma vida boa no exterior, mas sim a trabalhar, estudar e mesmo a passear (é direito de qualquer pessoa!). Isso não nos tira a angústia de ver nosso país ameaçado a mais um golpe e vamos lutar de onde estivermos. Enquanto insistirem, resistiremos!”. O post inaugural no Instagram do Coletivo Andorinha, criado em 2016 durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, expressa uma profunda angústia diante da ameaça de um novo golpe no país. A mensagem enfatiza o compromisso de resistir a essa ameaça de qualquer lugar em que os membros estejam. Esse coletivo é parte integrante da Frente Internacional Brasileira Contra o Golpe pela Democracia (Fibra), uma rede que reúne diversos coletivos brasileiros em vários países, compostos por imigrantes brasileiros.

A atuação do Coletivo Andorinha concentra-se principalmente em atividades de rua, incluindo passeatas, protestos e eventos. Desde a interrupção do governo de Dilma Rousseff, o Coletivo Andorinha posiciona-se como um grupo de resistência formado por brasileiros no exterior. Participou ativamente de eventos significativos, como a campanha "Ele Não" durante as eleições de 2018, contra a possibilidade de Jair Bolsonaro ganhar a disputa. Além disso, o coletivo engajou-se na campanha "Lula Livre", em oposição à prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, mantendo um alinhamento político à esquerda. O texto destaca a contínua e ativa participação do Coletivo Andorinha em questões políticas relevantes, resistindo e manifestando-se contra ameaças percebidas à democracia no Brasil.

Tânia Ferreira, uma militante histórica do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo inclusive uma das criadoras do partido durante sua vida no Brasil, passou a integrar e liderar o Coletivo Andorinha desde que decidiu migrar para Portugal em 2017. Interessada em fazer um doutoramento e voltar a estudar após ficar viúva, Tânia encontrou em Portugal uma oportunidade de colocar antigos planos e sonhos em prática. Professora de História, ela relembra com felicidade dos tempos militantes e de luta desde sua juventude. Orgulha-se de ter sido aluna de nomes

como Florestan Fernandes e Paulo Freire durante sua graduação e mestrado em História. Hoje, ela é militante de um dos coletivos mais combativos de Portugal. Sentar para conversar com Tânia é ter uma aula sobre política e história de Portugal. Ela descreveu com detalhes os processos políticos e partidários que abriram espaço para o crescimento da extrema direita e a tragédia que parece se avizinhar no país com o crescimento do partido Chega. Ela também prevê que o Chega logo se tornará a segunda força política de Portugal e que o discurso do partido já fez estrago suficiente. Hoje, Tânia tem um papel fundamental para o Andorinha:

Tânia Ferreira: Em 2020, nós tivemos um problema sério dentro do PT, do núcleo do PT aqui. E eu me desfiliei. E aí, quando eu me desfiliei, eu só passei a militar no Andorinha. Eu, mais uma ou duas, somos as velhinhas do pedaço. Nós temos uma companheira que é mais velha do que eu, um pouquinho mais velha, a Mirian. Aí depois sou eu. Então, assim você acaba, por exemplo, ajudando na elaboração de documentos. Eu tenho uma militância antiga. No fundo, você acaba sendo referência histórica. Porque a gente, naquela época, aconteceu isso, isso, isso, mas assim, além de ser historiadora, eu vivi aqueles períodos todos. Eu tenho militância durante a ditadura, inclusive. Então você acaba sendo uma referência... por exemplo, hoje eu sou a interface. Eu sou uma das interfaces fundamentais do Andorinha junto com a Fibra, eu tenho um programa junto com uma companheira da Fibra de Berlim, toda sexta-feira no Inteligência Acima da Mídia, no canal Inteligência, mas que é repassado pela Fibra.

A essa altura já é possível perceber que Tânia integra a velha-guarda da militância política brasileira, buscando se encontrar em uma nova realidade do ativismo político. O Coletivo Andorinha, apesar de ser composto majoritariamente por imigrantes, tem um foco de ação na política brasileira, o que o difere das demais organizações e ativistas da pesquisa. Isso não impede, porém, que o coletivo atue nas causas da migração e contra o discurso da extrema direita em Portugal.

Tânia também compartilhou ideias sobre a comunicação política da militância brasileira no exterior, destacando a produção de um programa semanal, realizado nas noites de sexta-feira, com uma abordagem descontraída, no estilo "sextou". No programa, os participantes fazem comentários jocosos e brincam com os acontecimentos da semana. O formato inclui, ocasionalmente, entrevistas com pessoas relevantes aos acontecimentos. Tânia mencionou sua colaboração em alguns programas, citando o exemplo de Ivan Seixas, um ex-presos político e um dos mais jovens durante a ditadura militar no Brasil. Ela compartilhou detalhes sobre a história de Ivan, seu envolvimento na Comissão dos Amigos e Familiares de Mortos e Desaparecidos, assim como no Condepe de São Paulo. Tânia também contou

sobre sua conexão pessoal com Ivan e Alípio, mencionando que sua irmã os conhece desde os anos 1970.

A narrativa da militante estendeu-se a seu envolvimento com o Memorial da Resistência em São Paulo, onde ela começou a frequentar após a morte de seu pai, uma referência comunista. Ela detalhou seu papel na elaboração de atividades no Memorial, especialmente durante o período em que se aposentou, em 2010, e posteriormente, saiu da sala de aula em 2011, para participar da produção de um documentário sobre o golpe de 1964, dirigido por Alípio. Tânia descreveu a extensão geográfica do projeto, incluindo a realização de cursos de Direitos Humanos em lugares como Botucatu, na Unesp.

O relato de Tânia abrangeu ainda a parceria com a TVT (TV dos Trabalhadores), quando gravou e preservou todas as entrevistas e áudios do projeto. Ela também destacou o papel administrativo que desempenhou no Núcleo de Preservação da Memória Política, detalhando a colaboração com a TVT na edição e transmissão dos materiais produzidos. A entrevista é concluída com uma referência à possível exibição do filme na emissora, marcada para coincidir com o 31 de março, evidenciando a relevância contínua do trabalho de memória política.

No que diz respeito ao Instagram do Coletivo, este abrange uma comunidade de 4.307³³ seguidores e já acumula 496 publicações desde sua fundação, em abril de 2016. Nota-se que o Coletivo desfruta de um engajamento considerável em suas postagens, destacando-se em comparação com outras organizações ativistas, conforme demonstram as Figuras 11, 12 e 13. As publicações mais frequentes assumem a forma de convites para atividades, manifestações de solidariedade ou repúdio, registros fotográficos de atos e eventos, além do apoio a questões políticas e sociais que desenrolam-se no contexto brasileiro, com destaque, à época da coleta, para o debate sobre o Marco Temporal.

³³ Coleta realizada em 05/02/2024.

Figura 11 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha

Nota de Solidariedade

Vimos manifestar a nossa solidariedade à estudantes de nacionalidade brasileira que foram vítimas de ofensas xenofóbicas na Universidade de Lisboa. Compreende-se que o combate à xenofobia e a qualquer outro tipo de discriminação é uma tarefa coletiva e essas ofensas que têm um carácter recorrente na instituição não podem, jamais, continuar a acontecer.

Destaca-se, por isso, a necessidade imprescindível por parte da Universidade de Lisboa de tomar as medidas adequadas, responsabilizando as pessoas autoras e criando políticas efectivas de combate, prevenção e protecção para que estas ações não se repitam, defendendo assim a integridade das estruturas universitárias enquanto espaços fundadores e promotores da democracia.

coletivoandorinha • Seguir

...

coletivoandorinha

A luta contra todo tipo de discriminação é coletiva. Não à xenofobia!

29 sem Ver tradução

wal_b_rego

Está insustentável ser brasileiro em Portugal de modo geral. Somos maltratados em todos lugares.

29 sem 2 curtidas Responder Ver tradução

Ver respostas (1)

annachristinajambeiro

uma constância... Triste realidade

29 sem Responder Ver tradução

vitor.o.lsilva

Acontece sempre... Ano após ano.

29 sem Responder Ver tradução

diego.jr.souza

Triste realidade.

29 sem Responder Ver tradução

byluizhenrique

Isso tem que acabar !

29 sem Responder Ver tradução

334 curtidas

11 de maio

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: <https://www.instagram.com/coletivoandorinha/>.

Figura 12 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivoandorinha/>.

Figura 13 — Exemplo de postagem do Coletivo Andorinha



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivoandorinha/>.

Conforme a Figura 11, na interação observada no Instagram do Coletivo Andorinha sobre a violência xenofóbica enfrentada por estudantes brasileiros em Portugal, emerge uma expressiva mobilização de solidariedade e repúdio à discriminação, que são casos cada vez mais frequentes e exaustivos, revelando o alto engajamento da página. As respostas se manifestam por meio de comentários que convergem para um posicionamento contrário à xenofobia.

O primeiro comentário destaca a natureza coletiva da luta contra a discriminação, enfatizando a necessidade de união nesse enfrentamento. O uso da frase "Não à xenofobia!" condensa o repúdio e o sentimento de cansaço perante as situações enfrentadas. O comentário subsequente, "Triste realidade", reitera o sentimento de pesar diante da situação enfrentada pelos estudantes brasileiros. O terceiro comentário ecoa o sentimento de tristeza diante da realidade, reforçando a repetição desse padrão ao longo do tempo. A repetição da frase "Triste realidade" entre diferentes comentários ressalta a gravidade e a continuidade do problema. A quarta interação apresenta uma demanda por mudança, afirmando "Isso tem que acabar!". A expressão enfática reflete a indignação do comentarista diante da situação e a necessidade percebida de intervenção para pôr fim à violência xenofóbica. Por fim, o quinto comentário destaca uma visão mais ampla, indicando que está se tornando insustentável ser brasileiro em Portugal, de maneira geral. Esse comentário sugere uma percepção de agravamento da situação, expandindo a discussão para a experiência mais ampla dos brasileiros no país. A variedade de reações, que incluem desde apelos à ação até a expressão de tristeza e preocupação, mostra a diversidade de perspectivas e sentimentos entre os seguidores do Coletivo Andorinha. Essas interações, marcadas pela empatia e repúdio à xenofobia, contribuem para criar um ambiente digital que busca conscientização e mobilização em torno de questões importantes e sensíveis. Nesse sentido, as postagens no Instagram do Andorinha têm fomentado reações e debates acerca de uma realidade vivida por brasileiros em Portugal.

As Figuras 12 e 13 revelam informações sobre o projeto apoiado pelo Coletivo Andorinha, denominado "Andorinha Lê". Essa iniciativa envolve a realização de grupos de leitura na Casa do Brasil, centrados em obras de impacto, com cunhos político e social. A presença dessas postagens no perfil do Coletivo Andorinha sugere uma ênfase no comprometimento com a promoção da leitura e discussão de

temas relevantes para a sociedade. A Figura 13 contém imagem relacionada a evento específico do projeto, com registro visual da dinâmica participativa dos integrantes. Além disso, as postagens contêm detalhes sobre os objetivos do "Andorinha Lê", como a promoção do diálogo crítico, o fomento ao pensamento político e social, bem como a criação de um espaço de reflexão coletiva. Essa abordagem de promover a leitura e a discussão de obras políticas e sociais reflete o compromisso do Coletivo Andorinha com a educação, o engajamento intelectual e a conscientização sobre questões relevantes como elementos integrantes do seu ativismo. A presença dessas postagens no perfil do Instagram sugere uma estratégia eficaz para comunicar as atividades e valores do coletivo, além de construir uma comunidade digital em torno dessas iniciativas culturais e educacionais.

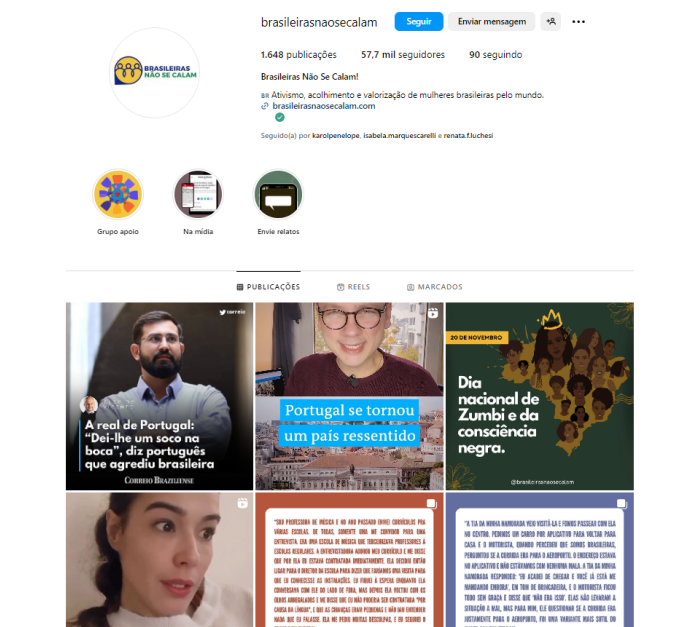
6.2.3 Brasileiras Não se Calam

A página "Brasileiras Não se Calam" se destaca como uma proposta única no panorama ativista, que tem sido objeto de nossa análise até o momento. Diferenciando-se de movimentos sociais, ONGs, coletivos ou organizações, essa plataforma concentra-se predominantemente na forma individual de ativismo e denúncia, conduzida pela psicóloga Mariana Braz. Sua presença on-line não representa meramente um canal de conscientização, mas sim, um espaço envolvente de denúncia e acolhimento, especialmente para casos que envolvem a interseção de xenofobia e violência de gênero.

A singularidade dessa abordagem reside na forte interação que Mariana estabelece com seus seguidores. Enquanto outros ativismos muitas vezes se estruturam de maneira mais ampla e coletiva, Brasileiras Não se Calam posiciona-se como um portal digital, em que a interação pessoal e comprometida é o núcleo da experiência ativista, como demonstra a Figura 14. A página transcende a tradicional natureza unidirecional de conscientização, transformando-se em um espaço digital íntimo de compartilhamento de experiências e denúncias. Por isso, diferentemente das demais, a página Brasileiras Não se Calam possui grande engajamento, contando com 57 mil seguidores no Instagram³⁴ e grande número de comentários e interações.

³⁴ Coleta realizada em 05/02/2024.

Figura 14 — Instagram de “Brasileiras Não se Calam”



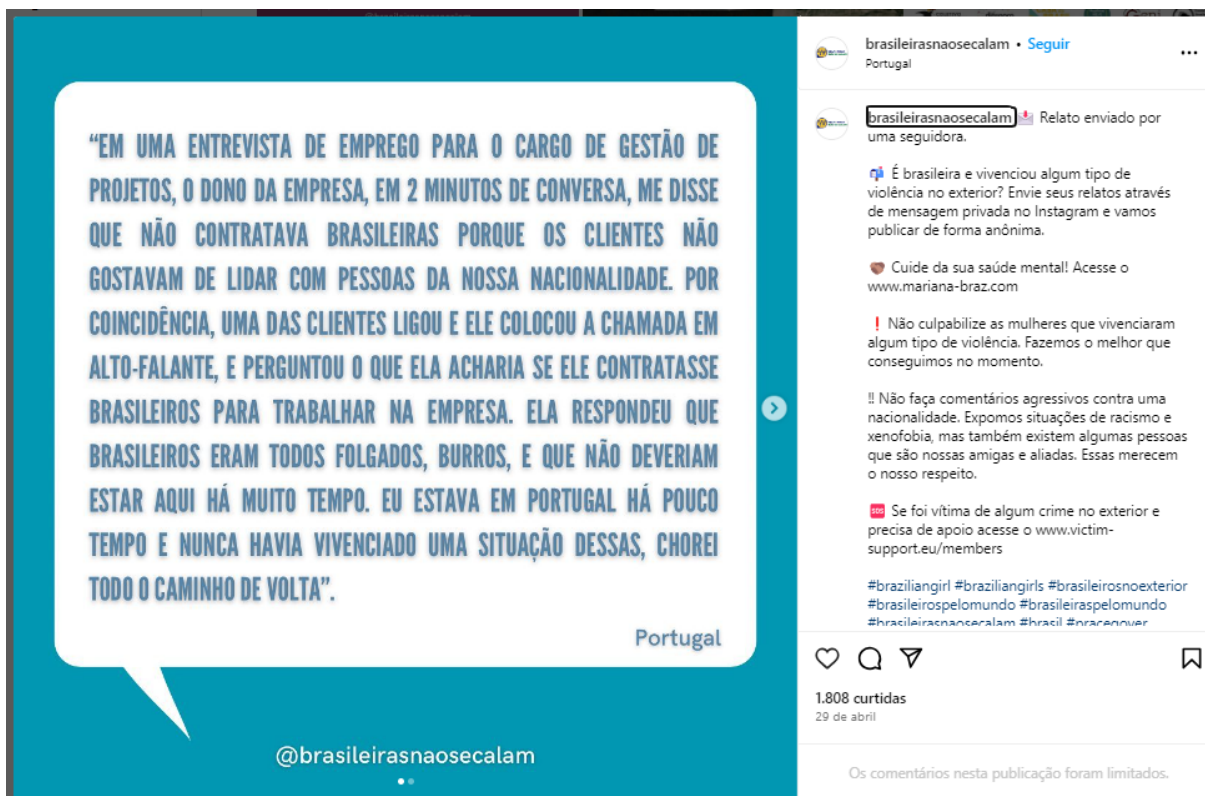
Fonte: <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>.

Embora não tenha sido possível realizar uma entrevista direta com Mariana Braz devido a conflitos de agenda, o estudo da página Brasileiras Não se Calam trouxe contribuições ricas para a tese enquanto modalidade de ativismo digital que produz engajamento por meio da sensibilização. Por esse motivo, a pesquisa sobre a página resultou em dois artigos, publicados nos anais do XVI Congresso ALAIC e no periódico Novos Olhares, da USP, uma vez que notamos que esse tipo de ativismo, quando a voz individual é, por vezes, a própria estrutura de resistência, tem maior penetração na lógica algorítmica individualizante das plataformas digitais.

Essa proposta singular, no entanto, não se limita à denúncia. Brasileiras Não se Calam opera como um ecossistema digital em que a empatia, o apoio e a consciência coletiva são construídos através da interação direta entre Mariana e seus seguidores. O impacto não reside apenas na visibilidade de casos individuais, mas na construção de uma rede de solidariedade digital, na qual cada história compartilhada contribui para um entendimento mais amplo das complexidades das experiências vivenciadas pelas mulheres envolvidas. Ao navegar por essa página, surgem não apenas relatos, mas uma narrativa que transcende as barreiras físicas, fornecendo um vislumbre da força e resiliência de indivíduos unidos por uma causa comum. A análise etnográfica de Brasileiras Não se Calam destaca, além da

importância do ativismo individual, também a potência de um espaço digital que torna-se um refúgio e um eco para vozes que muitas vezes são silenciadas.

Figura 15 — Exemplo de uso do relato pessoal como estratégia ativista



Fonte: <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>.

Uma outra diferenciação da página é por sua abordagem discursiva centrada no apelo sensível e não em aspectos racionais e informativos, como ilustrado pela Figura 15. Operando como um espaço de denúncia e apoio, essa plataforma tece suas narrativas através do relato pessoal de imigrantes, proporcionando uma visão íntima das experiências marcadas por xenofobia, machismo, racismo e intolerância, sendo uma aliada importante de sensibilização e exposição dos abusos e assédios cotidianos que não cabem nas estatísticas. A estratégia discursiva adotada pela página se afasta da frieza analítica e política, optando por mergulhar nas histórias vivas e emotivas das mulheres brasileiras na diáspora europeia. Cada postagem é mais do que um testemunho, é uma janela para as vivências singulares dessas mulheres, criando um diálogo emocional e empático com os seguidores. O uso da narrativa pessoal como um veículo de conscientização não apenas informa, mas

também mobiliza as emoções, alimentando uma conexão visceral entre a audiência e as experiências compartilhadas.

Figura 16 — Exemplo de uso do relato pessoal como estratégia ativista



Fonte: <https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/>.

Assim, com mais de 1.600 publicações/depoimentos no Instagram, a Brasileiras Não se Calam coloca em evidência a amplitude dos desafios enfrentados pelas mulheres imigrantes e destaca a ressonância e relevância do enfoque sensível. A página torna-se um espaço digital em que as vozes outrora silenciadas encontram eco, e as experiências pessoais se convertem em veículos de resistência e conscientização coletiva. Além dos relatos compartilhados, o perfil projeta-se como um ponto de apoio emocional, oferecendo reuniões de apoio psicológico on-line, uma vez que sua principal administradora é psicóloga de formação e atua no apoio ao imigrante. Essa dimensão adicional vai além da denúncia, transformando a página em uma comunidade virtual que não só visibiliza as adversidades, mas também oferece suporte emocional tangível para as mulheres imigrantes que enfrentam essas realidades complexas.

Nas postagens, há o convite para denunciar novos casos, como na Figura 17:

Figura 17 — Chamada para relatos da página “Brasileiras Não se Calam”

É brasileira e vivenciou algum tipo de violência no exterior? Envie seus relatos através de mensagem privada no Instagram e vamos publicar de forma anônima.

👉 Cuide da sua saúde mental! Acesse o www.mariana-braz.com

! Não culpabilize as mulheres que vivenciaram algum tipo de violência. Fazemos o melhor que conseguimos no momento.

!! Não faça comentários agressivos contra uma nacionalidade. Expomos situações de racismo e xenofobia, mas também existem algumas pessoas que são nossas amigas e aliadas. Essas merecem o nosso respeito.

 Se foi vítima de algum crime no exterior e precisa de apoio acesse o www.victim-support.eu/members

Fonte: Instagram de “Brasileiras Não se Calam”.

Assim, Brasileiras Não se Calam atua como um espaço de denúncia e expressão de resistência, baseado na autenticidade das experiências individuais. Sua estratégia discursiva sensível e centrada no relato pessoal mobiliza a empatia e fortalece a coesão dentro da comunidade virtual, onde a solidariedade é cultivada mais do que como um conceito abstrato, e sim como ação prática.

A observação do teor de marketing nas postagens da página, com especial atenção ao direcionamento do fluxo para o site pessoal de Mariana Braz, que atua como psicóloga, traz à tona uma dinâmica de interseção entre ativismo e promoção profissional. A presença de elementos de marketing nas postagens sugere uma abordagem estratégica para ampliar a visibilidade e o alcance da página e, assim, promover profissionalmente a administradora. O direcionamento para o site pessoal de Mariana Braz, enquanto psicóloga, pode ser interpretado como uma tentativa de oferecer suporte psicológico individualizado, além do âmbito digital da página. Essa integração entre a causa ativista e a prática profissional destaca a multifacetada natureza da plataforma, transcendendo as fronteiras entre o ativismo e a prestação de serviços psicológicos.

Contudo, essa integração também levanta questões éticas sobre a linha tênue entre a promoção profissional e o ativismo genuíno. Enquanto a página oferece um espaço valioso para a conscientização e o apoio, a associação direta com os serviços profissionais de Mariana Braz pode suscitar questionamentos sobre as motivações por trás das atividades on-line. A interconexão entre o ativismo e o

marketing pessoal destaca a complexidade do ambiente digital, onde as fronteiras entre o pessoal e o profissional, o ativismo e o empreendedorismo, muitas vezes tornam-se fluidas. Essa abordagem, embora eficaz em aumentar a visibilidade, exige uma consideração cuidadosa sobre a integridade e a transparência na comunicação on-line.

Em última análise, a presença de estratégias de marketing pode servir como uma ferramenta dupla: aumentar a visibilidade da causa e, simultaneamente, promover os serviços profissionais. A ética dessa abordagem dependerá da transparência na comunicação e da clareza sobre os objetivos, assegurando que a mensagem central de combate à xenofobia, ao machismo e à intolerância permaneça como o principal foco da página Brasileiras Não se Calam.

Este capítulo buscou compreender elementos do ativismo migrante por meio de técnicas etnográficas multissituadas, mesclando observações presenciais e digitais, entrevistas, comparações e análises das redes sociais. O ativismo migrante manifesta-se de maneira diversa, evidenciando que ações com diferentes objetivos e originárias de distintos repertórios são canais importantes para a informação, a difusão da realidade migratória, territorialização e imersão na realidade do país. A identidade migrante configura-se como uma robusta rede de solidariedade, organizando-se em grupos em alguns casos e adotando estratégias de ativismo individual em outros, com enfoques variados, como a política brasileira, os imigrantes em Portugal ou a integração transnacional de grupos migrantes, sem foco em uma nacionalidade específica. Essas diversas formas de organização ativista foram reveladas ao longo da pesquisa. Um outro fator relevante é o baixo engajamento da comunicação migrante nas plataformas digitais, justificado tanto pela precariedade da comunicação organizacional e do financiamento limitado, quanto pela lógica de visibilidade dessas plataformas, que privilegiam conteúdos patrocinados, páginas monetizadas e objetivos comerciais. No próximo capítulo, abordaremos a questão do ativismo anti-imigração e seus desdobramentos em Portugal, por meio da perspectiva da experiência etnográfica com ativistas e a juventude do partido Chega.

7 ATIVISMO ANTI-IMIGRAÇÃO: MOTIVAÇÕES, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Neste capítulo, compartilho os desdobramentos da etnografia multissituada, realizada em ambientes tanto presenciais quanto virtuais, no contexto dos ativistas anti-imigração em Portugal, com foco especial na juventude associada ao partido Chega. Desenvolvo uma narrativa etnográfica fundamentada em experiências, observações, entrevistas e imersões. A construção dessa narrativa é enriquecida pela inclusão de dados coletados de diversas fontes, incluindo registros de campo e relatórios institucionais produzidos pelas organizações investigadas. O objetivo primordial é moldar um panorama do ativismo anti-imigração durante o período de pesquisa. Através da interconexão desses diversos elementos, busquei proporcionar uma compreensão desse fenômeno dinâmico, evidenciando as nuances e complexidades que surgiram ao longo da investigação.

7.1 O Congresso do partido Chega

"A cada dia que sai uma sondagem de que o Chega cresce, os nossos rivais à direita babam de raiva quando percebem que nós estamos cada vez mais perto de acabar com o bipartidarismo anacrónico que se instalou depois do 25 de abril. Para essas pessoas que não entendem por que o Chega cresce, que não entendem o que está na origem do Chega, eu tenho uma mensagem muito simples. Se Portugal tivesse sido bem iluminado ao longo dos anos nas últimas décadas, se os portugueses se sentissem realizados e felizes, não haveria razão para o Chega existir. O Chega foi criado, acima de tudo, em sentido de sacrifício. Nós sacrificamos, sacrificamos nossa vida pessoal, para um país com futuro. E que fique registrado que este movimento não vai parar até que a pobreza finalmente consiga diminuir, não vai parar até que todos os sem-abrigo deste país tenham um lar. Não vai parar até que todos aqueles que são esquecidos e se suicidam todos os anos porque não têm mais um propósito de vida finalmente possam ter um propósito de vida. Estes, juntamente com o restante do povo português, serão, acima de tudo, incrementados pelo sentido de orgulho de ser português. Um povo que respeita a ordem e não a república das bananas que nos tornamos após o 25 de abril, se o Chega chegar ao poder."

Este foi o discurso de um membro da juventude do partido Chega, na V Convenção Nacional do Chega, que aconteceu em 28 de janeiro de 2023, em Santarém. Em meio a um sentimento de otimismo devido ao crescimento do partido nas sondagens eleitorais, esse e vários outros discursos colocavam o Chega como uma espécie de mártir, salvador da pátria, com André Ventura na liderança rumo à restauração da grandeza de Portugal. No discurso de abertura, Ventura prometeu

“sangue, suor e lágrimas” para ultrapassar o PSD e se consagrar como o principal partido de oposição ao PS, e afirmou que, apesar de nenhuma liderança ser para sempre, tem “apenas 40 anos”, sob gritos e aplausos. Ventura coloca-se como “porta-voz da esperança de Portugal”.

A liderança de Ventura é incontestável pelos membros do partido e ele é um herói da juventude, que repetiu a frase “Viva Ventura” em diversos discursos. O jornal Público chegou a noticiar o Chega como “partido de um homem só”³⁵, afirmando que o líder se confunde com o próprio partido. De fato, a Convenção de janeiro de 2023 o reelegeu com 98,3% dos votos, quando ele chamou a unanimidade de “unidade que nenhum outro partido tem” e ainda atacou a oposição interna de 1,7% e os demais que abstiveram-se da votação. A Convenção pode ter unido a base à Ventura, mas isolou o partido do espectro da direita, considerado extremista e populista, fechado ao diálogo.

Em um de seus discursos, Ventura apontou como alvo, caso seja eleito, a “crescente imigração ilegal, a destruição da família europeia e a luta de civilizações por uma Europa cristã”, prometendo “o melhor resultado da História” nas próximas eleições europeias. O fenômeno do crescimento do partido Chega nas sondagens eleitorais é evidente ao analisarmos os dados recentes. Durante as eleições legislativas de 2022, o partido conquistou 7,5% dos votos. No entanto, as sondagens subsequentes revelam um aumento significativo em sua popularidade. Na pesquisa conduzida pela SIC/EXPRESSO, realizada pelo ICS/ISCTE em maio de 2023, o Chega já alcançava 13% das intenções de voto, mantendo esse número na sondagem de setembro e registrando um crescimento para 15% em dezembro de 2023³⁶. Outra pesquisa, realizada pela Aximage para o Diário de Notícias, demonstrou uma ascensão contínua do Chega, subindo de 14% em outubro para 16,2% em dezembro de 2023. Esses dados revelam uma trajetória ascendente e consistente do partido, indicando uma presença cada vez mais significativa no cenário político eleitoral.

Em seu discurso de candidatura, Ventura disse que representa um “Portugal esquecido”, contra, segundo ele, um país que diz “que está sempre de portas

³⁵ Disponível em:

<https://www.publico.pt/2023/01/27/politica/noticia/quinta-convencao-chega-continua-partido-homem-so-2036610>.

³⁶ Disponível em: <https://sondagens-ics-ul.iscte-iul.pt/>.

abertas a todos, sempre disponível para receber e dar subsídios, casas e alojamento a quem vem de fora, mas que não dá nada a quem trabalhou uma vida inteira cá dentro e os deixam na pobreza quando chegam ao fim da vida”, sendo ovacionado aos gritos de “Portugal”. O líder do Chega chama então Portugal de “país ao contrário” e que ele próprio será a voz dos milhões de portugueses que não se sentem representados. “Não podemos estar sempre abertos a dizer ‘venham mais imigrantes, venham que nós precisamos deles’, mas não temos uma única palavra para os nossos próprios emigrantes lá fora. Para todos aqueles que tiveram que partir para buscar uma vida melhor”, afirmou na ocasião.

No decorrer de cada pronunciamento durante a convenção, o desconforto tornava-se cada vez mais proeminente. Os discursos eram caracterizados por uma série de elementos, tais como ataques direcionados ao "Outro", em uma persistente busca por inimigos e diferenças em nuances mínimas, seja na direita ou na esquerda, com a ênfase excessiva do consenso, chamado por eles de “união”, que é uma sutil, porém perceptível eliminação de opositores e do contraditório, demonstrando o menosprezo evidente pelas diferenças, além de críticas direcionadas ao 25 de Abril, considerado um marco na história democrática de Portugal. A totalidade discursiva revelava-se permeada por uma violência que se dissimulava sob a roupagem da indignação. Identifiquei, em muitos momentos, a presença de dinâmicas discursivas que manifestam marcas de violência simbólica, evidenciando uma abordagem crítica à forma como as interações políticas e discursivas se desenrolaram no contexto da referida convenção.

Também estiveram presentes discursos como: “É tempo de limpar as espingardas, carregar baterias e apontar as nossas armas ao socialismo”, do deputado Filipe Melo, e muitas falas no sentido de não “se render ao PSD”, ou não seguir a política do PSD, recusando uma possível aliança com a direita moderada. Já o PS é classificado por Ventura em sua moção de candidatura como um “vírus” a ser combatido, cujas curas são o Chega e ele próprio. Mas, sem dúvidas, um discurso que pessoalmente me afetou enquanto brasileiro foi sobre a questão histórica. Ventura, ao criticar o ensino de História no país, afirmou que só terá cumprido a sua missão quando não houver um aluno que “não saiba que demos novos mundos ao mundo”. A falta de celebração das glórias do passado, das grandes navegações e do colonialismo é uma ofensa a Ventura. “De repente, os nossos grandes feitos eram feitos criminosos, tivemos que começar a pedir

desculpa. Sem que nunca ninguém nos tenha dado um agradecimento a este nosso grande país. Um país que levou o cristianismo aos quatro cantos do mundo", afirmou, aos aplausos de representantes da extrema direita europeia. Acompanhar todos os dias do Congresso do Chega foi uma experiência importante, mas extremamente desgastante, inclusive pelas entonações violentas com as quais os congressistas se referiam às pautas que defendem.

Para Prior (2022), esse tom alarmista e sensacionalista diferido pelo Chega faz parte de uma estratégia de comunicação política de cunho populista. Segundo o autor (2022), o Chega se utiliza de estratégias híbridas para atacar e se defender ao mesmo tempo, confundindo a percepção pública. Em seu manifesto oficial³⁷, o partido afirma:

O CHEGA assume, de forma inequívoca, a rejeição clara e assertiva de todas as formas de racismo, xenofobia e de qualquer forma de discriminação contrária aos valores fundamentais pelos quais se pautam as sociedades de matriz europeia. Tal como assume a rejeição da utilização abusiva e o desvirtuamento inaceitável desses termos que têm, como único resultado, o seu descrédito e a sua banalização (Chega, 2022).

Não é este, porém, o discurso que podemos observar nas falas oficiais de André Ventura e dos membros da juventude do partido Chega. Oficialmente, o partido tem posicionado-se contra o que chama de uma política de “fronteiras abertas”, comandada pela esquerda, e contra aqueles que vêm a Portugal sobreviver de subsídios do governo. Durante o Congresso do Chega, Ventura afirmou que “revolve-me as entranhas quando comparam a nossa antiga emigração à nossa atual imigração”. Pouco tempo antes, o parlamentar afirmou que “a imigração islâmica é um perigo para Portugal, é um perigo sobre as nossas mulheres e sobre as nossas cidades”. Em 18/01/2023, em debate no parlamento sobre o acolhimento dos imigrantes, Ventura afirmou que “para os imigrantes há tudo, para os nossos que se matam a trabalhar nunca há nada” e que a política de imigração para compensar o declínio populacional em Portugal é “o pior que se pode fazer ao país”, utilizando o termo “substituição populacional”, muito presente no discurso do ativismo anti-imigração. Na mesma ocasião, Ventura afirma que “o que devíamos estar a discutir hoje é o retorno dos nossos emigrantes e não a vinda de novos imigrantes”. No entanto, é importante frisar que não encontramos em Ventura ou no Congresso do Chega falas abertamente contra a presença de brasileiros no

³⁷ Disponível em: <https://partidochega.pt/index.php/manifesto/>.

país. O partido e seu líder parecem adotar um tom mais genérico contra a imigração, independentemente da origem, o que não ocorre no caso dos ativistas independentes, que possuem discurso racializado, contra grupos específicos que incluem os brasileiros.

Apesar das falas ressaltando a oferta de subsídios para imigrantes, fruto de uma política de fronteiras abertas, como se Portugal fosse um país bom e acolhedor para os imigrantes, a realidade mostra-se diferente. O incêndio ocorrido em uma habitação de imigrantes em 5 de fevereiro de 2023, por exemplo, revela tanto a questão da crise de habitação quanto as condições precárias de imigração no país. O caso aconteceu em um apartamento compartilhado por 20 imigrantes e teve duas vítimas fatais, entre elas um jovem de 14 anos. A habitação funcionava no sistema “hot bed”, em que as vagas são compartilhadas por turnos. A mesma cama pode ser utilizada por até três indivíduos em um mesmo dia. Com a alta dos aluguéis, esse tipo de habitação tem sido cada vez mais comum. Na ocasião, Ventura foi ao local e afirmou que não se deve excluir ou discriminar ninguém por ser imigrante, mas que a responsabilidade por esse tipo de ocorrência é a política de fronteiras abertas praticada pela esquerda, em que a nacionalidade portuguesa é completamente vendida e que, portanto, uns são bem-vindos e outros não.

O descompasso entre o manifesto oficial do Chega e seus discursos é exposto nas ideias e premissas dos seus filiados. Segundo pesquisa publicada pelo jornal Público³⁸, três em cada quatro militantes do partido acreditam que existem “raças mais trabalhadoras”, sendo que 30% acreditam que existem “raças mais inteligentes” e 63% acreditam que os imigrantes são responsáveis pelo aumento da criminalidade no país. Não é difícil encontrar tais representações e tais relatos, especialmente na juventude do Chega. Pude observar algumas dessas narrativas por parte de alguns membros. Ainda que nas redes sociais oficiais o discurso seja mais moderado, no campo do ativismo das páginas pessoais dos membros, o radicalismo anti-imigração e suas bases epistêmicas ficam mais expostas, conforme demonstrarei mais a frente. A oposição entre as “pessoas reais, os verdadeiros portugueses” e o “sistema” criado pelo Partido Socialista parece ser a base do

³⁸ Disponível em:

<https://www.publico.pt/2023/01/27/politica/noticia/tres-quatro-militantes-chega-consideram-ha-racas-trabalhadoras-2036615>.

discurso, dos argumentos e da retórica do Chega, tanto em seus posicionamentos oficiais quanto em sua comunicação política nas plataformas digitais.

7.2 O Chega é Ventura, Ventura é o Chega

Segundo Cunha (2015, 2019), Portugal e a Europa como um todo estão passando por um processo de desdemocratização, desocidentalização e desglobalização, que tem como cerne sucessivas crises econômicas que afetam o regime de bem-estar social, colocando em xeque os valores de igualdade, solidariedade e receptividade que regem o sistema democrático dos países europeus. A conjuntura econômica que permitiu a expansão de um Estado garantidor de direitos universais não se faz mais presente e, portanto, esses valores, segundo a autora, foram substituídos por valores competitivos, egoístas e individualistas. O aumento da pobreza, da desigualdade e do desemprego desde a crise de 2008 produziu novos problemas sociais e intensificou os velhos, gerando conflitos sociais e políticos e abrindo margem para a crítica dos sistemas democráticos ocidentais. A autora destaca que as narrativas midiáticas nesse período foram fundamentais para legitimar a austeridade, sem responsabilizar as elites econômicas, financeiras e políticas, apenas construindo narrativas de desvalorização do trabalho, das seguridades, e abordando a necessidade de ajustes (Cunha, 2015). A corrupção política e a incompetência dos partidos do sistema também são frequentemente acionadas nesse discurso oficial dos meios de comunicação europeus. Todo esse sentido midiaticamente produzido aumenta o sentimento antissistema, de ineficácia dos países do sul da Europa, abrindo margem para extremismos políticos e populismo (Marchi, 2020).

A direita antissistema esteve presente desde o 25 de abril, mas sem força expressiva na sociedade portuguesa. Marchi (2020) considera que a trajetória política da direita antissistema em Portugal, desde a Revolução dos Cravos até o surgimento do partido Chega em outubro de 2018, pode ser dividida em três períodos distintos. O primeiro abrange a transição democrática de 1974 a 1980, na qual diversos partidos e coligações se formaram à direita do Centro Democrático Social (CDS). Essas iniciativas visavam influenciar a descolonização e contrapor o avanço do Partido Comunista Português (PCP) e da extrema esquerda. No entanto, esses esforços não resultaram em sucesso eleitoral significativo, sendo

interrompidos pela repressão de 28 de setembro de 1974 ou superados pela Aliança Democrática em 1980.

O segundo período, abrangendo as décadas de 1980 e 1990, não testemunhou a emergência de projetos partidários expressivos. Os resquícios de partidos como o PDC e o MIRN persistiram sem grande influência, e a direita antissistema concentrou-se no embate cultural, destacando-se através da revista *Futuro Presente* e de expressões subculturais de grupos nacionalistas. Finalmente, no terceiro período, a direita antissistema retomou a construção de projetos partidários com a criação do Partido Nacional Renovador (PNR), em 1999. Apesar dos vinte anos de existência, o PNR, assim como seus predecessores, não conseguiu alcançar um desempenho eleitoral significativo, mantendo-se abaixo de 0,5% dos votos em eleições legislativas e europeias, com pouco mais de 27 mil eleitores (Marchi, 2020).

A conjuntura política, econômica, social e midiática que permitiu o surgimento do *Chega* deve, portanto, ser levada em conta para justificar o fenômeno. Uma das chaves para compreender esse cenário da política portuguesa é André Ventura, que emerge como uma figura central, entrelaçado de maneira única no tecido de uma sociedade marcada por uma crescente desconfiança nas instituições políticas convencionais. Como rosto do *Chega*, Ventura não apenas representa o partido, mas também personifica sua essência - uma mistura singular de carisma, provocação e um discurso populista que ressoa com um eleitorado diversificado e conservador (Braz, 2023). É a partir desse contexto que André Ventura, reeleito com 98% dos votos na Convenção Partidária, segue sólido como o rosto da extrema direita portuguesa. Por isso, é importante saber quem é ele e como foi capaz de catalisar a indignação antissistema.

Segundo Braz (2023), as origens de Ventura remontam a uma localidade suburbana na área metropolitana de Lisboa, onde cresceu em uma família que lhe permitiu autonomia para escolher sua religião, sem as amarras da tradição. No entanto, sua jornada tomou um rumo inesperado quando, aos 40 anos, abraçou o catolicismo fervorosamente, levando ao seu batismo e primeira comunhão. Apesar de frequentar um seminário menor no Patriarcado de Lisboa, optou por não seguir sua formação religiosa. Em vez disso, embarcou em uma trajetória no campo do Direito, formando-se na Faculdade de Direito da Universidade NOVA (Lisboa) e obtendo um doutorado em Direito Público na University College Cork, na Irlanda.

Suas pesquisas acadêmicas exploraram o "populismo criminal" e a "estigmatização de minorias", refletindo uma preocupação com a expansão dos poderes policiais, com a violência e a opressão.

As atividades intelectuais de Ventura se estenderam para além da academia, abrangendo os domínios da literatura e da mídia, sendo autor de vários manuscritos acadêmicos em Direito e de dois romances notáveis, "Montenegro", em 2008, e "A Última Madrugada do Islão", em 2009 - este último suspenso por seu potencial "incendiário". Seus papéis como professor na Universidade Autônoma de Lisboa e na NOVA, juntamente com contribuições para o amplamente lido *Correio da Manhã* e comentários esportivos no canal CMTV, também são notáveis. O capítulo político na vida de Ventura se desdobrou quando ele fez a transição do seminário para a Juventude Social Democrata (JSD). Participando ativamente em campanhas eleitorais locais, ascendeu nas fileiras do PSD, tornando-se eventualmente o candidato do partido para Loures nas eleições locais de 2017. A mensagem populista de Ventura, centrada na comunidade cigana, pena de morte, prisão perpétua e vigilância policial, ressoou em uma parcela significativa do eleitorado, garantindo-lhe o terceiro lugar (Braz, 2023).

No entanto, seu discurso xenofóbico gerou desconforto entre outros partidos políticos e o público, marcando o início de um cordão sanitário entre Ventura e a corrente principal portuguesa. Apesar disso, suas empreitadas eleitorais receberam apoio de Passos Coelho, então presidente do PSD, até 2018, quando Ventura deixou tanto o PSD quanto o Conselho Municipal de Loures, anunciando a criação do Chega.

Segundo Marchi (2020), após obter relativo sucesso pessoal nas eleições em Loures, Ventura viu a oportunidade de consolidar seu capital político no PSD. Aproveitando a renúncia de Pedro Passos Coelho e a eleição de Rui Rio com uma estratégia centrista, Ventura tentou promover-se como alternativa à presidência do partido. No entanto, sua tentativa dentro do PSD, chamada de "Movimento Chega", não obteve sucesso devido à perda de apoio prometido e obstáculos internos. Diante disso, em outubro de 2018 Ventura deixou o PSD, transformando o "Movimento Chega" em um partido independente. A construção do partido ocorreu entre outubro de 2018 e março de 2019, liderada por um grupo restrito de pessoas ligadas à rede de contatos de André Ventura. Durante esse processo, surgiram tensões entre duas tendências internas: uma focada em ideias nacionalistas e

eurocêntricas e outra mais inclinada para o populismo de protesto e ceticismo em relação ao nacionalismo. Apesar dessas diferenças, a cultura política dominante dos fundadores do Chega permaneceu caracterizada pelo liberalismo econômico e conservadorismo de valores (Marchi, 2020).

A estreia do Chega nas eleições europeias como parte da coalizão “Basta!” teve resultados modestos, mas a ascensão eleitoral de Ventura ocorreu nas eleições legislativas do mesmo ano. Correndo em aliança com o PPV, o Chega obteve mais de 67.000 votos, levando Ventura ao parlamento português. A eleição presidencial de janeiro de 2021 consolidou a presença de Ventura no cenário político, garantindo 11,9% dos votos e tornando-se o terceiro candidato mais votado, com a eleição de 13 deputados para o partido. A ascensão de Ventura continuou nas eleições locais de 2021, quando o Chega superou partidos estabelecidos, e nas subsequentes eleições legislativas de 2022, em que o partido terminou em terceiro lugar, garantindo 12 assentos no parlamento nacional. Apesar desse sucesso, o Chega recebeu menos votos do que Ventura individualmente conquistou nas eleições presidenciais de 2021. Na saga em desenvolvimento de André Ventura, sua narrativa política espelha os sentimentos predominantes de uma sociedade desiludida com a política convencional. Seja apresentando-se como o representante carismático do “bom português” ou vislumbrando uma transformação do sistema, sua jornada é a de um líder populista, incorporando as aspirações de um eleitorado ansioso por mudanças - um líder que, na complexa dança do poder, busca remodelar a construção imaginária da sociedade portuguesa (Braz, 2023).

Para Silva (2023), Ventura, desde que foi eleito como deputado e enquanto líder do Chega, tem assumido uma postura de “homem providencial”, apresentando-se como virtuoso, íntegro, honesto e um cidadão indignado, capaz de “salvar Portugal da desordem social e caos político gerado na III República, ao longo de quatro décadas” (Silva, 2023, p.187). Isso também se apresenta nas redes do político, que diz ser “incansável no propósito de mudar Portugal”, além de ter características populistas, como o líder forte, íntegro e capaz de resolver os problemas com agilidade e facilidade, que tem ao lado a figura de um povo abstrato, a construção discursiva do Nós contra Eles, a dicotomia maniqueísta de bem contra o mal e a simplificação exacerbada da realidade (Silva, 2023). Nos discursos de Ventura, o sistema é visto como uma entidade, como um organismo vivo que deve ser combatido de forma militar e bélica, já que o Outro é um inimigo diabólico a ser

vencido em um contexto de guerra. A agressividade que pude constatar nos discursos na convenção do Chega vai ao encontro da análise das autoras. Trata-se da busca frequente de um inimigo comum, que são os socialistas, a direita moderada, os imigrantes, os ciganos, os muçulmanos, as feministas e os LGBTs, ou seja, todos aqueles que fogem da concepção do sujeito universal são passíveis de serem desumanizados e recebidos com violência. Em discursos de Ventura na Assembleia da República, é evidente que os imigrantes são considerados um desses inimigos a serem combatidos. Em 21 de julho de 2022, no plenário, ele afirmou:

André Ventura: “Há aqui duas visões de Portugal e da Europa. Uma, a do Governo, expressa pela Sr.^a Ministra Ana Catarina Mendes, que diz: «Venham de qualquer maneira. Nós somos muito solidários. Não temos para os nossos, mas temos para vocês. Não temos para os portugueses, mas temos para os outros.» Há outra visão, ainda, um pouco mais aprofundada, do Livre, do PCP e do Bloco de Esquerda, que diz: «Venham de qualquer maneira e, sejam legais ou ilegais, nós damos-vos um nome bonito — apátridas, refugiados, requerentes de asilo, o que quiserem. Entrem de qualquer maneira!» Só há uns que nunca têm prioridade no discurso do Governo: os portugueses que trabalharam toda a vida, que pagam impostos e que estão aqui a sustentar este País!

André Ventura: Vou dizer-lhe porquê, e o senhor devia aprender com os nossos emigrantes, porque eles vão para fora, para trabalhar. (...) Não são como «outros», que vêm para aqui para viver à conta dos nossos subsídios e dos nossos salários.

É fundamental ressaltar o papel da mídia portuguesa na ascensão de figuras como André Ventura, devido ao apoio às pautas populistas, ao discurso da austeridade e à atuação sensacionalista em casos de corrupção política, conforme apontado por Cunha (2015). Essa postura contribui, por exemplo, para o descrédito nas instituições portuguesas. Além disso, observa-se a concessão de um espaço excessivo para que figuras como Ventura expressem suas ideias, mesmo quando são antidemocráticas e inconstitucionais. Sua ascensão política, ainda no PSD, foi realizada com forte ataque à comunidade cigana em Loures. Ele foi rejeitado pelo CDS, partido da então coligação, pelas suas falas de teor racista. Até então, no início da criação do Chega e da sua eleição, havia pouco espaço e pouca atenção para sua atuação. Isso mudou com o pleito para deputado em 2020, que contou com um crescimento exponencial do partido, passando de 700 para 15 mil filiados, com órgãos distritais organizados em todas as zonas de Portugal. Segundo Marchi (2020), o ingresso de André Ventura na política nacional portuguesa foi marcado por uma ascensão notável, especialmente após sua filiação ao grupo europeu

Identidade e Democracia, liderado pelos populistas de direita, italianos da Lega Nord, de Matteo Salvini, e pelos franceses do *Rassemblement National*, de Marine Le Pen, em julho de 2020. O rápido crescimento do partido Chega foi impulsionado pela atenção da mídia direcionada a André Ventura após sua eleição como deputado, tornando-o uma figura constante nos jornais e proporcionando-lhe contato direto com o público, promovendo maior conexão com a audiência (Marchi, 2020).

As primeiras aparições televisivas de Ventura como único deputado do Chega o destacaram como uma presença peculiar entre os partidos parlamentares, fortalecendo sua capacidade de se apresentar como um político antissistema, especialmente nas redes sociais. A presença on-line do Chega, incluindo redes sociais e o canal ChegaTV no YouTube, reflete um partido com uma crescente capacidade de atrair uma militância virtual significativa. Contudo, suspeitas de manipulação da opinião pública, supostamente por meio de 20.000 perfis falsos, foram levantadas pela imprensa³⁹. A partir de 2020, André Ventura e o Chega tornaram-se uma presença constante na mídia, operando em duas frentes. Por um lado, o partido busca eficiência no trabalho parlamentar, destacando-se como o mais produtivo entre os pequenos partidos em termos de iniciativas parlamentares apresentadas. Por outro, e de forma mais incisiva, Ventura provoca regularmente polêmicas midiáticas. Muitas dessas polêmicas estão relacionadas ao tema sensível do racismo, tornando-se uma força contrária a muitas reivindicações dos movimentos antirracistas e dos afro-descendentes, apoiados principalmente pelos partidos de esquerda radical (Marchi, 2020)

Segundo Marchi (2020), destacam-se as polêmicas envolvendo a deputada do Livre (hoje independente), Joacine Katar Moreira, e o jogador da seleção portuguesa, Ricardo Quaresma. No primeiro caso, Ventura reagiu à proposta de descolonização da cultura portuguesa feita pela deputada, sugerindo a devolução dela ao seu país de origem (Guiné Bissau). No segundo caso, Ventura aproveitou a recusa da comunidade cigana da vila de Moura em realizar testes de Covid-19 para pedir o confinamento generalizado dessa comunidade, alegando a suposta impermeabilidade às regras do Estado de direito dessa minoria étnica. Essas declarações foram acusadas como racismo explícito pelo jogador Ricardo Quaresma, de origem cigana, gerando um impacto significativo na mídia e nas redes sociais.

³⁹ Disponível em: <https://ominho.pt/como-um-exercito-de-perfis-falsos-quer-impor-o-chega-em-braga/>.

7.3 A juventude do Chega

Durante o campo, além da Casa do Brasil de Lisboa, a pesquisa concentrou-se no acompanhamento etnográfico da juventude do partido Chega, visando compreender as nuances das formas midiáticas do discurso anti-imigração e do ativismo de seus membros. Ao enfrentar o desafio inicial de contatar essa juventude, busquei estabelecer uma relação de pesquisa com o grupo, mesmo consciente dos desafios e das possíveis negativas. A escolha inicial foi participar remotamente do V Congresso do Partido Chega, conforme abordado em itens anteriores, proporcionando uma compreensão da dinâmica do partido naquele momento, além dos debates, pautas e diretrizes para 2023. A abordagem etnográfica digital foi essencial, envolvendo o acompanhamento das páginas oficiais e de membros-chave no Instagram e Twitter, canais onde o partido detém significativa influência. No YouTube, por exemplo, o Chega acumula mais de 35 milhões de visualizações, superando os demais partidos portugueses⁴⁰.

A juventude do Chega organiza-se de maneira distrital e descentralizada, resultando em uma JChega heterogênea, com variações na atuação e organização entre as diferentes entidades distritais. O contato foi estabelecido com todas as distritais via Instagram e e-mail. Uma distrital disponibilizou na bio do Instagram um link de acesso a um grupo público no WhatsApp, onde tivemos contato com as lideranças nacionais, José Shirley e a deputada Rita Maria Matias, além de um fluxo de informações e diálogos. Apesar das tentativas de contato via canais oficiais, apenas duas distritais responderam. A distrital de Braga indicou que as entrevistas precisavam ser aprovadas pela direção nacional, mas não prosseguiu com a comunicação. A Juventude de Leiria sugeriu o contato com o líder distrital João Carreira, que solicitou um pedido formal de entrevista, mas também deixou de responder após o envio da solicitação em formato de carta.

Embora tenhamos obtido contato telefônico com as duas lideranças nacionais pelo grupo aberto do WhatsApp, ambas não responderam às tentativas de comunicação direta. A resposta reativa de José Shirley, manifestando preocupações de segurança em relação ao partido e recusando a entrevista, evidencia uma dinâmica complexa na relação entre a juventude do Chega e pesquisadores,

⁴⁰ Coleta realizada em 05/02/2024.

marcada por desconfianças e resistências, como ilustrado na imagem compartilhada pela deputada.

Figura 18 — Publicação no Instagram da deputada Rita Maria Matias



Fonte: [instagram.com/ritamariamatias](https://www.instagram.com/ritamariamatias).

No período entre janeiro e março de 2023, enquanto participei do grupo do WhatsApp, pude observar uma dinâmica de comunicação centralizada. Esse grupo nacional estava sob o controle de José Shirley, líder da juventude, e a deputada Rita Maria Matias tinha uma participação um pouco menos ativa. Todas as postagens eram realizadas por José Shirley e abordavam uma variedade de temas, incluindo críticas à esquerda, à direita moderada, às universidades consideradas "doutrinadoras", às feministas e à presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para discursar na Assembleia da República, no dia 25 de abril. Houve também a organização de um evento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o qual pude acompanhar.

Na cidade universitária, uma multidão heterogênea composta por estudantes formou-se ao redor dos ativistas da juventude do Chega. A presença do partido atraiu indivíduos variados em termos de interesses e posturas, alternando entre curiosidade e hostilidade. A deputada Rita Maria Matias confrontava o que chamava de “domínio do pensamento único” nas universidades e dizia que pretendia combater os “bastiões marxistas”, produzindo reações diversas. Não houve maiores conflitos além de gritos dispersos de “fora fascistas” ou “fora Chega”. Quem estava mais aglutinado parecia simpatizar com as ideias do partido ou, ao menos, estar mais disposto a ouvir o que tinham a dizer.

Essa efervescência juvenil, representada por integrantes do Chega, permaneceu por aproximadamente 30 minutos no local, resistindo à atmosfera carregada de hostilidade. Era um descompasso com o que se via tradicionalmente na Universidade de Lisboa, local que frequentei diariamente, por preferir estudar na Biblioteca da Faculdade de Letras. Já havia presenciado alguns protestos e manifestações, mas a presença da juventude de direita era diferente. Ao testemunhar a peculiaridade dessa presença em meio ao cenário de protesto, decidi me aproximar de dois estudantes que, de longe, observavam atentamente a atuação dos ativistas. Buscando compreender suas perspectivas em relação àquela manifestação, iniciei uma conversa e indaguei sobre o que pensavam a respeito da presença do partido no local.

Jorge, um jovem estudante português de Letras na Universidade de Lisboa, expressou de forma enfática seu desconforto com a presença do Chega, argumentando que considerava a presença deles bastante incômoda. Em sua visão crítica, afirmou que o partido não deveria estar ali, defendendo as ideias que propagam. Para Jorge, o Chega era entendido como um partido racista, xenofóbico e fascista, que se aproveitava da insatisfação e indignação dos portugueses como uma estratégia para promoção por meio de um discurso populista. Diante da contundência de suas palavras, indaguei sobre a percepção de Jorge em relação ao direito do Chega de se manifestar naquele espaço. Ele então respondeu novamente de maneira incisiva, sugerindo que, em sua visão, se Portugal fosse um país sério, o partido não teria a liberdade de expressar abertamente as ideias que defendia. Esse posicionamento revela uma profunda discordância em relação à legitimidade do discurso do Chega, destacando a tensão entre a liberdade de expressão e as percepções sobre os limites éticos e políticos dessa liberdade em um contexto

democrático, especialmente com relação aos discursos racistas e xenofóbicos, que não vieram ao caso naquele momento. O diálogo com Jorge evidencia a complexidade das opiniões e sentimentos que permeiam as discussões políticas contemporâneas em Portugal.

Durante a presença dos ativistas, a hostilização, em sua maioria, foi tratada com indiferença pela juventude do Chega, que manteve sua presença firme. Em um momento específico, um dos membros, incapaz de se identificar precisamente, respondeu assertivamente, enfatizando que a sua presença ali constituía um exercício legítimo da liberdade de expressão, reivindicando o direito de estar em qualquer lugar que escolhesse. Em uma estratégia argumentativa e comunicativa, os ativistas defenderam veementemente a posição do Chega, argumentando que o partido não alinhava-se com rótulos de extrema direita. Em vez disso, proclamaram estar comprometidos com a busca pelo melhor para os cidadãos portugueses. Além disso, apresentaram suas bandeiras em prol de universidades desvinculadas de doutrinação ideológica e da salvaguarda irrestrita da liberdade de expressão como pilares fundamentais de sua plataforma política. Esse episódio, enraizado na complexidade das interações políticas contemporâneas em Portugal, proporciona um vislumbre das dinâmicas sociopolíticas, destacando a polarização de opiniões e a busca incessante por espaços de expressão e influência. Nenhuma questão sobre migração foi mencionada durante o ato.

7.3.1 O contato com a juventude do Chega

Na busca pelo trabalho etnográfico em meio aos ativistas do Chega, o contato por meio dos órgãos oficiais da juventude do partido, em todas as suas distritais, revelou-se uma estratégia pouco eficaz para estabelecer a interlocução necessária à pesquisa. Essa abordagem frustrada acabou por obstaculizar um trabalho de campo presencial verdadeiramente produtivo, minando as possibilidades de diálogo e compreensão mais próximas das experiências e perspectivas dos ativistas envolvidos. Optei então por entrar em contato diretamente com ativistas do partido, especialmente aqueles que discursaram durante o V Congresso do Chega. Inicialmente, três jovens aceitaram falar comigo, após entrar em contato com 12 ativistas de todo o país. Por princípios éticos, eles terão a identidade preservada, conforme indicado no capítulo de metodologia. Esses mesmos jovens, assim como

outras páginas de ativismo anti-imigração, também foram observados durante esse período.

O primeiro a ser entrevistado foi FA, um jovem de 19 anos, estudante de Relações Internacionais, politicamente ativo nas redes sociais e membro da juventude do Chega. FA chamou atenção por ser contundente em seu discurso durante a convenção do Chega e também muito bem articulado, ressaltando a união da direita contra os socialistas e contra a direita moderada. A entrevista foi feita via Google Meet, uma vez que o ativista residia em outra cidade, distante de Lisboa. FA foi extremamente polido e educado durante o nosso contato, assumindo posições moderadas e buscando o maior embasamento possível para suas posições. Ele possui 4.244⁴¹ seguidores no Twitter, com publicações que chegam a alcançar 50 mil usuários.

Como membro ativo da juventude do Chega, FA tece sua identidade política considerando não apenas a militância partidária, mas a sua inserção na dinâmica da juventude do movimento. Ainda que a militância social formal não seja explicitamente delineada, FA faz questão de destacar essa participação engajada. Segundo ele, o seu interesse pela disciplina de História e a convergência com a política despertaram seus olhares para organizações partidárias com orientação de direita. Ele explicou que sempre teve interesse e curiosidade com relação a novas ideias, porém com forte influência do Catolicismo e da filosofia política. Dessa forma, a política é mais do que uma expressão de sua filiação partidária, mas sim, um meio de conectar-se com uma tradição intelectual e cultural mais ampla. O período de 2017 a 2018 emergiu como um marco crucial em sua formação política, marcado pela leitura de livros, estudos e a exploração de diferentes ideologias partidárias. O CDS inicialmente atraiu FA, não apenas por sua afinidade cultural e religiosa, mas também pela orientação mais liberal em termos econômicos. Contudo, com o colapso do CDS e a cisão entre conservadores e liberais, FA optou por um alinhamento ainda mais conservador, influenciado por pensadores, como Scruton, e figuras políticas brasileiras, como Enéas Carneiro. Nesse momento, o estudante já se alinhava politicamente com a direita radical e com o conservadorismo.

O surgimento do Chega no panorama político português catalisou um novo capítulo na trajetória de FA. As ideias e dinâmicas do partido capturaram sua atenção, consolidando a inclinação política e impulsionando seu engajamento de

⁴¹ Coleta realizada em 05/02/2024.

forma mais profunda. Esse momento marcou não apenas uma escolha partidária, mas uma expansão de FA em termos de conhecimento, abraçando diversas concepções dentro da direita, teorias políticas e divisões econômicas e intelectuais.

FA: E desde aí tenho entrado na vida política, porque fui me expandindo mais em termos daquilo que são as diferentes concepções dentro da própria direita, as diferentes teorias políticas, diferentes divisões econômicas e intelectuais. Considero que tenho desenvolvido mais esse campo de estudo, tanto é que agora tenho me empenhado mais até em escrever textos. Já escrevi algumas obras que podem bem ser aquilo que foi o acumular destas mesmas ideias ao longo destes últimos anos e basicamente hoje estou aí. Portanto, esse meu interesse pela política culminou naquilo que é o meu sentimento de pertença a uma comunidade, o povo português, e querer defender esse mesmo povo português e considerar que a política é a maneira, a meu ver, neste momento correta para o fazer.

A concepção de "povo português", de cunho nacionalista, como uma entidade que demanda proteção contra ameaças externas, conforme expresso por FA, surge como uma representação social central, permeando narrativas de outros ativistas anti-imigração, inclusive nas postagens oficiais do Chega. Essa noção é ancorada em preocupações diversas que envolvem o temor da descaracterização cultural, o receio de tornarem-se minorias em seu próprio país e a apreensão quanto à perda da liberdade identitária. Esses elementos convergem, muitas vezes, com questões econômicas, evidenciando uma complexidade de fatores que influenciam as perspectivas dos ativistas no contexto do Chega. Esse receio revela-se como um elemento vital na construção de suas identidades políticas. O pânico de perder traços culturais distintivos (europeus) é articulado como uma resposta ao que é percebido como ameaças externas, sendo os imigrantes frequentemente identificados como um dos fatores dessa suposta ameaça à identidade cultural portuguesa.

A preocupação com a perda de majoritária representação no próprio país é intrínseca à narrativa dos ativistas anti-imigração. A ideia de tornarem-se minorias suscita temores relacionados à influência cultural, política e econômica no contexto nacional. Essa ansiedade é frequentemente articulada em termos de resistência à integração, refletindo uma visão de mundo que enxerga o "Outro" como uma ameaça à coesão cultural e identitária. A abordagem anti-imigração é permeada por referências ao passado, quando ativistas evocam "tempos gloriosos" que, em sua perspectiva, contrastam com a realidade atual, em que Portugal encontra-se como uma periferia política e econômica na Europa. Essa evocação histórica serve como

um meio de ancorar a argumentação, fornecendo uma narrativa que reforça a percepção de declínio e vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que destaca uma visão idealizada de um passado supostamente mais próspero.

Os fatores econômicos também emergem como elementos cruciais na argumentação dos ativistas. A combinação de preocupações econômicas e sociais com o receio de perda identitária fortalece a argumentação anti-imigração, alimentando a narrativa de que a preservação da cultura portuguesa está intrinsecamente vinculada à limitação da entrada de novos elementos culturais. A complexidade dessas narrativas revela que a visão dos ativistas vai além de uma simples resistência à imigração, estendendo-se para uma construção mais ampla de identidade e pertencimento. A argumentação anti-imigração é, assim, moldada por um conjunto intrincado de fatores que refletem não apenas preocupações econômicas e sociais, mas também ansiedades culturais e uma interpretação colonial da história de Portugal. Esses elementos coexistem e se entrelaçam na mente dos ativistas, moldando suas perspectivas políticas e influenciando a forma como eles interpretam e respondem às mudanças sociais e econômicas em seu contexto.

Durante a entrevista, perguntei a FA qual é o papel da imigração nos problemas da sociedade portuguesa atualmente. O estudante começou destacando que o Chega não é, em seu estatuto, contrário à imigração, mas sim, ao que chama de imigração ilegal e desenfreada. A noção de “ilegalidade”, próxima à ideia de “criminalidade”, foi frequentemente acionada por FA para justificativa de suas posições. Há a classificação e categorização de imigrantes mais desejáveis e menos desejáveis, de acordo com a origem, a raça, a proximidade cultural e o poder econômico. Ele produziu um discurso polido e respeitoso, que contrasta com sua atuação nas redes sociais, que observei relativa à questão migratória. FA delineou a necessidade de canais específicos para direcionar e controlar a imigração, uma abordagem que, segundo ele, é crucial para evitar repetir o que descreve como uma situação desafiadora ocorrida ao longo dos últimos seis a sete anos, durante o governo do Partido Socialista. Nessa descrição, também destacou o atual contexto de aumento do fluxo migratório nos últimos anos. Ele ressaltou que uma parcela considerável desse contingente é composta por imigrantes em situação irregular, incapazes de abrir contas bancárias, sem acesso a determinados subsídios, mesmo

que estejam desempregados. Além disso, ele falou das complicações burocráticas enfrentadas por esses imigrantes para se integrarem ao país.

FA argumentou que a massa imigratória que veio a Portugal nos últimos anos foi artificialmente gerada por acordos e pela liberalização das leis de imigração. Ele apontou para um desequilíbrio estrutural, em que o aumento da demanda por habitação não foi correspondido por um aumento proporcional na construção de moradias, criando assim um cenário inadequado para acomodar esse influxo populacional. A crítica de FA se estendeu à falta de capacidade de resposta de Portugal a essa imigração, especialmente em setores nos quais a economia portuguesa tornou-se predominantemente terciária após a década de 1990. Ele acionou o estereótipo de que a imigração, em grande parte proveniente dos países PALOP, não traz consigo uma formação de Ensino Superior. Outro argumento foi o de que muitos imigrantes, de acordo com FA, têm condições de vida inferiores em seus países de origem e buscam oportunidades em Portugal para melhorarem essas condições, mesmo que isso envolva riscos legais. Mais um argumento calcado em estereótipos foi a competição direta entre essa massa imigratória e uma parte significativa da população portuguesa que já ocupa esses setores de emprego. Ele apontou para a pressão que isso exerce sobre os salários, resultando em fenômenos de dumping salarial, particularmente na área da hotelaria. O ativista vinculou essas questões econômicas a fenômenos demográficos, destacando o aumento da emigração de jovens portugueses que buscam melhores condições de vida no exterior. Ele também vê a pandemia como um momento que intensificou esses desafios e ressaltou a inflação pós-pandêmica como um fator adicional que agravou as condições econômicas.

FA: Isso no nosso ver, tendo em conta que somos um partido patriótico e um partido nacionalista que, por definição, defende a ideia do Estado de Nação em que cada Estado tem que preocupar-se com o seu próprio povo. Nós, enquanto partido, nos preocupamos primeiro com os portugueses e procuramos sempre que a nossa política internacional seja uma política capaz de permitir que cada Estado se preocupe e dê condições aos seus. Naturalmente, isto pode não ser muito bom de ouvir para alguns partidos um pouco mais à esquerda, mais progressistas, que gostam da ideia das fronteiras abertas. Mas nós somos convictamente contra essa ideia e, portanto, nós não deveríamos ter tanta imigração como tivemos, dada as consequências económicas e dadas as consequências demográficas que depois acarretam, dada a emigração e os jovens portugueses que não conseguem arranjar emprego e cujo nível de vida é curto e insuportável.

A discrepância notada entre os argumentos apresentados por FA durante a entrevista em profundidade, quando foi proposta uma abordagem ancorada em fundamentos racionais, econômicos, demográficos e sociais em relação à imigração, e sua atuação nas redes sociais, revela uma dualidade na expressão de suas opiniões. Ao contrastar essas duas facetas, emerge uma complexidade na representação social e na comunicação de FA sobre o tema. De todos os ativistas observados e entrevistados, FA é o que assume tom mais moderado, evitando conteúdos abertamente ofensivos, racistas e discriminatórios, ainda que possam ser observados. Essa dualidade na expressão de opiniões pode ser interpretada de diversas maneiras. Pode indicar uma estratégia consciente de adaptar a comunicação conforme o contexto, sem demonstrar radicalidade excessiva, já que FA tem pretensões políticas no futuro. Indica também uma abordagem mais moderada em um ambiente mais formal, como uma entrevista, enquanto adota um tom mais incisivo e emocional em espaços on-line, onde a comunicação muitas vezes se presta à polarização e à simplificação de mensagens. Independentemente das motivações subjacentes, essa dualidade na comunicação de FA ressalta a complexidade das dinâmicas de comunicação on-line e a interação entre a representação pública e as estratégias discursivas adotadas por indivíduos engajados em debates políticos e sociais sensíveis. A Figura 19, 20 e 21 ilustram as posições públicas de FA no Twitter.

Figura 19 — Postagem no Twitter de FA



Fonte: Twitter/FA.

Figura 20 — Postagem no Twitter de FA



Fonte: Twitter/FA.

Figura 21 — Postagem no Twitter de FA



Fonte: Twitter/FA.

Ao ser questionado sobre como Portugal deveria lidar com a imigração de brasileiros daqui pra frente, tendo em vista o grande contingente de imigrantes no país, o ativista fez uma longa relação da presença de brasileiros com a criminalidade no país.

FA: Eu acho que, tendo em conta o contexto prisional em Portugal, em que certas prisões estão cheias, nós não temos capacidade sequer para dar penas justas a criminosos e penas suspensas, porque as prisões estão lotadas. Não é porque a pena deva ser assim, não é cumprir a lei, não é dentro da lei adaptar às condições materiais que temos, porque nós estamos neste país. Prisões que estão fechadas, porque não há trabalhadores e porque há um excesso de prisioneiros nessas mesmas prisões e não temos condições. Se nós formos olhar para as prisões, uma grande parte das prisões mais a sul são ocupadas por imigrantes. E agora a minha pergunta é: deveriam os contribuintes portugueses estar a pagar por isso ou nós devíamos fazer acordos com esses mesmos países para receberem esses mesmos prisioneiros, para terem nas suas próprias prisões e serem eles a reabilitá-los?

Me chamou a atenção que, ao ser questionado sobre o futuro da migração, a única resposta veio com uma distorção sobre o sistema prisional português, acionando o estereótipo do brasileiro criminoso. A sequência argumentativa foi uma série de críticas à condução do SEF pelo PS, sobre a presença de terroristas do Estado Islâmico trabalhando em Portugal e a falta de segurança dos cidadãos portugueses que, segundo ele, estão desprotegidos e vulneráveis. Em seguida, argumentou sobre a questão da habitação, da disparada dos preços que também seriam atribuídos aos imigrantes. Além disso, argumentou sobre a desproporção no Ensino Superior português, que não é capaz de formar para o mercado de trabalho, abrindo vagas aos imigrantes. Preocupações geopolíticas também foram citadas,

como a corrupção nos países do PALOP e que cada país deve se resolver sozinho e se desenvolver para criar melhores condições aos próprios cidadãos.

FA: E depois, na questão do Brasil, é uma questão mais sensível, porque essa massa migratória vem tendo em conta a situação política interna do Brasil. Quando foi o Bolsonaro a ganhar? Notamos uma massa migratória dos brasileiros mais à esquerda porque não queriam viver nesse mesmo regime que eu acho legítimo. E agora está a vir o contrário. Cada vez mais brasileiros e mais à direita que não querem viver na pele. E essa é uma questão que nós não devemos, enquanto povo português, poder estar vulneráveis. Enquanto nacionalista, digo isto: nós não podemos estar vulneráveis às situações internas do Brasil que nos consigam influenciar. Nós temos que dizer que nós temos as nossas próprias fronteiras. Os brasileiros, os angolanos, os moçambicanos, e os próprios chineses, que vêm muito por causa dos vistos gold, têm que tratar dos seus assuntos internamente. O povo português não consegue aguentar mais dez, 20 anos de preços inflacionados na habitação devido ao aumento do consumo e do dumping salarial que as próprias empresas aproveitam e aproveitam.

AG, um ativista de 20 anos, representa a ala mais radical da juventude do partido Chega, especialmente em relação às questões de imigração e raça em Portugal. Nosso contato foi singular, uma vez que ele concordou em participar da pesquisa apenas se a entrevista fosse conduzida ao vivo e transmitida em seu canal no YouTube. Encarei essa condição como uma oportunidade de vivenciar uma experiência etnográfica única, antecipando que esse formato traria novas camadas a serem exploradas e ponderadas. E, de fato, assim se deu. Ao longo da nossa conversa, a caixa de comentários permaneceu aberta, tornando-me alvo de variados ataques xenofóbicos e homofóbicos. Esse *modus operandi* não é exclusivo de AG, sendo comumente observado em grupos de extrema direita, em que o público, a retórica ofensiva e a postura de superioridade intelectual convertem-se em ferramentas de intimidação e estratégias comunicativas para desacreditar pontos de vista divergentes. Essa tática revelou-se evidente durante toda a entrevista, especialmente quando AG interagia com seus seguidores.

Durante a entrevista com AG, deparei-me com uma densa teia de interações digitais que revelaram nuances complexas da subcultura que orbita em torno do ativismo anti-imigração, conforme a Figura 22. Os comentários, muitos dos quais emanavam fervor pela ideologia do partido, frequentemente sugeriam figuras influentes, como YouTubers, professores, autores e acadêmicos conservadores e radicais, delineando uma rede de referências que alimentava a narrativa compartilhada pelos seguidores de AG. Uma dinâmica peculiar emergiu quando os comentários passaram a manifestar uma torcida palpável pela persuasão, como se a

entrevista fosse uma arena na qual AG, munido das ideias do Chega, pudesse triunfar na difícil tarefa de me converter. Essa atitude revelou não apenas a natureza proselitista presente na interação on-line, mas também a percepção por parte dos seguidores de que a entrevista estava sendo um campo de batalha ideológico, onde a vitória era a persuasão do entrevistador.

Figura 22 — Caixa de comentários do YouTube



Fonte: Streamyard.

A misoginia, mesmo em uma conversa centrada em temas que não tinham necessariamente a ver com gênero, e entre homens, mostrou-se como uma arma onipresente de ofensa. Um comentário questionando se eu possuía irmã, seguido de

conotações sexuais, destacou a persistência dessa atitude misógina, evidenciando que, mesmo em espaços aparentemente masculinos, a pauta feminina permanece como alvo de desqualificação. Essa revelação apontou para a persistência e integração da misoginia na retórica desses ativistas digitais e seus seguidores, independentemente do contexto específico da conversa. A homofobia também fez eco nos comentários, especialmente quando a minha identidade como homossexual foi percebida por um dos seguidores. Essa forma de ofensa tornou-se uma ferramenta adicional no repertório digital, destacando a intolerância presente na comunidade virtual e como a orientação sexual pode ser explorada como um ponto de fragilidade para menosprezar aqueles que expressam visões divergentes.

Além disso, a entrevista revelou uma retórica persistente de inferioridade intelectual atribuída aos brasileiros, inclusive ao ex-presidente Jair Bolsonaro, uma figura venerada por alguns. Essa abordagem desafiadora, que questiona a capacidade intelectual de todo um grupo, denota uma estratégia comum entre os seguidores de AG para desacreditar não apenas indivíduos, mas também nações inteiras, reforçando a ideia de que a argumentação é frequentemente substituída por estereótipos e generalizações simplistas. Essa experiência etnográfica proporcionou uma visão vívida das estratégias comunicativas, das dinâmicas de poder e das táticas de desqualificação que permeiam a subcultura digital do Chega, demonstrando como esses elementos interagem para moldar e reforçar a identidade coletiva dos seguidores do partido.

AG é um militante bastante ativo nas redes sociais, principalmente no Instagram, Twitter e YouTube, onde já teve a conta suspensa por desrespeito às políticas e normas da plataforma por algumas vezes, defendendo pautas negacionistas durante a pandemia de Covid-19. Uma de suas páginas no Twitter, já derrubada, continha mais de 10 mil seguidores, sendo que alguns posts alcançaram a marca de 100 mil visualizações⁴². Nossa entrevista foi assistida ao vivo para cerca de mil usuários. Segundo ele, sua trajetória política se delineou desde os primeiros anos de sua vida, quando tinha uma natureza observadora e reservada que, apesar de contraditória com suas transmissões ao vivo, reflete, segundo ele, uma preferência pelo ato de ouvir em detrimento de falar. A sua motivação é a busca pelo que chama de realidade. Isso tornou-se uma prioridade em sua vida, mesmo quando implica em confrontar “verdades desconfortáveis”. Diz ter aversão à mentira e que o

⁴² Coleta realizada em 05/02/2024.

compromisso com a verdade desempenhou um papel crucial em sua formação política, moldando sua abordagem na esfera pública. Essa noção de “verdade” assume tons conspiracionistas e anti-establishment, como ocorre com os chamados “red pills”, na chamada “manosphere” (Ging, 2019), um ambiente cujas representações masculinistas e conspiracionistas assumem protagonismo.

O interesse político de AG teve origem na internet, mais especificamente no YouTube, onde desde jovem consumia conteúdo político de influencers conservadores e de extrema direita. Inicialmente, explorava vídeos mais leves, como gameplays, mas, com o tempo, direcionou sua atenção para debates sobre temas como o ataque ao feminismo. Essa transição indicou a envolvimento da política e seu impacto na formação de opinião. A ampliação de sua exposição a diversas opiniões e argumentos o levou a desafiar as perspectivas do que chama de *establishment* e do que considera politicamente correto. Explorando plataformas on-line, como Twitter e 4chan, ele encontrou uma diversidade de pontos de vista que contrastavam com a mídia tradicional. Trata-se do processo comum da economia da atenção (Morozov, 2018) na atuação da subjetivação dos indivíduos, responsáveis pela radicalização de posicionamentos e o livre contato com discursos de ódio, no atual *modus operandi* da extrema direita nas redes. Esses jovens são convidados a questionar e a desconstruir tudo aquilo que chamam de *mainstream*, desde meios de comunicação, políticos, partidos, ciência, noções de democracia e igualdade, por conteúdos fascistas e extremistas. Trata-se da catalisação da frustração e sua canalização para o radicalismo e para o ódio ao outro.

À medida em que questionava as narrativas *mainstream*, AG percebeu a falta de argumentos sólidos para sustentá-las, levando-o a duvidar de figuras influentes que, segundo ele, não conseguiam fornecer defesas robustas em debates. Essa jornada de descoberta e questionamento culminou em um ponto de inflexão, onde AG reconheceu o potencial de sua voz como agente de mudança. Decidindo criar um canal no YouTube, AG pretendia compartilhar sua perspectiva e desafiar ideias que considerava indefensáveis. Seu objetivo não era ser apenas um observador, mas sim, contribuir ativamente para o diálogo político. No entanto, essa empreitada não ocorreu sem desafios, enfrentando restrições e dificuldades, especialmente ao abordar temas sensíveis. AG encara sua atuação como uma missão pela verdade, mesmo que isso implique em uma imposição. Ele almeja ser o que chama de agente de mudança, desafiando narrativas estabelecidas e incentivando o pensamento

crítico antissistema. Sua ambição é influenciar positivamente o cenário político e cultural. Ele acredita que, por meio do diálogo e da disseminação de ideias, pode contribuir para a construção de um ambiente mais informado e participativo. Nesse sentido, o discurso anti-imigração é apenas uma das pautas da extrema direita e da ambiência da qual AG faz parte, bem como seu grupo de seguidores. Essa atuação manifesta-se também nas postagens racistas e xenofóbicas do ativista no Twitter, conforme pode ser observado nas figuras a seguir:

Figura 23 — Atuação de AG no Twitter



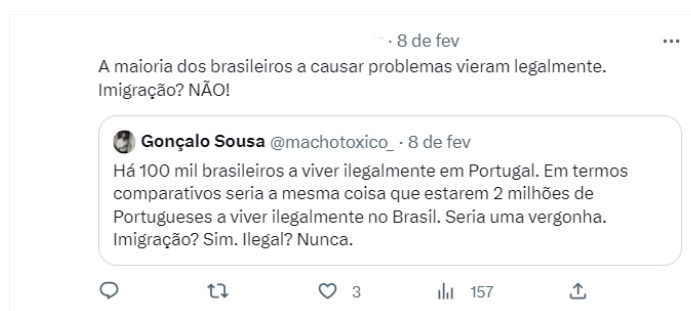
Fonte: Twitter/AG.

Figura 24 — Atuação de AG no Twitter



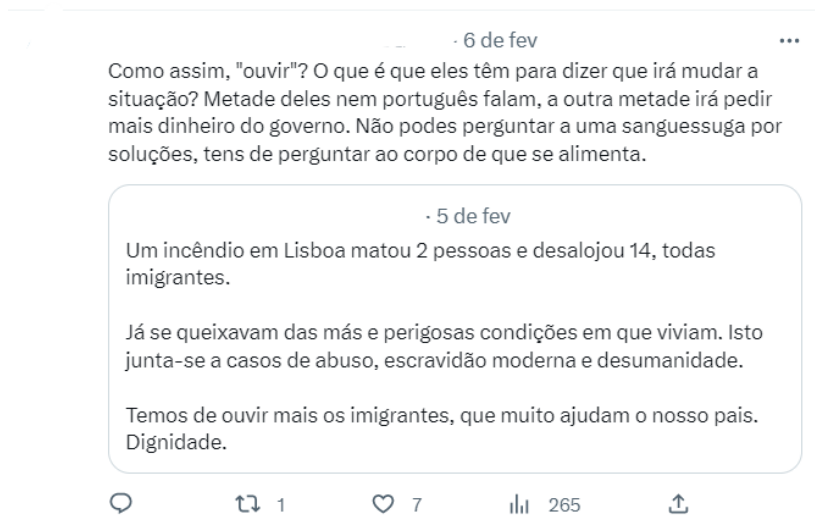
Fonte: Twitter/AG.

Figura 25 — Atuação de AG no Twitter



Fonte: Twitter/AG.

Figura 26 — Atuação de AG no Twitter



Fonte: Twitter/AG.

Figura 27 — Atuação de AG no Twitter



Fonte: Twitter/AG.

Figura 28 — Atuação de AG no Twitter



Fonte: Twitter/AG.

Através das figuras que evidenciam a postura anti-imigração de AG no Twitter, torna-se manifesto o caráter racista subjacente às suas publicações, associando questões sociais a fatores raciais. Tal abordagem é recorrente no ativismo de extrema direita. Na Figura 26, AG expressa receios em relação ao poder político dos imigrantes, destacando suas preocupações quanto ao direito de voto e ao exercício pleno da cidadania por parte desse grupo. Outra faceta de seu ativismo é a indignação em relação à igualdade de direitos, mesmo no contexto da imigração legal, demonstrando uma oposição explícita à imigração de determinados países, mesmo quando realizada de maneira regular.

A desumanização dos imigrantes, evidenciada mesmo após tragédias, como o incêndio que vitimou dois deles em fevereiro de 2023, é uma tendência notável em suas postagens, associando-os pejorativamente a sanguessugas, como na Figura 26. Outra observação durante o período de análise foi o ataque direcionado a brasileiros, perpetuando a ideia equivocada de que o desejo de emigrar para Portugal é uma aspiração generalizada entre essa comunidade. A relação estabelecida por AG entre o homem branco e o trabalho, contrastada pela associação de outras etnias à dependência de benefícios sociais, também aparece como uma característica distintiva de seu discurso nas redes sociais. É crucial

ressaltar o impacto dessas publicações, mesmo diante de um engajamento aparentemente modesto. Uma única postagem pode alcançar até 26 mil pessoas, mesmo quando recebe apenas 48 curtidas. Esse fenômeno destaca a importância de examinar não apenas a popularidade imediata, mas também o alcance mais amplo e o potencial impacto dessas mensagens.

Essa quantidade de conteúdos destinados ao discurso anti-imigração não é à toa. Para AG, o principal problema enfrentado hoje por Portugal é a questão da imigração, tanto a nível econômico quanto pelo que chama de “substituição populacional”. Ele acredita que existe em curso uma tentativa de descaracterização da sociedade portuguesa enquanto ocidental, substituindo o povo português por povos de outras etnias e nacionalidades.

AG: A razão que eu ponho este problema muito acima de todos os outros é porque a imigração é irreversível. Finalmente, já ouvimos falar sobre a expressão substituição populacional, em que basicamente quer dizer que se tu trazes uma população de qualquer outro país, é porque se tu tivesses a trazer, sei lá, portugueses que vivem em outros países de volta para Portugal, isso não seria substituição. Obviamente, estás a trazer pessoas que não são portuguesas há centenas de milhares ou até milhões para Portugal. Então, eventualmente, essas pessoas vão ter bebés. Logo, serão maioria em Portugal. Uma maioria que não será etnicamente, racialmente ou culturalmente portuguesa. Daqui a 20 anos, 30 anos, se o Chega for ilegalizado ou qualquer oposição, a emigração for silenciada e o plano deles avançar, assim como a imigração é limitada. Se isso acontecer, não dá para voltar atrás. Se um dia toda a gente aperceber-se, “epá, isto foi catastrófico. Isto foi a decisão errada. É impossível voltarmos atrás. Não, não há nada que possas fazer”, porque mesmo tipo se tivesses um plano maluco, “bora matá-los a todos”, uma coisa assim, porque eu não sou a favor, obviamente, mas tipo nós, a minoria portuguesa, a expulsá-los a todos. Mesmo se tivesses um plano assim, é impossível, porque tu precisas de poder político. O poder político vem de votos, que estariam na mão da maioria.

Essa noção de substituição populacional vem de um receio de tornar-se minoria em seu próprio país e, para AG, é um plano político deliberado que está em curso. Quando questionado sobre a crença em uma conspiração global para inflar o país com imigrantes, AG rejeitou essa ideia, enfatizando a complexidade do mundo e a falta de uma agenda unificada. Ele reconhece a existência de elites que buscam seus próprios interesses, mas não as vê como responsáveis por todos os problemas. A discussão se estendeu para a imigração legal, com AG argumentando que, na prática, a diferença entre imigrantes legais e ilegais é mínima em termos de impacto no país. Ele destacou as preocupações com imigrantes do Terceiro Mundo, especialmente aqueles de regiões em crise, independentemente de sua situação legal.

AG ressaltou sua preferência por imigrantes do que considera como Primeiro Mundo (ocidentais, brancos, europeus, de países do norte), mas argumentou que, no geral, Portugal não precisa de mais imigração. Ele discute a possibilidade de deportações, mas com a ressalva de que, se os imigrantes respeitarem o país e estiverem integrados, podem até ser considerados portugueses. Quando questionado sobre essa separação de imigrantes desejáveis e indesejáveis, AG demonstrou sua face mais racista.

AG: Por exemplo, olha para África, que é o melhor exemplo de todos, acho eu. A maioria dos países de África estão em caos, estão em ruína e violência diária e não existem sequer governos, tipo gangs ou cartéis com AK47 a dominar certas regiões. Essas pessoas quando entram em Portugal, qual é a diferença entre terem os papéis certos ou não? Tipo, tem aqui um papel que tem o meu nome, já um avatar ou algo assim. Um nome africano e está aqui com a minha foto. E pronto, agora tenho permissão para entrar. Qual é a diferença entre um africano que vem da exata mesma região que o tipo de um barco como refugiado e de uma certa maneira ilegal? Qual é a grande diferença? E o que eu acho? Qual é a grande diferença? E não só isso, mas não é a questão. Assim, o seu problema é se entrar ilegalmente, mas se ele consegue, por exemplo, a documentação no consulado antes de imigrar também. Só para eu entender. É a mesma. Eu só estou a dizer que a mesma pessoa tem os mesmos problemas, está a trazer os mesmos problemas consigo e a mesma pessoa simplesmente tem ou não um pedaço de papel ou um cartão de plástico.

AG expressa posições relacionadas à imigração que podem ser consideradas mais radicais do que o Chega, que publicamente tem posicionamentos mais moderados. O forte racismo presente em seu discurso classifica etnias, culturas e nacionalidades como mais ou menos desejáveis, embora posicione-se contrário a toda forma de imigração. A narrativa de AG passou então a ser pincelada de elementos supremacistas. Ele enfatizou a superioridade percebida de imigrantes europeus em comparação ao que chama de Terceiro Mundo, destacando a "diferença" entre africanos e portugueses. Nesse momento da entrevista, AG se referiu diretamente a mim como exemplo de "imigrante bem-vindo", pois, ainda que brasileiro, tenho uma integração cultural suficiente para conviver e contribuir com a sociedade portuguesa, segundo ele. Logo em seguida se corrigiu, rindo, afirmando que só seria bem-vindo se compartilhasse de "bons posicionamentos políticos".

Ao se posicionar a favor das restrições à imigração, AG estabelece critérios étnicos e culturais, delineando uma preferência acentuada por imigrantes europeus, especialmente franceses. Essa preferência é fundamentada em uma percepção de superioridade cultural. AG defende deportações, com critérios que se baseiam não

apenas na legalidade, mas também na lealdade percebida a Portugal, ou seja, a capacidade de estar culturalmente alinhado com os valores europeus. Suas críticas a imigrantes indianos por suas diferenças culturais, religiosas e de costumes mostram que, para AG, deve haver uma completa submissão cultural, aos moldes coloniais, para a permanência no país. O direito legítimo de cidadania e permanência deveria ser baseado em laços de sangue e na capacidade de submissão cultural.

Perguntei então sobre os milhões de descendentes de portugueses residentes no Brasil que, em tese, teriam sangue e cultura ocidental e, portanto, direito à cidadania. AG então introduziu que os critérios de sangue implicam a pureza étnica, se aproximando das teorias nazistas e supremacistas. Acredito que, nesse momento da entrevista, consegui chegar ao cerne da questão: o racismo de AG tem a ver com o racismo científico aos moldes nazistas e essa é a base para o discurso anti-imigração de grande parte das páginas e grupos analisados. Porém, poucos possuem coragem de assumir essa posição publicamente, como AG fez.

A violência e a agressividade presentes nas postagens, interações e posicionamentos dos ativistas na esfera pública midiaticizada têm raízes profundas. Esses comportamentos não surgem isoladamente, mas são alimentados pelo contexto das bolhas digitais em que os ativistas estão inseridos, conforme buscamos demonstrar com a tese. Embora não representem oficialmente as posições do Chega ou da juventude do partido, essas atitudes refletem um subtexto que circula entre os membros da base. Dentro dessas comunidades on-line, há uma espécie de vigilância e autocensura, em que discursos considerados moderados, como os de André Ventura, são alvo de críticas e desconfiança. Esse fenômeno fica claro em situações como a mencionada entrevista com AG, quando qualquer desvio da retórica mais incisiva e confrontacional é percebido como um enfraquecimento ou traição aos ideais do grupo. Assim, a dinâmica de extremismo e radicalização é mantida e reforçada, dificultando a emergência de diálogos construtivos e moderados dentro desses círculos ativistas.

7.4 Ativismo anti-imigração independente

Este tópico destina-se a explorar o ativismo anti-imigração que não está necessariamente vinculado à juventude do partido Chega. Uma abordagem

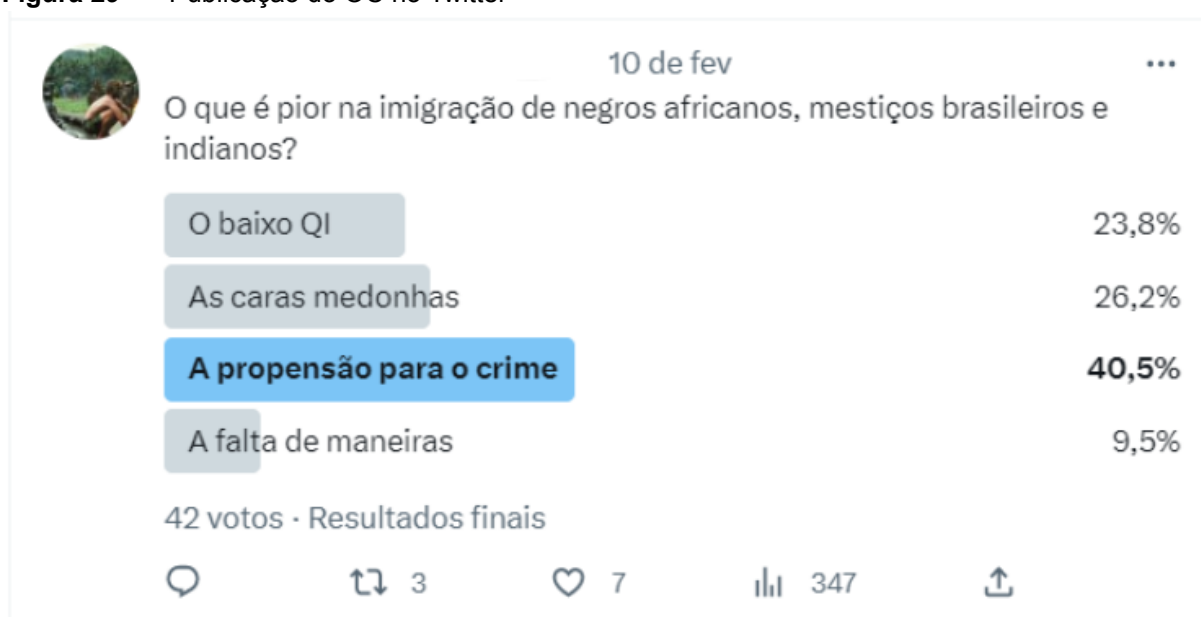
etnográfica digital foi conduzida em três páginas relevantes para o cenário político e social em questão: OC, IP e RCP. Na imersão nesse campo complexo, busquei compreender as dinâmicas, discursos e estratégias adotadas por grupos e indivíduos que posicionam-se de maneira contrária à imigração, identificando nuances e padrões que podem se estender para além das fronteiras partidárias específicas. A esfera pública, objeto de análise neste capítulo, revela-se como um fenômeno concebido com o propósito específico de combater a presença de imigrantes em Portugal, em especial imigrantes racializados e não europeus.

7.4.1: Racismo e supremacismo em OC

A entrevista realizada com o administrador da página OC, que acumula cerca de 800 seguidores no Twitter⁴³, lança luz sobre a radicalidade que acompanha muitos desses espaços digitais. A prática abertamente supremacista, com classificação determinista de etnias, nacionalidades e culturas revelada durante a entrevista e nos conteúdos coletados nas redes destaca-se como um elemento mobilizador que sustenta o repertório de ação de OC em seu ativismo. Esse perfil, ao assumir uma postura radical e abertamente supremacista, desempenha um papel crucial na liderança e no direcionamento ideológico dessa esfera pública específica, influenciando diretamente a narrativa anti-imigração que é propagada. O estilo das postagens de OC podem ser vistas nas figuras a seguir.

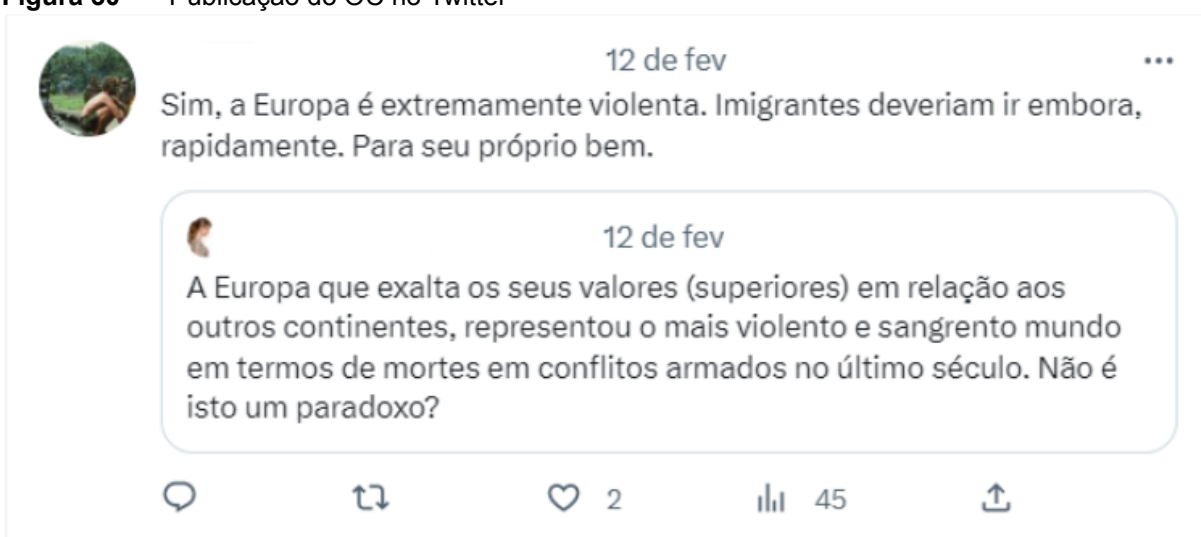
⁴³ Coleta realizada em 05/02/2024.

Figura 29 — Publicação do OC no Twitter



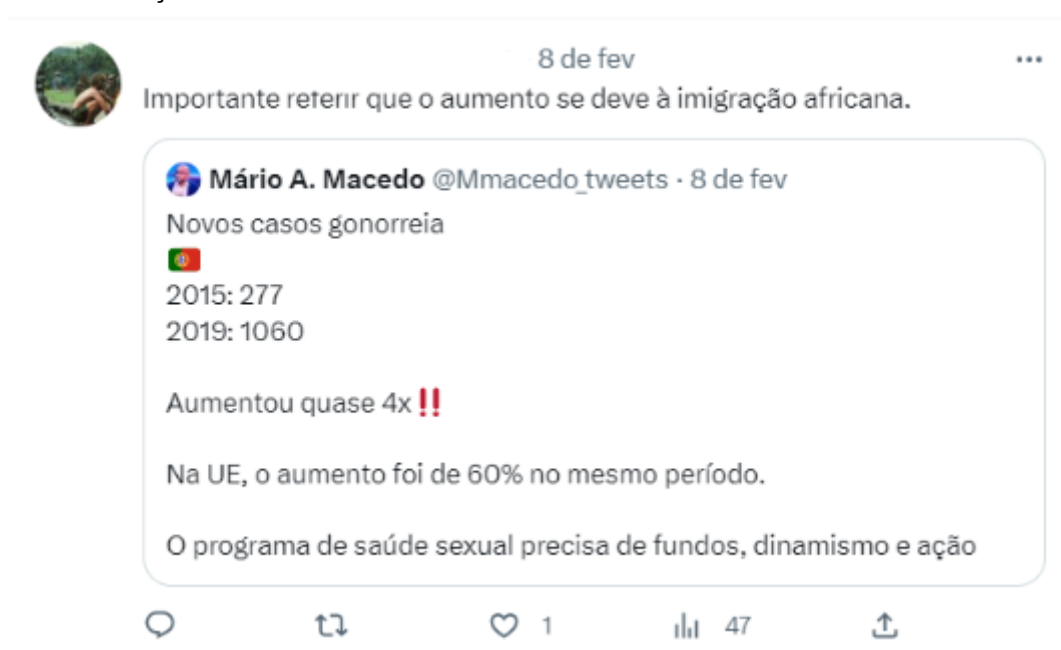
Fonte: Twitter/OC.

Figura 30 — Publicação do OC no Twitter



Fonte: Twitter/OC.

Figura 31 — Publicação do OC no Twitter



Fonte: Twitter/OC.

A natureza radical dessas esferas públicas que acionam representações sociais de ódio e violência é exemplificada pela entrevista com o administrador da OC, e demanda um olhar crítico sobre a amplitude e a profundidade do discurso anti-imigração em Portugal. Ao ser perguntado quando passou a se interessar por política, OC afirma:

OC: Interesse-me por política desde a adolescência. Apesar de desde criança saber das diferenças entre raças ao nível da inteligência ou da propensão natural para a violência, só o converti numa orientação ideológica nos últimos 10 anos, a saber quando se intensificou a invasão étnica em Portugal. Percebi então que assuntos económicos ou de costumes seriam irrelevantes se Portugal e a Europa deixassem de ser maioritariamente brancos, cenário previsível a prazo caso os fluxos migratórios continuem como estão.

OC é um típico ativista anti-imigração no mundo midiaticizado da juventude de extrema direita nas plataformas digitais, que assusta pela sua radicalidade e pela abertura com relação às suas convicções, sem constrangimento. Por isso mesmo, constantemente deve criar uma nova página devido às limitações, bloqueios e banimentos que recebe das plataformas, o que chama de censura. Em meio ao complexo espectro da defesa identitária em Portugal, OC se destaca por sua visão política que supera as linhas partidárias convencionais e beira a ideologias nazistas e de supremacia racial. Ele afirma que atualmente sua simpatia é pelo Chega, mas

ele não é filiado por ter ressalvas quanto à necessidade de melhorias em certos aspectos, nomeadamente uma maior radicalidade do partido e o que chama de “coragem para enfrentar a ameaça cultural”.

Em sua perspectiva política, OC é outro que fundamenta suas crenças na realidade percebida do que chama de “invasão étnica” e nas consequências associadas ao aumento da criminalidade, que associa sempre à imigração, em especial islâmica e africana. A percepção de OC é de que partidos *mainstream* adotarão, fatalmente, posturas mais rígidas sobre imigração, em resposta ao descontentamento popular. Para ele, trata-se de um processo natural: a única solução para os problemas de Portugal e da Europa seria o endurecimento das normas anti-imigração, especialmente para preservar a maioria branca no continente, sua cultura, tradição e valores. O multiculturalismo e a diversidade seriam, portanto, os grandes inimigos a serem combatidos e que estariam levando o país à depravação.

Ao se autodefinir como um jovem conservador em Portugal, OC fala sobre as características dessa identidade extremista. Sua crítica à própria definição de “conservadorismo” evidencia uma consciência reflexiva sobre as contradições dentro do movimento conservador. Ele acredita que o próprio conservadorismo, ao adotar princípios de igualdade, guarda problemáticas que hoje são responsáveis pelos impasses do mundo contemporâneo. A desigualdade seria natural, com os europeus no “topo da cadeia evolutiva”, com uma cultura civilizada e superior. Portanto, ele se considera mais como um reacionário “ocidentalista” que pretende rever princípios básicos calcados na sociedade, como a própria democracia. Também opõe-se radicalmente às pautas feministas, dos movimentos LGBTQ+ e anti-racistas, além das pautas tradicionais do que ele considera de esquerda. Ainda assim, ele enxerga a opressão de europeus e portugueses em seus próprios países como uma forma de racismo contra brancos. Portanto, OC figura como um agente político cujo perfil é moldado pela interseção de densas forças identitárias reacionárias, incorporando nuances dentro do espectro conservador em Portugal e refletindo as tensões ideológicas inerentes à sua posição. No entanto, o foco de seu ativismo no momento é o movimento anti-imigração, considerado o principal problema em Portugal.

OC: O problema migratório (e consequente substituição populacional) deriva precisamente da presença significativa, crescente e inédita de indivíduos de raça não europeia, cuja presença era residual ou nula há cerca de cinquenta anos. A

sua presença tem fortes implicações sociais e culturais, dado que, em primeiro lugar, interfere na identidade colectiva (que, de forma consciente ou inconsciente, assenta na proximidade genética). Imigração vinda da Ucrânia por exemplo não me incomoda por precisamente se tratar de pessoas da nossa raça. Imigrantes com elevado QI, que não cometem crimes e são ordeiros. Além de esteticamente, por serem europeus, não serem desagradáveis à vista. Imigrantes brasileiros nomeadamente não me oporia à sua vinda, apenas caso tivessem exclusiva ascendência europeia. Seriam muito mais facilmente integráveis na nossa sociedade e uma mais-valia. Quanto a imigrantes chineses, apesar de em geral não cometerem crimes, incomodam pelo simples facto de não serem "nós". Porém, termos uma ínfima porção de imigração chinesa não me incomoda.

No trecho da entrevista com OC, evidencia-se uma série de discursos e representações relacionadas ao racismo, supremacismo, determinismo e com a hierarquização de identidades coletivas com base em ideologias nazistas. No contexto da questão migratória e da intolerância extrema com relação ao diferente, é mostrada a mínima disposição em sequer tolerar ou considerar a convivência com o outro a partir de características físicas. OC, ao articular suas visões, delineia claramente uma perspectiva racializada elaborada de forma radical, marcada por distinções entre diferentes grupos étnicos e a supressão da alteridade. OC introduz o problema migratório e o que chama de “substituição populacional”, associando-o especificamente à presença crescente de indivíduos não europeus. A crença de que a presença desses indivíduos interfere na identidade coletiva nacional e europeia, fundamentada por uma ideia erroneamente atribuída à proximidade genética, reafirma uma percepção da identidade que se baseia em pressupostos racistas do século XIX. A preferência expressa por imigrantes europeus, como os provenientes da Ucrânia, revela uma hierarquização étnica com base fenotípica. OC associa positivamente esses imigrantes à sua própria raça, enfatizando características como “elevado QI”, “ausência de crimes” e “ordem”, além de mencionar a estética europeia como única bela e tolerável no espaço público.

O fundamento da discriminação se reforça quando OC aborda a presença de imigrantes brasileiros e chineses. A disposição para aceitar imigrantes brasileiros é condicionada à exclusiva ascendência europeia, ou seja, brasileiros brancos com traços e cultura ocidental, destacando novamente a prevalência de critérios estéticos na aceitação. A resistência aos imigrantes chineses é explicitamente vinculada à diferença étnica, indicando uma perturbação baseada na alteridade fenotípica. O trecho ressalta uma tendência de estetização racial, sugerindo que a aceitação está atrelada não apenas a critérios culturais ou socioeconômicos, mas também à percepção subjetiva da aparência. A menção à estética europeia como um fator

positivo destaca como o preconceito pode ser moldado por padrões estéticos influenciados por ideais eurocêtricos. Como solução para a questão migratória, OC aponta a interrupção imediata dos acordos e fluxos migratórios e a deportação dos imigrantes irregulares. Para ele, essa é uma resposta a ser dada a nível europeu, com o fechamento das fronteiras e restrição da entrada de imigrantes de outros continentes.

Figura 32 — Publicação de OC no Twitter



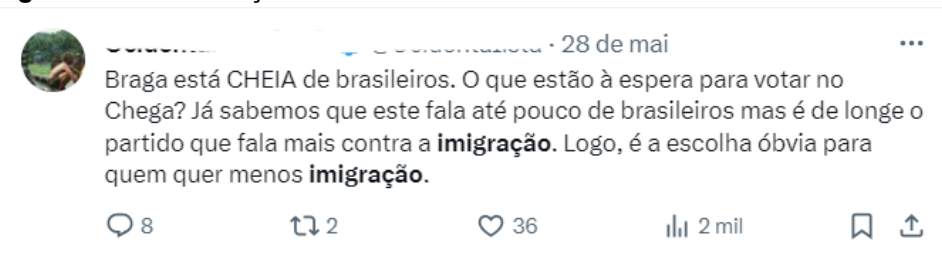
Fonte: Twitter/OC.

Figura 33 — Publicação do OC no Twitter



Fonte: Twitter/OC.

Figura 34 — Publicação do OC no Twitter



Fonte: Twitter/OC.

As Figuras ilustram mais sobre o posicionamento de OC: trata-se de uma simplificação cultural e étnica pautada no racismo científico e na desqualificação do outro. Trata-se do “bom” e “mal” brasileiro, que, evidentemente, tem critérios raciais em sua concepção. São problemas estéticos, culturais e dos costumes do outro. Trata-se de um bruto estado de preconceito e discriminação. E não à toa, tais ativistas têm tendência para aproximação ao Chega, ainda que não sejam militantes e filiados oficiais.

Também chama atenção na Figura 34 o convite para todos que se incomodam com a presença de imigrantes a votarem no Chega, pelo fato de ser um partido anti-imigração. Ainda que no caso do Chega não haja um discurso radical e direcionado a um grupo de imigrantes específicos como observamos em OC, a ideologia do partido de Ventura, no contexto da política partidária, é a que mais aglutina e mobiliza esses ativistas que possuem restrição com a presença de

imigrantes, ainda que o partido não se oponha abertamente à presença de brasileiros.

7.4.2: Discurso objetivo e simulação de notícias: o ativismo do IP

No contexto do ativismo digital anti-imigração, a página IP destaca-se como uma página que adota uma estratégia de ação distinta em comparação com outras plataformas ativistas. Sua abordagem se diferencia ao buscar transmitir a mensagem a partir de uma estética que simula a neutralidade e objetividade na discussão do discurso anti-imigração, recorrendo a linguagens jornalísticas para atingir esse propósito. O IP surgiu em 2019 como uma página que não apenas dissemina perspectivas anti-imigração, mas também busca moldar sua imagem através de um verniz de imparcialidade, conferindo-lhe uma aparência mais informativa. Ao fazer isso, aciona representações sociais e estereótipos comuns ao imigrante, como a criminalidade, a falta de respeito e a substituição populacional e cultural advinda da integração com o Outro.

O destaque do IP no cenário digital é evidenciado por expressivos números de alcance e seguidores. Com uma audiência robusta, a página acumula 23,5 mil seguidores no Twitter e mais de 22 mil subscritores no Telegram⁴⁴, consolidando-se como uma das principais vozes anti-imigração nas plataformas de mídia social na esfera pública portuguesa. Essa amplitude de alcance sugere uma influência importante e notável na configuração do discurso público em torno de questões relacionadas a crime, imigração, demografia, política e corrupção, a partir de narrativas conservadoras e extremistas, que utilizam-se de representações sociais negativas para reforçar o ódio contra o migrante. O IP apresenta-se como uma página de notícias com um enfoque claro, articulado em seu slogan: “a verdade sobre a imigração em Portugal”.

Ao adotar a terminologia jornalística, a página busca legitimidade e credibilidade, apresentando-se como uma fonte informativa que se propõe a fornecer análises objetivas desses temas. Essa abordagem é um elemento crucial para compreender a dinâmica do IP, que se distingue de outras páginas pela tentativa de consolidar uma imagem de neutralidade em meio a um cenário frequentemente polarizado. No entanto, conforme é possível observar nas figuras abaixo, a tentativa

⁴⁴ Coleta realizada em 08/02/2024.

de transmissão de notícias com uma linguagem noticiosa fica apenas no campo estético, já que a página reproduz elementos de desumanização, discriminação e esteriotipação do Outro.

Figura 35 — Publicação do IP no Twitter



Fonte: Twitter/IP.

Figura 36 — Publicação do IP no Twitter



Fonte: Twitter/IP.

Figura 37 — Publicação do IP no Twitter



Fonte: Twitter/IP.

Conforme as figuras acima, a página IP revela-se como uma presença digital de significativa influência, impulsionada por um discurso anti-imigração enraizado na extrema direita. Existem alguns elementos cruciais que delineiam essa comunidade virtual, que contribui para a construção de uma esfera pública cujas representações sociais são pautadas em estereótipos raciais e étnicos comuns na sociedade portuguesa, bem como na discriminação racial e étnica. A utilização de termos como "etnomasoquismo", "favelados", "mestiços" e "degenerados" para se referir a imigrantes configura uma estratégia comunicativa que, além de expressar preconceitos, também contribui para a construção de narrativas desumanizadoras, marginalizando grupos específicos.

A estética adotada pela página busca conferir credibilidade às postagens, contudo, sua frequente associação com fake news e desinformação evidencia uma dicotomia frequentemente denunciada nos comentários das postagens. A inclusão de um vídeo de um humorista como um fato concreto (Figura 36) ilustra a manipulação dessa estética para influenciar a percepção de veracidade, levantando questões sobre a confiança depositada pelos seguidores. Na narrativa da página, encontramos os apontamentos de "invasão" e "substituição populacional" por brasileiros e africanos, alinhando-se a discursos similares de outros ativistas anti-imigração.

O engajamento forte, com postagens atingindo cerca de 500 mil usuários no Twitter, posiciona a página como uma força expressiva no cenário digital português de narrativas anti-imigração. As postagens servem de subsídio a outros ativistas produzirem e acionarem representações sociais que fortalecem suas narrativas extremistas. A compreensão das razões por trás desse engajamento, que pode ser influenciado pela persuasividade do discurso, estratégias eficazes de comunicação e pelo favorecimento da economia da atenção das Big Techs, que, ainda que receba avaliações negativas, acaba tendo efeitos de viralização, demonstram a relevância de compreender essas páginas pela ótica dos estudos em comunicação.

Além disso, a constatação de uma atividade consistente, com cinco a 10 publicações regulares por semana, sublinha a importância da frequência na manutenção do interesse e participação do público, que é constantemente lembrado e bombardeado com conteúdos contra imigrantes, fortalecendo suas narrativas a partir da estratégia de repetição. Assim, a página IP representa um fenômeno digital de expressiva relevância no ativismo anti-imigração português, contribuindo para a criação de uma esfera pública inundada por narrativas estereotipadas, distorcidas e com o objetivo nítido de tratar o imigrante como inimigo a ser combatido.

Assim, o IP, ao empregar não apenas uma presença em páginas de redes sociais, mas também estruturas organizadas em grupos de serviços de mensagens, sinaliza um esforço consciente de construir uma comunidade ativa e engajada. Essa estratégia visa não apenas a disseminação de conteúdos, mas também a criação de um espaço de interação e compartilhamento de ideias entre membros, contribuindo para uma coesão interna e, potencialmente, para a amplificação do impacto de suas mensagens.

7.4.3: A colonialidade em RCP

Ao analisar a página RCP no Twitter, encontrei uma narrativa que subverte as convencionalidades históricas, que propõe a atualidade europeia como uma visão inversa da dinâmica colonial. A página defende que, atualmente, a Europa sofre uma colonização reversa por parte de africanos e asiáticos. O cerne da missão proclamada pela RCP é denunciar o que ela rotula como "racismo contra europeus na Europa", concentrando suas análises e críticas, de maneira particular, em Portugal. O foco preeminente da RCP repousa sobre a urgência de se posicionar

especialmente contra a presença islâmica na Europa, caracterizando-a como uma iminente ameaça de invasão e substituição populacional. A atuação da página ultrapassa os confins digitais, manifestando-se tangivelmente por meio da organização de protestos anti-imigração, sobretudo direcionados aos muçulmanos, nas ruas de Lisboa. A conexão entre o virtual e o material revela-se como um fenômeno complexo e multidimensional, essencial para compreender a influência e o alcance dessa comunidade on-line no contexto sociopolítico português, o que também demonstra a força que o ativismo anti-imigração tem conquistado no país.

Com uma audiência significativa de 19,5 mil seguidores⁴⁵, a página não apenas se torna uma voz digital, mas também se alinha politicamente ao partido Chega, destacando sua influência na esfera política portuguesa, e ativamente compartilhando conteúdos e dialogando com publicações do partido. A análise da RCP transcende os discursos virtuais e revela a tessitura de práticas que ecoam no cenário físico, por meio de protestos e manifestações. O conteúdo disseminado pela RCP revela-se ainda mais complexo ao abordar temas sensíveis, como a relativização do nazismo e das ideias de Adolf Hitler. As publicações, que pregam o "orgulho em ser branco" e categorizam imigrantes como inimigos, delineiam uma ideologia que concretiza-se em uma loja própria, ofertando produtos nacionalistas. As camisetas adornadas com brasões e slogans impactantes, como "Portugal aos verdadeiros portugueses", servem como artefatos materiais que manifestam visualmente a ideologia propagada pela página.

O número 1143, celebrando o Tratado de Zamora como o marco da independência portuguesa com a Dinastia Afonsina, é incorporado não apenas como um elemento histórico, mas como um símbolo vivo que ecoa a narrativa nacionalista da RCP. Nesse espaço etnográfico, a sobreposição entre o discurso on-line e as práticas materiais revela-se como um ponto central de análise, oferecendo insights valiosos sobre a interseção entre o ciberespaço e a realidade sociopolítica de Lisboa. A página RCP não se limita a uma esfera virtual; ela se entrelaça e permeia as intrincadas tramas do cotidiano, contribuindo para a complexa tapeçaria de narrativas que moldam o tecido social local.

A manutenção da página RCP é feita por um conhecido ativista neonazista em Portugal e revela os contornos complexos da interseção entre o ciberespaço e a presença da extrema direita radical na sociedade portuguesa e suas imbricações

⁴⁵ Coleta realizada em 06/02/2024.

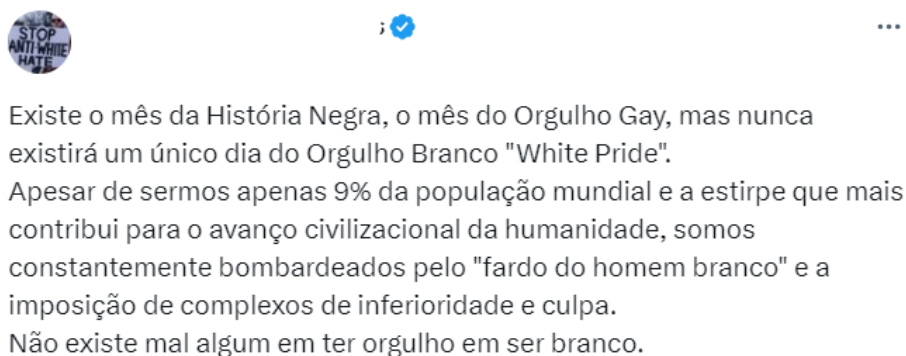
racistas e xenofóbicas. Esse ativista, cujo nome será omitido para evitar uma amplificação não intencional de sua plataforma, emerge como uma figura de destaque, fundando e participando de diversos grupos de extrema direita, neonazistas e skinheads desde a década de 1990. Sua trajetória, permeada por ações e discursos radicais, molda de maneira inegável o cenário extremista de Portugal, construindo uma esfera pública com pinceladas neonazistas. Esse indivíduo foi citado por dois entrevistados como sendo referência de ativismo no país. O ativista em questão é um participante ativo em diversas páginas neonazistas e tem enfrentado condenações em várias ocasiões por crimes de ódio. O fato de permanecer em liberdade condicional adiciona um elemento de desafio ao entendimento de sua dinâmica e impacto na sociedade. Busquei realizar uma entrevista com ele, mas foi negada por “falta de tempo hábil”. De todas as páginas que analisamos, a RCP é a que possui conteúdo mais radical em relação às outras, conforme demonstram as figuras abaixo.

Figura 38 — Publicação do RCP no Twitter



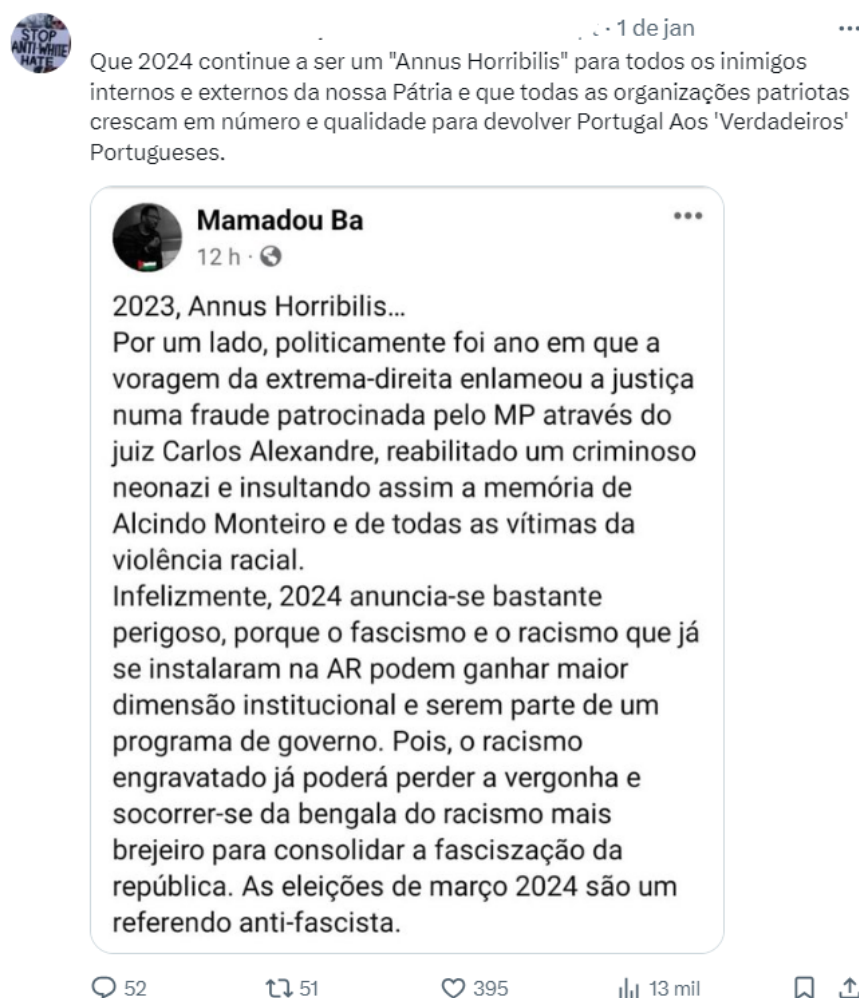
Fonte: Twitter/RCP.

Figura 39 — Publicação do RCP no Twitter



Fonte: Twitter/RCP.

Figura 40 — Publicação do RCP no Twitter



Fonte: Twitter/RCP.

Figura 41 — Publicação do RCP no Twitter



Fonte: Twitter/RCP.

A análise etnográfica das imagens da página RCP revela um ativismo que vai além da mera oposição à imigração, assumindo uma postura reacionária que se opõe a avanços sociais para grupos não brancos e não europeus. A abordagem adotada por essa comunidade virtual é marcada por viés racista, LGBTQfóbico, islamofóbico, misógino e uma inclinação com viés colonial, expondo uma ampla gama de preconceitos e discriminações. É notável a oscilação da página entre momentos de explicitação direta do racismo e momentos em que busca disfarçar essas posições sob uma aparência de contenção. Esse padrão sugere uma estratégia dupla, onde a página se adapta ao contexto, ora sendo explícita em seus preconceitos e, em outros momentos, buscando uma abordagem mais disfarçada para atenuar possíveis críticas.

Um aspecto particularmente intrigante é a apropriação irônica do termo "antirracista" por parte da página. Ao se autointitular como "antirracista" de forma irônica, a RCP parece tentar inverter o significado do termo, pregando a defesa dos brancos sobre a suposta ameaça de perseguição. Esse uso irônico da linguagem revela não apenas uma estratégia discursiva, mas também uma tentativa de manipular conceitos amplamente reconhecidos, desafiando sua essência original.

Essa ambiguidade na apresentação da página, alternando entre momentos de expressão direta de preconceitos e períodos de camuflagem, destaca a complexidade da estratégia de comunicação adotada pela RCP. A abordagem reflete a adaptabilidade da página às dinâmicas sociais e aos contextos específicos e evidencia a intenção de moldar percepções e se esquivar de potenciais críticas. Em última observação, a análise etnográfica desses elementos visuais da página RCP oferece uma compreensão importante do caráter multifacetado de seu ativismo, revelando uma tentativa de conciliação entre posições extremistas e estratégias de dissimulação em meio à contínua disseminação de ideias discriminatórias.

Com este capítulo, pudemos compreender a dinâmica do ativismo anti-imigração no contexto português. Não trata-se de um ativismo coeso e fortalecido, que toma as ruas com pautas bem definidas e com adesão social. Também não tenho elementos suficientes para afirmar que trata-se de um movimento social organizado, com pautas definidas, articulações e estratégias pensadas. O que encontrei é um mundo midiaticizado de ativismo digital: ativistas individuais, grupos em aplicativos de mensagens, páginas e pessoas que se apropriam da lógica de engajamento e viralização das plataformas digitais para se fazerem relevantes onde circulam discursos e conteúdos anti-imigração para um grupo considerável de pessoas. Alguns têm conexões diretas com a juventude do Chega, enquanto outros defendem posturas mais radicais com relação ao discurso anti-imigração. São espectros que variam desde um maior equilíbrio e a tentativa de abordar a questão dentro de um debate institucional, como faz a juventude do Chega, e até páginas abertamente supremacistas, como é o caso de OC e RCP. Muitos ativistas apropriam-se de discursos radicais com perspectivas de produzirem capital político para se projetarem politicamente no futuro, como é o caso de AG e FA. O ativismo anti-imigração, apesar de não ser majoritário nas esferas social e política e, apesar das atuações institucionais de Portugal para coibir a prática do ódio por meio de campanhas e falas nos meios de comunicação, ainda oferece riscos para a democracia, especialmente pelo fato de concentrar-se nas camadas mais jovens do país e estar em crescimento.

O fato do ativismo anti-imigração estar visível na esfera pública significa também que esse sentimento está mais difundido na sociedade. Um sentimento que mistura-se com representações sociais construídas na colonialidade, que ainda se faz presente na expulsão do outro com base na etnia, religião, origem, gênero e

sexualidade. Um outro fator que atua no sentimento anti-imigração é o sentimento de exclusão social e degradação da confiança nas instituições, constatadas pelas pessoas ao notarem uma queda na qualidade de vida (Pellegrini, et. al. 2021). A reação com relação ao presente e o sentimento de que o Outro é responsável pela deterioração de um modo de vida, seja ele econômico, social ou cultural, tende a ser a culpabilização da alteridade. Notamos isso em alguns discursos reacionários, que apontam as políticas de inclusão e até o período democrático em Portugal após a Revolução dos Cravos como fatores determinantes para a “degradação da sociedade portuguesa”.

Ainda assim, apesar de demonstrarmos alguns casos de ativismo anti-imigração, Portugal encontra-se numa fase inicial desse discurso, embora, ao meu ver, já ofereça risco. Em comparação com outros países que efetivamente possuem partidos com discursos radicais contrários à imigração, inclusive alcançando o governo, como é o caso da Itália de Giorgia Meloni, Portugal ainda não chegou a esse extremo. Isso não significa que, consideradas as particularidades do país, os ingredientes para a intensificação desse discurso não estejam presentes na esfera pública. Além disso, os casos aqui retratados representam uma amostra pequena e não são capazes de definir, por si só, uma dimensão completa dos discursos anti-imigração que circulam na sociedade portuguesa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há pouco mais de 30 anos, Francis Fukuyama utilizava o conceito de “Fim da História” para celebrar o triunfo da democracia liberal como sistema definitivo após o fim da Guerra Fria. No entanto, o mundo atual e seus conflitos, impasses e crises, inclusive das próprias democracias e dos estados de bem-estar social (Cunha, 2015; 2019) nos obriga a refletir sobre fenômenos que pareciam estar superados ou controlados, como o caso da emergência da extrema-direita populista em todo o mundo, bem como sua estrutura midiaticizada. Crises econômicas globais são cada vez mais frequentes e refletem uma Ordem Mundial que ainda está longe do equilíbrio social, político, ambiental, com o aumento das desigualdades, da intolerância e da violência em todo o mundo. Tais crises expõem a verdadeira face de uma globalização neoliberal que jamais rompeu com o colonialismo, com o “sujeito universal” e com a estrutura de desigualdade (Rago, 1998). As crises atuais, entendidas como macrocontexto da tese, revelam o próprio esgotamento do capitalismo como sistema capaz de dar respostas satisfatórias aos problemas do mundo.

A desigualdade, conflitos e colonialidade ainda estão presentes e vivos no mundo, produzindo fenômenos sociais e políticos como o crescimento do nacionalismo, do populismo, da extrema-direita e a dissolução de valores como respeito, empatia, tolerância e humanidade. Se, por um lado, cada ser migrante tem uma justificativa para o seu deslocamento, seja pela simples vontade de mudar, ou pela fuga de perseguições, violências, miséria ou tragédias, por outro, as fronteiras do mundo foram determinadas historicamente por uma série de eventos protagonizados pelos seres humanos. Ou seja, as fronteiras de hoje são decisões políticas necessárias ao funcionamento da Ordem Global. Os fluxos migratórios são decorrentes de problemas e situações que, em muitos casos, ainda são consequência dos séculos de colonialismo e imperialismo europeu com o restante do mundo e que se mantêm agora no contexto da globalização neoliberal, estruturada comunicativamente pela midiaticização das plataformas digitais. Ao realizar a etnografia com os grupos anti-imigração, fica nítido que a mentalidade que legitimou a atuação colonial ainda segue viva no conjunto de representações que circulam no imaginário social, podendo retornar sempre que houver um ambiente e um contexto político e social propício.

A tese torna evidente que a vivacidade desse complexo cenário é o que possibilita a lógica de disputas identitárias que hoje domina o centro da esfera pública portuguesa, cuja temática da imigração ocupa um importante eixo do debate público político catalisado pelo crescimento da extrema-direita. Com esta tese, buscamos compreender os processos que estruturam a esfera pública midiaticizada em Portugal em relação à questão migratória, com foco especial na imigração brasileira. Os resultados apontam para dinâmicas complexas, marcadas por interações, usos midiáticos diversos em plataformas digitais e apropriações de sentidos por parte de ativistas migrantes e anti-imigração que se manifestam a partir de características e organizações distintas. O repertório de ação e a produção midiática desses ativistas se destacam pela diversidade de estratégias e abordagens utilizadas para mobilizar apoio e alcançar suas demandas em ambientes tanto em ambientes online, quanto nas ruas, praças e no cenário político.

Um dos objetivos fundamentais desta tese foi compreender as representações sociais que emergem em torno da questão migratória, sobretudo nas disputas identitárias disseminadas em ambientes informacionais digitais em Portugal. Os resultados obtidos revelam formas distintas de mobilização, com repertórios de ação compostos por pressupostos, valores, objetivos e estratégias completamente divergentes. Por um lado, o ativismo migrante se caracteriza por redes de solidariedade, empatia, engajamento e mobilizações voltadas para a inclusão e integração, defendendo o legítimo direito de viver com dignidade e direitos. Por outro lado, o ativismo anti-imigração articula representações sociais embasadas em estereótipos, superioridade racial, nacionalismo, populismo e discursos de ódio em suas estratégias. Essas abordagens, em última instância, refletem uma postura anti-Outro, buscando a exclusão do diferente em uma sociedade que preconiza igualdade, unidade por meio de laços identitários, mitos nacionais e laços sanguíneos que reforçam a desigualdade e desumanizam o diferente. O ativismo migrante é marcado por maior concentração em espaços físicos, oferecendo atendimentos, eventos, debates, palestras, atuando para promoção de políticas públicas. Já o ativismo anti-imigração é concentrado nas plataformas digitais, seguindo a lógica comunicativa de viralização, engajamento, desinformação e radicalidade que permitem o discurso de ódio e a perseguição contra minorias sociais.

O discurso anti-imigração em Portugal ganhou intensidade, especialmente entre a juventude, em resposta ao aumento dos fluxos migratórios nos últimos anos, associado ao agravamento de problemas sociais estruturais na sociedade portuguesa, como questões habitacionais e baixos salários em comparação com o restante da Europa. A presença dos imigrantes tem sido instrumentalizada pela extrema-direita como catalisadora de um discurso de ameaça, inimizade e medo de que a maioria portuguesa se veja em posição de minoria em seu próprio país. É muito importante notar que, apesar desta tese ter como foco a imigração brasileira, que representa a maior comunidade imigrante no país, esta não é a comunidade mais afetada pela mobilização contra o imigrante. Ao menos não de forma homogênea: os ativistas anti-imigração tem como foco grupos e comunidades de maior diferença étnica, como africanos e negros de outros países, imigrantes islâmicos, indianos e chineses. Imigrantes brancos e ocidentais costumam ser mais tolerados pelos grupos.

A narrativa de extrema-direita rotula a presença dos imigrantes como uma invasão, consolidando-se em redes e grupos nas plataformas digitais dedicados à disseminação de conteúdo de ódio permeado por racismo, xenofobia, misoginia e islamofobia. Muitos desses ativistas pontuam a necessidade de “reconquista” do país, como fica evidente na produção “Reconquista: A Grande Invasão”⁴⁶, produzida em formato de reportagem por parte dos ativistas anti-imigração como forma de denúncia do que chamam de “invasão étnica”. No entanto, esses mesmos problemas sociais agravam e dificultam a vida de grande parte dos imigrantes, especialmente aqueles sem documentação, mulheres e não brancos, já que Portugal é um país da periferia econômica da Europa, cujo mercado de trabalho enfrenta grandes dificuldades (Cunha, 2015).

Durante o processo etnográfico, observamos a realidade dolorosa de imigrantes que, em condições precárias nas ruas, enfrentam dificuldades financeiras até mesmo para custear despesas básicas, como passagens de retorno. A busca por auxílio por parte desses imigrantes destaca-se como uma faceta inegável da realidade, corroborada por relatos que revelam a vulnerabilidade extrema dessa população. O Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração da Organização Internacional para as Migrações (OIM) registrou um grande aumento no número de solicitações de assistência em Portugal. Com base nos dados de

⁴⁶ Disponível em: <https://www.recon.pt/invasao> Acesso em: 31/01/2024.

2022, uma média de aproximadamente 80 pessoas por mês se inscreveram no programa da OIM. Entre todos os que buscam ajuda, 92% são brasileiros em situação de extrema vulnerabilidade.

A par disso, os relatos de violência também tornam-se cada vez mais frequentes, alimentados gradualmente por discursos políticos como os do Partido Chega e seus apoiadores. Este cenário demanda reflexões sobre as implicações reais desse discurso, que não apenas marginaliza e vitimiza os imigrantes, mas também contribui para a perpetuação de um ambiente hostil e segregador. Ainda assim, apesar desse cenário, é importante reconhecer que a mobilização anti-imigração em Portugal não tem a mesma força do que em outros países europeus, como a França ou a Itália, por exemplo. São movimentos ainda muito restritos às bolhas digitais, ainda que existam movimentos para “furar” essa bolha, com manifestações de rua e pressão de base, como observamos no Congresso do Chega. A pauta da imigração na mídia tradicional também integra um discurso superficial, do imigrante ou como problema a ser resolvido ou com tons de sensacionalismo. Ainda assim, a escalada desse discurso e da extrema-direita não deve ser subestimada, especialmente entre a juventude.

Em 3 de fevereiro de 2024, um ato contra a imigração ocorreu no Largo do Camões, em Lisboa, organizado por Mário Machado, um conhecido ativista anti-imigração e neonazista português. Segundo estimativa da polícia, conforme noticiado pelo Jornal Folha de S. Paulo⁴⁷, cerca de 200 manifestantes estavam presentes na manifestação. Em resposta à baixa adesão ao protesto, o porta-voz do movimento justificou que tal cenário era inevitável devido ao que chamou de “campanha difamatória promovida por alguns órgãos de comunicação social contra o evento”, afirmando que os presentes eram “heróis”. A cobertura midiática da manifestação foi extensiva na imprensa portuguesa, com dois dos três principais canais de televisão aberta do país transmitindo ao vivo. Apesar de se autodeclarar como uma “manifestação contra a islamização da Europa”, na prática, o evento incluiu demonstrações contrárias à comunidade de imigrantes em Portugal como um todo. Alguns participantes fizeram saudações nazistas, enquanto cânticos como “Portugal aos portugueses”, “fora da Europa” e “viva Salazar” foram entoados, em

⁴⁷ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/esvaziado-ato-anti-imigracao-em-lisboa-tem-saudacoes-nazistas-e-defesa-de-salazar> Acesso em: 09/02/2024.

referência ao antigo ditador do país. Inicialmente programada para ocorrer em Martim Moniz, uma região de Lisboa com alta presença de estrangeiros, a concentração foi relocada para a praça de Camões, no centro da cidade, após proibição da Câmara Municipal e parecer desfavorável da polícia.

Em descompasso com as políticas migratórias adotadas nos últimos anos e a legislação que, por muito tempo, se beneficiou da contribuição significativa de brasileiros, cabo-verdianos, angolanos e diversas outras nacionalidades, ocupando postos estratégicos na sociedade portuguesa, observamos uma transformação preocupante no cenário migratório em Portugal. O imigrante, que outrora desempenhou papel fundamental na construção do país, tornou-se alvo de hostilidade crescente e desumanização, especialmente por parte da classe política extrema e de ativistas que ganham força impulsionados pela dinâmica de engajamento e visibilidade das plataformas digitais. É importante ressaltar que a transformação desse cenário, ao meu ver, ainda está em estágio inicial e deve se intensificar nos próximos anos, especialmente se o Chega continuar ganhando força e voz na esfera pública. Essa inversão de perspectiva, que destaca o imigrante como um elemento vital para a construção e desenvolvimento da nação, para uma posição de alvo hostilizado, evidencia uma lacuna alarmante entre as políticas públicas e a narrativa predominante na esfera política e digital. É crucial reconhecer que as contribuições dos imigrantes vão além do aspecto econômico, permeando áreas estratégicas da sociedade portuguesa, inclusive a manutenção da democracia.

Muito além de um temor abstrato, a atuação política do Chega já começou a dar sinais práticos de embate com as atividades de associações imigrantes como a CBL. O Vereador da Câmara Municipal de Cascais, João Rodrigues dos Santos, em uma reunião sobre destinação de recursos financeiros a entidades ligadas a imigrantes, acusou a Casa do Brasil de ser uma associação de “extrema esquerda”, buscando embargar o apoio à central de atendimento da Casa do Brasil na cidade. O argumento foi o posicionamento “pró-democracia” que a instituição adotou nas eleições brasileiras de 2022. Na ocasião, o vereador afirmou que “quem ajuda os imigrantes, nomeadamente os brasileiros, são as autoridades portuguesas e o respetivo Consulado e não estes extremistas da esquerda política radical, que gostam de viver à conta do trabalho dos outros”. Com a atuação, a decisão dos recursos foi adiada, no entanto ele não foi capaz de impedir o destinação dos

recursos ao Gabinete de Atendimento. “Hoje é somente um vereador e a medida a favor da CBL passou, mas amanhã podem ser cinco e ela pode não passar”, afirmou Victor sobre o ocorrido.

Como foi possível constatar, Portugal vive hoje um momento decisivo com relação a seu futuro. Por um lado, trata-se de um país que tem escapado dos extremismos, do nacionalismo e de problemas mais profundos em comparação a outros países da Europa. Na experiência de campo, encontrei em Lisboa uma realidade muito mais polarizada, tensa e intolerante daquela que previ no início do projeto de pesquisa. Entre 2020 e 2024 o crescimento do discurso de extrema-direita expressa na figura do partido Chega, dos casos de intolerância e violência contra imigrantes e dos relatos de xenofobia mudaram o contexto inicial da pesquisa, de forma a impossibilitar a realização dos grupos focais deliberativos inicialmente previstos.

A “rasteira do campo” nos forçou a encontrar alternativas inovadoras e ensinou, na prática, que a investigação acadêmica em Ciências Sociais Aplicadas é uma atividade circular. Conforme Gomez e Reyes (2012), para se produzir conhecimento, por vezes, é necessário voltar várias vezes ao ponto de partida e repensar os caminhos e percursos da investigação. Para os autores, o contato com o campo é sempre imprevisível, obrigando o pesquisador a ter criatividade e maleabilidade para lidar com aspectos inesperados da realidade. A mudança de perguntas, de objetivos, de categorias e de rotas faz parte da maturidade necessária à produção de conhecimento. “Por fatos como esse, o pesquisador deve ser suficientemente flexível e suspeito para perceber que algo não está dando certo e que é necessário voltar ao início ou que tudo está indo tão bem que são descobertos fatos que nem sequer foram imaginados” (Gomez, Reyes, 2012, p. 69). Apesar de assustadora, a atividade de pesquisa também é extremamente gratificante quando vivida de peito e mente aberta.

No projeto, elenquei a hipótese de que existe uma estrutura de polarização ancorada na lógica neoliberal da midiática da esfera pública de forma a promover a divisão social do “nós” e “eles” a partir da expulsão do outro (Han, 2018), da negação da alteridade e da produção de bolhas de iguais que sofrem uma “autopropaganda com as próprias ideias” (Han, 2018, p. 11). Essa hipótese foi confirmada a partir da constatação que essa realidade midiaticizada se transforma em territórios violentos que se materializam nos choques culturais, na discriminação e

no sentimento anti-imigração. Por outro lado, os imigrantes não estão fora da estrutura de polarização ainda que, como pontuado, não se trata de uma estrutura simétrica e sim uma estrutura submetida a relações de poder e desigualdades, onde ocupam posição de minoria e grupos oprimidos. Seja pela falta de documentação, seja pelo preconceito linguístico, seja pela violência misógina, pelos estereótipos raciais ou por outras violências tão comuns no cotidiano dos imigrantes em Portugal.

Apesar de uma identidade nacional construída com base no lusotropicalismo, que propagou o imaginário do bom colonizador, e da suposta harmonia racial existente no país, a realidade mostra uma situação muito mais complexa e particular. A presença no campo e o início da fase etnográfica e da entrevista permitiu compreender esses elementos particulares e específicos da realidade migratória em Portugal, indicando que o cotidiano do imigrante é permeado por relações de discriminação, mas que não afetam a todas as categorias de imigrantes da mesma forma. Por exemplo, mulheres imigrantes estão mais suscetíveis a relações de violência, como demonstra a página *Brasileiras Não se Calam*. Assim como imigrantes racializados, especialmente negros, muçulmanos ou indianos, são alvo preferencial dos ativistas anti-imigração. Ou seja, as dinâmicas são permeadas por intersecções válidas para a análise dos fenômenos sociais contemporâneos no país.

Diante do exposto, para abordar a configuração do ativismo migrante e anti-imigração relacionado aos brasileiros em Portugal, proponho a seguinte tese: a esfera pública midiaticizada no país encontra-se permeada por dinâmicas midiáticas de disputas identitárias, fundamentadas em representações sociais acerca do imigrante, da imigração, dos nacionais e da nação portuguesa. Tais dinâmicas são intrincadas por relações históricas e coloniais que moldam os ativismos em diversos repertórios de ação e comunicação, frequentemente em conflito. Os ativismos são organizados de maneira multisituada, ocupando tanto espaços físicos quanto plataformas digitais, formando territórios midiáticos que denomino de "mundos midiaticizados". Esses mundos são cruciais para a estruturação de estratégias, repertórios de ação, visibilidade e atuação ativista. A constituição dessa esfera pública midiaticizada, composta por bolhas e marcada pela polarização, repetição de padrões e exclusão do outro, é, também, impulsionada pela economia política das plataformas digitais, que ganham com a economia da atenção, visibilidade e engajamento. Essa dinâmica promove a radicalização e intensificação do ativismo anti-Outro, impactando e fortalecendo especialmente a extrema-direita e os

discursos intolerantes, resultando na criação de divisões sociais, disseminação de ódio e aumento da violência. Tal lógica não se restringe ao contexto português e pode ser observada em países distintos, no entanto, em Portugal, pode ser visualizada pelo crescimento de partidos como o Chega, do aumento dos casos de ataques e violências além da frequência dos casos de discriminação observadas em campo e em relatórios produzidos por entidades especializadas.

O desenho de como é a dinâmica da esfera pública midiaticizada, das disputas identitárias e como as representações sociais sobre o imigrante são acionadas e ressignificadas está presente em cada relato, em cada postagem e em cada interação nas plataformas digitais. Constatamos nas entrevistas que a emergência do partido Chega como terceira força política faz estremecer, até entre os mais céticos, a consolidada representação social de um Portugal que não é racista, de um povo pacífico, acolhedor e tolerante com o imigrante. Ainda que na pesquisa acadêmica, com destaque especial à questão da violência contra a mulher e a misoginia, isso já fosse amplamente debatido, a ocupação cada vez mais veloz do discurso extremista no centro da esfera pública portuguesa, em especial na juventude, fará o país enfrentar esse debate de forma mais ampla e aberta nos próximos anos. Também é preciso situar o debate na realidade europeia e global como um todo, já que o discurso “anti-globalista” e “anti-sistema” que há 30 anos era reivindicado por parte das esquerdas está sendo cada vez mais cooptado pelo populismo de extrema-direita. Nesse sentido, um dado que assusta é a radicalidade da juventude em defender pautas que vão contra os direitos humanos básicos, com discursos extremistas e supremacistas, como ficou evidente com a análise dos dados dos ativistas anti-imigração.

Assim, esta tese buscou se ancorar em perspectivas qualitativas, que explorassem a subjetividade presente na esfera pública, de forma sensível, para explicitar uma face da realidade que atravessa os imigrantes brasileiros em Portugal no período em que o campo foi desenvolvido. A partir da etnografia e das entrevistas em profundidade, buscamos traçar um perfil dos ativistas migrantes e anti-imigração, com ênfase em suas representações sociais sobre a imigração e percepções do momento político em que o país se encontra e que justificam a atuação dos seus ativismos. Buscamos encontrar justificativas, racionais ou emocionais, motivações, argumentos, narrativas e sentidos utilizados por estes ativistas para a sua atuação enquanto migrante ou anti-imigração. Nosso objetivo jamais foi traçar uma

comparação entre os ativistas migrante e anti-imigração, mas sim, compreender elementos da complexidade política e social que envolve as tramas relacionadas ao fluxo migratório dos brasileiros em Portugal.

Nesse sentido, buscamos com essa tese inovações tanto a nível teórico e epistemológico para tratar dos estudos das migrações pela ótica da comunicação e mais especificamente da midiatização, preenchendo lacunas que identificamos através de uma intensiva pesquisa exploratória, que representa o primeiro capítulo da tese. No segundo capítulo, busquei conceituar e articular noções importantes sobre a dinâmica da esfera pública na sociedade midiatizada e como a economia política das Big Techs, que controlam as plataformas digitais, suas configurações e efeitos nos usuários, é ancorada em uma lógica de engajamento e visibilidade desfavorável à qualidade da informação, à credibilidade, à checagem e ao controle de conteúdos que prejudicam a democracia e os direitos humanos básicos, criando bolhas, fragmentando a esfera pública em polarizações e radicalizações. No terceiro capítulo, articulei noções relacionadas à perspectiva comunicacional para as migrações adotadas na tese, bem como discorri teoricamente sobre o ativismo migrante e anti-imigração na sociedade midiatizada. Toda trajetória da tese foi pensada a partir de uma estrutura pautada pela coerência epistemológica, buscando abordagens da questão com inovação no campo da Comunicação, sem prescindir de outras áreas na construção do conhecimento aqui proposto.

Em conclusão, destaco pontos que acredito serem de impacto social e científico na pesquisa desenvolvida e nos conhecimentos aqui produzidos. Em primeiro lugar, uma grande transformação pessoal resultante de todos os processos, etapas e percursos que compõem a formação deste doutorado e que é composto por cada interlocutor, sujeito de pesquisa, professoras e pesquisadoras com as quais pude trabalhar e aprender. O campo me ensinou na prática o que é ter empatia, o que é ter ética de pesquisa, e compreender cada etapa como um processo humanizado de respeito às diferenças e ao Outro. Aprender a trabalhar com uma temática nova, a partir de aportes inovadores foi um processo desafiador e complexo, mas que considero exitoso e edificante.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, brasileiros migrantes e portugueses anti-imigração, tomei o cuidado para uma produção de conhecimento científico sem julgamentos morais e sem práticas discriminatórias e desumanizadoras. Assim como Foucault (2011), acredito que os sujeitos são resultados dos discursos históricos do

seu tempo. No caso dos extremistas, não se trata de compactuar ou relativizar os horrores presentes nos discursos anti-Outro, mas sim compreender que só se criam extremismos e ódio a partir de um sistema discursivo complexo, que envolvem uma série de elementos políticos, sociais, econômicos e midiáticos que tornam o absurdo, a desumanidade como algo não só politicamente viável, mas exitoso na sociedade. Antes de atacar os sujeitos, acredito ser necessário repensar estruturas ocidentais e das democracias liberais que permitem e convivem com o extremismo.

Essa pesquisa se coloca como uma forma de conhecimento sensível resultante do encontro de teorias, observações, levantamentos, articulações e reflexões resultantes de uma série de encontros, instituições, grupos de pesquisa, debates, leituras, consultas e produções que estão à disposição da sociedade brasileira e portuguesa para serem utilizadas no fortalecimento de políticas migratórias e para a humanização dos brasileiros no exterior. Ela pode servir como fundamento a políticas públicas de comunicação voltadas à migração, como elemento reflexivo de ONGs, movimentos sociais e ativistas em prol dos direitos do imigrante, como denúncia de um crescente discurso anti-imigração especialmente entre a juventude ligadas a partidos políticos de extrema-direita e, também, como um manifesto de preocupação à atuação das Big Techs na corrosão de valores democráticos em todo o mundo.

Especificamente ao campo da Comunicação e aos estudos sobre esfera pública e midiatização, a contribuição dessa tese é feita no sentido de demonstrar a versatilidade de abordagens possíveis ao compreender fenômenos sociais, políticos, econômicos ou culturais na ambiência da sociedade midiatizada. Ao compreender a midiatização como uma nova ambiência, ou novos territórios ou, ainda, novos mundos, de forma a alterar a lógica das demais esferas, a mídia se destaca como elemento central da sociedade contemporânea sem a qual não é possível compreender as configurações e disposições da realidade social. As relações sociais estão emergidas em lógicas midiáticas que direcionam a cultura e ditam os rumos da política, do que é socialmente aceito. Assim, a esfera pública midiatizada está tracionada por teias complexas de sentido que circulam socialmente, se fragmentam em processos de visibilidade, comunicação, sentidos e informações que estão sempre comunicando algo.

Por fim, finalizo esta tese afirmando que o conhecimento é uma eterna construção. Nem de longe, pretendeu-se aqui finalizar o debate. Na verdade, a ideia

é iniciar uma construção de conhecimento que possa se desdobrar em novas reflexões, compreensões e indagações acerca da experiência migratória e do ativismo na esfera pública midiaticizada, sempre com sensibilidade, humanização e atenção ao mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. A Structural Approach to Social Representations. **International Review of Social Psychology**, v. 12, n. 1, p. 3–12, 2001.

ALCÂNTARA, Livia Moreira De. Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão. **Política & Sociedade**, v. 15, n. 34, p. 315, 2016.

ALVES, Ana Rita Lopes. **Para uma compreensão da segregação residencial: o plano especial de realojamento e o (anti-racismo)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, LISBOA, 2013. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/11581>>.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. *In*: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Regina Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ARAÚJO, Emília; COGO, Denise; PINTO, Manuel. Mobilidades, Media (ções) e Cultura. **Comunicação e Sociedade**, v. 28, p. 7–14, 2015.

ARAÚJO, Marta. Challenging Narratives on Diversity and Immigration in Portugal: the (de)politization of colonialism and racism. *In*: KRETSEDEMAS, Philip (Org.). **Migrant marginality: a transnational perspective**. First edition. New York: Routledge, 2013. (Routledge advances in sociology, 98).

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. Cyberwar is coming! **Comparative Strategy**, v. 12, n. 2, p. 141–165, 1993.

ARQUILLA, Jonh; RONFELDT, David. **Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy**. Santa Monica, CA: Rand, 2001.

ASSIS, Gláucia. Estar aqui, estar lá: gênero, família e afetos na experiência de emigrantes brasileiros em Portugal. *In*: **III Seminário Internacional História do Tempo Presente**. UDESC: [s.n.], 2017.

ATAÇ, Ilker; RYGIEL, Kim; STIERL, Maurice. Introduction: The Contentious Politics of Refugee and Migrant Protest and Solidarity Movements: Remaking Citizenship from the Margins. **Citizenship Studies**, v. 20, n. 5, p. 527–544, 2016.

AVRITZER, Leonardo. Teoria democrática e deliberação pública. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 50, p. 25–46, 2000.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**, v. 47, n. 4, p. 703–728, 2004.

BARBOSA, Francirosy Campos. Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião. **Etnografica**, n. vol. 13 (2), p. 441–464, 2009.

BAREL, Y. Le social et ses territoires. *In*: BRUNET, R.; AURIAC, F. (Eds.). **Espaces, jeux et enjeux**. Paris: Fayard-Diderot, 1986, p. 131–139.

BARROS, Laan. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda; *et al* (Orgs.). **Mediação & midiatização: livro compós 2012**. Salvador : Brasília: EDUFBA ; Compós, 2012.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook for social research**. London: Sage Publications, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Towards a Paradigm for Research on Social Representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 29, n. 2, p. 163–186, 1999.

BERTONI, Luci; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, Leila Pio; SOUZA COUTO, Maria Elizabete (Orgs.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação concepções e trajetórias**. s.l.: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2017.

BLOCH, Alice; CHIMIENTI, Milena. **Irregular migrants: policy, politics, motives and everyday lives**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2012.

BÓGUS, Lucia. Esperança Além-Mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. *In*: MALHEIROS, Jorge (Org.). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

BOLIN, Göran. Media Times| The Rhythm of Ages: Analyzing Mediatization Through the Lens of Generations Across Cultures. **International Journal of Communication**, v. 10, n. 0, p. 18, 2016.

BORGES, Rovênia Amorim. A NATURALIZAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM PORTUGAL. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. e0227363, 2020.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda; *et al* (Orgs.). **Mediação & midiatização: livro compós 2012**. Salvador : Brasília: EDUFBA ; Compós, 2012.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62–77, 2011.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização. *In*: FAUSTO NETO, Antônio; RAIMONDO ANSELMINO, Natalia; GINDIN, Irene Lis (Eds.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario, Argentina: Centro de Investigaciones en Mediatizaciones, Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales, Universidad Nacional de Rosario, 2015.

BRAGA, José Luiz. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/1161>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, n. 10/11, p. 219–236, 2004.

BRAGA, José Luiz. Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional. *In*: HELLER, Bárbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da (Eds.).

Mediatização, (in)tolerância e reconhecimento. Salvador: EDUFBA, 2020.

BRAZ, Ana Cristina; MARQUES, Isabelle Simões. Manipulação de factos e de opiniões. O debate presidencial entre Marcelo Rebelo de Sousa e André Ventura (2021). **Linha D'Água**, v. 36, n. 2, p. 90–105, 2023.

BREUILLY, John. Dating the nation. *In*: ICHIJO, Atsuko; UZELAC, Gordana (Orgs.). **When is the nation? towards an understanding of theories of nationalism.** Milton Park Abingdon, Oxon ; New York: Routledge, 2005.

BRINGEL, Breno. COM, CONTRA E PARA ALÉM DE CHARLES TILLY: MUDANÇAS TEÓRICAS NO ESTUDO DAS AÇÕES COLETIVAS E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 43–67, 2012.

CABECINHAS, Rosa. **Preto e branco: a naturalização da discriminação racial.** 1a ed. Porto: Campo das Letras, 2007. (Comunicação e sociedade, 11).

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder.** 1. ed. Madrid: Alianza, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas (Hybrid War Machines on Algorithmic Platforms). **SSRN Electronic Journal**, 2020. Disponível em: <<https://www.ssrn.com/abstract=3600533>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet&Sociedade**, v. 1, n. 1, 2020.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 73–96, 2021.

CHAKRAVARTTY, Paula; KUO, Rachel; GRUBBS, Victoria; *et al.* #CommunicationSoWhite. **Journal of Communication**, v. 68, n. 2, p. 254–266, 2018.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latinoamericanos. *In*: COGO, Denise; ELHAJJ, Mohammed; HUERTAS BAILÉN, Amparo (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais.** Bellaterra: InCom UAB, 2012.

COGO, Denise. Communication, migrant activism and counter-hegemonic narratives of Haitian diaspora in Brazil. **Journal of Alternative & Community Media**, v. 4, n. 3, p. 71–85, 2019.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane. COMUNICAÇÃO E TRANSNACIONALISMO: IMPLICAÇÕES NOS ESTUDOS DE CONSUMO E RECEPÇÃO DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS 1. *In*: **GT 7 - Estudios de Recepción.** Lima: 2018.

COGO, Denise; CAMARGO, Julia; GENERALI, Sabrina. Comunicação e cidadania de refugiados venezuelanos em abrigos no contexto da fronteira Brasil-Venezuela. *In*: São Paulo: [s.n.], 2021. Disponível em:

<<https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/GT-08-DENISE-COGO-JULIA-CAMARGO-SABRINA-GENERALI.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CÓRDOVA, Nathalie; POLIVANOV, Beatriz. O melhor do Brasil é o brasileiro”: como a “Primeira Guerra Memeal” resgatou o sentimento de nacionalismo nas redes sociais brasileiras. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6412/Nathalie%20Abrah%C3%A3o%20C%C3%B3rdova_.pdf?sequence=1>.

COSTA, Ana Paula. **Discurso de ódio e imigração em Portugal**. Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa, 2021.

COSTA, Ana Paula; DE PAULA, Cynthia. **Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal**. Lisboa: #MigraMyths - Desmistificando a imigração, 2020.

COSTA, Sérgio. A democracia e a dinâmica da esfera pública. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 36, p. 55–65, 1995.

CUNHA, Isabel Ferin. Da ‘desdemocratização’ da Europa: democracia, media e corrupção política. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 1, p. 37–63, 2015.

CUNHA, Isabel Ferin. Desglobalização e desocidentalização: populismo, desigualdades e emoções. In: COSTA, Cristina; BLANCO, Patrícia (Orgs.). **Liberdade de expressão e campanhas eleitorais - Brasil 2018**. [s.l.]: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2019. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/351>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CUNHA, Isabel; SANTOS, Ana Clara; SILVEIRINHA, Maria João; *et al.* **Media, Imigração e Minorias Étnicas**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2004.

DI CESARE, Donatella. **Stranieri residenti: una filosofia della migrazione**. Prima edizione. Torino: Bollati Boringhieri, 2017. (Saggi. Filosofia).

DRYZEK, John S. Deliberative Democracy in Divided Societies: Alternatives to Agonism and Analgesia. **Political Theory**, v. 33, n. 2, p. 218–242, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; NOVELLI, Ana Lúcia Romero (Eds.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

ELHAJJI, Mohammed. **O intercultural migrante: teoria e análises**. Porto Alegre: Fi, 2023.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. WEBDIÁSPORA: Migrações, TICs e memória coletiva. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 334, 2016.

ESSER, Frank; STRÖMBÄCK, Jesper (Orgs.). **Mediatization of Politics**. London: Palgrave Macmillan UK, 2014. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1057/9781137275844>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14a edição actualizada e ampliada. São Paulo: Edusp, 2012. (Didática, 1).

FAUSTO NETO, Antonio Fausto. As bordas da circulação. **Alceu**, v. 10 (20), p. 55–69, 2010.

FAUSTO NETO, Antônio Fausto. Fragmentos de uma «analítica» da mediação. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 89–105, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 13, n. 13, p. 155, 2005.

FERRARA, Lucrécia. Entre meios: o lugar da mediação. In: HELLER, Bárbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da (Eds.). **Mediação, (in)tolerância e reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020.

FERREIRA, Gil Baptista. A esfera pública também sente?: Sobre emoções e discurso cívico na era digital. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 14, p. 97–112, 2022.

FERREIRA, Jairo. Mediação, comunicação e algoritmos: uma proposta teórico-metodológica para investigação das afinidades eletivas. In: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro; BRAGA, José Luiz; *et al* (Eds.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediação**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

FERREIRA, Jairo. **Sapiens Mediado conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie**. Santa Maria, RS: Facos-Ufsm, 2022.

FERREIRA, Jairo Getúlio. O objeto, o método e a metodologia na pesquisa da circulação e mediação (inferências a partir da obra *Ethnographie de l'exposition*). **Revista FAMECOS**, v. 27, p. e36636, 2020.

FONSÊCA, Patrícia Nunes da; COUTO, Ricardo Neves; MELO, Carolina Cândido do Vale; *et al*. Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 3, p. 198–212, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Meridional, 2011.

FRANÇA, Thais; OLIVEIRA, Stefanie Prange de. Brazilian Migrant Women as Killjoys: Disclosing Racism in “Friendly” Portugal. **Cadernos Pagu**, n. 63, p. e216301, 2021.

FRANÇA, Thais; PADILLA, Beatriz. IMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA PORTUGAL: ENTRE O SURGIMENTO E A CONSTRUÇÃO MÍDIA DE UMA NOVA VAGA. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 33, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1773>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Regina Veiga

(Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

FRANÇA, Vera Veiga. Alcance e variações do conceito de mediação. *In*: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro; BRAGA, José Luiz; *et al* (Eds.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediação**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity? **Media, Culture & Society**, v. 40, n. 5, p. 745–753, 2018.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.

GOHN, Maria Da Glória. Ações coletivas civis na atualidade: dos programas de responsabilidade/compromisso social às redes de movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 46, n. 1, p. 10–17, 2010.

GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos. Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. **e-cadernos ces**, n. 29, p. 125–151, 2018.

GOLDER, Matt. Far Right Parties in Europe. **Annual Review of Political Science**, v. 19, n. 1, p. 477–497, 2016.

GOMES, Pedro. A mediação em debate. *In*: **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediação**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

GOMES, Pedro. **Dos meios à mediação: um conceito em evolução**. São Leopoldo: Unisinos, 2017. 1v. (1, 1).

GOMES, Pedro. **Tópicos de teoria da comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

GOMES, Pedro Gilberto. MEDIAÇÃO: UM CONCEITO, MÚLTIPLAS VOZES. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 2, p. 22253, 2016.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Democracia Racial: O Ideal, o Pacto e o Mito. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 61, n. 1, 2001.

GUIMARÃES, Pedro. Malhas que o Turismo teceu: a gentrificação comercial no centro de Lisboa. **Setenta & Quatro**, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/53046>>.

HABERMAS, Jürgen. **A Constelação Pos-Nacional: Ensaio Político**. [s.l.]: Litteria Mundi, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**. 2. ed. S.l.: [s.n.], 2003. (Biblioteca

Tempo Universitário, 101).

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HABERMAS, Jürgen. Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. **Communication Theory**, v. 16, n. 4, p. 411–426, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALIKIOPOULOU, Daphne; VLANDAS, Tim. What is new and what is nationalist about Europe’s new nationalism? Explaining the rise of the far right in Europe. **Nations and Nationalism**, v. 25, n. 2, p. 409–434, 2019.

HAN, Byung Chul. **A expulsão do outro : sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, Byung Chul. **Infocracia : digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HEATH, Anthony; DAVIDOV, Eldad; FORD, Robert; *et al.* Contested terrain: explaining divergent patterns of public opinion towards immigration within Europe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 46, n. 3, p. 475–488, 2020.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 45, 2014.

HEPP, Andreas. The communicative figurations of mediatized worlds: Mediatization research in times of the ‘mediation of everything’. **European Journal of Communication**, v. 28, n. 6, p. 615–629, 2013.

HEPP, Andreas; KROTZ, Friedrich; KROTZ, Friederich. Media, Mediatization and Mediatized Worlds: A Discussion of the Basic Concepts. *In*: **Mediatized worlds: culture and society in a media age**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014, p. 72–87.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. London ; New York: Bloomsbury Academic, An imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2015.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Cidade do México: UOC, 2000.

HJARVARD, Stig. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

HJARVARD, Stig. Da Mediação à Midiaticização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 3, n. 2, p. 51–62, 2015.

HOFFMAN, Frank. **Conflict in the 21st century: The rise of hybrid wars**. Arlington: Otomac Institute for Policy Studies, 2007. Disponível em: <<https://www.comw.org/qdr/fulltext/0712hoffman.pdf>>.

JANSSON, André. Mediatization and Social Space: Reconstructing Mediatization for

the Transmedia Age: A. Jansson. **Communication Theory**, v. 23, n. 3, p. 279–296, 2013.

JANSSON, André. Texture: A key concept for communication geography. **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, p. 185–202, 2007.

JODELET, Denise (Org.). **Les représentations sociales**. 7. éd. Paris: Presses Univ. de France, 2003. (Sociologie d'aujourd'hui).

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. (Psicologia social).

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KROTZ, Friedrich. Media, Mediatization and Mediatized Worlds: A Discussion of the Basic Concepts. In: HEPP, Andreas; KROTZ, Friedrich (Orgs.). **Mediatized Worlds**. London: Palgrave Macmillan UK, 2014, p. 72–87. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1057/9781137300355_5>. Acesso em: 15 abr. 2023.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. A comunicação estratégica nas organizações contemporâneas. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 33, p. 13–24, 2018.

LEINER, Piero. **O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida**. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

LEVY, Pierre. **Ciberdemocracia: ensaio sobre filosofia e política**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LUIS MAURO SA MARTINO. **TEORIA DAS MÍDIAS DIGITAIS; LINGUAGENS, AMBIENTES E REDES**. S.l.: EDITORA VOZES, 2014.

MACEDO, N. D. de. **Iniciacao a pesquisa bibliografica**. 2. ed. rev. São Paulo: Edicoes Loyola, 1994.

MACHADO, Igor. **Cárcere Público: processo de exotização de imigrantes brasileiros no Porto, Portugal**. Unicamp, Campinas, 2003. Disponível em: <<https://epub.sub.uni-hamburg.de/epub/volltexte/2009/1956/pdf/Machado.pdf>>.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. DAS JORNADAS DE JUNHO À CRUZADA MORAL: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945–970, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129–156, 2009.

MAIA, Rousiley. Emoção, retórica e histórias pessoais na esfera pública. In: SOARES, Murilo; VICENTE, Maximiliano; ROTHBERG, Danilo (Eds.). **Mídia e Cidadania**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MAIA, Rousiley (Org.). **Mídia e deliberação**. 1a. ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: FGV

Editora, 2008.

MALHEIROS, Jorge. Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. *In*: MALHEIROS, Jorge (Org.). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

MALHEIROS, Jorge da Silva Macaísta; BARBOSA, Carlos Elias; MENDES, Manuela (Orgs.). **Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2007.

MALY, Ico. Populism as a mediatized communicative relation: the birth of algorithmic populism. (**Tilburg Papers in Culture Studies**, 2018).

MANSBRIDGE, Jane J. (Org.). **Beyond Self-Interest**. Chicago, IL: University of Chicago Press, [s.d.]. Disponível em: <<https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/B/bo3774588.html>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MARCHI, Riccardo. **A nova direita anti-sistema: o caso do Chega**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2020.

MARCIANO, Alain; NICITA, Antonio; RAMELLO, Giovanni Battista. Big data and big techs: understanding the value of information in platform capitalism. **European Journal of Law and Economics**, v. 50, n. 3, p. 345–358, 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. A construção comunicacional da realidade. *In*: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz; *et al* (Orgs.). **Sapiens Midiatizado: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2022.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95–117, 1995.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Os meios de comunicação na esfera pública: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e atores. **LIBERO**, n. 21, p. 23–36, 2016.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. Lendo Habermas com Habermas: um estudo do prefácio de 1990 da obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 14, p. 39–63, 2022.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, p. 16, 2019.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. **História das teorias da comunicação**. 14. ed. São Paulo (SP): Loyola, 2011.

MAURO SÁ MARTINO, Luis. Metodologias da midiatização: um estudo exploratório

da pesquisa em mídia e religião. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 47, n. 2, p. 229–253, 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. **Tempo Social**, v. 34, n. 2, p. 195–216, 2022.

MIROWSKI, Philip. Hell Is Truth Seen Too Late. **boundary 2**, v. 46, n. 1, p. 1–53, 2019.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MONFORTE, Pierre; DUFOUR, Pascale. Comparing the protests of undocumented migrants beyond contexts: collective actions as acts of emancipation. **European Political Science Review**, v. 5, n. 1, p. 83–104, 2013.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, v. 1, 1970. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **Social representations: explorations in social psychology**. New York: New York University Press, 2003.

MOUFFE, Chantal. **Deconstruction and Pragmatism**. 0. ed. [s.l.]: Routledge, 2003. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781134807703>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MOZOROV, Evgeny. **Big Tech**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MULHALL, Joe; KHAN-RUF, Safaya. **State of hate: far-right extremism in Europe**. London: HOPE not hate Charitable Trust, 2021. Disponível em: <<https://hopenothate.org.uk/wp-content/uploads/2021/02/ESOH-report-2020-12-v21-Oct.pdf>>.

NICHOLLS, Walter Julio. **The DREAMers: how the undocumented youth movement transformed the immigrant rights debate**. Stanford, California: Stanford University Press, 2013.

OLWIG, Karen Fog. “Transnational” Socio-Cultural Systems and Ethnographic Research: Views from an Extended Field Site. **International Migration Review**, v. 37, n. 3, p. 787–811, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo; GONZÁLEZ REYES, Rodrigo. **Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias**. México: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

PASQUALE, Frank. A Esfera pública automatizada. **LÍBERO**, v. 39, p. 16–35, 2017.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, n. 2, 2008. Disponível

em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PEIXE, Bruno; ROSÁRIO, Edite; SILVA, Elisa; *et al.* O Racismo e Xenofobia em Portugal (2001-2007).

PEIXOTO, João; PADILLA, Beatriz; MARQUES, José Carlos; *et al* (Orgs.). **Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI**. Primeira edição. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.

PELLEGRINI, Valerio *et al.* Social exclusion and anti-immigration attitudes in Europe: The mediating role of interpersonal trust. **Social Indicators Research**, v. 155, p. 697-724, 2021.

PERØ, Davide; SOLOMOS, John. **Migrant politics and mobilisation: exclusion, engagements, incorporation**. London: Routledge, 2011.

PINHO, Fellipa. A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira. *In*: MALHEIROS, Jorge (Org.). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

PINK, Sarah; HORST, Heather A.; POSTILL, John; *et al* (Orgs.). **Digital ethnography: principles and practice**. Los Angeles: SAGE, 2016.

PINTO, Alexandra Guedes. **Publicidade: um discurso de sedução**. Porto: Porto Editora, 1997.

POSCH, Patricia; CABECINHAS, Rosa. Retratos sobre a migração na série televisiva brasileira “Portugal pelos Brasileiros”. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 17, n. 50, p. 469–488, 2020.

PRIOR, Helder. Populismo de Direita radical em Portugal: enquadramentos informativos nas Eleições Presidenciais de 2021. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 161–177, 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do poder**. Brasília: Atica, 1993.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. *In*: PEDRO, Joana; GROSSI, Mirian (Eds.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

RAPOSO, Otávio; VARELA, Pedro. FACES DO RACISMO NAS PERIFERIAS DE LISBOA. UMA REFLEXÃO SOBRE A SEGREGAÇÃO E A VIOLÊNCIA POLICIAL NA COVA DA MOURA. *In*: **Portugal, território de territórios**. Universidade do Algarve: [s.n.], 2016.

RECUERO, Raquel. Métodos Mistos: Combinando Etnografia e Análise de Redes Sociais em Estudos de Mídia Social. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). **Etnografia & consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

ROSÁRIO, Edite; SANTOS, Tiago; LIMA, Sílvia. **Discursos do racismo em Portugal: essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias**. [s.l.]: Observatório da Imigração, [s.d.].

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 8a edição. São Paulo: Cortez editora, 2018. (Para um novo senso comum, 1).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 79, p. 71–94, 2007.

SANTOS, Gislene. Redes e territórios: reflexões sobre a migração. *In: Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2021, v. 3ª. Disponível em: <http://observadr.org.br/portal/wp-content/uploads/2021/05/ebook-redes_sociedades_territorio-3-edicao.pdf#page=54>.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS NA MIGRAÇÃO POR MEIO DE REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS. **REVISTA NERA**, n. 13, p. 118–127, 2012.

SASSEN, Saskia. At the Systemic Edge: Expulsions. **European Review**, v. 24, n. 1, p. 89–104, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração, ou, os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 109–130, 2006.

SCOPSI, Claire. Les sites web diasporiques : un nouveau genre médiatique ? **Tic & société**, n. Vol. 3, n° 1-2, 2009. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ticetsociete/640>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. **Os portugueses**. 1a. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SERIDÓRIO, Daniele Ferreira; LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Internet como espaço de deliberação e participação política. **Comunicação & Sociedade**, v. 39, n. 3, p. 79, 2017.

SERRANO, Estrela. A pandemia Covid-19 enfraqueceu o populismo?: O caso do partido populista português. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 57–77, 2022.

SIGNATES, Luis. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade. *In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; NETO, Antonio Fausto (Eds.). 10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2019, p. 19–29.

SILVA, Ana Sofia Meneses Da. As metáforas no discurso de/sobre André Ventura: as metáforas que constrói André Ventura e as que constroem sobre ele. **REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO**, n. 12, p. 180–213, 2023.

SIMÕES, Mauro Cardoso. Por uma filosofia da migração. **Veritas (Porto Alegre)**, v. 65, n. 1, p. e36152, 2020.

SIMÕES, Paula Guimarães; FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Ana Karina De Carvalho; *et al.* Mapeando o Campo da Comunicação no Brasil: desafios e descobertas metodológicas de uma metapesquisa. **Intexto**, n. 49, p. 56–71, 2020.

SODRÉ, Muniz. A midiatização do jornalismo. *In*: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro; BRAGA, José Luiz; *et al* (Eds.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. *In*: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra; DUVEEN, Gerard (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

STARK, Brigit; STEGMANN, Daniel. **Are Algorithms a Threat to Democracy? The Rise of Intermediaries: A Challenge for Public Discourse**. Algorithm Watch: Governing Platforms, 2020.

STEINER, Jürg. **Deliberation across deeply divided societies: transformative moments**. Cambridge, United Kingdom ; New York, NY: Cambridge University Press, 2017.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. **The International Journal of Press/Politics**, v. 13, n. 3, p. 228–246, 2008.

STUMPF, I. R. Pesquisa Bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; NOVELLI, Ana Lúcia Romero (Eds.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 51–61.

SWERTS, Thomas; NICHOLLS, Walter. Undocumented Immigrant Activism and the Political: Disrupting the Order or Reproducing the Status Quo? **Antipode**, v. 53, n. 2, p. 319–330, 2021.

TEDESCO, João Carlos. O Estrangeiro/Imigrante na Modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud. **Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n. 2, p. 287–312, 2016.

THEODORO, Hadriel; COGO, Denise. Fluxos migratórios, comunicação e cidadania: vivências de imigrantes LGBT na cidade de São Paulo. **Intexto**, n. 44, p. 57, 2019.

UGARRIZA, Juan E.; TRUJILLO-ORREGO, Natalia. The ironic effect of deliberation: what we can (and cannot) expect in deeply divided societies. **Acta Política**, v. 55, n. 2, p. 221–241, 2020.

VALA, Jorge. Representações sociais: para uma psicologia do pensamento social.

In: MONTEIRO, Maria Benedita; VALA, Jorge (Orgs.). **Psicologia social**. 9ª ed. rev. e actual. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2010.

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; LOPES, Diniz. **Expressões dos racismos em Portugal**. [s.l.]: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/22539>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

VENDRAMINI, Célia Regina. Migration from a Dialectical and Historical Materialist perspective. **Revista Katálisis**, v. 21, n. 2, p. 239–260, 2018.

VERON, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Dialogos**, 1997.

VERON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004. 1v.

VERÓN, Eliseo; LEVASSEUR, Martine. **Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens**. Paris: Bibliothèque publique d'information du Centre Georges Pompidou, Service des études et de la recherche, 1983.

WARREN, Mark E. What Should and Should Not Be Said: Deliberating Sensitive Issues. **Journal of Social Philosophy**, v. 37, n. 2, p. 163–181, 2006.

YAN, Guilong. The impact of Artificial Intelligence on hybrid warfare. **Small Wars & Insurgencies**, v. 31, n. 4, p. 898–917, 2020.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy**. Oxford: Oxford Univ. Press, 2004.

ZANETTI, Lucas Arantes; FRANÇA, Thaís. Ativismo anti-imigração e extrema-direita na Europa: entrevista com Kristian Berg Harpviken. **Tempo Social**, v. 35, n. 3, p. 215–226, 2023.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento e Participação

Caro(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa acadêmica intitulada "Esfera pública midiaticizada, ativismo imigrante e anti-imigração: representações sociais e disputas identitárias em Portugal", conduzida pelo pesquisador Lucas Arantes Zanetti, vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as representações sociais e as disputas identitárias em torno do ativismo imigrante e anti-imigração na esfera pública midiaticizada de Portugal. Para tanto, será realizada uma entrevista em profundidade com você, a fim de compreender suas percepções e experiências em relação ao tema.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum tipo de remuneração ou benefício material em decorrência de sua participação na pesquisa. Você terá total liberdade para recusar-se a participar, interromper sua participação a qualquer momento ou optar por não responder a alguma(s) questão(ões) durante a entrevista.

Os dados coletados durante a entrevista serão tratados de forma sigilosa e confidencial. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em artigos científicos, livros, apresentações em congressos e outros eventos científicos, mas em nenhum momento serão divulgados dados que permitam sua identificação pessoal.

Ao concordar em participar desta pesquisa, você estará autorizando o uso dos dados coletados durante a entrevista para fins acadêmicos, nos termos descritos acima. Para formalizar sua participação, solicitamos que leia este termo de consentimento e, em caso de concordância, assine no campo indicado abaixo.

Termo de Consentimento:

Eu, _____, declaro ter lido e compreendido as informações contidas neste termo de consentimento e concordo em participar da pesquisa "Esfera pública midiaticizada, ativismo imigrante e anti-imigração: representações sociais e disputas identitárias em Portugal", conduzida pelo pesquisador Lucas Arantes Zanetti, vinculado à Universidade Estadual Paulista (Unesp), e autorizo a utilização dos dados coletados durante a entrevista para fins acadêmicos.

Data: _____

Assinatura: _____

Informed Consent Form for Participation in Academic Research and Use of Interview Data

Dear participant,

You are being invited to participate in an academic research study entitled "Mediatized Public Sphere, Immigrant Activism and Anti-Immigration: Social Representations and Identity Disputes in Portugal", conducted by researcher Lucas Arantes Zanetti, affiliated with São Paulo State University (Unesp).

The purpose of this research is to investigate the social representations and identity disputes surrounding immigrant activism and anti-immigration in the mediatized public sphere of Portugal. To do so, an in-depth interview will be conducted with you, in order to understand your perceptions and experiences related to the topic.

Your participation is voluntary and there will be no compensation or material benefits for your participation in the study. You will have complete freedom to refuse to participate, interrupt your participation at any time, or choose not to answer any question(s) during the interview.

The data collected during the interview will be treated as confidential. The results of the study may be disclosed in scientific articles, books, presentations at conferences, and other scientific events, but at no time will data that could identify you personally be disclosed.

By agreeing to participate in this study, you will be authorizing the use of the data collected during the interview for academic purposes, as described above. To formalize your participation, we ask that you read this consent form and, if you agree, sign in the space provided below.

Consent Form:

I, _____, declare that I have read and understood the information contained in this consent form and agree to participate in the

research study entitled "Mediatized Public Sphere, Immigrant Activism and Anti-Immigration: Social Representations and Identity Disputes in Portugal", conducted by researcher Lucas Arantes Zanetti, affiliated with São Paulo State University (Unesp), and authorize the use of the data collected during the interview for academic purposes.

Date: _____

Signature: _____